Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

MOISÉS

O Vidente do Sinai

Pensamento

Vol. I

MOISÉS
O Vidente do Sinai

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

VOLUME I

Bibliografia. — Prelúdio. — O Que o Amor Uniu. — Av-Ísis-Thimétis. — No Lago Merik. — Osarsip, o Misterioso. — O Estudante. — Que Há Mais Além? — As Perguntas de Osarsip. — No Dia Seguinte. — A Roseira Misteriosa. — Fiat Lux!... . — As Três Provas. — O Superintendente Vice-Rei. — As Roseiras Floresciam. — Encosta Acima. — A Cidade de Ouro. — Onde Está o Faraó? — Abidos, a Cidade Santa. — Os Hierofantes de Mênfis. — A Encruzilhada. — Véu de Ilusão. — Estrelas e Lótus. — Os Espinhos do Caminho. — A Solidão dos Cumes. — Da Luz às Trevas. — O Proscrito. — De Mênfis ao Deserto. — A Visão do Passado. — A Aldeia das Palmeiras. — No Poço Durba.

VOLUME II

O Príncipe Pastor. — Céus e Rochas. — Como Morrem as Rosas. — Moisés Descerra o Véu. — A Escola de Moisés. — O Apocalipse de Moisés. — Sete Anos Depois. — O Grande Sacerdote do Deserto. — A Regente da Mauritânia. — Asas Mágicas. — Fredek de Port-Ofir. — O Problema de Thimétis. — Trinta Anos. — O Hierofante Isesi de Sais. — Estrela de Sharma. — A Volta ao Ninho. — Promessa é Dívida. — Os Arquivos da Luz. — Moisés Começa a Ver. — As Doze Colunas do Templo. — O Santuário Messiânico. — O Povo de Abraão. — As Duas Potências.

MOISÉS — I

O VIDENTE DO SINAI

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

MOISÉS — I

O VIDENTE DO SINAI

Tradução
HÉLIO MOURA

Cotejada com os originais por
HUGO JORGE ONTIVERO
MONICA FERRI

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Título do original:
Moisés — I
El Vidente del Sinaí

Copyright © FRATERNIDAD CRISTIANA UNIVERSAL
Cassilla de Correo nº 47
C.P. 1648 — Tigre (Prov. Buenos Aires)
República Argentina.

CAPA: Moisés e as Tábuas da Lei, de Cosimo Rosselli (1430-1507): Capela Sixtina, Vaticano.

Edição	Ano
1-2-3-4-5-6-7-8-9	96-97-98-99

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374 — 04270-000 — São Paulo, SP — Fone: 272-1399
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

Sumário

Biografia 7
Prelúdio 9
O que o amor uniu 11
Av-Ísis-Thimétis 18
No lago Merik 25
Osarsip, o misterioso 36
O estudante 45
Que há mais além? 50
As perguntas de Osarsip 53
No dia seguinte 59
A roseira misteriosa 61
Fiat Lux!... 70
As três provas 76
O superintendente vice-rei 90
As roseiras floresciam 101
Encosta acima 109
A cidade de ouro 124
Onde está o faraó? 136
Abidos, a cidade santa 144
Os hierofantes de Mênfis 155
A encruzilhada 166
Véu de ilusão 173
Estrelas e lótus 182
Os espinhos do caminho 188
A solidão dos cumes 193
Da luz às trevas 201
O proscrito 215
De Mênfis ao deserto 225
A visão do passado 235
A aldeia das palmeiras 246
No Poço Durba 255

JOSEFA ROSALÍA DEL CORAZÓN DE JESÚS LUQUE ALVAREZ
☆ 18-3-1893 – † 1º-8-1965

BIOGRAFIA

Fundou a Escola "Fraternidad Cristiana Universal" no ano de 1939, no Santuário de Neghadá, situado numa ilha do Delta Argentino.

Teve como base moral e espiritual o cultivo interior, o "conhecimento" de si mesma e a união íntima com a Divindade através da meditação, em relação ao indivíduo em particular e à divulgação do ideal cristão pelo exemplo e pela divulgação das obras.

Nasceu na cidade de Vila Dolores, província de Córdoba, na República Argentina, no dia 18 de março de 1893, sendo seus pais Don Rafael Eugenio Luque e Dona Dorotea Alvarez. Foi educada no Colégio das Carmelitas Descalças da cidade de Córdoba.

Escritora de pena ágil, com asas de condor, sobrevoou os planos terrestres até pousar na morada dos escolhidos pela Eterna Lei para descerrar os véus do Arquivo da Luz, onde tudo está gravado com decalques a fogo.

Que foi que viu sua mente iluminada? Ela presenciou um formidável apocalipse quando a Maga Invisível dos Céus descerrou diante dela seu véu de desposada, e deixou a descoberto as glórias, os triunfos, as lutas, as abnegações, os sofrimentos e esplendores da morte dos amantes do Amor e da Justiça por um ideal de libertação humana!

Que mais? As vidas dos missionários divinos, que, limpando de ervas daninhas os campos, abriam sulcos para a semeadura do Amor Fraterno nas almas que seriam as encarregadas de fazê-la frutificar o cento por um.

E por último? As vidas messiânicas de um Arcanjo do Sétimo Céu dos Amadores que, deixando sua morada de Paz e Amor, descia ao plano terrestre para misturar-se com as pequenas almas inconscientes do seu destino; e também para que, na sua mão, no seu manto, se abrigassem os que quisessem deixar de ser almas enchafurdadas no lodo das próprias paixões, dos desejos insatisfeitos e dos egoísmos que foram formando cicatrizes e manchando as vestes que cobrem a Essência Divina.

Tudo isso e muito mais ela viu nesse espelho brilhante e límpido como não há outro, e, descendo em precipitado vôo, mas com grande dor, transferiu para o papel tudo quanto sua mente viu e seu coração sentiu.

A ti, leitor amigo, é oferecido, com todo o amor, o que o seu amor criou através de mais de trinta anos de escrita: *Origens da Civilização Adâmica, Harpas Eternas, Cumes e Planícies, Moisés*, etc., prosa e poesia mística e profana.

Ao iniciar a leitura desta sua última obra, terminada dias antes de partir para sua morada na Luz, peço que o faças com a sinceridade daquele que busca a Verdade, a Luz e o Amor. Se, ao final dela, teu coração encontrou o que ansiava, elevemos uma prece de eterno agradecimento ao Altíssimo, e a ela, a sempre-viva de teu amor refletido em teus semelhantes.

Assim daremos cumprimento em nós mesmos ao ideal do nosso Divino Guia e Instrutor: "AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E AO PRÓXIMO COMO A NÓS MESMOS."

PRELÚDIO

Nos arcanos da Lei Divina soam como sinos de bronze os grandes momentos que a pequena alma humana vislumbrou em seus delirantes desejos.

E isso sucedeu à inteligência, centelha divina, ao narrar isto desde o plano radioso dos Céus de Deus que chamamos "Arquivo da Eterna Luz".

Enquanto contemplo, extático, a sublime personalidade de Osarsip, o sacerdote de Osíris, de Moisés, o Profeta de Israel, não sei que admirar mais, porque tudo é grande, sublime resplendor vivo do Eterno Invisível.

Sua Luz interior que deslumbra e quase enlouquece a Ele mesmo; a força de sua vontade, que nada nem ninguém pôde dobrar; a ternura quase infinita quando uma mão de seda conseguiu tocar uma única fibra da sua maravilhosa sensibilidade.

Era Moisés a sétima personalidade humana daquele "Agnus Dei" vislumbrado milhares de séculos antes pelos Querubins dos mundos mais puros e luminosos dos infinitos céus de Deus.

Em remotas épocas anteriores a Ele, havia sido fogo purificador e vara de justiça no Continente Lemur, terra dos gigantes com pele purpúrea e olhos enegrecidos. Forte homem do mar, protegeu os indefesos e os débeis das garras dos piratas, agentes vendidos aos poderosos da Terra. Foi JUNO, o "Mago dos Mares".

Foi piedade, compaixão e misericórdia, personificadas num pastor de cordeiros e antílopes, para sê-lo mais tarde dos deserdados e aleijados da vida no mesmo Continente.

Foi o NUMU da Pré-História que os kobdas do antigo Egito fizeram reviver como o protótipo perfeito do criador de fraternidades idealistas, educadoras de povos e transformadoras de homens.

Viveu vida de rei numa nobre dinastia tolsteka da bela Atlântida tragada pelas águas do mar, e ensinou à humanidade de seu tempo que um soberano só é grande quando é capaz de amar seus povos muito mais do que ama a si mesmo.

Chamou-se ANFIÃO, a quem as pessoas da sua época apelidaram de o "Rei Santo".

Mais tarde foi ANTÚLIO, o filósofo médico, que curava os corpos enfermos, enobrecia e purificava as almas, levadas por seu ensinamento e pelo seu exemplo à senda austera do dever.

Por último, foi ABEL e KRISNA no vasto continente asiático, iluminando sempre esta humanidade com a lâmpada eterna da Sabedoria, da Paz e do Amor. Tudo isto reunido como num cofre de diamantes, invulnerável a todos os golpes, a todas as fúrias, a todas as tempestades: o Moisés confidente de Aheloin, o homem feito de bronze e pedra, cuja alma vibrante de amor e fé pôde impor a Lei Eterna à humanidade terrestre, como pôde arrancar água fresca dos penhascos para dar de beber às criaturas sedentas.

Leitor amigo, tal é o personagem que a Luz Eterna permite conhecer a ti e a mim se, vestidos com a branca túnica das núpcias místicas e tendo na alma o desejo vivo da verdade, nos aproximamos de seu indelével arquivo, eternamente iluminado e vivo.

Moisés não é um mito, nem sua vida é uma lenda.

É uma inteligência de avançadíssima evolução, um Enviado Divino à humanidade terrestre, que encarnou no filho de uma princesa real do antigo Egito, quando a Esfinge e as Pirâmides já nada diziam de suas remotas origens perdidas na escura noite dos tempos que passaram.

Feito este esboço, espécie de prelúdio para uma sinfonia que meu otimismo aproxima dos nobres anelos do leitor, espero que esta leitura seja deleite para a inteligência e brisas de paz para o coração.

O Que o Amor Uniu

Entardecia...

Nas mansas águas do Nilo refletia-se a bruma de ouro e os véus de ametista do esplendoroso crepúsculo vespertino do Egito.

Uma gôndola encortinada de amarelo e púrpura vogava lentamente rio acima em direção ao Vale das Pirâmides, único passeio permitido à dama que o ocupava.

Além de dois fortes remeiros, três pessoas viajavam no interior da pequena embarcação: Av-Ísis-Thimétis, princesa real, filha do faraó; Amram, joalheiro israelita da tribo de Levi; e Enabi, escrava favorita que acompanhava a princesa desde o berço.

Sua mãe, a rainha Ahisa, descansava no panteão monumental do faraó Rá-Seti, seu avô, e tal era a finalidade daquela breve viagem que, com muita freqüência, realizava a gôndola encortinada de amarelo e púrpura.

O faraó, seu pai, Seti Ramsés, vivia nessa ocasião absorvido completamente nas defesas de suas fronteiras em virtude das raças guerreiras que o rodeavam, e dispunha de mui escassa atenção para a filha única de sua falecida rainha.

Dos vários filhos e filhas de suas esposas secundárias nem sequer os nomes recordava. Representavam tão pouca coisa para um soberano senhor da maior parte do mundo civilizado de então...

A conquista de mais terras, de mais ouro e de mais escravos, isso sim era o que devia interessar a um monarca de sua estatura.

Seti Ramsés devia ultimar os tratados que tinha entre as mãos para evitar uma nova contenda armada, e a evitaria exigindo vultosos tributos dos países aos quais outorgava, como um presente, sua preciosa amizade.

Na próxima primavera devia ser celebrada a apresentação, a seu povo e às nações amigas, de sua filha, princesa herdeira do venerável trono do Egito.

Tal era a razão de o jovem joalheiro Amram, filho de Eleazar, que há algum tempo era o joalheiro da aristocracia egípcia, ter livre acesso junto à princesa real, para quem trabalhava nas jóias que foram da rainha Hatasu e

em cuja gloriosa memória ela as levaria no dia de sua apresentação como herdeira do trono do Egito.

A solidão do coração em plena juventude e em todas as idades da vida é pesada de suportar para quem não chegou a vislumbrar um ideal que ultrapasse o nível comum dos humanos.

Assim a princesa Thimétis, sem muito esforço e sem dar-se conta exata disso, deixou seu coraçãozinho de quinze primaveras prender-se fortemente ao garboso e formoso artista de suas jóias, que tinha para ela delicadas demonstrações de afeto que raiavam a adoração.

O velho Eleazar, por seus grandes conhecimentos tanto de leis, como de medicina, e mais ainda da arte de conhecer e trabalhar as pedras preciosas, tinha obtido certos privilégios negados a seus irmãos de raça, a maioria dos quais sofria a dura condição de raça inferior destinada aos duros trabalhos dos escravos. Por tudo isso, parecia a Thimétis que não era tão grande a distância que a separava de Amram, como a via Enabi, sua escrava e companheira de excursões secretas.

A submissa árabe sabia bem que estava jogando sua própria vida se chegasse a ser descoberto que sua jovem ama, a princesa real do Egito, permitia-se passear de gôndola com seu joalheiro israelita, e ainda visitar a humilde casa lavrada num penhasco vizinho ao Vale das Pirâmides, onde vivia o velho Eleazar, pai de Amram.

Ela, que nascera e vivera no luxuoso pavilhão que foi de sua mãe no palácio real de Mênfis, entre os dois grandes templos de Osíris e Ísis!

Ela, a quem seu pai não permitia que tocasse com seus pés a terra porque era herdeira de um rei-deus, e devia caminhar levada sobre os ombros de seus escravos!

Se o faraó pudesse vê-la saltar do bote na areia da praia e, tomada pela mão de Amram, correr alegremente à cabana de seu pai, subir a tosca escadaria lavrada na própria rocha, até chegar à portinha da humilde vivenda!...

Santo céu!... Que faria o faraó com a escrava que vira cem vezes tamanha iniqüidade e não abrira a boca para evitá-lo? Que faria com o jovem joalheiro cuja inaudita audácia o tornava merecedor de mil penas de morte se mil vezes pudesse morrer?

Ignorava a ingênua escrava a existência de alguém mais forte que os reis da Terra que se julgam inigualáveis em poderio e faculdades. A Eterna Lei de Justiça, que é Sabedoria e Amor, decretara em seus arcanos insondáveis que do amor puro de Amram e de Thimétis devia ser criada a matéria física na qual pudesse encarnar seu Verbo-Luz, seu Enviado Divino, seu Mensageiro, porta-voz da Vontade Soberana. Que era, pois, um rei terrestre ou cem reis para impedi-lo?

"O que Deus uniu ninguém pode separar", dizia um velho axioma conhecido pelos sábios sacerdotes de Mênfis, secretos continuadores da Sabedoria antiga dos kobdas pré-históricos, que criaram um palácio-santuário e uma escola da mais alta sabedoria, ao qual chamavam Neghadá e de cujos princípios já nada restava, a não ser tradições orais que de ouvido a ouvido, e somente no mais profundo das criptas dos templos egípcios, era permitido aos sacerdotes mais antigos rememorar.

O antiqüíssimo princípio kobda que ensinava: "Todos os seres humanos têm a mesma origem e o mesmo destino" fora substituído, pelos soberanos da Terra, por este outro: "Os reis-pontífices são filhos de Deus e seus representantes sobre as raças e os povos. Senhores da vida e das propriedades, sua vontade é toda a lei."

Os povos, obscurecidos pela ignorância e pelo terror, acreditavam e suportavam.

Esta breve exposição das idéias dominantes naquela distante época facilitará a compreensão de todos os acontecimentos que a Eterna Luz vai revelando-me para que tu, leitor amigo, que tanto anelas, possas conhecer a Verdade.

As horas e os dias passavam como o correr das pérolas de um colar encantado para a princesinha enamorada e feliz. Mas, como o amor é mais forte que a morte, seu coração sofria quando seu joalheiro se ausentava na cabana de seu pai ou se recolhia na cripta que comunicava com os aposentos do faraó, onde se achavam encerradas as arcas repletas de jóias antigas, fabulosa riqueza guardada por dez robustos escravos negros armados de azagaias. À sua vista, entrava ali o joalheiro com as mãos vazias e o viam sair também com as mãos vazias.

Amram trabalhava de sol a sol e era feliz porque tudo ali era para ela.

Não eram para ele as horas e os dias como um correr de pérolas mas como um dia só de amor e de recordações, de imagens vivas que desfilavam pela sua mente esboçando-lhe uma única visão:

Thimétis, com sua cabecinha cingida com o diadema de esmeraldas.

Thimétis, saudando o povo com os braços levantados e adornados com as pulseiras e braceletes que ele forjava e polia para ela.

O colo de Thimétis, quando seu pai o cingisse com o colar de ouro cuja filigrana de ouro e pérolas cobriria seu peito e seus ombros.

As mãozinhas de Thimétis cobertas de anéis; seus pequenos pés aprisionados em pantufas de ouro e pedrarias; a larga faixa de tiras de ouro que cingiria o seu corpo.

Ó Deus de Abraão e de Jacó!... Poderia acaso aparecer na oficina do joalheiro uma imagem mais bonita que aquela?

Mas logo se anuviava o seu rosto diante da recordação de que ele não era senão um israelita da tribo de Levi, parte ínfima de um povo estrangeiro no Egito e escravizado pelos reis-deuses do poderoso país do Nilo.

Ela era como uma estrela distante brilhando em seu céu, uma estrela à qual jamais poderia chegar. Acaso podem cair as estrelas no caminho dos homens? Acaso o cume dourado de sol da mais alta montanha da Terra pode dobrar-se à planície lamacenta por onde caminham, como fantasmas, os homens e os animais?...

Que insensato delírio de amor era o seu!

Que estupenda loucura encadeava sua vida a essa outra vida tão distante da sua, como uma raposa à águia majestosa que revoluteia nas alturas inacessíveis para o homem!...

Suaves e pequenas batidas na porta secreta que dava para a câmara do faraó interromperam seus pensamentos. Amram aproxima-se e escuta...

— Ísis! Afasta-te, porque vou abrir.

Amram dá um rápido salto para trás e o cubo de pedra gira sem ruído, e no negro túnel percebe maravilhado a meiga imagem levada em seu pensamento e no seu coração.

Sem poder remediar, cai de joelhos. É uma visão! Não pode ser ela!

Entretanto, adivinhando-lhe o pensamento, ela dá um passo adiante e, sorridente, lhe diz:

— Sou eu, tontinho, não me vês?

— Thimétis!... Como vieste?

— Caminhando!

— Por que o fizeste?

— Porque quis.

— Para que, menina, para quê?

— Para ver-te. Aborrece-te a minha visita?

— Não, mil vezes não! Mas arriscas a tua vida.

— E ganharei com isso.

— Não sabes o que fazes, por Jehová bendito!

— Sabe-o o teu Jehová, e também o sei eu. Meu pai não está no palácio; ele partiu com seus ministros e escoltas a Tânis e não retorna antes de passados seis dias. Sai logo, que Enabi e eu te esperamos no bote, onde dar-te-ei notícia de tudo quanto resolvi.

Sem esperar resposta, Amram pressionou uma pequena manivela na parede e o cubo de pedra girou sem ruído, tão rapidamente como se abrira à sua chegada.

Amram obedeceu à ordem e saiu, como de costume, entre a guarda de escravos e com as mãos vazias.

Nem Enabi nem os remeiros o viram jamais sentar-se a seu lado. De pé defronte a ela, ele escutava sem falar enquanto ela não o obrigasse a responder.

— Resolvi terminar a comédia, Amram, compreendes? Teu pai deve saber quem sou e que tu e eu nos amamos. Ele, que chora sempre por sua amada morta, compreenderá que coisa é o amor. Tampouco eu sabia o que é até que meu pai te pôs diante de mim. Chegou-me a notícia de que meu pai, o rei-deus, recebeu de um mago estrangeiro a notícia de que os deuses determinam que ele tome uma esposa da margem oposta do mar. Se ele, com meia centena de vida e outra meia centena de filhos de tantas mulheres que tem, ainda deve querer outra mais, poderá aborrecer-se de que eu, sua filha, tenha um amor no meu coração?... Um só?... Não me respondes?...

— Teu real pai não se aborrecerá porque ames, princesa do Egito, a não ser pelo fato de dedicares esse amor a mim; pois, para ele, sou como um desses prateados peixinhos que assomam na água em busca das migalhas que lhes arrojas...

— Sua ira será tão terrível que nossas cabeças rolarão desde a torre até a pocilga de seus cães de caça — acrescentou Enabi, olhando para Amram com espanto nos olhos.

— Não será jamais como o dizes! Juro-o, por todos os deuses do velho Egito.

"Julgas que eu permitirei tal coisa?"

Amram e Enabi entreolharam-se tristemente e nesse olhar diziam: "É muito menina, não sabe o que diz."

Thimétis costumava ser de uma candidez infantil. Mas um bom psicólogo teria descoberto que, por momentos, parecia possuir uma dupla personalidade.

Quando isso se operava nela, erguia-se, esbelta, como se crescesse um palmo, e seu olhar era tão fixo e tão forte que impunha respeito e até temor.

Nem Amram nem Enabi eram dotados dessa faculdade extraordinária que os sábios psicólogos de todos os tempos denominaram clarividência. Pois, se a houvessem possuído, teriam visto que uma forma humana, intangível, como feita de luz dourada, se assenhoreava dela tornando-a maior, mais forte, mais mulher, com uma vontade tão potente que ninguém podia vencer.

Assim eles a viram nesse instante sentada na popa de sua pequena embarcação e calaram.

Ela também mergulhou no silêncio durante longo tempo. Não se ouvia outro ruído além do choque dos remos na água, e a gôndola seguia vogando lentamente sem que ninguém pronunciasse uma palavra.

Ao chegar na direção dos grandes panteões reais, tinham diante de si um dos cais destinados a baixar sarcófagos e ouviu-se a voz de Thimétis mandando

atracar ali. Amram e Enabi desceram primeiro e, quando ajudavam à princezinha, ela lhes disse:

— Na porta da tumba de minha mãe, oraremos tu e eu, Amram. Oraremos a Jehová, teu Deus, rogando-lhe que nos ensine o caminho a seguir. Antes da minha apresentação como herdeira do trono do Egito, quero saber o que farei e o que serei.

— Enquanto viver o teu pai, o rei-deus, serás a princesa real única. Morto ele, serás a rainha Thimétis, como o foram outras antes de ti. Não sabes, acaso, princesa real, que esse é o teu caminho marcado, desde o teu nascimento?

— Cala-te, Enabi!... Não sabes que o Deus de Amram é o único Deus vivo que manda sobre os deuses mortos do Egito? Somente Ele sabe os caminhos que cada homem e cada mulher que vivem neste mundo há de seguir.

"O único mestre de minha mãe que ainda vive, o ancião sacerdote Amonthep, disse-me num destes dias:

"— Thimétis, princesa real do Egito, se corresponderes ao que o Deus Vivo quer de ti, serás maior que todas as rainhas do Egito havidas antes de ti.

"— E o que é que Ele quer? — perguntei-lhe eu. E ele me respondeu:

"— Pensar nas coisas divinas é orar. Pensar no Deus Vivo é conhecê-lo e amá-lo. Conhecendo-o e amando-o, saberás o que Ele quer de ti. Porém, cala! Cala sempre o que pensares e o que brota desse pensar, porque bem poucos são os seres desta Terra capazes de compreender e conhecer os caminhos do Eterno Invisível em relação às almas encarnadas neste plano físico... Às vezes o que tu queres não é o que Ele quer e, então, a obstinação te leva a um abismo. Contudo, se tens a capacidade de acertar com o que Ele quer de ti, tua senda é uma suave planície onde, se algum obstáculo se cruza, facilmente o removerás porque terás a sua força e o seu poder.

" 'Os belos frutos que colherás desse teu agir de acordo com a Suprema Vontade do Deus Vivo será a prova de que andas pelo teu caminho...' Oh, como é sábio o mestre Amonthep, único mestre vivo dentre todos aqueles cuja sabedoria e paz minha mãe absorveu."

Enquanto assim falava Thimétis, e Enabi e Amram ouviam em silêncio, aproximaram-se do grande monumento sepulcral de seus antepassados no Vale das Rainhas. Chegados diante dele, Thimétis, com a gravidade de uma sacerdotisa possuída pelo seu deus, tirou do bolso um frasco de mármore contendo uma tintura vermelha indelével e um pequeno pincel e gravou em hieróglifos que somente os sacerdotes conheciam, estas palavras: "O que o Deus Vivo uniu ninguém pode separar."

— Já está feito — disse. — Agora, leva-me diante de teu pai, Amram.

— Que fará ali, princesa do Egito? — perguntou ele.

— O Deus vivo porá as palavras em minha boca. Tu as aceitarás. Ele é quem determina, nós obedecemos.

Encontraram o ancião assando seu pão no forninho enquanto seu escravo colhia hortaliças para a refeição da noite.

A donzela, modestamente vestida, aproximou-se sem embaraço algum e, ajoelhando-se humildemente perante ele, falou assim:

— Bom ancião, pai de Amram, eu não tenho mãe. Meu coração padece solidão e tristeza. Amo teu filho e quero ser tua filha, se me receberes em tua cabana.

Amram observava-a estupefato, não acertando com o que aquilo significava. Enabi, muda de assombro, assemelhava-se a uma pálida estátua de cerâmica.

O ancião voltou-se para o filho e, vendo-o silencioso, como que ausente, surdo e cego ao que ocorria, perguntou:

— Ouviste, Amram, o que esta donzela acaba de dizer? Que dizes?

— É verdade, pai... Contudo, como nada tenho para oferecer-lhe, eu não me atrevia a dizer-te — respondeu confuso, e suas frases saíam com enorme dificuldade de seus lábios trêmulos.

— Se basta o teu trabalho para dar-lhe o pão, se ela é feliz na tua cabana, eu abençoarei a vossa união; como nosso pai Abraão abençoou a união de Rebeca com seu filho Isaac.

E, desenrolando o linho branco do seu turbante, o ancião enlaçou as cabeças juvenis, uniu também suas mãos e, colocando as suas sobre as frontes inclinadas ante ele, pronunciou as mesmas palavras que Thimétis gravara na parede do monumento sepulcral de sua mãe:

"O que o Deus Vivo uniu ninguém pode separar."

O ancião abraçou emocionado a ambos os jovens e disse:

— Vivei como Deus manda, um para o outro, e ambos para Ele, e não temais nem a vida nem a morte, porque Jehová é mais forte e mais poderoso que um exército em ordem de batalha.

"A mulher seguirá seu marido até a morte, e o marido será para ela como o seu sol, o ar e a água do manancial. Ide, pois, meus filhos, pelo mundo, com a bênção do Deus Vivo, e a do vosso ancião pai que logo descerá ao sepulcro."

Assim ficaram unidos uma princesa do Egito com um joalheiro israelita da tribo de Levi, sem que o poderoso faraó tivesse a mais leve notícia desse acontecimento tão transcendental na história de seu reinado.

Av-Ísis-Thimétis

Três meses depois, os pregoeiros reais espalhados por todos os Nomos ou Distritos do País anunciavam a apresentação da princesa Av-Ísis-Thimétis, filha única da extinta rainha-esposa Epúvia Ahisa e do faraó Seti Ramsés I, como herdeira do trono do Egito.

A tão grandioso acontecimento deviam enviar seus representantes todos os países amigos do Egito milenário, glorioso país que difundia o esplendor de sua sabedoria, de suas riquezas e de sua abundância por todo o mundo civilizado de então.

O numeroso povo mauritano apelidado "Filhos do Sol" estava em festa, porque Av-Ísis-Thimétis era neta do grande sfaz da Mauritânia, cuja nobilíssima linhagem ia até os confins do tempo e do mar, visto que, segundo eles, descendiam dos gloriosos tolstecas, semideuses da desaparecida Atlântida.

A rainha Epúvia, sua mãe, filha do grande sfaz da Mauritânia, era a mais velha de suas filhas e tinha direito de levar preso sobre o coração o sol de ouro e rubis que todas as princesas reais de sua raça levam como um símbolo sagrado e, ao mesmo tempo, amuleto que a preservava de enfermidades infecciosas e da morte trágica. Este direito da mãe era transferido à filha e, em face disto, foi da Mauritânia a primeira delegação que chegou. Vinha à frente dela o segundo filho do grande sfaz, um garboso cavalheiro de vinte e dois anos comandando um brilhante corpo de arqueiros de duas centenas de homens.

Num formoso estojo de alabastro, ele trazia o sol de ouro e rubis para a princesa real do Egito.

O faraó ficou encantado pela sua força e galhardia, e mais ainda quando soube de sua bravura nos combates e de sua destreza no manejo de todas as armas, assim como na arte de se fazer amar por aqueles que estavam sob o seu comando.

Em seguida, pensou: "Eis que este meu cunhado pode ser também o meu genro, já que os deuses não deram à minha esposa-rainha um filho varão. Um esposo ideal para minha filha e um superintendente para o meu reino!"

Quando foi apresentado à princesa Thimétis, foi a vez de o jovem príncipe mauritano, cujo nome era Fredek de Port-Ofir, ficar encantado.

Era tão delicadamente bela a gentil princesinha do país do Nilo!

Os pensamentos do faraó formaram cadeia com os do príncipe mauritano, e devia ser essa a primeira força a se colocar defronte à donzela escolhida pela Eterna Lei para trazer para a vida física o Enviado, o Porta-voz de seus divinos desígnios.

O faraó também estava encantado com a filha, que nesses três meses se transformara de menina em mulher. E que mulher!...

Ela raciocinava sobre questões de Estado como se lhe fossem conhecidas todas as encruzilhadas possíveis nesse insondável labirinto que é a organização e o governo de povos.

O faraó a desconhecia, e tanta foi a sua admiração que fez averiguações nos claustros dos templos de Mênfis e Tânis a fim de certificar-se de que sua filha tinha freqüentado cursos com os mais sábios sacerdotes hierofantes dos sagrados recintos.

Na verdade, ele recolheu ali os dados que desejava. Sua filha, desde que completou essa idade, comparecia à aula particular e especial para os que tivessem a idéia de adquirir conhecimentos superiores e chegar à Iniciação, concedida a raríssimas pessoas já passadas dos trinta anos.

Nada lhes dissera, a não ser que desejava conhecer as leis do universo e as relações dos seres encarnados com os astros e com o mundo invisível.

Na verdade, era isso pedir muito a uma donzela de apenas quinze anos; contudo, eles em geral pensaram que os deuses preparavam para o futuro uma soberana à altura das antigas matriarcas rainhas, que deixaram tão gloriosas tradições como educadoras de povos aos quais cumularam de riquezas, de paz e felicidade.

— Nas crônicas do templo — disseram — encontra-se o fato de que a esposa-rainha do grande faraó Soser pediu os conhecimentos da Iniciação aos doze anos, e foi a grande mulher Néferi, que compartilhou com ele das grandes obras de misericórdia, de elevação moral e educação dos povos, conforme as normas de eqüidade e justiça que os primeiros emigrados, fugitivos da Atlântida, trouxeram para as terras banhadas pelo Nilo. O caso da princesa Thimétis podia ser como esse.

Diante desta resposta, que não foi totalmente satisfatória, quis o faraó uma consulta com o Conselho Supremo, formado por seis hierofantes, com a presença do pontífice Amonthek, ilustre tanto por seus grandes conhecimentos como pela retidão e honorabilidade de sua longa vida, que permitiu que ele fosse o formador espiritual, intelectual e moral do jovem sacerdócio dessa época.

O Supremo Conselho fez chegar ao faraó um documento em hieróglifos do templo que dizia assim:

"Faraó, rei dos reis: tua filha Av-Ísis-Thimétis está destinada pelas grandes forças invisíveis para trazer a este mundo um astro radiante, que será luz, caminho, verdade e vida para a humanidade de todos os tempos.

"Não deves preocupar-te com quando nem com o modo como isso sucederá. Deixa-a agir livremente porque é a Lei eterna e divina quem a guia.

"Amon-Rá vos guarde para sempre."

"Keferin — Sahurek — Stokio — Sais — Kefer — Nemeth — Amonthek."

Como uma delicada deferência, o pontífice acrescentou este pós-escrito: "Faraó: tenho dois sobrinhos, Ohad e Carmi, que na última lua terminaram seus estudos coroados pela luz de Osíris, e gloriosamente iniciados nos grandes mistérios do Infinito. Contam somente vinte e sete anos e pediram este caminho quando tinham apenas quatorze anos, um deles, e treze, o outro. São espíritos gêmeos de Thimétis, tua ilustre filha, que Amon-Rá guarde. Esperemos a sua ordem."

Com tão lisonjeiras perspectivas, o faraó ficou completamente tranqüilo e resolvido a deixar agir livremente sua herdeira em tudo o que dissesse respeito à sua pessoa.

Ele viu-a tratar afavelmente o jovem delegado mauritano, com o qual manteve diálogos que deixaram o faraó absorto.

Thimétis conhecia e sabia mais dos distantes antepassados da raça mauritana, procedentes dos tolstecas da Atlântida, do que o próprio enviado Fredek de Port-Ofir, o qual, por sua vez, se assombrava de que a jovem princesinha tivesse tão vastos conhecimentos.

Quando lhe perguntou:

— Como sabes disso, grandeza?

— Eu me lembro — respondeu ela com a maior naturalidade.

O jovem achou que ela se referia à lembrança dos estudos que fizera nos velhos arquivos do templo.

Pensou e ao mesmo tempo disse:

— Sabes muito para os teus quinze anos.

— Não são os anos que trazem o conhecimento — respondeu ela. — A psique tem também seu arquivo que deixa registrar quando lhe agrada — acrescentou graciosamente, deixando pensativo o seu interlocutor, que ante respostas tão enigmáticas começou a pensar que a bela princesinha era uma aprendiz de magia.

Até que um dia a encontrou no terraço do palácio colocando lanterninhas de flores sob o dossel, para alegrar uma pequena reunião festiva destinada aos numerosos filhos das escravas e servidores; e deteve-se para conversar e ajudá-la em sua tarefa.

— Por que te fatigas deste modo, princesa real do Egito, quando tens tantos servidores que podem fazê-lo? — perguntou, tirando da sua mão tesouras e fitas.

— Parece-me incrível — respondeu ela — que um príncipe descendente dos tolstekas da Atlântida se assombre com a minha tarefa. Por que levas em teu nome Port-Ofir como brasão? Port-Ofir era um porto num golfo da Atlân-

tida onde se levantava um castelo que foi habitado pelo rei-santo, Anfião, cuja esposa fazia esses trabalhos que eu faço, e outros maiores e mais belos, para suavizar a difícil vida das crianças desamparadas e órfãs.

"Não sabes tu acaso isso?"

— Sei que houve um grande rei da nossa raça que foi chamado o rei-santo; porém ignorava esse detalhe da esposa, e nem sequer sei se ele a teve.

— Como! Era Odina, a melhor princesa e a mais bela que já houve sob o sol que nos ilumina.

"Também a mais forte e fiel ao seu amor, que não pôde ser profanado nem manchado pelas vis adulações do pérfido Alpha-Huari, irmão do rei, seu esposo. No arquivo de vossos templos devem estar todas estas histórias."

Tão perplexo ficou o príncipe mauritano, que chegou ao pleno convencimento de que a princesa Thimétis era uma consumada maga ou, pelo menos, tinha trato com os grandes magos que, vivos ou mortos, liam até no vôo dos pássaros e no pensamento dos homens. Espantado e medroso, pensou: "Se adivinhasse também que quero casar-me com ela, interessado na promessa de meu pai de anular a morgadia de meu irmão e fazer-me seu herdeiro se a conquistar!"

Apenas pensou isto, Thimétis disse com grande naturalidade, como se seguisse o fio de suas recordações:

— Alpha-Huari teve um terrível fim por ambicionar os direitos de seu irmão primogênito. Não sei se sabes disto, príncipe Fredek de Port-Ofir.

O aludido olhou-a espantado e, pretextando uma entrevista com o faraó para aquela hora, despediu-se rapidamente e não buscou mais conversações com a princesa do Egito.

Chegou o dia da solene apresentação de Thimétis como herdeira do trono. Era o meio-dia radiante de uma primavera exuberante de flores, de pássaros a cantar e de quanta alegria e beleza pode haver nesta Terra.

A princesa real, vestida de brocado amarelo e branco, as clássicas cores dos faraós, e coberta de jóias da cabeça aos pés, foi conduzida por seu pai ao grande terraço dianteiro do palácio de Mênfis.

Na enorme esplanada circundada de palmeiras, de esfinges e de obeliscos, abrindo-se entre a margem do rio e os muros do velho edifício, aguardava ansioso o povo, engalanado com seus trajes de festa e agitando ao vento auriflamas e bandeirolas com as cores próprias daquele dia: Ouro e neve! — Ouro e neve! — exclamava o povo entusiasmado.

— É o sol dos céus e a neve das montanhas unindo seus resplendores neste dia de glória para a nossa princesa real — cantavam os poetas ao compasso de cem alaúdes e o repetiam os arautos em todos os tons. Duas vistosas escoltas rodearam o faraó e sua filha. Uma delas de donzelas vestidas com

brancas túnicas de linho e coroadas com rosas amarelas. Algumas levavam cestinhas de vime com rosas brancas e outras com rosas amarelas que lançavam sobre o povo. A outra escolta era de galhardos mancebos que tangiam seus alaúdes e suas liras.

À frente deles aparecia Amram como porta-bandeira, com o pavilhão de seda, ouro e branco, que devia ondular sempre no palácio da princesa.

As delegações apareciam também sob luxuosos dosséis no mesmo terraço, de um lado e do outro do faraó e sua filha.

Depois de ser lido por um dos ministros a solene proclamação na qual a princesa real foi apresentada ao povo, ela se aproximou da balaustrada de mármore coberta de tapetes e de flores para receber os aplausos do povo que a aclamava enlouquecido.

Extremamente emocionada, a princesa disse unicamente estas palavras:

— Povo do Egito! Meu povo. Embora tendo apenas quinze anos de vida, sinto amor de mãe por todos vós e, se é verdade que tanto me amais, eu peço de vós, neste dia, que me prometais duas coisas:

"A primeira: que nunca jamais causeis danos uns aos outros, nem na vida, nem na honra, nem nos bens.

"A segunda: que em toda a dificuldade ou dor em que vos encontrardes, venhais confiadamente a mim, e eu alcançarei do vosso faraó, rei dos reis, o vosso remédio, se for possível dá-lo.

"Prometeis-me isto?"

Um clamor unânime, que ressoou como uma tempestade, subiu até a princesinha, que viu levantar-se todos os braços para ela em muitos abraços delirantes.

Quando o entusiasmo se acalmou um pouco, um arauto pediu silêncio e Thimétis, tomando a mão de seu pai, mudo de emoção, lhes disse:

— Meu venerável pai, nosso amado rei, permitiu-me obsequiar-vos com um amuleto de ouro, que é a minha cabeça com o diadema da inesquecível rainha Hatasu, minha bisavó. Nesta mesma tarde, passareis em desfile muito ordenado pelo portão do meu palácio, onde ele vos será entregue junto com os presentinhos que preparei segundo as vossas necessidades.

E abrindo os braços adornados com jóias, abraçou emocionada o povo que tão ardentemente a aplaudia.

A escolta de donzelas e a de mancebos músicos foram encarregadas de cumprir junto ao povo a promessa de Thimétis.

Quanto à luxuosa recepção da noite para os dignitários do país e para as delegações, o leitor poderá perfeitamente imaginar as proporções a que chegou.

Durante ela, ocorreu um fato que merece menção pelas conseqüências

favoráveis que deveria trazer para o cumprimento dos desígnios divinos sobre Thimétis.

Da delegação chegada de Siracusa, capital do reino da Sicília, saiu um garboso chefe militar que apresentou ao faraó suas credenciais, que o confirmavam como filho primogênito daquele velho rei.

Esse soberano solicitava do faraó uma dupla e fortíssima aliança de ajuda mútua em caso de contendas guerreiras que os ameaçavam. Essa aliança devia basear-se sobre dois enlaces nupciais: o rei da Sicília daria ao faraó sua filha mais velha como esposa e o faraó daria a mão de sua filha ao primogênito do rei, que era quem apresentava as propostas.

O faraó, que conhecia a vontade de ferro de sua filha, respondeu:

— Considero-me honrado pelo ilustre rei, teu pai, com a primeira de tuas propostas, ou seja, que eu tome por esposa sua filha mais velha, e aceito, pois deves saber quanto admiro tua nobre irmã Ghala Vatis.

"Quanto à segunda proposta ou seja, conceder-te a mão de minha filha, príncipe Leão Bardi, resolvi deixar a ela o direito de escolha, reservando-me eu o direito de aceitar ou recusar o escolhido por ela.

"Como prova de que aceito a mão da princesa Ghala, aqui tens minha oferenda de esponsais para ela." E o faraó tirou um grosso anel de ouro e diamantes que tinha em seu dedo mínimo e o entregou ao príncipe siciliano.

Este se aproximou de Thimétis e, depois de uma reverente inclinação, disse:

— Com a permissão de vosso pai, o faraó, rei dos reis, peço a vossa mão para ser minha esposa quando determineis.

Sem se perturbar sequer na mínima aparência, Thimétis perguntou:

— Quanto tempo permanecerás, príncipe Leão Bardi, na nossa cidade de Mênfis?

— Todo o tempo que necessiteis para dar-me a resposta, princesa real do Egito.

— Não a esperarás por muito tempo, eu te asseguro, príncipe — e estendeu-lhe a mão amiga.

Thimétis soubera que seu pai aceitara a mão de Ghala Vatis, como esposa. Ela conhecia a ânsia de seu pai por um filho varão da que fosse sua esposa e rainha.

E raciocinou desta maneira:

"Se o Deus Vivo que minha mãe adorava, que os sacerdotes do antigo culto, com meu mestre Amonthep, adoram, e que Amram, com os sábios da sua raça, adora, quer que eu seja a mãe carnal do filho que há de vir para ser Luz e Guia desta humanidade, ele dará a meu pai o filho varão que quer para

sucessor, através desta segunda esposa-rainha que escolheu. Esperemos." E não esperou em vão.

Três meses depois, a princesa Ghala Vatis cruzava o mar numa galera engalanada com todo o luxo, com numerosa escolta de damas e cavalheiros, e desposava solenemente o faraó Seti Ramsés I.

A princesa Thimétis, em audiência privada, falou assim com seu pai.

— Meu rei e senhor que manda sobre reis e senhores. Peço-te uma graça que não hás de me negar no feliz dia de tuas bodas com a mais bela e graciosa mulher que ilumina o sol da nossa terra.

Levantando-a do estrado no qual se ajoelhara perante ele, o faraó disse:

— Dia grande é este na verdade, minha filha, e se a graça que pedes representa para ti e para mim uma honra, já a tens concedida. Fala, pois.

— Pai, eu quero consagrar minha vida aos estudos das ciências sagradas que os sacerdotes e os hierofantes de nossos templos estudam. Quero abrir uma escola para as donzelas que sentem este mesmo desejo que eu. Por que hão de ser ignorantes as mulheres nascidas nos degraus do trono, ao qual podemos ajudar a manter e honrar, fazendo do nosso povo um povo educado em cultura e justiça, para servir de exemplo e guia aos outros povos da Terra?

"Nossos deuses tutelares dar-te-ão um filho varão que possa suceder-te no governo de teus povos. Enquanto ele não chega, na minha escola serão educadas as mães da próxima geração, que darão honra e glória ao teu reinado.

"Não encontras justiça na graça que te peço?"

— Oh, como é generoso e nobre o teu coração, minha filha! — exclamou o faraó beijando a mãozinha da sua filha, que mantinha entre as suas.

"Não compreendes que na graça que me pedes está uma renúncia ao trono e à coroa do Egito, que te pertence como filha única de minha esposa, tua mãe, adormecida na luz de Osíris?"

— Sim, pai, eu o sei. Se não houvesses tomado uma segunda esposa-rainha, eu não teria feito esta súplica, porque sei que sou obrigatoriamente a tua sucessora.

"Contudo sei que os deuses tutelares te trarão o filho varão que possa suceder-te. Se assim não for, eu te prometo solenemente, por Osíris e por Ísis, pela gloriosa paz de nossos antepassados, que estarei disposta a sentar-me nesse trono, se o deixares vazio para receber a glorificação de Osíris no seu eterno reino de Luz."

— Está bem, filha. Falas como uma anciã. Talvez sejas a própria Hatasu de volta à vida para glória e felicidade do Egito. Cumpra-se, pois, o que pedes.

— Peço à tua bondade que deixes que eu me retire ao castelo do lago Merik, que será mais propício para os estudos que desejo iniciar.

"Dá-me a criadagem que tiveste por bem designar para mim, se é que

voluntariamente querem seguir-me na solidão. Não quero servidores forçados, pai, porque busco vida de paz e de tranqüilidade."

— Tu me assombras, minha filha, realmente me assombras! Uma princesa real, recém-apresentada ao povo, pede o retiro no castelo do lago Merik, onde só as gaivotas e os antílopes lhe farão companhia! E deixas as festas da primavera sobre as águas douradas do Nilo sagrado?

— Não as deixarei, pai, se for da tua vontade que eu assista a elas; entretanto, para o estudo e a escola a que desejo dedicar-me, necessito de retiro e solidão, não apenas para mim como também para as que estudarão comigo.

— Está tudo concedido. Tu mesma escolherás a corte e a criadagem que há de acompanhar-te. Meu administrador porá à tua disposição os valores de que necessitas para teus fins. As riquezas de tua mãe e o dote que eu te designei bastam e sobram em muito para quanto possas desejar.

"Quero que me mantenhas informado sobre todos os teus estudos e progressos realizados e de tudo quanto te ocorra."

— Serás atendido, pai. Nossos deuses tutelares agradecem por meu intermédio. — Thimétis ajoelhou-se diante do pai para beijar-lhe os pés. Ele pôs ambas as mãos sob seus lábios, e quando ela se afastava, murmurou, muito comovido:

— Esta filha é toda a alma da grande Néferi de Soser, embora seu corpo seja pequeno e gracioso como um lótus do Nilo.

Seu coração ficou tranqüilo porque havia obedecido ao desígnio que o Deus Vivo tinha sobre sua filha.

Conhecida de todos a resolução do faraó, essa foi a resposta de Thimétis aos que solicitavam a sua mão.

No Lago Merik

O chamado palácio real de Mênfis era como uma cidade fortificada dentro da área de outra grande cidade.

Compunha-se de vários edifícios independentes uns dos outros. A chamada sala do trono era o verdadeiro palácio do governo, residência do faraó, e era um bosque de colunas, de arcos, de camarins e de câmaras, de pátios po-

voados de esfinges, obeliscos e fontes com repuxos. Dali podia-se passar, sem sair para o exterior, aos templos de Osíris e de Ísis, bosques também de colunas, porém neles viam-se grandes portas fechadas e escuras escadarias que levavam às criptas mais secretas e mais fechadas ainda. Eram o domínio dos deuses, cenários sagrados e augustos onde só os sacerdotes podiam penetrar.

Entre bosques de palmeiras centenárias e graciosos obeliscos de granito rosado das pedreiras da Líbia, existia desde há muito tempo o chamado Palácio da Princesa, que somente era habitado quando a filha mais velha de um faraó completava a idade de ser apresentada ao povo, ou também quando uma princesa estrangeira chegava de seu país para celebrar esponsais com o faraó ou com seu herdeiro. Ali ela aguardava o futuro esposo e dali saía para compartilhar com ele o velho trono do Egito.

Quando Thimétis saiu da presença de seu pai, sua corte de donzelas a aguardava na ante-sala e dali dirigiu-se ao seu palácio, onde se achava içado o pavilhão cor ouro e neve, com o brasão próprio de sua dignidade bordado em ouro: o diadema de flores de lótus usado por todas as princesas reais.

Na entrada de seu pequeno e formoso palácio, esperava-a o cortejo de mancebos músicos, com Amram à frente, tal como ela havia determinado.

Nos aposentos mais interiores e íntimos, esperavam-na o ancião Eleazar, pai de seu esposo; Jacobed, sua irmã, com seu filhinho de sessenta dias, sua fiel escrava Enabi e todas as servas e servos que haviam sido de sua mãe e que Thimétis quis conservar a seu lado.

Quem mais a esperava?

Seu ancião mestre o sacerdote Amonthep, acompanhado de dois hierofantes jovens, Ohad e Carmi, sobrinhos do pontífice, sob cuja autoridade estava todo o sacerdócio e templos egípcios.

— Esta é a recepção do amor para mim! — exclamou ela profundamente comovida diante da demonstração espontânea que não esperava.

"Vejo que não estou só no caminho que inicio hoje" — acrescentou, ficando como petrificada no centro do amoroso círculo que a rodeava.

— Minha filha — disse Amonthep —, o que se semeia é o que se recolhe, e da mesma forma que tua mãe, a inesquecível Epúvia Ahisa, inicias tua vida semeando rosas, e rosas colherás no teu caminho.

Ohad e Carmi aproximaram-se dela e, em nome do pontífice, lhe ofereceram dentro de um estojo de seda púrpura, a Rosa de Ouro, símbolo do amor divino de Ísis, para a jovem adepta de sua escola de Amor e Sabedoria.

— Oh! a Rosa de Ouro de Ísis! — exclamou Thimétis. — Ainda não fiz nada para merecê-la! — acrescentou, sem atrever-se a recebê-la.

"Mestre Amonthep! Não me disseste que era necessário morrer por uma renúncia a todas as coisas vãs para merecer a Rosa de Ouro de Ísis?"

— Recebe-a sem vacilar, minha filha, porque fizeste a renúncia parecida com a morte — respondeu o ancião.

— Quando?

— Não acabas de renunciar ao trono de teus ancestrais, e pedir ao rei o retiro absoluto no castelo do lago Merik?

— Sim, é verdade, meu pai! — respondeu a meia voz a princesa, como pesando todas as palavras.

— Então... Se nosso Pontífice Pthamer Isei te envia o valioso tesouro concedido por Ísis a seus escolhidos, é porque a deusa o colocou no segredo do teu coração.

Thimétis inclinou o rosto, dobrou um joelho em terra e recebeu o estojinho de seda púrpura com a Rosa de Ouro de Ísis.

Estreitando a resplandecente flor a seu peito, começou a chorar desconsoladamente.

O ancião aproximou-se dela.

— Por que choras, Thimétis? — perguntou.

— É muito grande o segredo do meu coração, e pesa como uma montanha.

— No entanto, já não podes retroceder. O que se pede ao rei, e ele concede, é como uma estrela caída a teus pés; somos aqui três homens do templo para ajudar-te a suportar o peso do teu segredo e, acima de nós, Ísis e o pontífice Pthamer Isei, intérprete das vontades soberanas.

"Quando o Deus Vivo põe uma carga em nossos ombros, seu potente braço é quem sustenta o peso, e ainda põe asas em nossas costas e alegria em nosso coração.

"Não temas, minha filha, que a ordem lá de cima se torna em pão e mel para a nossa boca e tapete de flores para nossos pés.

"Continua semeando rosas e este velho te assegura que rosas vais colher."

— Sem espinhos? — perguntou ela com um doloroso sorriso.

— As rosas são sempre belas apesar de seus espinhos, Thimétis. Lembra-te disto em todos os teus dias.

Um dos hierofantes aproximou-se da princesa e perguntou a meia voz:

— É também segredo o estudo a que aspiras, princesa do Egito?

— Meu pai o sabe e o consente. Quem serão os meus mestres?

— Nós três que estamos aqui.

— Onde deverei comparecer?

— Temos dois dias na semana, se nos mandares buscar. Mas se habitares no templo do castelo, permaneceremos cinco dias em cada semana.

— Eu o farei, oh, sim, o farei! — exclamou Thimétis. — Meu pai acaba de prometer tudo quanto eu necessitar para minha devida instalação no castelo do lago Merik.

— Esperaremos o teu aviso, princesa real, e queiram os deuses que seja em breve.

— Meu mestre está autorizado a viver permanentemente no castelo. Sabíeis disto?

— Sabemos.

— Tudo vem a seu tempo, meus filhos, e tudo resultará em benefício dos seguidores da senda que lhes foi demarcada.

Os três sacerdotes se inclinaram em reverente saudação àquela menina pequenina e graciosa como um lótus do Nilo; e que, não obstante, naquele momento, era a preocupação do austero e sábio sacerdócio egípcio.

Que haveriam anunciado os signos do zodíaco para aquela pequena mulher de apenas quinze anos de idade?

Que oráculos deixariam cair sobre a Terra as estrelas desde suas distantes moradas para que assim se preocupassem por ela os sábios do templo?

Haveria falado a muda Esfinge de um glorioso passado de Av-Ísis-Thimétis, e de um futuro mais glorioso e prometedor ainda?

Quando Thimétis nasceu, os signos do zodíaco anunciaram aos astrólogos do templo que a menina era uma estrela de primeira magnitude que vinha ligada a um sol de justiça que marcaria para a humanidade um novo caminho para encontrar a felicidade. Os videntes do templo haviam visto um homem luminoso no alto de uma montanha com uma escritura em lâminas de pedra que não souberam decifrar.

Nos arquivos do templo de Mênfis encontravam-se esses relatos.

Os astros tinham, pois, falado aos homens do templo, e eles esperavam grandes realizações daquela pequena mulher que fazia aos quinze anos uma grande renúncia.

Thimétis despediu-se do grande mundo no qual vivera os primeiros quinze anos de sua vida, assistindo entre seu pai e sua madrasta as resplandecentes festas com que o Egito celebrava a florida primavera.

As gôndolas iluminadas, flutuando como palacetes fantásticos sobre as ondas do Nilo sagrado; as músicas de cem orquestras postas em harmonia pela magia inflexível de um hábil maestro; as dançarinas trazidas de todos os países amigos para exibir a cálida graça de seus movimentos e a riqueza de suas vestimentas; os donativos do faraó para o povo que o aclamava; o encanto da magnífica esposa e a da bem-amada filha que exercia poderosa sugestão de amor sobre o povo; tudo, absolutamente, cooperava para fazer das festas da primavera desse ano um acontecimento poucas vezes presenciado na velha capital, Mênfis, a histórica, a milenária, pela qual haviam desfilado muitas dinastias faraônicas e muitas gerações de povos e raças.

Duas poderosas correntes de pensamentos e emoções agitavam a jovem princesa real.

Uma onda trazia-lhe o pesar de todo aquele esplendor que abandonava para sempre. Uma espécie de tentadora sugestão parecia sussurrar-lhe ao ouvido: "Quão pobre de mente és que abandonas teu alto pedestal de herdeira para mergulhar entre velhos livros e velhos sacerdotes a quem seguem de perto a tristeza e a morte!"

Essa onda passava, e vinha outra, murmurando-lhe numa cadência diferente: "Feliz de ti, nova Néferi, nova Hatasu, que abandonas toda esta negra fagulha que o vento leva para abraçar-te ao que sempre vive, ao que não perece, ao eterno: o bem a teus semelhantes, a iluminação de toda a humanidade, o povoamento dos céus infinitos com almas salvas pela grande Lei trazida a este mundo pelo Verbo eterno, verdade suprema, palavra criadora, encerrada em ti como num cofre de diamantes!"

Essas duas poderosas correntes lutavam encarniçadamente no mundo interior de Thimétis, fazendo-a empalidecer de medo algumas vezes e outras vezes enchendo-lhe os olhos de jubilosas alegrias.

Ohad e Carmi, com alguns monges do templo, que com turíbulos de ouro arrojavam a fumaça perfumada de suas brasas ardentes onde queimava o incenso da Arábia, navegavam ao lado da gôndola real. Sendo videntes, perceberam claramente as duas forças em luta no mundo interior da princesa.

Um gênio tutelar de olhos celestes brilhando como estrelas na escuridão da noite tomou posição a seu lado e a envolveu em gazes azuis e brancas de transparente diafaneidade.

Uma sombra cinzenta de avermelhados resplendores se interpunha por momentos, como se brotasse do fundo escuro do rio. Então o rosto de Thimétis tornava-se pálido e um calafrio a estremecia visivelmente. Que duro tormento foi para ela a festa da primavera!

Um vento gelado começou a soprar inesperadamente do norte, como se o mar também houvesse sentido a angústia daquele coração e o faraó, por intermédio de seus arautos, deu ordem para retornar à cidade.

Duas semanas depois encontramos, leitor amigo, a princesa real Av-Ísis-Thimétis recostada em seu divã encortinado de gazes amarelas e brancas em seu salão-dormitório do castelo do lago Merik.

Ela dera valentemente o grande salto sobre o abismo que o Eterno Infinito pede às almas chegadas ao sagrado altar das grandes realizações.

Sentia-se possuída por essa calma tranqüila, cheia de pensamentos, de recordações, nos quais por momentos surgiam visões sorridentes de sonho; às vezes, uma cruel incerteza enchia-lhe os olhos de pavor.

Amram, o esposo escolhido por ela, fora elevado ao pesado cargo de go-

vernador do castelo, sob a única autoridade do sacerdote Amonthep como censor.

A fiel Enabi era a chefe das donzelas da corte. As escravas e escravos receberam carta de alforria e eram servidores com um salário convencionado.

O salão de cerimônias foi anexado ao oratório para formar o templo sob a inspiração do hierofante Membra, notário arquivista do templo de Mênfis. Este era, em miniatura, uma perfeita imitação do templo de Ísis, anexo ao grande palácio real.

A Ísis de mármore branco que sua mãe mandara esculpir em finos mármores da Itália, foi trazida em suntuosa procissão desde os aposentos de Thimétis até o velho castelo que sofreu uma grande transformação. O faraó mandou seus melhores arquitetos com seus grupos de operários para que o castelo servisse de alojamento àquela amada filha, incompreendida por ele, mas a quem os sábios do templo consideravam escolhida pelos deuses para felicidade e grandeza do país.

Esse grande amor do faraó começou a incomodar a suscetibilidade da esposa-rainha, e isso deu motivo para que o esposo rei se consagrasse em absoluto a ela, esquecendo um tanto a filha. Mais ainda quando na corte se fez público que a rainha-esposa ia ser mãe de um filho varão, segundo o aviso dos astros e dos astrólogos.

O faraó entrou num delírio de amor por sua esposa, tão exagerado, que esqueceu tudo, até a ameaça de contendas armadas com seus vizinhos, que o mantinham sempre tão alerta.

Os banquetes, que às vezes eram orgias, sucediam-se sem interrupção, e neles os brindes eram tão abundantes que o faraó saía de uma embriaguez e começava outra. Estas circunstâncias tão especiais e propícias contribuíram grandemente para que os desígnios divinos se cumprissem em Thimétis da maneira mais perfeita e feliz que se podia desejar.

Os esponsais secretos da princesa eram conhecidos só pelo pontífice e por alguns hierofantes e sacerdotes do antigo culto, como se denominavam eles mesmos no mais absoluto segredo.

As grandes verdades divinas, no começo da dinastia dos Ramsés, foram relegadas ao mais profundo e secreto das criptas do templo, naquele arca de ouro coberta pelas asas de prata da águia com rosto humano.

Ali somente o Pontífice e seu conselho dos mais adiantados hierofantes podiam penetrar.

O antigo monoteísmo herdado de Mizraim de Tânis e dos kobdas pré-históricos, era apenas uma grande recordação secreta que vivia como encerrada em tumbas invioláveis no íntimo do coração de um punhado de almas clari-

videntes, que preferiam a morte a proceder irregularmente ante a Eterna Verdade que conheciam e amavam.

A dinastia dos Ramsés, se bem que engrandeceu as cidades e metrópoles egípcias com os maiores templos e palácios, com anfiteatros e termas superiores a quanto se conheceu no mundo de então, deixou introduzir a corrupção e o erro mais grosseiro nas formas e modos mais degradantes que podem existir nesta humanidade.

O aumento exagerado da prole chegou a ser o ideal supremo dos nobres e plebeus, e o grande palácio faraônico encheu-se de esposas secundárias e de filhos bastardos do soberano, que concedeu a todos eles a alta dignidade de príncipes com domínios sobre determinados distritos do vasto país e, mais grave ainda, com o direito de tomar por gosto ou pela força os bens e as donzelas que quisessem para seus fins.

Nessa época, o sacerdócio já havia perdido a grande autoridade que teve sobre a conduta dos soberanos egípcios, aos quais poderia destituir quando favoreciam ou propiciavam o erro e a corrupção de costumes. Esta circunstância era a que punha uma mordaça de ferro nos grandes hierofantes de Mênfis, que esperavam a volta aos velhos tempos. Feita esta explicação, compreenderá o leitor por que o pontífice e os sacerdotes de Mênfis estavam totalmente do lado de Thimétis, última esperança de um ressurgimento das eternas verdades e das grandes leis que foram luz e vida para o Egito milenário.

Todavia, Thimétis, em parte sem saber o que a sua pequenina pessoa significava para a grande causa da Verdade e da Justiça, deixou-se mergulhar numa triste saudade nos primeiros dias de sua reclusão no solitário castelo.

Nem o amor de Amram nem a amorosa solicitude de que se via rodeada conseguiam espantar a sombria tristeza que punha lassidão em seus movimentos e melancolia em seus olhos.

A grande renúncia parecia ter deixado ferido o seu coração para sempre.

Thimétis duvidava. Vacilava. Seu amor por Amram era verdadeiro ou ilusão? Podia confiar-se a ele em absoluto? Era verdadeiro o amor daquele modesto e belo cavalheiro que a olhava com reverência e adoração? Ou um vil interesse disfarçado, ou uma alucinação nascida do trato freqüente e forçado na sua qualidade de joalheiro?

Seu amor por ele parecia diluir-se como suave recordação numa parte remota, acinzentada e opaca que se perde a distância.

Até que um dia, ele, angustiado e suspeitando a luta interior de Thimétis, pediu por intermédio de Enabi uma audiência a sós com ela.

Quando esta lhe foi concedida, Amram aproximou-se dela e, dobrando um joelho como quando estava no grande palácio de seu pai, falou assim:

— Senhora! Se estás pesarosa do amor que te fez chamar-me de esposo,

ausentar-me-ei para sempre de teu lado e nunca mais voltarás a sentir a inoportunidade da minha presença.

Ao levantar ela os olhos para olhá-lo, viu a seu lado um menininho formoso a sorrir, estendendo-lhe os bracinhos e dizendo numa meia linguagem, encantadora:

"— Já não me queres mais, Thimétis! Esqueces a promessa de trazer-me para o teu lado para semearmos juntos as roseiras de ouro de Ísis?"

Como que atendendo à súplica contida nestas palavras do menino, apareceu diante dela uma Ísis viva e radiante que a envolveu num caloroso abraço, terníssimo, ao mesmo tempo que lhe dizia:

"— Sou a Mãe eterna de todas as mães dos missionários da Verdade que vêm a este mundo! Pesa a ti haver sido escolhida para mãe da divina Luz feito homem?"

— Não! — gritou Thimétis sem poder conter-se e caindo sem sentidos no divã onde estava sentada.

Nem Amram nem Enabi e as outras donzelas que acudiram puderam compreender o que ocorria à pobre Thimétis.

Somente ela havia assistido a essa maravilhosa cena do plano espiritual superior.

Tão-só a seu ancião mestre Amonthep confiou ela o que lhe ocorrera. Somente ele pôde compreender a tremenda luta interior daquela adolescente de quinze anos ante a imensa responsabilidade da missão para a qual fora escolhida.

— Quem era aquele resplendor vivo que, como uma chama azulada com reflexos de ouro, me apareceu enquanto Amram soluçava ajoelhado diante de mim? — perguntou a seu mestre a princesa Thimétis.

"Quem era aquele menininho que me sorria estendendo-me os braços e recordando-me promessas que eu não me lembro de ter feito?" — voltou a perguntar, toda cheia de ansiedade.

— Tudo isso vais sabê-lo, minha filha, nos estudos que vais iniciar — respondeu Amonthep. — Contudo, como não quero que sofras por não receber uma resposta, algo te explicarei hoje. Não penses que se trata de um milagre, como chamais em geral a um fato cujo alcance não compreendeis.

"Milagre seria a quebra das irrevogáveis leis divinas. O Eterno Poder Criador não transforma nem corrige suas obras, porque todas elas são perfeitas.

"A única verdade é que existem em determinadas regiões ou planos do universo forças latentes e vivas que obedecem aos pensamentos dos seres capazes, por seus conhecimentos superiores, de ordenar a realização desses fatos prodigiosos ou, melhor dizendo, extraordinários. Um desses fatos é a visão que se te apresentou na forma que sabes.

"A visão do menino que encheu teu coração de amor é o que será um filho teu, único, porque é o enviado da eterna energia para dar um novo impulso a esta humanidade estacionada na vida dos sentidos físicos, como se tão-somente de matéria estivesse formado o ser humano.

"O outro grande ser que se chamou 'Mãe eterna', para nós é Ísis, porque com esse nome nos aproximamos de uma parte dessa Suprema Energia Criadora e Diretriz dos mundos. Outras doutrinas de segredos divinos lhe dão outros nomes, segundo sua forma de expressão e linguagem. Deves saber que no mundo espiritual não existe o sexo, como nos organismos físicos dos mundos carnais.

"Ali não há homens nem mulheres, mas Inteligências. Almas sem corpo físico. Se ela te disse: 'Sou a Mãe eterna de todas as mães dos missionários da Verdade que vêm a este mundo', é por esta razão:

"Todos os messias que regem e governam este e os outros sistemas planetários visíveis da Terra foram tirados do seu estado primitivo, de 'algas marinhas com vida e alma', por aquele que eles chamam de grande pai Sírio. Desse estado primitivo ele os seguiu em sua evolução ascendente durante longas idades, kalpas, ciclos, séculos e anos, até fazê-los chegar, por seu próprio esforço, às esferas de Luz onde já não se desce nunca, jamais, à carne. São messias portadores da eterna lei aos mundos que foram confiados à sua guarda. Esse grande pai Sírio, como eles o chamam, não é um homem. Não tem corpo físico. É somente uma inteligência mais radiante que um sol, e o mesmo tanto pode ser chamado pai como mãe porque uma ou outra denominação tem o mesmo significado: gerar, criar, dar vida. A ti, que serás mãe de um Enviado Divino, ela aparece como Mãe eterna para proteger-te, para inundar-te de amor, de todo o amor, da compreensão e da luz que hás de necessitar para cumprir a tua gloriosa maternidade.

"Compreendeste, minha filha, o sublime mistério encerrado na tua missão? Compreendeste o alcance e a magnitude da renúncia que fizeste de todas as coisas vãs do mundo, para consagrar tua vida à Luz Divina feita homem, que virá à Terra por teu intermédio?"

Thimétis caiu de joelhos com as mãozinhas juntas sobre o peito em adoração a essa Suprema Grandeza, que na pequenez de sua vida de débil criatura humana a tomava como instrumento de um tal prodígio. Thimétis não tinha palavras para expressar o que pensava e sentia.

Amonthep chamou o entristecido Amram, que já preparava sua equipagem para fugir de Thimétis com seu velho pai para refugiar-se na pobre cabana de rochas, lá no vale das Pirâmides e das tumbas reais.

— Que fazes, Amram? — perguntou o sacerdote.

— Desfaço a imprudência cometida. Que louca ousadia, senhor, a de unir minha pobre vida à da ilustre filha do faraó, o rei dos reis!

"Estive louco!... Estive louco!..."

O bom ancião tirou-lhe das mãos os cordéis com que amarrava os fardos e embrulhos, anúncio de uma partida definitiva e absoluta.

— É agora que estás agindo como um desequilibrado mental, eu te asseguro, infeliz moço! — disse o ancião. — Julgas acaso que podes mudar a teu bel-prazer os desígnios do eterno infinito, quer o chames de Jehová, segundo o teu credo, ou Atman, Osíris, Amon-Rá, Ágnis, Zeus, segundo o sentir de outros buscadores da Verdade? Como estás equivocado, meu filho!... Como estás enganado!

— Mas, então... que hei de fazer? Como escapar desta espantosa engrenagem de rodas de moinho que estão triturando o meu coração como se fosse um grão de trigo? — gritou com indizível desespero o jovem levita, que na verdade via fechados todos os caminhos.

— Teu lugar é aqui e tão-somente aqui! — disse Amonthep com firmeza. — Não estás na casa da esposa que aceitaste? Teu pai não abençoou tua união com toda a autoridade que lhe concedem as leis dos países civilizados?

"Acaso não a amas? Acaso ela não te ama, ela que, saltando sobre o abismo social que a separa de ti, apertou tua mão de companheiro e de esposo para toda a vida?

"É assim que cumpres, homem da estirpe de Abraão, os compromissos de honra contraídos voluntariamente? Se amas outra mulher mais que à tua, arranca de teu corpo esse coração de adúltero porque mais vale viver sem o coração que levar no peito uma serpente em vez de coração!..."

Aniquilado pela formidável irradiação de cólera que emanava como cem flechas de fogo do velho sacerdote, Amram sentiu que o pavimento afundava sob seus pés. Uma vertigem de loucura e de terror o mergulhou em densa escuridão e caiu como uma massa inerte aos pés de Amonthep, que não teve tempo de recolhê-lo em seus braços.

O velho sacerdote do templo de Mênfis havia compreendido que uma perversa inteligência destruidora das obras de Deus dominava o jovem levita, e lutava com raivosa ferocidade para desviá-lo de um caminho marcado há longo tempo pela Lei, e com sua livre vontade e consentimento. Compreendeu, igualmente, o ancião que só provocando uma forte reação nele podia livrá-lo da poderosa força negativa que o mantinha encarcerado.

Com pesar no seu velho coração, que muito o amava, falara-lhe de maneira tão dura.

O velho sacerdote precipitou-se sobre o corpo exânime do jovem e banhou o seu rosto inanimado com seu pranto.

— Pobrezinho! — exclamou chorando o desconsolado ancião. — Por que tua cegueira espiritual me forçou a açoitar-te com um chicote, quando havia mel em meus lábios e bálsamo de piedade no meu coração?...

Fazendo-o aspirar essências com beberagens reconfortantes, fê-lo voltar a si e, como se achavam na antecâmara da princesa, mandou chamá-la e, quando o enfermo devia despertar, viu-se sozinho com ela velando-lhe o sono.

Antes de retirar-se, Amonthep pronunciara com solene acento estas palavras: "O que o Deus-Amor uniu, ninguém pode separar."

Quando Thimétis viu que Amram se levantava, disse:

— Estás doente, meu esposo. Eu também estive; mas tu e eu devemos um ao outro o cumprimento de uma aliança solene, e um dever mais grave e mais solene ainda.

"Por vontade do faraó e minha, és o governador deste castelo e de quanto a ele foi anexado.

"Por vontade superior, inclinaram-se nossas vontades uma para a outra, livremente, sem pressão e sem violência. O que a Suprema Vontade ordena e nós livremente aceitamos está feito para sempre.

"Pesa a ti o dever?"

— Não, princesa real do Egito.

— Não me chames nunca mais com esse nome quando ninguém está nos ouvindo. Diante de ti eu não sou a princesa real do Egito, mas simplesmente Thimétis de Mênfis, onde nasci, filha de Epúvia Ahisa.

"É verdade que o nosso matrimônio deve ser um segredo para todos. O mistério nos rodeia e nos envolve. Mais forte que a morte é o amor que nos uniu, e que viverá em nós até mais além do sepulcro. Amas-me, Amram, como eu te amo?"

O jovem ajoelhou-se a seus pés e, dobrando o rosto sobre seus joelhos, começou a chorar em grandes soluços. Thimétis também chorava e seu pranto molhava a cabeça ruiva de Amram.

Por fim ela desprendeu do peito um pequeno camafeu de ouro com sua cabecinha coroada de lótus e no qual estava gravada esta inscrição em hieróglifos do templo: "Para sempre", e prendeu-o sobre o peito de Amram.

Os anjos de Deus, únicas testemunhas desta cena, devem ter entoado o hino sagrado com o qual nos céus são celebradas as núpcias ordenadas e abençoadas pela Suprema Lei que dirige a evolução dos Mundos e das Humanidades.

Osarsip, o Misterioso

No ano seguinte aos acontecimentos que acabo de narrar, ocorreu de modo inesperado o falecimento do faraó Seti Ramsés I.

Havia-lhe nascido o filho varão tão ardentemente desejado, ao qual chamaram Amenhepat, nome ao qual, com a morte do pai, devia ser acrescentado o de Ramsés II.

A celebração deste nascimento adquiriu proporções tão exageradamente suntuosas e, mais do que isso, tão lúbricas e sensuais que bem podiam ser classificadas de orgias e bacanais.

Os mais velhos diziam escandalizados:

"Nunca se viu coisa semelhante no palácio de nossos reis."

O faraó e seus grandes magnatas, cortesãos e príncipes, em completa embriaguez, dançavam com as bailarinas contratadas por dinheiro para divertir o povo.

Os excessos de toda ordem de tal modo afetaram o soberano que dias depois ele falecia vítima de uma congestão cerebral.

Tendo o herdeiro apenas trinta dias de idade, sua mãe e o Conselho de Ministros encarregaram-se do governo da nação.

Rigoroso luto foi guardado em todo o país durante os sessenta dias do embalsamamento do cadáver, passados os quais, em grandiosa procissão de tochas, foi conduzido o sarcófago de mármore negro com a múmia do faraó, ao grande Panteão de Seti, seu pai, no Vale das Tumbas Reais.

Enquanto ocorriam todos estes acontecimentos em Mênfis, e a nação se entregava aos milhares de comentários, bem compreensíveis diante de fatos semelhantes, o castelo do lago Merik e a nobre dama que o habitava foi quase completamente esquecido.

Ela vivia em outro mundo e também com grandes novidades.

Antes de referi-las, o leitor permitirá que eu dê uma ligeira explicação.

O lago Merik, em cuja azulada superfície refletia-se o castelo com suas graciosas torres e o bosque de obeliscos e de palmeiras que o rodeavam, era como um afluente do Nilo alimentado por meio de um largo canal navegável, aberto propositadamente para formar aquele pitoresco remanso que a solicitude da rainha Epúvia Ahisa havia povoado de garças, cisnes, gaivotas e peixes das melhores espécies.

A morte dela, ocorrida pouco depois do nascimento de Thimétis, fazia o castelo aparecer como abandonado e em ruínas.

Rodeava-o o deserto, equivalendo dizer que a solidão e o silêncio absolutos somente eram interrompidos pelo grasnar das gaivotas, o galopar gracioso e

febril dos antílopes, o vogar dos cisnes e das garças sobre as mansas ondas. Era esta a paisagem contemplada por Thimétis ao cair da tarde desde os terraços do castelo, ou também às vezes passeando com suas donzelas pelas margens do lago.

Ela escondia um segredo no mais secreto e afastado lugar de seus aposentos particulares.

Segredo só conhecido por Amram, Amonthep, Enabi e Jacobed, irmã do jovem levita.

Thimétis era a mãe feliz do filho anunciado pelos sábios sacerdotes do templo de Mênfis. O menino contava apenas cinqüenta dias de vida, que passava dormindo. No entanto, era difícil continuar guardando esse segredo por mais tempo e se fazia necessário tomar uma séria medida.

— Aceitarei tudo — disse ela —, menos que ele seja afastado de mim, tão pequenino como é.

"Deixa-me pensar — acrescentou —, que Ísis me dirá em sonhos o que hei de fazer. Não me disse Ela que é 'Mãe eterna de todas as mães dos missionários da Verdade vindos a este mundo?...' "

Na manhã seguinte, apenas despertou, a princesa disse a Enabi:

— No sonho desta noite Ísis me disse o que devo fazer com meu menino.

— Oh, que disse, senhora!... porque alguns dias mais e não poderemos impedir que seja ouvido o choro deste querubim.

"Posso saber o que ela lhe disse?"

— Ouve-me! Faz um calor quase insuportável, não é verdade?

— Oh... muito!

— Pois bem, anuncia às minhas donzelas que antes do anoitecer iremos banhar-nos no lago. Chama Jacobed, e nós três forraremos com pele de antílope o bercinho dos primeiros dias de Aarão.

"É só madeira e vime, sem luxo algum, e assim convém para os meus fins."

— Que pensais, senhora, por favor? Ides afogar o pequeno?

— Não sejas louca. Deixa-me falar. Não deu o novo governo decreto de morte aos varõezinhos de Israel? Pois bem, meu pequeno é um filho de Israel condenado à morte e sua mãe o arroja ao rio para cumprir a ordem.

"Eu vou com minhas donzelas para banhar-nos. Nós o vemos, eu o recolho e já está tudo feito.

"Com a crescente desta noite o lago está transbordante. As águas do canal correm com força. Não se pode pensar que a corrente o trouxe até aqui?"

— Sois admirável, senhora!... Bem se vê que a divina Ísis vos assiste no sonho.

— Vai preparar tudo, mas antes chama nos seus aposentos o mestre e anuncia que preciso falar-lhe.

"A Amram chamarei eu mesma." Thimétis deu três golpes no gongo de prata que tinha a seu lado, e Enabi saiu.

O velho sacerdote e Amram ficaram assustados com a resolução de Thimétis.

Não seria um perigo de morte para o menino?

Seria aceito como verdadeiro o estratagema?

Não pretenderia o governo arrebatar o menino por ser de Israel?

A todas estas perguntas a princesa respondia com plena segurança:

— Quando Ísis me disse isto em sonhos, é porque assim devo fazê-lo. — E assim foi feito.

O bercinho de vime que o pequeno Aarão já não usava foi alcatroado por fora e atapetado de couro por dentro. Quando as pessoas do castelo se preparavam para a refeição da tarde, Amram e Jacobed levaram um pequeno fardo ao bambual do canal, de onde a mansa corrente conduziria o bercinho salvador para as tranqüilas águas do lago.

Caía a tarde, e Thimétis com suas damas desceu a escadaria do castelo para tomar seu banho.

Grande foi seu estupor ao não encontrar entre as ondas o seu tesouro. No entanto Enabi, que seguira com o olhar a Jacobed e Amram que iam ao bambual no qual desembocava o canal no lago, disse imediatamente:

— Senhora, o sol ainda está muito quente aqui. Vamos até o bambual que nos proporcionará sombra.

Um olhar inteligente fez a jovem mãe alarmada compreender o que sua favorita queria indicar.

As donzelas correram para lá com o tapete e as cobertas que Thimétis necessitaria, e uma delas gritou imediatamente:

— Um menino afogado! Um menino afogado!

Aos gritos, acudiram Amram e outros servidores do castelo. Vários homens entraram na água e o bercinho prisioneiro do bambual foi levado perante a princesa.

Finalmente, a mãe não pôde manter a serenidade e, caindo de joelhos ante o menino adormecido, começou a chorar em grandes soluços.

— Não está afogado, senhora, não está morto — disseram. — Não vês as cores do seu rostinho, que parece uma flor de romã?

— Deve ser um filho dos de minha raça que estão condenados à morte — disse emocionado Amram.

— Pois juro por Ísis que este não morrerá — disse a princesa levantando o menino adormecido.

"Terão que matar-me se quiserem matar o menino. Na presença de todos vós declaro que o adoto como filho e que defenderei sua vida com a minha vida."

Amram, com seu silêncio, dissimulava sua intensa emoção.

— Os deuses o salvaram das águas, e é este um filho dos deuses — disse o ancião Amonthep.

— Chamar-te-ei Osarsip — acrescentou a princesa — porque tu o disseste, mestre, "salvo das águas".

— É verdade!... Oh, é verdade! — exclamou o ancião. — Osarsip na linguagem do templo significa isto: "salvo da água."

"Grande mistério se encerra certamente neste menino.

"Se os deuses lhe conservaram a vida, será com um grande desígnio para o bem deste mundo."

Como o pequeno pesasse muito para que Thimétis o levasse até o castelo, aproximou-se Amram e lhe disse:

— Se não vos opondes, princesa real, levá-lo-ei até o topo da escadaria. — Thimétis entregou-lhe o menino em silêncio. A emoção de ambos era profunda. Houvera sido possível sentir a pulsação do coração de ambos. Entretanto, tudo se diluiu no silêncio daquele anoitecer. Os melros azuis do Egito cantavam entre as palmeiras a última canção do dia e, no diáfano azul dos céus, resplandeciam as primeiras estrelas quando Av-Ísis-Thimétis, princesa real do Egito, entrava no castelo do lago Merik com o filho nos braços.

Nessa noite, levantaram-se brindes pelo menino salvo das águas e não faltou algum comentário secreto de que o menino pudesse ser um filho do governador do castelo, que era hebreu de raça, não obstante egípcio de nascimento.

Este pensamento se desvaneceu momentos depois, quando o próprio Amram pediu a todo o pessoal do castelo que, em atenção à princesa que adotava o menino como filho, não divulgassem o fato até passado algum tempo, o suficiente para que fosse esquecido o extraordinário acontecimento.

Nos mais secretos arquivos do templo de Mênfis, o nascimento foi anotado tal e conforme a verdade:

"No castelo do lago Merik nasceu no dia dezessete do mês doze do ano, Osarsip, filho de Av-Ísis-Thimétis, princesa real do Egito, filha de Seti Ramsés I, rei dos reis, filho do faraó Seti Amon; e de Epúvia Ahisa, filha do grande sfaz da Mauritânia.

"Seu pai é Amram, filho de Eleazar, da tribo de Levi, da raça de Abraão, com carta privilégio do faraó para serem considerados nativos do Egito."

Apareciam, firmando a ata do nascimento: Amonthep, sacerdote do templo de Mênfis; Aton-Mosis, médico da casa real; Enabi de Gohn, dama de com-

panhia da princesa real; Amram, pai do menino; Jacobed, sua irmã, ama de governo do castelo do lago Merik; Av-Ísis-Thimétis, princesa real e mãe do menino.

"Revisado e comprovado devidamente, Ohad de Sais, notário-mor. Carmi de Heliópolis, escriba do templo de Mênfis. Pthamer de Thebas, pontífice do templo de Mênfis."

A rainha, com seu duplo cargo de regente-mãe do pequeno herdeiro, pouco ou nada se ocupou do que poderia ocorrer no lago Merik.

Nula em absoluto em questões religiosas, tampouco deu atenção ao que ocorria nos templos egípcios de seu tempo, pois toda a sua capacidade estava ocupada nos interesses materiais do governo, de seu filho e de sua família, da qual procurou rodear-se, fazendo vir da Sicília mestres de todos os ramos do saber humano que preparassem uma escola no estilo da grande Academia de Siracusa para fazer de seu filho, no futuro, um faraó que ultrapassasse em poder, sabedoria e riqueza todos os soberanos chamados grandes no mundo de então.

O Conselho do Governo havia dado ordens restritivas para todas as colônias estrangeiras residentes no país como medida de prudência para evitar o caso de algum invasor comprar com ouro a cooperação delas em caso de guerra.

Sendo a raça de Israel, os abranitas como habitualmente os chamavam, os que em maior número povoavam muitos nomos ou distritos do país, foram afetados mais diretamente pelas medidas de previsão tomadas pelo governo.

Na época do nascimento de Moisés, estas medidas não revestiam o caráter duro e cruelmente rigoroso que tomou anos depois, quando Ramsés II empunhou o cetro de seu reinado.

A princesa Thimétis julgou oportuno fazer desse decreto um meio de esconder a filiação do menino e, com isto, deitava um véu impenetrável sobre sua união matrimonial com um homem que não era de sua estirpe nem sequer de sua raça.

A questão do "sangue azul" foi sempre a maga negra de todos os chamados "nobres", que tiveram a audácia de se enamorar de seres que, segundo a velha prevenção, não tinham em suas veias o "sangue azul", que os tornava superiores a todos os seres da Terra.

Contudo... já está dito nas escrituras sagradas de todos os cultos, e avivado como uma chama pelo verbo de fogo do profeta Isaías, tão nosso conhecido:

"Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos — disse Jehová — nem os meus caminhos são os vossos caminhos."

A Eterna Energia, Luz, Vida e Conhecimento não forja a rede de ouro e diamantes de seus desígnios divinos baseando-se no sangue azul, vermelho,

negro ou verde, nem em raças nem em países nem em grandezas materiais, perecedouras e efêmeras, que nada significam para a evolução das humanidades e dos mundos, se não estão de acordo com as leis inquebrantáveis do Universo, templo único em que Ela vive, alenta e palpita por toda a eternidade.

A Eterna Energia selou com soberana Vontade a aliança de duas Inteligências despidas de matéria: Thimétis e Amram, para serem os instrumentos materiais da vinda do Verbo-Luz ao plano terrestre. Que importava ao Eterno Infinito, Potência suma de toda a vida, que ela fosse filha de um faraó e ele um humilde joalheiro, um trabalhador do povo de Israel?

"Meus pensamentos não são os vossos pensamentos — disse Jehová — nem os meus caminhos são os vossos caminhos."

Três anos depois, o filho adotivo da princesa Thimétis era reconhecido pela rainha regente e seu Conselho de Governo como um príncipe do Egito, em agradecimento à absoluta renúncia da princesa real a seus direitos ao trono.

Uma segunda grande renúncia da mãe heróica dava ao filho Verbo-Luz, todas as facilidades para cumprir amplamente sua divina missão. Ele herdava todas as riquezas de sua mãe adotiva, gozava de todas as prerrogativas de sua elevada estirpe e para ele não havia nenhuma porta fechada. A única coisa que ele não podia era herdar a coroa e o trono do Egito.

Essa renúncia da princesa Thimétis foi um absoluto segredo de Estado, completamente ignorado pelo povo.

A regente e seu conselho conheciam demasiado o amor do povo egípcio pela única filha da rainha Epúvia Ahisa, providência vivente das classes despossuídas, dos estrangeiros e dos escravos.

Ao povo se fez crer que a princesa, por sua própria vontade, se consagrava aos estudos no templo e à direção de uma grande Academia de Artes e Ciências, para dotar a mulher egípcia de habilidades que a fizessem bastar-se a si mesma.

Além do mais, a regente e seu governo encarregaram a princesa real da beneficência pública e, portanto, era a ela a quem deviam dirigir-se os necessitados de auxílio do governo. Formou-se, para este fim, um conselho de dez intendentes, que, sob a direção da princesa Thimétis, estariam encarregados da Assistência Pública.

A regente desenvolveu todo o seu gênio político, não precisamente no interesse do povo, mas com o fim de manter a princesa e seu filho ocupados unicamente do bem do povo, e não pensassem jamais no trono e na coroa, que era o que a ela interessara sempre.

Aconselhada pelo pontífice e seus grandes hierofantes, Thimétis acedeu a todas essas graves designações do governo que sucedeu a seu pai.

A Sabedoria com que a Eterna Lei ordena e encadeia os acontecimentos favoráveis a seus desígnios divinos, utilizou, digamo-lo assim, a desmedida ambição da regente e de seu conselho para que eles fossem realizados.

Enquanto se tecia esta imensa rede político-social no país do Nilo, sigamos, leitor amigo, o pequeno Osarsip que, inconsciente na sua primeira infância de quanto se movia nos céus e na terra com relação à sua pessoa, passava seus dias na ala direita do castelo, entre os carinhos do velhinho Eleazar, o companheirismo infantil de Aarão, doze meses mais velho que ele, a guarda vigilante de Jacobed e o grande amor de sua mãe, ainda que dissimulado por uma discreta prudência que custava o duro sacrifício de uma renúncia permanente.

A Luz Eterna, nossa grande confidente, permite-nos folhear ligeiramente o álbum branco com broches de prata que existia sobre a mesinha de ébano onde Thimétis estudava, lia, meditava e, às vezes, chorava...

Tudo escrito em hieróglifos, tal como o usavam os homens da corte real e os homens do templo. Traduzido, dizia assim, começando pelo título inicial:

Eu sou

"Eu *sou* a que nasceu filha de reis e fugiu da grandeza real.

"Eu *sou* a que nasceu nos degraus do mais poderoso trono da Terra e, como uma rolinha das montanhas, se refugiou na cavidade de um penhasco.

"Eu *sou* a que o mundo chamou 'estrela de todos os reinos da Terra', e como andorinha assustada se esconde numa velha torre para cuidar de seu ninho de amor.

"Eu *sou* a que tudo deixou por um amor escondido a todos os olhos, porém vivo e ardente como uma chama no coração.

"Eu *sou* a esposa amada e amante, e separada perante o mundo do esposo que escolheu.

"Eu *sou* a mãe de um filho adorável porque é a Luz feita Homem, e não hei de chamá-lo 'filho' nem ele deve chamar-me 'mãe'..."

Aqui terminava a primeira página do álbum branco da princesa Thimétis e terminava com uma borrão de lágrimas, que parecia sangue de um coração ferido, porque toda a escrita estava feita com múrice púrpura. Debaixo desse borrão de pranto, aparecia outra escrita com sinais grossos e grandes dizendo:

"Os escolhidos para as grandes realizações divinas são o incenso que se queima no altar sagrado do Ideal. Amonthep."

* * *

Osarsip era tão pequeno que nada percebia da dor daquele coração de mãe que não podia chamá-lo de "filho".

Os aposentos de Thimétis comunicavam por um escuro corredor com os ocupados pelos seus familiares. Seu quarto de vestir tinha uma ogiva gradeada

de cobre por onde ela observava o pátio de diversões, onde os dois meninos corriam alegremente.

Aquele gradil de cobre recebia diariamente os suspiros, as lágrimas e os beijos que a amorosa mãe dedicava ao filho, o pequeno Osarsip, que vez por outra olhava para ela com seus olhinhos assustados e corria a se esconder. Era a princesa real... algo assim como o sol que às vezes queima e castiga com seus raios de fogo...

Quando as sombras da noite caíam como um manto protetor sobre todas as coisas, Thimétis atravessava o escuro corredor e, chegando como uma sombra à caminha de Osarsip, ajoelhava-se junto a ela e aproximava sua cabeça coberta com uma touca de seda branca da cabecinha adormecida entre seus crespos cabelos castanhos e o branco linho das roupas em desordem.

Quando os dois meninos, Osarsip e Aarão, completaram seis anos, deviam começar os estudos, e então Thimétis encurtou as distâncias, e a aula para os meninos foi numa sala anexa à sua ante-sala.

Ela seria a primeira mestra, e Ohad, Carmi e Amonthep a secundariam na tarefa.

A emoção da mãe cada vez que o menino a saudava dobrando um joelho em terra e dizendo-lhe:

"— Os deuses te guardem, princesa real", só pode ser compreendido por outra mãe colocada na mesma situação.

Ela dava-lhe a beijar a mão, e quando não havia testemunhas à vista, permitia-se beijá-lo na testa.

* * *

Nas graves conversações que a princesa tinha com seus mestres chegara a conhecer as irrevogáveis e eternas leis a que está submetida a centelha divina chamada alma humana.

Thimétis sabia que as inteligências ou almas chegadas com seu próprio esforço a uma avançada evolução, são enviadas aos mundos físicos como missionários ou instrutores para impulsionar para diante as humanidades que os habitam. Como nunca é enviado um único, mas em legião, compreende-se que o mais adiantado de todos eles era o hierarca, chefe ou suprema autoridade daquele avançado, heróico e glorioso agrupamento.

Sabia também Thimétis que no Egito havia descido uma legião de enviados divinos entre os quais estava ela mesma, Amram, seus mestres, o pontífice e seu conselho de hierofantes, e talvez muitos outros mais que, no seu devido tempo, haveriam de manifestar sua presença.

Quando por vezes lhe haviam dito: "Foste escolhida para mãe da Luz feita Homem", Thimétis julgava compreender que em seu filho estava encarnada essa Luz.

Pouco a pouco, seus mestres foram revelando-lhe os segredos que escondiam Ísis sob seu manto e seu silêncio impenetrável.

Quando eles compreenderam que Thimétis estava preparada para saber tudo, ocorreram duas circunstâncias: Osarsip completava sete anos e, no gabinete de estudos da princesa, apareceu uma tela pintada a óleo representando uma Ísis de tamanho natural tendo o véu levantado e deixando ver seu belo rosto extático ante o resplendor de uma grande luz que vinha de um distante abismo azul. Essa Ísis já não tinha o dedo sobre os lábios em permanente ordem de silêncio, mas mantinha na mão direita uma exuberante rosa amarela, símbolo da Sabedoria com que obsequiava seus escolhidos.

No antigo Egito dos hierofantes sábios, tudo era símbolo e mistério.

Nas criptas dos templos, as ciências chamadas ocultas estavam escritas em sinais sobre as paredes e as colunas.

Os mestres disseram à princesa real:

— Esta tela é o nosso presente porque Osarsip completou sete anos de vida terrestre. Ísis levantou o véu. Ísis já não nos manda calar com o dedo posto sobre os lábios.

— E com isso, que me quereis dizer? — perguntou ela.

— Que agora podemos dizer-te tudo a respeito de teu filho.

— Mais ainda além de tudo quanto sei e de quanto padeço? — interrogou ela com espanto em seus olhos.

— Não há mais padecimentos, a não ser mais glória.

E o velho Amonthep iniciou sua prática de instrução:

— Teu pequeno Osarsip "deixou de ser Osarsip" desde ontem na metade da noite. Não me olhes com esse medo, princesa real.

"Teu filho é teu filho e ninguém pode tirar de ti a glória da tua maternidade.

"Faltava a ti saber ainda este segredo que Ísis nos permite revelar.

"Teu Osarsip é, agora, a Luz feito Homem. Sabes quem foi Juno e Numu, na Lemúria. Anfião e Antúlio, na Atlântida. Abel nos vales do Eufrates, e Krisna no Decan meridional. Hoje é a glória para o nosso Egito e as vozes do templo o chamarão Rá-Moses, que significa 'Sol da Noite'.

"Na noite tenebrosa que envolve esta humanidade, será ele como o sol que ilumina todos os caminhos.

"Não te assombres, pois, filha de Epúvia Ahisa, se o menino não corre nem grita nem brinca mais. Não te assustes ao vê-lo sentadinho num banco de teus jardins, com o olhar perdido ao longe, mergulhado em pensamentos que não podes adivinhar. Não é enfermidade, mas deslumbramento. Não é febre, mas anelos supremos. Não é medo nem zanga, mas o começo das perguntas que sua inteligência faz à medida de seu despertar. Rá-Moses entrou em sua casa terrestre e trata de se orientar nela. Se alguma vez o vedes chorar, não te alarmes. É somente nostalgia do seu céu. É a tristeza de um longo

desterro. É a grande solidão da águia soberana pairando em alturas onde nenhuma ave pode chegar.

"Faltar-lhe-á companhia, é verdade, mas que não lhe falte, por piedade, a compreensão dos que o seguem a distância!...

"Compreendeste o grande segredo que Ísis hoje te descerra, levantando diante de ti seu véu, afastando o dedo do silêncio de seus lábios, e te oferecendo a rosa de ouro da iluminação divina?"

— Eu o compreendi, sim! — exclamou a princesa real com voz trêmula, e uniu seu rosto banhado em pranto à mão na qual tinha a rosa de ouro a formosa Ísis pintada na tela.

O silencioso pranto devolveu-lhe a calma e a quietude interior que o grande segredo tinha alterado.

Amonthep havia saído e, pouco depois, voltou trazendo Osarsip pela mão.

O menino aproximou-se da princesa e ajoelhou-se diante dela.

— Eu te quero de pé — disse ela levantando-o. — Assim te vejo melhor. Quem te pôs esta túnica de linho branco?

— O mestre Amonthep.

— Por quê?

— Porque deixei de ser menino vestido de cores e agora sou aspirante à sabedoria, que é a claridade perfeita.

Thimétis não pôde conter-se e estreitou o menino a seu coração. Não foi senhora de evitar que duas grossas lágrimas denunciassem sua emoção.

— Se choras porque deixei de ser menino, não posso voltar atrás, princesa real — disse Osarsip profundamente comovido.

— Estás tão bonito com tua vestimenta branca, meu filho, e é a felicidade que me faz chorar. Agora serás aluno da Escola Sagrada e contigo e Aarão assistirei às aulas.

O menino beijou a mão da princesa real e retirou-se com Amonthep do gabinete de estudo.

O Estudante

O pontífice Pthamer consagrou a Ísis o templo anexo ao castelo do lago Merik logo que ficou devidamente decorado e embelecido com todas as exigências da arte egípcia, tão pródiga em símbolos.

O teto era um céu azul-turquesa resplandecente, um perfeito mapa de astronomia, com a elíptica do zodíaco, as constelações que a interceptam e seu esplêndido sol central lavrado em cristal de rocha, através do qual uma lâmpada de azeite acesa dia e noite dava uma luz dourada ao tranqüilo e belo recinto.

Doze colunas repartidas em duas fileiras dividiam o grande salão de cerimônias em três naves.

De coluna a coluna, enormes cortinados de damasco amarelo dividiam os recintos de tal forma que as três naves ou galerias ficavam independentes uma da outra.

A do centro era destinada à oração mental, ou trato íntimo com os gênios protetores chamados "deuses". A da direita, destinada à aula primária; a da esquerda, era a aula superior.

Em painéis murais estavam gravados o alfabeto egípcio, o fenício, o hebreu, o caldaico, o árabe e o grego.

No pórtico da entrada, aparecia no teto o mapa do mundo então conhecido e, nos quatro cantos, quatro quadrados de mármore, um branco, outro negro, outro amarelo e o quarto vermelho, simbolizando as quatro raças humanas conhecidas nessa época.

O dia da consagração e habilitação definitiva fora celebrado quando Osarsip completava três anos de vida física.

Levado pela mão pela princesa real, o menino percorrera todo o templo seguindo o pontífice e seus hierofantes que conduziam a pequena arca de ouro destinada a guardar os Livros Sagrados, como chamavam aos mais elevados e secretos ensinamentos, leis, ordens, crônicas, tudo cópias do arquivo milenar que era guardado no templo de Mênfis.

Osarsip, demasiado pequeno, ficara profundamente adormecido quando durante os hinos sagrados foi sentado numa poltrona ao lado da princesa real.

Toda essa solenidade não era senão uma recordação sagrada para todos, uma grande recordação que perdurou na mente de todos por muitíssimo tempo.

Os hierofantes tinham visto Ísis viva e radiante envolvendo a princesa e o menino em seu grande véu celeste, enquanto apareciam em letras de fogo estas palavras: "Sou a Mãe Eterna de todas as mães dos missionários divinos que vêm a este mundo."

Era a mesma visão que anos antes, na hora decisiva do grande salto sobre o abismo, aparecera à princesa real.

Os que não perceberam a visão sentiram uma fresca brisa perfumada de rosas a se espargir como hálito divino que enchia todo o sagrado recinto. Os que ignoravam o grande segredo pensavam e diziam: — "Os deuses tutelares

do Egito estão com a princesa real, com o pontífice Pthamer, com os hierofantes, com todos os que estão agasalhados por este templo."

Desde então, o castelo, o templo e o lago foram considerados lugares preferidos dos gênios tutelares, lugares consagrados e benéficos, onde só podia ter espaço o bem absoluto.

Compreenderá o leitor como Osarsip, que aos sete anos tinha uma extraordinária compreensão de todas as coisas, penetrou como estudante no templo do lago Merik, plenamente convencido de que se aproximava dos deuses, e que toda a pureza no seu mundo interior e no seu físico não seria demasiado grande para tão grandioso momento de sua vida na Terra.

Sete dias antes daquele em que devia entrar como estudante no templo, ele se escondeu, solitário, num caramanchão dos jardins durante as horas de sol e em sua alcova particular quando se aproximava a noite.

O sacerdote Amonthep chorou de emoção quando referiu ao pontífice e ao conselho de hierofantes as severas penitências de Osarsip nesses dias, véspera de sua entrada no templo como estudante primário.

— Não molestarei as mariposas do jardim porque os deuses me vêem — disse ao bom ancião, que às vezes procurava acompanhar o menino que buscava a solidão.

"Não jogarei pedrinhas nos passarinhos que vêm dormir entre os pinheiros porque eles têm o direito de buscar abrigo para dormir.

"Não correrei entre as plantas deitando-as por terra, nem pisotearei a relva, porque têm, como eu, o direito de viver e crescer. Os deuses me vêem, e não serão meus amigos se eu destruo e maltrato as suas obras. Não é assim, mestre Amonthep?"

— Sim, meu filhinho, é assim, os deuses vão ter em ti suas complacências porque compreendes o bem e evitas o mal. És um escolhido dos deuses. Conserva essa amizade, meu filho, porque ela é o único bem deste mundo.

Chegou o ansiado dia de assistir pela primeira vez à instrução dos mestres.

Também nessa circunstância soube Thimétis modelar seus sentimentos de afeto e apresentou-se à instrução matutina levando consigo os dois meninos, Aarão e Osarsip, vestidos de forma idêntica com a túnica plissada de linho branco. Os dois meninos, levados pelas mãos dela, penetraram na severa classe e ocuparam as três carteiras dianteiras.

Era aula de cosmogonia ditada pelo hierofante Ohad, e trataria sobre a conformação do Universo, no meio do qual a Terra, como uma cereja, apenas podia ser distinguida por um observador que a contemplasse de um ponto distante do infinito espaço azulado. Na metade da aula, Aarão ficou profundamente adormecido. Thimétis nada fez para despertá-lo porque estava prevenida por Amonthep de que talvez acontecesse isso. Osarsip permanecera

como uma pequena estátua de mármore branco. Com seus grandes olhos negros fixos no rosto do instrutor, não fez o mais leve movimento, e às vezes Thimétis pensava que o menino continha até a respiração.

Quando ouviu dizer que poderosas inteligências criavam com a força do pensamento as grandes nebulosas que se converteriam, séculos depois, numa constelação de globos luminosos ou num universo de mundos, Osarsip, sem poder conter-se, exclamou, levantando ao alto os seus bracinhos:

— Oh, os deuses, como são grandes e fortes a ponto de poder soltar e fazer girar estrelas e sóis, como eu o faço com bolinhas de sabão!

E começou a chorar. Voltava a ser menino. Teve medo de tão estupenda grandeza.

— Por que choras, meu filho? — perguntou a meia voz a princesa.

— Oh, princesa real! Como poderei pretender a amizade dos deuses que fazem estrelas com o pensamento, se me vejo como um verme da terra, que nem sequer posso fazer outro verme igual a mim? Que poderei eu fazer para agradar aos deuses, como disse o mestre Amonthep?

Ohad percebeu o estupor do menino e aproximou-se dele.

— Os deuses, filhinho, quanto maiores são, melhores e mais sábios — disse. — Eles sabem que hoje és um menino ansioso de saber, de aprender e conhecer, para ser um dia grande e forte como eles.

"Tudo no Universo é crescimento, progresso, culminação, e assim como cresces de estatura, crescerás em inteligência e compreensão, e chegarás a realizar grandes obras como eles.

" 'Como é embaixo assim é no alto', diz um dos nossos princípios invariáveis. A uma arvorezinha que não se ergue mais de três pés do solo, ninguém lhe pede frutos maduros e doces, mas de uma árvore chegada a seu perfeito crescimento. Tudo é assim no Universo, meu filho.

"Enquanto vais vivendo tua infância, ninguém te pede grandes esforços mentais ou físicos.

"Chegado à idade competente, sem que ninguém te exija, tu mesmo, por tua própria vontade, serás criador de obras mais ou menos grandes e belas conforme para onde se incline essa energia, centelha ou luz interior que todos temos como força diretriz de toda a nossa vida. Estás compreendendo, meu filho?"

— Sim, mestre, estou compreendendo que, se a minha centelha é limpa e boa, limpas e boas serão as minhas obras; e, se é má e suja a minha centelha, sujas e más serão as minhas obras. Como posso fazer para saber se tenho em mim uma centelha boa ou má?

A princesa e o hierofante trocaram um olhar acompanhado de um sorriso dissimulado, e Ohad respondeu:

— Outro princípio invariável temos em nossa ciência da alma, e é este: "Pelos frutos se conhece a árvore." Se te dão uma formosa maçã, sabes que procede de uma boa macieira. Se te servem uma pratinho de cerejas vermelhas e doces como o mel, sabes que foram recolhidas de uma cerejeira de boa estirpe e de louçania exuberante. E não te enganarás, tenho certeza disto.

"Os seres humanos se parecem com as árvores. Assim, tu mesmo conhecerás se a tua centelha interior é limpa e boa nas aspirações, inclinações, gostos e desejos que vês aparecer em ti. Por exemplo: o que desejas agora?"

— Compreender claramente tudo quanto estás dizendo, mestre Ohad.

— Que mais? Pensa.

— Aprender tanto quanto sabes e como sabem todos os mestres do templo.

— Para quê?... Pensa bem.

— Porque me agrada muito, e porque poderei, quando for maior, ensinar a outros como tu ensinas a mim, mestre Ohad. Por outra coisa também — disse com timidez e vacilação.

— Dize sem medo, porque isto é parte da aula.

— Para dar alegria à princesa real, a meus mestres, a todos quantos me querem, e também porque quero corresponder ao que compreendi que todos esperam de mim.

— Podemos saber como compreendeste que se espera muito de ti?

— Oh, sim, facilmente! Ouvi um dia o governador do castelo dizer, ao apresentar-me ao avô Eleazar: "Eis aqui o que nossa raça espera para se libertar." E quando me levaram a visitar com a princesa real o pontífice Pthamer, ouvi que ele dizia aos hierofantes que o acompanhavam: "Grande é a Idéia Divina, e foi encerrada neste pedacinho de carne!"

"Compreendi que o pedacinho de carne era eu, porque o pontífice pôs sua grande mão sobre a minha cabeça."

A princesa riu alegremente, e Ohad também, sorridente, disse ao menino acariciando-o:

— Estás mais desperto do que eu pensava, meu amiguinho.

— Eu durmo somente na cama. Fora dali estou sempre desperto.

— Bem o vejo, meu filhinho, bem o vejo.

O pequeno Aarão despertou aos risos de todos. Osarsip repreendeu-o duramente em seguida.

— Adormeceste na aula. Somente na cama se dorme. Não sabes disto?

Aarão começou a chorar e a princesa real precisou intervir para que a correção de Osarsip a seu amiguinho não tivesse maiores conseqüências.

Assim terminou a primeira aula na classe do templo-escola do lago Merik.

Que Há Mais Além?

Osarsip chegava aos doze anos e parecia ter quinze.

— Já és maior do que eu — disse a princesa real quando caminhava junto a ele para assistir diariamente a aula do templo.

Aarão era de menor estatura e, embora alguns meses mais velho, sempre se deixava guiar em todas as circunstâncias da vida que faziam conjuntamente com outro aluno que a princesa real deixou que ingressasse na sua escola familiar. Era o filho primogênito do médico da família real, Aton-Mosis, de treze anos de idade. Seu nome era Hur-Said de Tânis.

Sua mãe era da raça hebréia, da tribo de Levi, como Amram, e sua parente distante. Seu nome hebreu era Elhisa, forma reduzida de Elhisabet, muito usado na tribo. Contudo, o médico Aton-Mosis quis dar-lhe tonalidade egípcia para livrá-la do menosprezo com que se olhava em geral a numerosa prole de Abraão, e a chamava Aton-Isa. Esta era a mãe de Hur-Said.

Eram estes três meninos os alunos primários da escola do lago Merik.

Entre eles trocavam perguntas diariamente e depois de cada aula. Era Osarsip o mais veemente em formulá-las, assustando às vezes seus companheiros, que raríssimas vezes acertavam com uma resposta satisfatória.

Aarão e Hur acabaram por esquivar-se da companhia de Osarsip, que lhes propunha audazes perguntas que eles qualificavam de curiosidade exagerada ou, quando menos, precipitada.

Hur, que era de temperamento mais tranqüilo, terminava os ásperos diálogos com estas palavras:

— Acalma-te Osarsip, que o mestre já nos explicará na próxima aula. — E escondia-se rapidamente sob as cobertas do seu leito, porque as perguntas do futuro legislador e taumaturgo tinham lugar na sala-dormitório e em completa escuridão.

Osarsip continuava suas perguntas e ninguém lhe respondia.

Seus dois companheiros dormiam e somente ele sofria de insônia.

— Como me sinto só e triste! — murmurou em voz baixa que ninguém escutou. — Escuridão nesta sala e escuridão dentro de mim! — E, escondendo também a cabeça febril sob os cobertores, chorou silenciosamente, até que no sono se evaporaram seus pesares de adolescente...

Pobre Osarsip!... Em seus doze anos começava a tristeza das grandes almas que, não encontrando a seu lado almas iguais, sentia muito grande e pesada a carga da sua solidão.

Cada lição dos mestres provocava nele um mundo de inquietações; e não

lhes era permitido perguntar se o mestre não indicava que eram livres para fazê-lo.

As dúvidas e inquietações eram tantas e tão profundas que a ele pareciam milhares de ferazinhas cravadas em seu cérebro e em seu coração, até o ponto de afetar seu sistema nervoso de modo alarmante.

A princesa real que, de sua ogiva de observação, não perdia de vista o filho, começou a dar-se conta de que algo grave lhe ocorria.

Osarsip perdia o vigor, o viço de seu semblante, e até seu andar se tornou débil e cansado. Confiando seus temores ao velho Amonthep, pediu-lhe que trouxesse o menino a seus aposentos para interrogá-lo ela mesma.

Osarsip deteve-se à porta da sala à espera de uma indicação para entrar. O sacerdote chegou depois dele e, a um sinal de Thimétis, ambos entraram.

O menino, seguindo o cerimonial costumeiro, dobrou um joelho em terra até que a princesa lhe deu a beijar a mão.

— Mestre Amonthep — disse ela —, sentai-vos e façamos uma consulta acerca do estado físico e espiritual de Osarsip, que está perdendo vigor e viço dia após dia.

— Senhora, se não vos desagrada, penso que deveis falar a sós com ele — respondeu o ancião.

"Talvez convosco ele seja mais expansivo que com seus mestres. Resulta-nos difícil fazê-lo falar. Digo a verdade, Osarsip?..."

— Sim, mestre, dizes toda a verdade. — E o olhar do menino perdeu-se no distante horizonte dourado do crepúsculo vespertino, que deixava penetrar por uma janela suas brumas de ametista e ouro. Aquele olhar se esquivava de encontrar outros olhares.

Dir-se-ia que Osarsip temia que seus pensamentos íntimos aparecessem desnudos. Eram tão atrevidos e audazes! Eram como vertiginosos vaga-lumes que se acendiam e apagavam na escuridão de suas noites de insônia. Eram como agoureiras aves noturnas a voejarem, guinchando na sombra, deixando sempre inquietudes e aflições.

A princesa real concordou com o ancião, que se retirou deixando-a a sós com o menino. Fê-lo sentar a seu lado, tomou-lhe a mão, que estava ardendo, e começou o interrogatório.

— Osarsip!... Estás convencido do muito que meu coração te ama?

— Sim, senhora. Sempre estive certo do teu amor por mim. Não o mereço. No entanto, sei que o tenho. Sei que o teu amor é meu, porém ignoro por que o dás a mim com tanta generosidade.

"Sou um filho que o Nilo trouxe para o teu lado..."

A mão da princesa real pousou suavemente sobre os lábios do menino, que compreendeu a ordem de silêncio.

Osarsip olhou para a princesa e viu duas lágrimas como pérolas de cristal pendendo de suas pálpebras.

— Não chores por mim, senhora... pois não quis causar-te nenhum mal! Não me causa sofrimento ser um órfão recolhido pela tua piedade!... Vivo aqui como um príncipe!... Não posso queixar-me de nada!...

— Contudo não és feliz, Osarsip, eu o compreendi bem. — E Thimétis afogou um soluço com a poderosa força de sua vontade. — Se não podes queixar-te de nada, como explicas teu aspecto cansado e dolente, teu vigor e viço fugindo de ti? Como o explicas? Continuando assim, não poderás prosseguir nos estudos e adoecerás, e eu ficarei sem o filho que os deuses me trouxeram.

"Não tens suficiente confiança em mim para dizer qual a causa de tua tristeza, que eu descubro em ti de dia para dia?"

— Quero saber tantas coisas e não posso saber coisa alguma! — clamou Osarsip como num gemido que se lhe escapou da alma.

— Eu te direi todas! — exclamou por sua vez Thimétis — se a esse preço hei de ver-te feliz.

— No entanto, o dedo de Ísis posto sobre os lábios não te mandará silenciar, senhora, como a meus mestres?

Como resposta a qualquer dúvida, ela puxou o cordão de ouro que pendia ao lado de seu divã e por meio do qual cerrava e descerrava a cortina de púrpura que cobria a grande tela onde se via a deusa com o véu levantado e, em suas mãos, a rosa de ouro, símbolo da Luz Divina e de todo o conhecimento.

— Nem para mim nem diante de ti Ísis se oculta sob um véu, nem tem seu dedo sobre os lábios — disse a princesa, e assombrou-se ao ver o êxtase com que o menino olhava a tela e sorria com um sorriso de triunfo.

— Assim me agrada vê-la sempre!... Contudo, na escola, ela está escondida e manda silenciar. Até quando havemos de silenciar, senhora... até quando?...

— Meu menino!... Se apenas inicias a vida e já perguntas: "Até quando?", que deixas para o mestre Amonthep e para todos os que te rodeiam?

— A eles não molesta o véu que esconde Ísis, nem seu dedo sobre os lábios?

— Não, filhinho, não os molesta.

— Permites-me, senhora, dizer por que não o molesta?

— Dize, dize sem medo.

— Porque o mestre Amonthep, o pontífice e todos os mestres do templo, sabem o que eu não sei, e não o dizem a mim porque Ísis manda silenciar, porque tenho somente doze anos e minha mente é estreita para compreender,

receber e guardar tudo de grande, imenso e estupendo que deve haver... que há, em todo o abismo de mistério e sombras que descubro ao meu redor!...

A princesa sobressaltou-se diante da tremenda exaltação daquele menino de doze anos que pressentia a infinita grandeza do universo que o rodeava e via-se envolto em sombras impenetráveis onde mil interrogações refulgiam nas trevas como relâmpagos fugitivos que escrevessem e apagassem: "mais além... mais além".

— Que há mais além? — perguntou repentinamente Osarsip, como se respondesse a um pensamento insistente.

— Acalma-te, meu filho, com a solene promessa que te faço neste dia. A partir de amanhã, teus mestres dar-te-ão liberdade de perguntar e de pedir explicação de tudo quanto perturba a tua mente e te agita da maneira que vejo.

"A confidência que acabas de me fazer abre a porta do santuário fechado da divina sabedoria, e me fazes compreender que os deuses te trouxeram a esta vida porque ela é necessária a este mundo que habitamos.

"Bendito sejas para sempre, Filho Eterno do Eterno Infinito!"

Thimétis beijou a testa do filho e, em silêncio, acompanhou-o até a porta da sala.

A emoção do momento era grande, intensa, muda, e o menino que assim o sentia, beijou a mão da princesa e se retirou para seus aposentos.

As Perguntas de Osarsip

Depois de uma secreta conferência da princesa real com os três mestres da aula, o mestre Amonthep disse ao menino que preparasse suas dúvidas e perguntas porque, na aula do dia seguinte, começariam a dar-lhe as explicações apropriadas à sua capacidade de compreensão.

— Escreve-as na forma como estão na tua mente — disse-lhe — e o mestre que estiver de plantão explicar-te-á conforme a verdade que chegamos a descobrir e a compreender na atualidade. No entanto a essa aula terás que assistir sozinho, sem teus dois companheiros.

— Por que essa deferência para comigo? Aarão e Hur têm mais idade e talvez sejam mais merecedores que eu — disse o menino com grande estra-

nheza. — Não quisera tal superioridade sobre eles, que são tão bons companheiros para mim.

— Perfeitamente, meu filho; no entanto, é necessário saber que nem todos os seres estão capacitados para saber tudo o que queres saber.

— Eu sei que Hur tem as mesmas inquietações que eu, mas como tem mais força de vontade, domina-se e silencia, como eu calava, se a princesa real não me houvesse pressionado para dizer a verdade.

"Hur é mais forte que eu no físico, e suas inquietações não fizeram empalidecer seu rosto, nem enfraquecer seu corpo, nem dar a todo ele a aparência cansada que eu tenho. A princesa real descobriu por este motivo e não pude esconder com mentiras o que ela via e que era a verdade."

— Muito bem. Procede como te disse e tudo se esclarecerá.

Nessa mesma noite, sozinho em sua alcova, que era ao mesmo tempo sua sala particular de estudos, Osarsip confiou ao papiro suas grandes perguntas:

"1. Que sou eu, por que estou aqui, de onde vim e para onde vou?

"2. Por que os antílopes, as garças, os cisnes e as gaivotas, que tanto alegram a minha vida, não podem falar nem escrever, nem ler, nem executar peças de música, nem pintar nem fazer, enfim, nada do que eu faço ou posso fazer, se todos eles vivem como eu? Tampouco riem ou choram. Por quê?

"3. Por que tenho eu esta tremenda inquietação, este febril desejo de saber, de penetrar todo o desconhecido e misterioso deste mundo que me rodeia?

"4. Tenho tudo quanto necessito: vestimentas, roupas, alojamentos de príncipe, que melhor não tem o faraó-rei; com uma mãe adotiva, que o é mais ainda que a melhor das mães pela carne e pelo sangue. Que falta para me sentir feliz em todo o significado dessa palavra?

"5. Que são as nuvens e que fazem? Para onde vão quando correm e voam como enormes águias brancas que tivessem pressa desesperada de chegar a um ponto fixo?

"6. Que é o infinito véu azulado que cobre toda a Terra, que alcança até onde meus olhos conseguem ver e que, chegada a noite, se povoa de focos luminosos que nenhum homem pode acender? É a lua uma deusa?

"7. Por que o sol se acende ao amanhecer atrás dos negros montes do Revenzora, resplandece no imenso azul durante todo o dia e, à tarde, se esconde atrás das montanhas da Líbia? É um deus de fogo, como dizem as pessoas?

"Há muitas outras coisas que quero saber, porém ainda não pude organizá-las em minha mente de forma a poder fazer as perguntas com clareza. Mais adiante o farei, se a mãe Ísis me ajudar a me observar mais profundamente dentro de mim mesmo."

Quando no dia seguinte os três mestres e a princesa real leram as perguntas

que o menino havia escrito, assombraram-se grandemente e, estudando, discutindo e analisando tudo o que dizia respeito a elas, resolveram dar o ensinamento aos três meninos, sabendo com certeza que, se algum deles não fosse capacitado para compreendê-lo, cairia no sono, segundo o costume.

O velho Amonthep disse a seus companheiros:

— Cada uma das perguntas de Osarsip necessita toda uma aula para explicá-la. Creio, pois, que teremos cheia toda a semana.

O mestre que estava de plantão era Carmi, e a ele correspondia dar a explicação correspondente.

A princesa real assistiu como de costume e, sentada junto ao filho, sentiu que sua alma voava também a seu lado pelas desconhecidas regiões que aquela psique, toda luz e fortaleza, percorria com acelerada velocidade.

Ao iniciar sua aula, o mestre Carmi falou desta maneira:

— Em conselho de mestres resolvemos incluir ensinamentos superiores aos que marcam os programas das aulas comuns.

"Para isso, deixamos liberdade aos alunos para fazer as perguntas que suas dúvidas lhes sugerem.

"Osarsip iniciou as perguntas e qualquer dentre vós poderá interrogar daqui para diante.

"Contudo, como se trata de conhecimentos que não devem ser dados a não ser a bem poucas e determinadas pessoas, eu vos advirto que cometereis uma grave imprudência se, após sair deste recinto, falardes, diante de outras pessoas, do que escutastes na classe. É gravíssima a obrigação de silêncio porque está em jogo a nossa vida, a vossa e a da princesa real.

"Nossos grandes faraós do passado, alguns dos quais foram pontífices-hierofantes do templo, conheceram e aceitaram as grandes verdades invulneráveis e eternas que ides saber na vossa adolescência.

" 'Quando o esposo chegou — dizem nossas velhas Escrituras Sagradas —, todos os véus foram descerrados.'

"No entanto, a ignorância, o fanatismo e a incompreensão humana na atualidade é tanta que os ignorantes e fanáticos decretam pena de morte para os que sabem, conhecem, raciocinam e aceitam o que a evidência e a lógica lhes dá como absolutamente verdadeiro.

"Já que tão jovens ides penetrar na zona dos mistérios, num dia que seja propício vos conduzirei às mais profundas criptas do templo de Mênfis, onde lereis por vós mesmos os epitáfios escritos nas pedras que cobrem as portas dos nichos onde foram ocultados os restos mutilados de pontífices e sacerdotes do antigo culto, sacrificados cruelmente por haverem ensinado a verdade.

"Aqui, nós vamos explicar a ciência divina do Deus invisível do Universo e das almas, que foi a ciência conhecida e explicada por todos esses mártires

da Verdade Eterna, cujos restos dormem nas criptas, enquanto suas almas vitoriosas percorrem a imensidão.

"Que vos parece que a nós corresponde recomendar a todos os que na época atual alimentam e mantêm o mesmo ideal?"

Osarsip levantou-se como ao toque de um impulso e, com uma voz cortante que surpreendeu a todos, disse:

— Corresponde-nos silenciar como silenciam as tumbas e as múmias encerradas nelas, como silencia a Esfinge que até hoje ninguém lhe arrancou o segredo do seu nascimento... E juro por ela e pela mãe Ísis que ninguém arrancará de mim uma palavra do que venha a ouvir sob esta nave sagrada. — E sentou-se tranqüilamente em sua carteira.

— Muito bem, Osarsip. Tu te fizeste muito superior aos teus anos — disse o mestre.

A princesa real, cuja emoção era intensa, tomou a mão do filho e a apertou em sua coração. Houvera querido dizer-lhe aos gritos: — Meu filho! És a minha felicidade, a minha honra e a minha glória! És a luz que ilumina a minha vida e o canto eterno que arrula meus sonhos!

Entretanto, a heróica renúncia à sua maternidade perante o mundo selou-lhe os lábios como sempre e foi a voz do mestre Carmi que rompeu o silêncio para perguntar:

— E vós, Aarão e Hur, que dizeis de tudo quanto escutastes?

Hur levantou-se e repetiu o mesmo juramento feito por Osarsip.

Aarão disse timidamente:

— Eu sou capaz de silenciar como Osarsip e Hur; no entanto, se me torturarem para me obrigar a falar, não estou certo de que terei força para calar.

"Retirar-me-ei da classe se esta insegurança me torna indigno de permanecer nela."

— Tua lealdade e sinceridade tornou-te digno de permanecer nesta aula — disse o mestre. — Vossa pouca idade vos põe a coberto de toda suspeita nesse sentido. Não temais. Nossa protetora a princesa real e nós cuidaremos de vos manter afastados dos ambientes e das pessoas que possam fazer perigar a vossa integridade.

Sem mais explicações, Aarão repetiu o juramento de Osarsip.

O mestre iniciou sua aula repetindo em voz alta a primeira pergunta que o aluno gravara em seu pergaminho: *"Que sou eu? Por que estou aqui? De onde vim e para onde vou?*

"Esta pergunta tomará todo o tempo desta aula, e talvez não baste uma única aula. Ouvi-me, pois.

"O ser inteligente que chamamos 'o homem' e que em multidões forma

a espécie humana que habita este planeta, é uma renovação gradual e continuada das múltiplas espécies de seres orgânicos inferiores que designamos com o nome de animais ou feras.

"Cada ser inteligente da espécie humana pode dizer, com toda a verdade: 'Eu sou uno e trino', pois sou feito de três elementos sabiamente combinados e dispostos pelo eterno poder criador. Primeiro, minha *inteligência* que pensa, minha *vontade* que ama, minha *memória* que recorda, são qualidades indeléveis do primeiro elemento do meu ser. É invisível, indivisível e indestrutível, porque surgiu como uma centelha de luz e de fogo do eterno poder criador, invisível, indivisível indestrutível, qualidades que sintetizamos em uma só frase, em uma só palavra, a maior e mais formidável que a voz humana pode pronunciar: *Eterno!*

"Ficamos, pois, em que o primeiro elemento que constitui o homem é também *eterno* como a fonte de onde procede. Este elemento vibra, gira ou voa no espaço azul infinito que envolve a este e todos os planetas, até que é levado pela eterna lei da evolução a qualquer dos planetas ou mundos destinados a alimentar vidas orgânicas, vegetais primeiro, animais depois, até chegar, passadas longas idades, à espécie chamada 'humana'.

"Ao ser introduzida a centelha viva nos mundos adequados, ela é revestida dos outros dois elementos de que está composto 'o homem': uma vestimenta de fluidos etéreos gasosos e magnéticos primeiro, e este é o segundo elemento de que está composto o homem. Finalmente, a eterna lei forma o terceiro elemento, que há de permitir-lhe a vida manifestada no exterior ao qual chamamos 'corpo físico', que vem a ser o instrumento de manifestações exteriores do princípio inteligente, invisível, indivisível e indestrutível, ou seja, *eterno* como a fonte, luz ou fogo que lhe deu vida.

"Creio, pois, que está respondida a primeira parte da pergunta: Que sou eu?

"A segunda parte diz assim: *'Por que estou aqui? De onde vim e para onde vou?'*

"De onde vieste já está dito na minha explicação anterior: Centelha viva do Eterno Vivente em todo ser vivo que habita os mundos.

"Viestes da infinita imensidão de Deus, e para Ele vamos todos na sucessão infinita do tempo. O corpo físico nasce de uma semente, como toda vida, cresce, manifesta-se em múltiplas formas, boas, belas, excelsas, ou ruins, ignóbeis, feias e más, segundo o grau de compreensão e progresso alcançado no correr de lentos períodos. Chega à juventude, à idade madura, à velhice e morre, desagrega-se e torna-se pó. Tudo o que é matéria segue este processo.

"Este é o fim do terceiro elemento que constitui 'o homem'.

"A destruição ou término da vida material traz como iniludível conseqüên-

cia a liberdade dos outros dois elementos constitutivos do homem: a centelha divina ou alma que é inteligência, memória e vontade, e sua envoltura de fluidos gasosos e magnéticos ou força viva intermediária entre a alma e a matéria física.

"Devo acrescentar que o eterno poder criador outorga às suas criações inteligentes uma amplíssima liberdade de ação quando, depois de longas idades, chegou a formar parte da espécie humana. Essa liberdade é chamada *Livre-Arbítrio*, o qual torna o ser inteligente responsável pelos seus atos.

"Aquele que age no bem, mais cedo chega à sua eterna e divina origem. A centelha volta ao fogo que a produziu e retorna engrandecida, embelecida e purificada através de uma longa cadeia de existências físicas.

"Aquele que age mal, tarda mais tempo em voltar para a eterna força que lhe deu vida e roda às vezes de mundo em mundo, cada vez mais baixo, até que o intenso padecer lhe faz abraçar a senda que há de levá-lo à sua eterna origem.

"Creio haver respondido à segunda parte da pergunta feita: *'Por que estou aqui? De onde venho e para onde vou?'*

"A luz divina que iluminou a quem fez esta pergunta, leva claridade à vossa mente a fim de que possais compreender a lição deste dia."

Antes de se retirar da aula, Osarsip perguntou ao mestre:

— Posso falar com a princesa real e com meus dois companheiros sobre o ensinamento deste dia, mestre Carmi?

— Podes falar com eles quando ninguém mais vos escutar. Cuidado, meus meninos, que nos levarão a vida se minha lição de hoje sair fora da escola sagrada!

— Eu tenho isto muito em conta, mestre — respondeu o menino, e ficaram quietos no umbral perante o mestre que fechava a porta atrás deles até o dia seguinte.

Aarão olhava para o mestre com olhos de espanto. Hur, pensativo, observava o pavimento. Osarsip sustentou sereno o olhar do mestre que lhes recordava a ameaça de morte se fossem imprudentes no falar.

Um bom psicólogo teria podido classificar com exatidão o caráter e a capacidade mental e espiritual de cada um daqueles adolescentes nesse olhar de um instante, fugaz e passageiro.

No Dia Seguinte

Para a segunda pergunta referente a que os animais não pronunciam palavras, nem executam música, nem pintam telas, nem tampouco riem ou choram, o mestre explicou que os seres compreendidos no reino animal não têm no seu organismo físico as condições necessárias para falar a linguagem humana; contudo, não carecem de formas diversas de expressão e sentimento, segundo o grau de evolução de cada espécie. Ainda que não vertam lágrimas nem em sua face apareça o riso, demonstram com bastante clareza sua dor ou alegria e, dando-lhes como exemplos vivos e claros as observações facilmente feitas em animais domésticos, o mestre Carmi deixou satisfeito o aluno que fez a pergunta.

A terceira e quarta perguntas ficaram respondidas com esta explicação:

— A inquietação e constante desejo de saber e penetrar em todo o desconhecido e misterioso que nos rodeia, revela claramente que esse espírito conheceu em existências anteriores todas ou muitas das eternas leis e verdades que regem o universo e as inteligências que o povoam. Este despertar da alma manifesta-se prematuramente nas almas mais evoluídas. Há as que padecem tristezas de morte se não encontram o medo ou possibilidade de saber e descobrir o que pressentem no seu íntimo.

"Não obstante tudo possuírem e tudo terem no que se relaciona com comodidades e bens materiais, sentem-se infelizes até verem satisfeitos seus intensos e íntimos desejos."

E o mestre acrescentou:

— Essa é a explicação que posso dar para a terceira e quarta perguntas.

Os três alunos olharam para a lista numerada que aparecia na grande lâmina de madeira na qual o mestre escrevera as perguntas de Osarsip.

Quando o instrutor assinalou a pergunta número cinco referente ao que são as nuvens e para onde vão, ocorreu o inesperado:

Osarsip pôs-se de pé e, mui respeitosamente, disse em plena classe:

— Mestre Carmi... parece que agora compreendo e sei o que não compreendia nem sabia quando fiz todas essas perguntas. Parece-me que a instrução que me foi dada encheu de claridade a minha mente, e agora sei o que são as nuvens, de onde vêm e para onde vão. Creio que são vapores das águas do mar, dos rios e de todas as águas que existem sobre a Terra. Elas voam pelos espaços, evaporam-se no ar ou se desatam em chuvas sobre as cidades e os campos.

"Acho que sei que o véu azulado que cobre a Terra não é véu nem manto, mas ar, luz, éter, gás; e os focos luminosos que o povoam, são esferas, globos,

terras, como esta onde vivemos, e que esse eterno fogo ou luz gerador de centelhas, que são almas, fez também essas esferas luminosas que brilham na noite.

"A lua é também uma terra como esta, que vive mais vizinha de nós; por isso a vemos maior.

"O governador do castelo disse que nem a lua nem o sol são deuses. Esse Amon-Rá é uma ficção..."

O mestre Carmi pôs o dedo indicador sobre os lábios e Osarsip cortou a palavra iniciada.

— Basta, meu menino. Basta por hoje. Vais compreendendo e descobrindo todo o mistério que nos rodeia.

"Contudo, cala... cala sempre. Não pronuncies fora desta classe o que acabas de dizer.

"E vós, Aarão e Hur, procedei como se nunca o houvésseis ouvido.

"Como vossos mestres e vossa protetora a princesa real tiveram a paciência de silenciar, silenciai também vós como as tumbas, como as múmias, como a Esfinge.

"Não sei se o radiante passado do nosso Egito voltará algum dia a resplandecer como nos velhos tempos. A suprema inteligência criadora deu sua luz a Osarsip aos doze anos de idade e, por seu intermédio, a vós, Aarão e Hur.

"Amai essa luz mais que a vossa vida. Ela é como uma esposa eterna. Escondei-a no santuário secreto do vosso íntimo Eu, e não a deixeis ser vista pelas pessoas profanadoras de tudo o que de grande e santo há nas criações de Deus.

"Vivemos a época dos silêncios de morte. Já chegará o dia de glória quando até as tumbas, as múmias, as pedras e a própria Esfinge falarão, e todo este mundo e outros mundos conhecerão a grandeza do nosso Deus, o que não teve princípio nem terá fim: o Eterno Invisível... O Eterno Poder, o Eterno Amor, que é origem de toda a vida... de toda a vida!..."

A exaltação do jovem hierofante Carmi foi tão intensa, que o forçou a deixar-se cair em sua carteira envolto em seu manto de linho branco, e a princesa e os meninos ouviram-no soluçar.

Thimétis aproximou-se, maternal.

— Confia e espera, mestre Carmi, que quantos estamos neste castelo, morada do Infinito, poderemos cantar um dia um salmo que termine assim: "Glória a Deus em todos os mundos, em todos os céus, e paz na Terra aos seres de boa vontade!"

A luz opalina do ocaso que penetrava pela janela do Ocidente envolveu a branca figura da princesa real numa auréola dourada assemelhando-a à grande

sacerdotisa do templo de Mênfis quando, rodeada de tochas, pronunciava seu oráculo.

Assim terminou a aula desse dia, e Osarsip não teve necessidade de fazer novas perguntas porque seus mestres foram entregando-lhe um após outro os velhos volumes e rolos de papiro guardados em seus arquivos secretos.

A Roseira Misteriosa

Meus amigos leitores não terão esquecido, sem dúvida, o velhinho Eleazar, pai de Amram, nem a Jacobed, sua irmã, que era a ama da casa, governanta das criadas.

Ouçamos o diálogo entre o ancião pai e a filha que o conduzia pelo braço para sentar-se em sua poltrona colocada no terraço, onde estava situado o seu aposento.

O ancião levava na mão um pedaço de pergaminho enrugado e, já sentado, desdobrou-o diante de sua filha e lhe disse:

— Jacobed, minha filha, senta-te aqui uns momentos e aproveitemos esta solidão para uma confidência que julgo muito necessária.

Jacobed sentou-se perto dele.

— De que se trata, pai?

— De teu irmão Amram. Dize-me, que aconteceu àquela donzela tão graciosa e tão boa com quem teu irmão se uniu em matrimônio? Esquadrinho e busco no rosto de todas as donzelas que vêm obsequiar-me e em nenhuma encontro aquele rosto de anjo, aqueles olhos escuros e meigos dando beijos de amor no olhar... enfim, que eu ao vê-la e sentir sua carinhosa voz pensava: Se o patriarca Jacó visse esta nova Raquel, levantava-se da tumba e a roubava a meu filho! Que se fez dela?

Jacobed manteve-se calada por alguns momentos sem saber que resposta podia dar.

— Pai!... Não sei se posso dizer-te o que queres saber, nem sei se me compreenderás.

— Parece-me, filha, que estou no meu perfeito juízo graças a Jehová, que conservou o meu bom senso até hoje. Que mistério tão obscuro encerra a

minha pergunta para assim vacilares em responder? Será que a menina está morta?... Ou algum príncipe teimoso a arrebatou de meu filho?

"Eu quase pensaria assim vendo a tristeza habitual de Amram. Não o percebeste?"

— Não há nada disso, pai, podes estar tranqüilo...

— Mas onde está a pequena que nunca vem me ver? — insistiu o ancião.

Jacobed não se lembrava de ter passado um momento mais angustiante em sua vida. Que fazer?

— Pai — disse por fim a meia voz. — Não há donzela alguma...

— Mas... como?! Acaso não os uni eu mesmo em matrimônio? Não foi a donzela muitas vezes à minha cabana levar-me frutas, guloseimas e formosas roupas? Dizes a mim que não há donzela alguma!... Deves estar louca, minha filha!...

— Ó Deus de Abraão e de Jacó! Ajuda-me a agir com acerto! — murmurou em voz baixa a pobre Jacobed, sem atrever-se a revelar o grande segredo.

— Pai, este é um segredo grande e difícil para se guardar — disse a filha, acariciando aquela cabeça coberta de cabelos brancos.

— Conta-me. Eu saberei guardá-lo. Seja o que for. Para que me servem os meus setenta anos a não ser para agüentar qualquer pesadelo?

— Pai, eu te disse que não havia a donzela que procuras, porque a esposa de teu filho Amram é...

— Suponho que não será uma leprosa?

— A esposa de teu filho é a princesa real que temos aqui no castelo...

— Como? Oh, pobre filha, deves ter ficado louca!

E o ancião ficou pálido, quase tão branco como a roupa que o cobria. Eleazar olhava para Jacobed sorrindo-lhe amorosamente e beijava-lhe a mão.

— Já te disse, pai, que era um segredo difícil de se guardar. Contudo, tu o arrancaste de mim a toda força... E agora?

— Pai Abraão! Que vai ser de todos nós, de todo o povo de Israel quando for descoberto tão espantoso delito?

"Oh, filha!... Que desgraça! Que horrível desgraça!"

— Acalma-te, pai, e ouve-me. Passaram-se já bem mais de dez anos e o segredo não foi descoberto e nosso Deus mandou seus anjos para nos guardarem de todo o mal.

"Não me disseste muitas vezes que vivemos como num paraíso transbordante de todo bem? Não estavas orgulhoso de teu filho, governador do castelo, de tua filha, governanta desta grande casa? Não sobes ao céu cada vez que a princesa real vem visitar-te com Osarsip, seu menino mimado?..."

O ancião tomou a cabeça com ambas as mãos e olhou para todos os lados como se em todas as partes visse visões.

Pouco a pouco, foi se acalmando e as idéias foram se ordenando em seu cérebro.

— Mas a donzela, onde está?

— É a princesa real, pai. Teu filho não revelou o segredo naquele tempo temendo que te negasses a abençoar seu matrimônio com ela. Não temas nada, que tudo foi ajeitado devidamente. A rainha regente não se ocupa deste assunto, nem na corte real alguém o conhece. Ademais, o pontífice e os sacerdotes do templo quiseram assim porque dizem que o filho vindo deles será o libertador do nosso povo e que imporá ao mundo o nosso Deus, anulando para sempre os deuses falsos que os pagãos adoram. Entendes, pai?

— Espera, filha... Espera que desenrole em minha cabeça todo este novelo e que eu possa tragá-lo sem que me engasgue...

"Ó santo pai Abraão!... Que coisas se vêem neste astuto mundo!

"Dize-me... não é Osarsip o menino hebreu que tiraram da água?"

— Sim, pai, é ele.

— Ah!... Ah!... Já estou compreendendo, sim... Pai Abraão!... Tua luz veio à minha velha cabeça... Foi uma história engenhosa a do menino tirado da água.

"Oh, que bela história!

"Santo Céu de Jehová! História foi o matrimônio de meu filho com uma donzela do povo, e história também é a do menino tirado da água. É natural.

"A primeira história trouxe a segunda. Claro! Como perante o mundo não houve matrimônio, tampouco pode haver o filho. Claro!... Claríssimo!

"Osarsip é o filho de Amram e da princesa real!

"Osarsip é meu neto... o meu belo neto! Por isso seus risos e suas diabruras de pequenino tinham para mim o sabor de pasteizinhos de mel!... Ó Jacobed, minha filha, traz o menino em seguida que quero fartar-me dele, meu tesouro, meu céu!... Se eu tivesse sabido disso quando ele era menor, de todo o ouro velho que guardo em minha arca houvera feito sapatinhos, correias e cinturões!

"Ó Jacobed, não te perdoo o fato de não me teres dito isso antes..."

O pobre ancião, numa crise de nervos, começou a chorar de tanta felicidade, de tanta alegria ao saber de tudo!...

Não pensava ter ascendido a sogro da princesa real, nem que seu filho tinha subido os degraus de um trono. Somente pensava no filho de seu filho, no seu adorável neto, formoso, esbelto, ágil como um cervinho da pradaria. Pensava que ele seria como aquele José, filho de Jacó, que um dia fez a grandeza do país do Nilo, no qual deixou imperecedoura recordação.

Jacobed, mulher simples feita de ternura e bondade que ao ficar viúva tão prematuramente e ainda antes de haver nascido Aarão, desfrutava intensamen-

te essas satisfações íntimas de uma família, de um lar, teve uma dessas idéias que na vida social honesta se chama "idéia feliz".

Jacobed correu para dizer a seu irmão, governador do castelo, quanto ocorrera com seu pai, o qual estava assustadíssimo, primeiro pelo grande segredo e muito feliz depois ao saber que Osarsip era seu neto, e que a donzela que ele unira em matrimônio com seu filho não havia morrido nem fora roubada por ninguém, nem era uma leprosa expulsa para longe da cidade. Que era a princesa real!... Nada menos que ela!

Jacobed encontrou seu irmão em seu grande e suntuoso escritório, com dois escribas encarregados do pagamento do salário aos criados e guardas que prestavam serviço no castelo.

Quando pôde falar-lhe a sós, iniciou a confidência que ao começar foi um reflexo fidelíssimo do quanto ocorrera entre o ancião Eleazar e sua filha.

Jacobed e Amram eram duas almas unidas por uma afinidade perfeita. Ao faltar a ela o grande amor de seu amado Ruben, no segundo ano de seu matrimônio, tomou como confidente de todos os problemas íntimos seu único irmão Amram. Este, por sua vez, teve nela a mão suave e acariciante, a sombra amiga, generosa e compreensiva que se punha em sintonia com todas as suas alternativas.

Somente Jacobed pôde ver sem terror e sem alarme o amor de seu irmão pela jovenzinha princesa real quando o idílio pastoril, brincadeira de crianças, havia começado anos atrás quando o jovem levita, hábil joalheiro, fora chamado ao palácio por ordem do faraó.

Com a singela inocência de uma jovem boa e alheia a toda malícia, ela dissera ao irmão:

— Se tu a amas e ela te ama, que importa que ela seja uma princesa? Tu és um levita que iniciaste tua carreira nos claustros do nosso templo e podes chegar ao supremo pontificado.

"José, o que foi vice-rei do Egito, não era filho de um pastor de gado?"

Com esse raciocínio, Jacobed, três anos mais velha que o irmão, chegou a ser sua conselheira e confidente.

E neste caso, ela expôs ao irmão governador do castelo a idéia que tivera para dar alegria a seu velho pai:

— Que te parece, Amram, a idéia que tive depois da conversa com o nosso pai?

— Vejamos — respondeu Amram entediado, pois fazia algum tempo que uma profunda melancolia começava a transformar em taciturno o seu caráter alegre.

— Estão por terminar as festas da primavera. Que te parece se amanhã dermos folga a todas as donzelas e à criadagem do castelo?

— Se não mencionares a razão para assim procedermos, não sei como haveremos de fazê-lo — respondeu Amram.

— Ouve-me. Minha idéia é esta: reunirmos numa refeição íntima em nosso aposento particular, a amada Thimétis com Osarsip, Aarão, nosso pai, tu e eu. Que alguma vez sejamos uma família, Amram, por favor! O eterno fingimento a que nos obriga a odiosa etiqueta palaciana deixa-me farta, e bem vês que eu a agüentei resignadamente por ti, por Thimétis, por Osarsip, pelo nosso pai.

"Contudo, pelo menos uma vez furtemos algumas horas a esse horrível rigor que quase nos leva a nos desconhecermos uns aos outros... Agora, o pai já sabe de tudo."

Amram permaneceu calado e seu belo rosto parecia cobrir-se de uma sombra cada vez mais escura.

Como o silêncio se prolongasse, Jacobed observou com estranheza o irmão. Viu seus olhos cristalizados de pranto e um suave tremor em seus lábios. Amram estava a ponto de explodir em pranto.

Toda compadecida, Jacobed tomou-lhe uma das mãos.

— Vejo que sofres mais do que eu, pobre irmão!... Compreendo-te tanto! Não vês na minha "idéia feliz" o acerto e um ligeiro alívio ao castigo que tu e eu sofremos em silêncio?

— Sim, é verdade Jacobed!... — respondeu por fim Amram quando conseguiu dominar a emoção. — No entanto, tua idéia não é uma solução... porque não há solução possível.

— É certo que não há solução completa e definitiva no momento, e talvez por longo tempo; mas o que eu desejo fazer amanhã podemos transformar em hábito e fazer igual em todas as festas públicas que são organizadas na corte e na qual o povo toma parte.

— Tua idéia é, na verdade, uma bela idéia; entretanto, ela não passa de uma mariposa fugitiva surgida de teu amor por mim e de nossos tradicionais costumes familiares. Mas... se pensarmos no que a princesa real dirá disto, tua idéia se transforma numa bolha de sabão, querida irmã.

— Tu sempre o mesmo cerimonioso! Por que não a chamas de Thimétis quando ninguém nos ouve? Acaso não é tua esposa por sua própria vontade?

— Sim, Jacobed, sim. Tudo o que dizes é certo. Mas não ouviste, como eu, o pontífice Pthamer, em pleno conselho de hierofantes, ante a própria princesa real.

— Nunca me disseste nada! Que aconteceu com toda essa gente misteriosa que me dá medo?

— São todos bons, Jacobed, e te asseguro que sofrem tanto ou mais do que nós pelo estado de coisas em que vivemos.

"Não julgues que todos ali dentro são como o pontífice, como os mestres Amonthep, Ohad e Carmi. São rigorosos e inflexíveis como barras de aço! Como os mais velhos sabem o que ocorreu há muitos anos, antes de que tu e eu viéssemos a este mundo..."

— Explica-te, por favor! Que ocorreu?

— Houve uma tremenda revolução político-religiosa durante a qual caíram muitas cabeças tonsuradas, como também cabeças com diademas, quando o avô de Thimétis não havia sido apresentado ao povo como herdeiro de seu pai. Os deuses deste povo têm, ao que parece, rivalidades, como os homens que governam, e cada um quer derrubar o outro.

"Somente o povo de Israel tem um único Deus, o que acende o sol e as estrelas, e ninguém pensa em ser maior que Ele.

"Não sei que furacão foi desatado entre Aton e Amon-Rá, e centenas de cabeças rolaram sob o machado, e o avô de Thimétis morreu sem poder ajeitar as coisas como se encontravam anteriormente.

"De tudo isto resultou que o pontífice Pthamer e os que lhe são dedicados se vêm obrigados a ocultar suas convicções, suas crenças, seu culto íntimo, e viver em eterno fingimento e dissimulação porque o medo os mantêm acovardados."

— Compreendo tudo isto; no entanto, que relação há em tudo isto conosco?

— Oh!... Se Thimétis não fosse princesa real..., Jacobed, quão felizes seríamos todos os que a amam e estão ligados a ela! Às vezes, acredita-me, quase me arrependo de meu insensato amor!

— Amram... por favor, não digas essas palavras, que soam como uma blasfêmia! Que seria de nós se não fosse o seu grande sacrifício em troca do teu amor?.Já esqueceste isto?

"Viveríamos entre o lodo do outro lado do Delta, devorados por mosquitos e alimárias, com os pulmões inutilizados pelo ar do pântano que ali se respira.

— Não fales desta forma, Jacobed; não pensei nada contra ela e sei que devemos tudo a ela.

"O que quero dizer é que me julgo culpado desta situação, por haver-me deixado levar por esse amor insensato e louco; pois julgo que jamais poderei nivelar minha posição com a dela e deveremos viver eternamente como separados por um abismo intransponível.

"Às vezes não posso me resignar!... Acredita-me Jacobed, e trata de me compreender. Nem ela pode tratar-me como seu marido nem eu posso chamar filho ao filho que Deus me deu.

"Não é horrível tudo isto, Jacobed? Dize-me, não é horrível?"

Depois de um grande suspiro, Jacobed respondeu:

— É verdade quanto dizes; porém, não me explicaste por que supões que Thimétis não poderá aceder a que realizemos minha "idéia feliz".

— Pois está muito claro: em troca da aceitação, por parte deles, de nosso matrimônio, eles exigem de nós toda a classe de precauções para que jamais chegue alguém a descobri-lo.

"A ela e a mim foi exigido juramento de que nada em nós possa dar indícios do grande segredo, até que nosso filho tenha de dezoito a vinte anos, e eles vejam se Osarsip é ou não capaz de compreender o fato e guardar também o mais absoluto segredo."

— E é tão terrível para nós um juramento feito a Jehová!... Amram, eu te compreendo, meu irmão. Contudo, compreendendo até tudo o que disseste, deixa-me falar a sós com Thimétis, e estou certa de que entre ela e eu poderemos pelo menos tornar mais suportável esta situação.

Amram, a quem muito havia consolado a confidência com sua irmã, tomou sua lira de ébano e nácar, presente da princesa real, e cantou a meia voz sua canção favorita:

Jehová plantou em meu peito
Uma roseira misteriosa
Que às vezes veste de branco
E outras de púrpura real.
Suas pétalas são de seda,
Seu perfume sem igual
Mas... cruéis são os espinhos
Da misteriosa roseira.

* * *

Levar oculto na alma
Todo um incêndio de amor
E que nem uma fagulha apareça
Deste fogo ao exterior!...
É um sudário de morto
É cadeia no coração
É uma venda nos olhos
É dor sobre dor.

* * *

É livre a ave nos ares
E seu amor canta feliz
Mas eu não posso perante o mundo
Meu santo amor revelar...
.....

Amram não pôde continuar a canção porque a princesa real estava diante deles.

O entristecido levita ficou olhando-a com olhos extáticos.

Jacobed inclinou-se diante dela numa grande reverência.

Thimétis, sorridente e afável, disse:

— Resolvi desde ontem ser uma vossa espiã, a fim de surpreender tudo quanto quereis ocultar-me.

"Jacobed, ouvi toda a tua conversação com o avô Eleazar e acabo de escutar tua conversação com Amram.

"Abiné levou para as festas da primavera todas as donzelas e mulheres da criadagem. O mordomo levou os criados e o guarda-mor partiu com todos seus subalternos. Não tínheis a idéia de passarmos este dia e esta noite sozinhos, Jacobed?

"Pois já estamos sós, e por isso sento-me aqui ao vosso lado.

"Onde celebraremos a primeira refeição em família?"

Os dois irmãos haviam ficado sem palavras.

Amram levantou-se como desorientado e caiu de joelhos perante a princesa real. Abraçou-se a ela, apoiou a cabeça sobre aquele coração que em segredo o amava e num pranto silencioso desafogou seu atormentado coração.

Jacobed chorava também e escondia o pranto. Correu para buscar seu pai, Osarsip e Aarão, que passeavam pelo jardim. Hur fora levado por seu pai no dia anterior, a fim de que passasse com a família o último dia das festas.

Osarsip, ao chegar, permaneceu de pé no umbral da porta. Não sabia explicar a si mesmo a cena que via. A princesa real sentada na poltrona-dossel do governador do castelo e este ajoelhado diante dela.

O velho Eleazar sentado junto à princesa e tendo entre suas velhas e enrugadas mãos a mãozinha de Thimétis, branca e suave como uma pétala de magnólia.

O belo adolescente olhava sem compreender. A princesa sorriu-lhe e seus olhos se encheram de pranto. O ancião ria e chorava.

Jacobed ria e chorava também. Osarsip, já habituado a dominar seus sentimentos e a reprimir todo impulso interior, observava em silêncio; contudo, a intuição, essa maga celestial que revela segredos e responde sem palavras

às perguntas mudas, começou a esboçar na mente de Osarsip o grande segredo que jamais fora revelado.

Aproximando-se em passos muito lentos do emocionado grupo, ajoelhou-se também ante a princesa ao lado de Amram e, tomando uma mão dele e outra dela, as apertou contra seu peito e mordeu os lábios para não deixar escapar um só soluço ou um grito que dissesse: Pai!... Mãe!

Osarsip tinha compreendido tudo! O céu abriu-se diante dele que continuava mudo contemplando aquela cena de profunda emoção, de pranto silencioso e de inefável alegria, que ninguém podia expressar.

Eles viviam no reino de Ísis, a deusa do segredo e do silêncio, e todos haviam aprendido a grande lição: compreender, sentir e calar.

A primeira a falar foi a princesa real que, na atitude e semblante de Osarsip, leu a verdade do que o menino sentia e sabia.

Com infinita ternura ela perguntou com a voz trêmula de quem contém o pranto:

— Osarsip, meu filho. É verdade que compreendeste tudo?

Com voz também trêmula, o menino respondeu:

— Sim, princesa real, compreendi tudo.

— E se compreendeste tudo, por que me chamas assim?

Amram havia-se levantado e ela estendeu os braços a seu filho, a quem não abraçava desde que estava no berço.

Só então Osarsip rompeu a chorar em contidos soluços...

.....

O sol do meio-dia brilhava no zênite e o castelo parecia envolto numa auréola de ouro.

Essa primeira reunião familiar não se apagou jamais da mente e do coração dos personagens que atuaram nela.

Num dia assim inesquecível, todos os cruéis espinhos da roseira misteriosa caíram por terra, e suas pétalas resplandeceram com a púrpura real dos amores eternos.

Desde esse dia, Osarsip soube que não era um filho do Nilo. Soube quem eram seus pais; no entanto, sua alma forte como temperada ao vermelho aceitou sem queixar-se em continuar vivendo como se não o soubesse.

— Como teu pai e eu vivemos submetidos ao grande segredo — disse Thimétis — assim deverás viver se devemos cumprir valorosamente o mandato divino.

"Osarsip, meu filho, sei que és forte porque *sei quem és*, e vais jurar pela Suprema Potência Criadora dos mundos e dos seres que jamais sairá de tua boca uma só palavra reveladora do segredo. Vai nisto a vida de todos nós, que adoramos o Deus Invisível e Único, Causa Suprema de tudo quanto existe no Universo."

E todos se puseram de pé para ouvir o juramento do menino que nesse instante se convertia em homem. Sem que lhe tremesse a voz, e unidas suas mãos às de seus pais, Osarsip fez o juramento solene que lhe era pedido.

Fê-lo também o avô Eleazar e Aarão sobre as mãos de sua mãe Jacobed.

No grande salão-refeitório do castelo, transbordante de flores e luzes, celebrou-se ao anoitecer a primeira refeição entre seres que, envoltos no halo radiante de um mesmo amor, teriam de viver escondendo esse amor até que chegasse a hora de proclamá-lo à luz do sol.

FIAT LUX!...

E a luz se fez na mente do meditativo Osarsip:

— *"Quem sou eu?" "Por que o segredo e o mistério do meu nascimento?"*

Foram essas as duas perguntas que surgiram desde aquele dia à mente de Osarsip em todas as horas em que se entregava à meditação.

Através de seu pai, pertencia à raça de Abraão, ao povo de Israel, a quem o faraó Ramsés I, pai de Thimétis, fizera doação do Vale do Gesen, onde terminava o largo e inexplorado Delta do Nilo.

Somente ali podiam os israelitas realizar livremente o seu culto. Ali tinham suas sinagogas onde eram lidos e explicados os livros dos profetas e se entregavam ao sonho feliz de que lhes seria enviado um guia, um condutor, que os tirasse daquele país de idólatras e os levasse para a terra prometida por Jehová ao patriarca Abraão, velha e gloriosa raiz da qual surgira o numeroso e vigoroso povo de Israel.

Desde então quis Osarsip estudar a história daquele estranho povo que, vivendo durante séculos entre os egípcios, não aceitara seus costumes nem sua religião.

Em companhia do pai despojado de seus trajes de governador do castelo do lago de Merik e o próprio Osarsip vestido como um filho de lavradores, visitou algumas vezes aquele povo laborioso e forte que trabalhava nas grandes capitais, nas obras públicas, onde seus homens eram considerados como os mais resistentes e hábeis operários em todos os trabalhos realizados por eles.

O menino soube que o avô Eleazar era médico e joalheiro, que seu pai também o era, e que ambos haviam chegado ao palácio real como joalheiros, procurados e mantidos nesse posto pelo faraó, pai da princesa real, que era a sua mãe.

Osarsip soube que o pontífice Pthamer e seus hierofantes do conselho, e vários sacerdotes notáveis do templo de Mênfis, cultuavam o Deus Invisível e Único adorado pelo povo de Israel.

Fez comparações entre esse Deus Invisível, Criador de mundos, de sóis e estrelas, e os deuses de pedra, prata, ouro e marfim, adorados pelo povo egípcio, e essas silenciosas comparações foram levando-o suave e lentamente para a Verdade.

Soube por que a deusa Ísis, toda de mármore insensível e frio, mandava silenciar. Compreendeu logo por que os hierofantes desciam às criptas profundas do templo com alguns pouquíssimos alunos, aos quais davam um ensinamento diferente que aos demais, um ensinamento igual ao que a ele, a Hur e a Aarão tinha sido dado na aula do castelo onde ele passara a infância, onde ainda vivia com seus pais, apesar de não poder descobrir que o eram, por causa do solene juramento de silêncio que selava seus lábios desde o memorável dia em que descobriu o segredo.

O adolescente *tornava-se homem*, dia a dia, e parecia-lhe que seu cérebro e seu coração se blindavam de aço frente a uma perspectiva ignorada e distante, porém seca e dura como a muralha dos templos, como as rochas nas quais se abriam as tumbas, como as pirâmides solitárias no deserto, como a Esfinge de Gizé, inalterável e muda.

Se meditava em seu aposento particular, esboçava-se imediatamente em sua mente, com traços cortantes, o mesmo pensamento:

"Quem sou eu?" Rechaçava-o, e ele voltava.

Apagava-o com sua potente vontade, e ele aparecia novamente no seu horizonte mental.

Retirava-se para as penumbras da classe solitária ao anoitecer, buscando anular aquele audaz e tenaz pensamento, e ali, entre as sombras, a solidão e o silêncio absolutos, a atrevida pergunta continuava perseguindo-o.

Julgou-se cheio de soberba que começava a se contagiar da idéia feita carne nos descendentes da realeza egípcia, de pertencer à raça de deuses e se censurou duramente com pensamentos arrasadores como estes:

"— Sou um filho de pais que se recusam a declará-lo à luz do sol. Se houve delito em minha mãe por ter-se unido a um plebeu estrangeiro, sou o filho desse delito.

"Isso eu sou, e nada mais que isso!"

Osarsip acreditava aquietar sua mente com essa conclusão. No entanto, a audaciosa pergunta continuava a pressioná-lo: *Quem sou eu?*

Até que, numa noite cálida do verão egípcio, ficou sentado num banco sob umas palmeiras centenárias cuja sombra ocultava a sua pessoa. As horas avançavam trazendo cada vez mais calma, mais solidão, mais silêncio...

As inquietas gazelas tinham sossegado suas graciosas correrias e dormiam tranqüilas no verde escuro da frondosa gramínea das margens do lago.

O constante gorjear dos pássaros e o arrulho das rolinhas emudeceram também.

A majestade imponente do grandioso azul ornado de estrelas era também silêncio e calma absoluta.

O jovenzinho permaneceu adormecido.

Teve estranhos sonhos, nos quais viu a si mesmo com mais idade da que então tinha. Contava apenas quinze anos.

Viu-se como um forte mancebo enviado pelo governo para a matança de homens numa guerra de conquista. Ele desobedeceu à ordem porque, no seu modo de pensar, não havia razão nem justiça em tirar de outros povos as terras que possuíam. Viu-se chamado a julgamento perante um severo tribunal que o teria condenado à morte se a princesa real não houvesse falado em segredo a cada um daqueles juízes revelando-lhes algo que os deixou aterrorizados. Absolveram-no sem objeção alguma e tudo ficou em silêncio. Aqueles juízes renunciaram ao cargo alegando motivos diversos: um porque estava reumático; outro porque a esposa tinha morrido tragicamente; o terceiro, quarto e quinto porque foram assaltados por bandos de beduínos famintos que os retinham como reféns em troca de provisões.

Ao despertar de seu sonho sob as palmeiras às margens do lago, Osarsip continuava vendo em seu horizonte mental a mesma pergunta:

"Quem sou eu?"

Com os punhos cerrados, golpeou o peito..., levantou logo os olhos e as mãos para o céu estrelado e caiu por fim de joelhos... e seu rosto se afundou na areia.

— Deus invisível e único! — ouviu-se murmurar. — Somente Tu sabes quem sou eu e para que vim... e não queres dizer-me!...

"Todo ser vivente é teu filho, e até as gazelas e as gaivotas sabem o que são e para que vieram... somente eu não posso saber!..."

Como se este ato de suprema humilhação e entrega houvesse removido as ocultas forças invisíveis que impulsionam almas e movem mundos, uma claridade radiante iluminou imediatamente Osarsip e um belo ancião de venerável majestade apareceu diante dele enquanto uma voz profunda, sem som, se fez sentir:

"— Tu és meu Filho e eu te trouxe a esta Terra para um desígnio da Eterna Lei. Espera e confia."

A claridade, o ancião e a voz desapareceram nas profundas sombras da meia-noite.

Osarsip ficou em silêncio meditando acerca do que havia visto.

Num dos rolos de pergaminho que Amonthep lhe havia entregue em segredo, lembrava-se de ter lido algo como isto:

"Numa época perdida na escuridão dos tempos e numa estrela da constelação do Cão Maior, uma Inteligência de Luz, chamada Sírio, cuidando de um farol à beira do mar, refrescava seu corpo nas águas. Quando dali saiu, viu enrolada em seus pés uma verde madeixa de algas que pareciam sedas prontas para um tear.

"Inclinado por natureza à pesquisa sobre ervas, plantas e raízes medicinais, comestíveis e aromáticas para extrair perfumes, ou fibrosas para tecer esteiras ou cestos, percebeu que aquela tenra e sedosa madeixa estava como que entretecida de células vivas que se moviam e cresciam com a luz e o calor do sol. Submetida à observação durante muitos dias, pôde certificar-se de que não se tratava de coisa morta mas de algo vivo, pois a madeixa mudava de lugar, procurando sempre receber a luz do sol.

"Setenta células vivas estavam presas naquele cordão verdolengo e úmido, que às vezes destilava pequeninas gotas de água. O solitário guarda-farol quis saber como se desenvolviam e atuavam aquelas diminutas células em tão precário e primitivo começo de vida. E no rodar ininterrupto das eras e dos séculos, essa Inteligência luminosa tivera o valor e a perseverança de continuar adotando as pequeninas células extraídas do mar e que em eras e séculos haviam variado mil vezes de forma e de modos de vida.

"Seu desinteressado amor à natureza e a quanto nela existe tornaram-no pai de uma legião formada por setenta Inteligências que a lei eterna da evolução se encarregava de fazer viver e crescer, nascer e renascer, percorrendo espécies através dos reinos vegetal, animal e humano em séculos e anos tão numerosos que ninguém podia contar.

"Foi assim essa Inteligência o grande pai Sírio de uma radiante legião de Inteligências luminosas chamadas em futuras idades para guiar humanidades e serem também criadores auxiliares de inúmeros princípios de vida, cuja existência às vezes escapa a toda percepção."

Osarsip resolveu o enigma que se encerrava em sua visão das margens do lago, à sombra de velhas palmeiras numa estrelada noite do verão egípcio.

— *Agora sei quem eu sou* — disse, exalando um profundo suspiro que levou todas as suas inquietações. — Sou uma dessas células vivas presas à verde madeixa de *algas marinhas;* e o ancião que me visitou é o grande Pai

Sírio dos papiros secretos, que o mestre Amonthep pôs em minhas mãos. Por isso ele me chama *seu filho* e tem o direito de trazer-me à Terra para um desígnio da eterna lei.

"Que desígnio é esse? Ele me disse: '*Espera e confia.*'

"Esperarei um, dois, dez anos, todo o tempo que for necessário, porque já sei quem sou, e por que estou nesta Terra, onde os homens ignoram tudo porque não lhes interessa *saber*; onde se odeiam, porque não chegaram a conhecer as glórias do amor; onde vivem para comer, dormir, rir ou chorar e, depois, envelhecer e morrer sem saber por que vivem nem por que devem morrer e, menos ainda, *o que é morrer.*

"Ó meu grande Pai Invisível que por certo vives em alguma dessas radiantes estrelas que resplandecem ao longe!... Agora sei que nunca estou sozinho no mundo, ainda que não tivesse pai nem mãe nem irmãos nem amigos.

"Agora sei que formo parte de uma imensidão de vida, de força e de extraordinário poder, e que não fui lançado no vácuo como uma bolha de gás, como uma mecha de cabelo, como um pedaço de carne, como uma cintilação de vida que se apaga com um sopro!...

"O Pai Sírio terá sua origem em outro grande Pai, que o precedeu na eternidade da vida infinita, e esse, em outro e outro até chegar a... aonde? ... aonde?..."

Osarsip, buscando a resposta, mergulhou o olhar nas profundezas do infinito azul que o envolvia.

A majestade daquele profundo silêncio... a profundidade do abismo que deixava ver sua alma ao fazer essa pergunta, surpreendeu-o de espanto, de pavoroso recolhimento em si mesmo.

Sentiu-se pequenininho como um desses vaga-lumes cuja tímida luz se acendia e se apagava na escuridão das pradarias silenciosas nas noites de verão e, caindo de joelhos sobre a relva tenra, sentiu que todas as estrelas o observavam com amor, chamando-o *Filho de Deus...*, que o murmúrio do vento entre as árvores o chamava *Filho de Deus*, que tudo o que vive na Terra e em todas as esferas o chamavam também *Filho de Deus.*

Um caudal de pranto, que era felicidade íntima, que era resposta amorosa, que era hino de glória, que era certeza de amor supremo, expoente de luz, de força e de vida, derramou-se de seus olhos extáticos em feliz contemplação da Eterna Verdade que acabava de descobrir.

Aos quinze anos de vida física havia Osarsip descoberto o Deus Invisível e Eterno dos hierofantes egípcios, que eram seus mestres e da forte e sofredora raça de Israel à qual seu pai pertencia.

Como se sentia poderoso e forte Osarsip com todo esse conhecimento! O

infinito poder, o claro conhecimento, o eterno criador, era seu Pai. E ele, pequeno adolescente egípcio, era o "seu filho", algo tão íntimo seu, que lhe pertencia em absoluto, unidos para sempre por direitos e deveres recíprocos.

— Pai e filho!... Filho e pai! — repetiu, sem se cansar de ouvir a si mesmo repetindo palavras tão grandes e solenes, mais que a vida e mais que a morte!

Passados alguns dias, quis Osarsip falar particularmente com seus três mestres Amonthep, Ohad e Carmi, sem que seus dois companheiros Aarão e Hur estivessem presentes.

Perante eles, abriu sua alma como abria um rolo de pergaminho e expôs tudo quanto pensara e vivera na imensa solidão daquela noite à margem do lago, sob a sombra das palmeiras.

Os três ouviram sem interrompê-lo. E os três pensaram de idêntica maneira.

— Osarsip, meu filho — disse Amonthep, o mais velho dos três. — As inteligências superiores que colaboram na evolução das humanidades se anteciparam a nós e desvendaram segredos que houvéramos temido desvendar antes do tempo. Se te mantiveres submisso e humilde perante elas, serão os melhores instrutores que a Divina Lei concede a um ser encarnado.

"Deixa-te guiar por elas, e quando alguma dúvida magoar o teu coração, vem a nós e poremos nosso raiozinho de luz entre as luminárias que iluminam o teu caminho de mestre."

Mais meditativo, mais solitário, mais austero que nunca, Osarsip mudou muito a sua vida desde aquele dia em que a luz se fez para ele.

Aarão e Hur perguntaram timidamente:

— Nós te desgostamos, Osarsip, que pareces fugir de nós? Apenas te vemos nas horas de aula e não te ouvimos pronunciar uma palavra.

Sorrindo tristemente, Osarsip respondeu:

— Eu vos quero ainda mais que antes; contudo, à medida que passa o tempo, estou me vendo mais insuficiente e menor para tudo de grande e de bom que vós e eu devemos fazer quando atingirmos a maioridade. Creio que devemos começar a crescer desde agora. Esta idéia me absorve completamente.

— Deixai-o. É um ancião aos quinze anos — disseram seus mestres a seus dois companheiros, e também à princesa real e ao governador do castelo, quando demonstraram estranheza na modalidade que observaram em Osarsip.

O *Fiat Lux* que ressoou no mundo interior de Osarsip, quando contava apenas quinze anos de idade, fez dele, aquele homem gigante que através de lendas e de séculos conhecemos com o nome de *Moisés.*

Quem mais poderia ter mantido viva a fé de seiscentas mil almas durante quarenta anos de vida no deserto?

As Três Provas

Dois anos mais tarde, celebrava o castelo do lago Merik o décimo sétimo aniversário do nascimento de Osarsip.

Bem entendido, a celebração em público do aniversário se fazia naquela data quando a princesa real o tirou das águas do rio. Na intimidade, a celebração feita pela família era cinqüenta dias antes.

— Meu filho — disse a princesa real uma tarde em presença de Amram. — Chegaste felizmente aos dezessete anos. Celebraremos privadamente o dia do teu nascimento em família, como o fazemos desde alguns anos atrás; contudo, a celebração pública correspondente a um filho meu, onde e como é do teu gosto que o façamos?

"A regente e o conselho que preparam as festas da coroação do jovem faraó Amenhepat, meu irmão, pensaram em apresentar-te como superintendente vice-rei de todo o país.

"Através do pontífice e dos hierofantes companheiros de aula do meu pai, a regente e o conselho sabem que nenhum ministro fará junto a Amenhepat o que és capaz de fazer.

"Por desgraça, Amenhepat até agora é um jovenzinho débil, franzino, pobre de idéias e de palavras.

"As provas de prudência, de discrição e de domínio das multidões que deste na tremenda revolta contra a regente e seu conselho, permitiram-te conquistar nestes dois últimos anos a plena confiança do governo.

"Sei, por outro lado, de teu amor à solidão, ao retiro e ao silêncio do nosso parque em torno do lago e não quero causar-te nenhuma violência, meu filho.

"Decide, pois, por ti mesmo, o que devemos fazer."

— Pensarei nisto, mãe, se me deres tempo até o terceiro dia a contar de hoje — respondeu o jovem Osarsip, cuja estatura ultrapassava em muito a de seu pai. Era, pois, um jovem alto, forte, galhardo e de uma beleza varonil notável.

Todas as mães da alta nobreza o cobiçavam para uma aliança nupcial com suas filhas. E ainda se permitiam dizer em segredo... muito em segredo: "Este devia ser coroado faraó e não esse débil Amenhepat que se dobra com o vento. Bem se vê que é filho da estrangeira."

Osarsip ignorava em absoluto esses ditos porque a ele somente importava verdadeiramente uma coisa: seus estudos e o cultivo de seu mundo interior.

Quando das violentas revoltas que quase custaram a vida da regente e de seu conselho, Osarsip, ao lado de sua mãe, a princesa real, foi a barreira de bronze e pedra que conteve as massas enfurecidas ao aparecer o primeiro decreto que colocava na condição de escravos todos os estrangeiros que habitavam o país, ficando excetuados unicamente aqueles que pagaram um forte tributo em ouro, prata ou gado e também em frutos da terra.

Enquanto passam os três dias pedidos pelo jovem para dar a resposta, julgo conveniente fazer ao leitor algumas confidências referentes ao nosso protagonista.

O leitor recordará o jovem Hur de Said, companheiro da classe primária de Osarsip. Ao seu lado, ele fora ferido nas costas por um punhal que penetrou entre duas costelas. Seu pai, o médico da Casa Real Aton-Mosis, com a ajuda de outros médicos, conseguiu salvar-lhe a vida. Osarsip visitava-o todas as tardes depois das aulas.

O médico tinha uma filha de treze anos, preciosa criatura que parecia haver roubado suas belezas do arrebol das manhãs primaveris, seus místicos silêncios das noites de lua, e o puríssimo candor dos brancos lótus a se refletirem timidamente nas tranqüilas ondas do rio sagrado.

Chamava-se Merik ou Myriam, segundo fosse pronunciado em idioma egípcio ou sírio.

Em torno do leito de ferido do jovem Hur, Osarsip e Merik encontravam-se diariamente. Torna-se necessário esclarecer que o pai e a mãe da donzela pensaram mais de uma vez, sem mencioná-lo naturalmente, que o filho da princesa real seria como o príncipe azul para sua filha se o amor chegasse a unir algum dia seus corações.

Os dois eram belos e gentis, e dotados das mais nobres e formosas qualidades que podem fazer a felicidade de um lar bem constituído!

No silêncio mais discreto e prudente desses pais, o pensamento ficava enclausurado como uma múmia num sarcófago. Nada saía ao exterior.

No entanto, no coraçãozinho terno e meigo da pequena Merik, a imagem formosa de Osarsip ocupou um lugarzinho. O lugarzinho foi crescendo pouco a pouco até converter-se num pedestal, logo em altar adornado de flores, mais tarde em tabernáculo iluminado por muitos círios e, finalmente, num templo perfumado de incenso, onde a pequena alma de treze anos de vida física en-

trava de joelhos, com as mãozinhas juntas e os olhos extáticos... Era o amor na pureza virginal cantado pelos poetas e exaltado em poemas musicais pelos maiores mestres da harmonia das cordas!

Nem os mais puros arcanjos dos céus de Deus teriam podido encontrar um só ponto escuro nesse amor celestial.

Que fazia Osarsip nesse altar, nesse templo sagrado que uma menina de treze anos erguera para ele em seu coração, sem fingimentos e sem conhecimento da vida?

Ele havia compreendido tudo e se deixava amar sem amar.

O inocente amor da menina irradiava-se até ele como o perfume suave dos lírios. E ele deixava-se acariciar com esse perfume.

A luz dos círios desse altar íntimo chegava, morna e suavíssima, à ampla fronte de Osarsip, que às vezes se permitia pensar: "Como é suave e meigo o calor do amor quando vem de alma que não foi manchada pelo mal. Como é inocente e pura a alma de Merik!"

Hur de Said estava curado e forte, e as visitas de Osarsip terminaram com uma ausência completa.

* * *

Os três dias pedidos por Osarsip à mãe haviam passado, e ele respondeu assim:

— Mãe! — disse. — Não me julgo capaz de aceitar ou de me negar aos desejos da regente e do governo. Para assegurar-me do acerto que desejo ter, o pontífice e os hierofantes provarão, conforme aconselha a prudência, a minha capacidade para isso.

"O que eles resolverem a meu respeito, isso será o que eu farei."

Essa resposta do filho deixou absolutamente tranqüila a mãe.

Osarsip foi chamado pelo notário-mor, o hierofante Membra, em nome do pontífice, para que no dia seguinte, antes do pôr-do-sol, tratasse de se encontrar no templo de Ísis, em Mênfis.

O jovem estudante despediu-se de seus pais, sabendo que essa forma de chamada podia significar uma reclusão por algum tempo, durante a qual não poderia dar nem receber notícia alguma do exterior.

— Que o Deus de nossos patriarcas esteja contigo! — havia-lhe dito o pai ao despedir-se dele.

— Que Ísis, a Mãe Eterna de todas as mães dos missionários divinos, abra todas as portas e não fique nada oculto diante de teus olhos! — disse a mãe ao dar-lhe o beijo de despedida.

Para eles, que viam a luz do céu nos olhos do filho amado, ficou o castelo como que coberto de sombras.

A gôndola da princesa real encortinada de amarelo e branco e com sua tripulação vestida de gala, conduziu pelo canal o príncipe Osarsip, que não aceitou levar consigo criados de serviço, como era o costume nesses casos.

— Quero estar a sós comigo mesmo na casa onde a Divina Sabedoria se faz ouvir pelos que a buscam — respondera o jovem quando seus pais quiseram dar-lhe criadagem para todos os dias que permanecesse no templo.

Para que o leitor possa colocar-se em sintonia com os pais carnais de Osarsip nesta circunstância, ouçamos o diálogo que ambos mantiveram às altas horas dessa mesma noite, quando ninguém podia ouvi-los:

— Como é perigosa e arriscada a situação do nosso filho, Thimétis! — disse Amram à sua esposa secreta. — Temo não vê-lo mais!

— Como!... Filho de Abraão, Isaac e Jacó, é essa a fé que tens no Deus invisível que me ensinaste a amar, e que cuidou de tão prodigiosa maneira dos grandes homens da tua raça?

"A maravilhosa vida de José, filho de Jacó, chegado ao Egito como um escravo comprado a dinheiro e elevado, pouco depois, ao segundo lugar ao lado do faraó, não te leva a pensar que também nosso Osarsip é um protegido do Deus invisível?

"Nossas duas vidas, unidas à sua, são um encadeamento maravilhoso de estupendos prodígios.

"Quem não havia de pensar que, depois da morte de meu pai e com uma estrangeira ambiciosa sobre o trono do Egito, eu fosse anulada e proscrita para sempre da corte real?

"Quem poderia esperar que um menino recolhido das águas do Nilo, a quem chamo por adoção meu filho, pudesse chegar aonde chegou Osarsip?

"Quem poderia esperar que a regente, com todos os direitos do faraó-rei a quem representou na menoridade de seu filho, pudesse necessitar de mim, de meu filho adotivo, de ti, Amram, e até de minhas damas de honra, porque não pode confiar nas suas?

"Que julgas que tudo isso significa, senão a clara manifestação do poder divino do nosso Deus invisível, eternamente vivo e vigilante de suas amadas criaturas?

"Assim explicou meu mestre Amonthep, porque assim ouviu ele da boca sábia do pontífice e de seus hierofantes mais velhos."

Amram que, encantado, ouvia a exposição vibrante de amor e de fé de sua adorável Thimétis, exalou um grande suspiro e, sentando-se diante dela num pequeno tamborete com o fim de tornar mais íntima a confidência, falou desta maneira:

— Como me fazes feliz, minha amada, falando desta maneira! Não te vejo como uma egípcia nem como uma hebréia, mas como uma daquelas mulheres

que os povos chamam *deusas*, porque não podem pensar que sejam de carne, sangue e ossos, como as demais.

"Não te faz recordar tudo isto o arquivo secreto de tua mãe Epúvia Ahisa, descendente dos reis atlantes? Não te faz recordar aquela princesa Odina que, levada de um distante país, casou com o último dos reis tolstekas, Anfião de Orozuma? Tua fé me recorda a sua fé. E o teu amor, que salva de todos os abismos, se parece também com esse amor.

"Tu me fazes subir a um Céu de Luz, de Glória, de Bem e de Amor, e quisera estar ali sempre e ao teu lado.

"Entretanto..., minha santa e pura esposa, devo dizer-te com pesar que as coisas da Terra são pó e terra e que, das maldades e misérias terrenas, nosso Deus invisível extrai o bem para suas criaturas amadas.

"Não lemos nos teus arquivos secretos que dos fugitivos da Atlântida surgiu uma grande escola filosófica que tinha leis e princípios admiráveis com que tornaram boa e feliz a humanidade do seu tempo?

"Não diziam seus princípios que 'tudo se torna em benefício dos servidores de Deus'?

"Não diziam também: 'Extrai do fundo das coisas o que de melhor existe nelas'?

"Justamente, minha esposa, é isso o que está fazendo conosco o Deus invisível de todos os que sabem a Verdade. Da maldade e do egoísmo humano tira Ele o nosso bem e a nossa paz.

"Há muitas coisas que ignoras porque os que te amam quiseram deixar-te ignorar.

"Ignoras que um dos motivos das tremendas revoltas passadas, foi que a regente é mãe de um bastardo, gerado e nascido dois anos depois do falecimento de teu pai. Este fato saiu à luz quando seus ministros a obrigaram a firmar o decreto que rebaixava à condição de escravos todos os estrangeiros que não pudessem pagar o bárbaro tributo, exigido para ter direitos de cidadania.

"Ela é uma estrangeira que o povo aceitou por amor a teu pai. O bastardo que trouxe para a corte, e que declarava príncipe com direitos ao trono se falecesse o primogênito, fez subir de tom a indignação popular. Acredita-me Thimétis que, se ela não se tivesse sentido ameaçada de se ver arrastada pelas ruas, e o palácio assaltado pela multidão enfurecida, não teria pedido a tua ajuda nem a do nosso filho e, menos ainda, a minha, já que pertenço à raça de Israel, que ela despreza.

"Dissimuladamente foram entrando para a corte e o governo elementos de seu país, porém, cumulados de ouro por ela, pagam os tributos exigidos e são cidadãos do país.

"Compreendes agora, minha princesinha, por que ela busca pôr o nosso

filho ao lado do seu? Para que o guarde e guarde a ela de todas as fúrias populares.

"Sabes o que temo para o nosso filho? Um punhal assassino pago pelos favoritos da regente, a quem a retidão do nosso filho porá a descoberto em muitas circunstâncias."

Thimétis pensou alguns momentos. Logo, com absoluta confiança, disse:

— Jamais acontecerá tal coisa. Estou bem certa disto. A Mãe Eterna de todas as mães dos missionários divinos vindos a esta Terra me disse que o nosso filho, cansado já de viver uma longa vida, subirá a uma montanha muito alta, para descansar na união com o Eterno invisível; e sua ancianidade não lhe permitirá descer e ali morrerá na solidão com a única companhia de um filho que não será do seu sangue.

— Oh!... — exclamou Amram num gemido. — Por que há de morrer assim, só e abandonado por todos, se ele veio para ser o salvador da nossa raça oprimida?

— Amram!... A ingratidão nesta Terra finge esquecer os grandes que fazem sombra aos miseráveis que os invejam. Somente quando o sepulcro os engole, agitam palmas para eles e cantam hinos, porque então se envergonham de ter sido tão miseráveis. Não tinhas notado que isto é assim?

— Eu quisera saber onde notaste tudo isso já que viveste menos que eu.

— No arquivo secreto de minha mãe, aprendi muitas coisas que ela sabia pelos antiqüíssimos livros escritos por um solitário da Montanha Santa que se chamou Atahulfo, e que veio para a Mauritânia quando morreu o último dos reis tolstecas e aconteceu a subida das águas.

"Nosso Osarsip está vinculado a um grande desígnio divino e nenhum punhal poderá acabar com a sua vida."

— Que o nosso Deus faça cumprir tuas benditas palavras, minha esposa! — respondeu Amram, e a íntima confidência secreta ficou terminada.

.....

Osarsip desembarcou no amplo cais de mármore defronte ao templo de Ísis e chegou até suas portas de cobre e jaspe acompanhado de dois lanceiros da escolta enviada por sua mãe.

O sol do ocaso escondia-se detrás das montanhas da Líbia e a longa avenida de obeliscos e esfinges, que se estendia desde o cais até o templo, projetava largas franjas de sombra no branco pavimento de mármore.

Um silêncio profundo envolvia tudo e os passos graves dos três homens ressoavam como marteladas sobre uma bigorna.

A porta do templo estava entreaberta. Osarsip empurrou-a e entrou.

Ninguém estava ali para recebê-lo. Fez um sinal aos dois lanceiros que, dando meia-volta, retornaram para a embarcação. A gôndola soltou amarras

e empreendeu o regresso ao castelo do lago Merik. A princesa real ordenara que acompanhassem o príncipe até vê-lo entrar no templo. A ordem fora cumprida. Osarsip ficaria internado no grande templo de Mênfis.

Um monge com o capuz encobrindo o rosto fechou a enorme porta e desapareceu sem pronunciar palavra.

Osarsip tinha entrado algumas vezes no templo acompanhando sua mãe, que era recebida sob o pálio real mantido no alto por doze monges cobertos com brancas capas de brocado resplandecente, à luz de cem tochas. A grande orquestra sagrada do templo dava-lhe as boas-vindas com melodias e cântico de hinos.

Osarsip julgou ter-se adiantado à hora oportuna ao ver que nem sequer o criado que acendia os círios saía para recebê-lo.

Uma semi-obscuridade bastante pronunciada apenas era interceptada pela débil claridade da lamparina que pendia do teto defronte à grande estátua de Ísis coberta pelo véu e com seu dedo indicador sobre os lábios.

Osarsip deteve-se longo tempo diante dela.

Seu pensamento, como uma chama rugente, tecia e destecia idéias que não assomavam a seus lábios cerrados e mudos.

"— Fui chamado pelo pontífice e pelo seu conselho, e ninguém vem ao meu encontro.

" 'Recebe-me tu, mãe Ísis, com teu rosto velado e teu sinal de imperturbável silêncio.

" 'Aqui és de mármore, e estás como os homens quiseram fazer-te. Por que deve impressionar-me um pedaço de mármore arrancado de uma pedreira para amedrontar os ignorantes?

" 'És a muda representação de uma grande inteligência que resplandece e vive numa distante estrela do mundo sideral.

" 'Oh, se eu fosse digno de que me falasses como falam os deuses sem ruído de palavras, como o furacão na selva, como o raio no trovão, como o cair da chuva nos campos ressequidos...' "

Os olhos de Osarsip cristalizaram-se de pranto e seu peito arfava porque o coração palpitava com força.

Em sua mente resplandeceu como uma luz difusa esta idéia:

"*És o meu filho, e eu encho a solidão na qual as criaturas te deixam.*"

Osarsip estremeceu levemente. Fechou os olhos para evitar que assomassem duas lágrimas e permaneceu firme de pé, até que a emoção intensa se desvaneceu no silêncio.

Começou a caminhar lentamente pelas grandes naves do templo solitário e mergulhado em sombras que se faziam cada vez mais densas.

Ao passar defronte a um arco entre duas colunas onde a cortina estava

descerrada, viu um círio aceso sobre um altar e, sobre este, um almofadão de púrpura real bordado de ouro, no qual assentava uma coroa de faraó com esta inscrição ao pé:

"Esta tríplice tiara, usada pelos grandes faraós do passado, Soser, Chefren e Menehmet, cingirá a cabeça de Osarsip Rá-Moses, filho da princesa real Av-Isis-Thimétis, ao completar dezoito anos de idade."

Osarsip deteve-se, estupefato. Leu duas vezes a inscrição em hieróglifos do templo que bem poucos sabiam decifrar e continuou andando através das sombrias naves do templo deserto.

Enquanto andava, seu pensamento delineava idéias mudas, porém vivas... muito vivas.

"— Que disparate! Como os homens do templo puderam pensar que eu possa ligar minha divina liberdade de homem que pensa e sente a uma coroa de ouro e brilhantes que me torna escravo de leis tecidas pelos homens?

" 'Não valem mil vezes mais as vidas humanas que se derrubariam para disputar essa coroa, que nada significa para a felicidade que eu ambiciono?

" 'A psique que guardo em mim é grandemente ambiciosa, e não há na terra nem no mar tesouros que possam satisfazê-la.' "

E continuou percorrendo as naves do templo já mergulhado em completa escuridão. Por uma entrada lateral, vislumbrou uma luz muito débil como de um círio pronto a extinguir-se e, lentamente, encaminhou-se para ali, pensando ou desejando encontrar alguma solução para a inquietante solidão com que o recebiam os mesmos que o tinham chamado e aos quais ele havia querido submeter sua vontade mediante uma consulta cuja resposta esperava.

Era aquele recinto um dos camarins usados pelas virgens do templo para mudar suas roupas pelas vestes exigidas para as diversas cerimônias nas quais deviam atuar.

Sobre um canapé, estava uma delas, adormecida, semivestida. Observou-a durante alguns momentos e viu que respirava normalmente.

Logo, não estava morta, mas adormecida. Profundamente adormecida. Como a deixaram ali?

A noite era fria e aquela jovenzinha estava com roupas muito leves e semivestida. Devia estar gelada de frio.

Osarsip olhou em várias direções e viu uma grande manta de pele sobre o tapete do pavimento. Levantou a manta muito silenciosamente e, com grande cuidado, cobriu da cabeça aos pés a jovem que dormia.

Deu meia-volta até o recinto do templo pensando em encontrar a saída.

Viu com assombro que a nave central estava iluminada e, lá longe, em frente, o pontífice e os velhos hierofantes esperavam-no em suas severas e altas poltronas.

— Julguei que ainda não era digno de ser recebido por vós — disse Osarsip fazendo uma grande reverência. — Que o nosso Deus invisível vos guarde.

— Que Ele esteja também contigo, príncipe real do Egito — respondeu o pontífice, fazendo-o sentar-se diante dele. — Foi penosa para ti tão longa espera, meu filho?

— Não, santidade. Esperei com prazer porque recebi lições muito boas.

No conselho do templo, além do pontífice e do notário-mor, havia um escriba ou cronista, um inquisidor, um penitenciário, um arquivista, um reitor de cerimônias, um ordenador de liturgia e dois comissários encarregados de fazer cumprir o que fosse ordenado pelo conselho.

O inquisidor, como seu nome o indica, devia averiguar com exatidão tudo quanto dissesse respeito à vida pública ou íntima do candidato submetido à prova, quer esta fosse voluntariamente pedida por ele mesmo, ou imposta por determinada circunstância.

Em tempos anteriores, esse tribunal do templo formava parte do governo do faraó como um poderoso auxiliar do soberano, que nada ordenava por si só a não ser com o concurso imediato do tribunal do templo, pelo qual o governo e o povo tinham grande respeito e veneração.

No entanto, como todas as instituições humanas, esse tribunal foi perdendo prestígio e autoridade com o tempo e em face também dos grandes erros cometidos.

Os seres humanos, quer ocupem posições altas ou modestas, são falíveis, ou seja, capazes de equivocar-se e de errar, consciente ou inconscientemente, com malícia ou de boa-fé. Entre cometer erros por incapacidade, ou cometê-los por maldade refinada, há uma grande diferença para esse juiz interior chamado *consciência.* No entanto, para os povos, ou seja, para o exterior, o resultado é o mesmo: a perda absoluta da fé e da confiança nesse tribunal.

Algo assim ocorria no Egito naquele tempo, apesar de o tribunal de então esforçar-se grandemente por reconquistar o respeito e o prestígio dos velhos tempos.

O faraó Seti, avô de Thimétis, tinha conseguido refazer, digamo-lo assim, alguma coisa do que foi criado pelos homens e mulheres de elevada têmpera espiritual e moral de épocas anteriores, como Soser, Chefren, Sahuré, Isesi, Amenem, Senkaré e Amenhemet II, da XII dinastia, cuja admirável previsão para a defesa de seu povo o levou à construção inigualável da famosa cidade subterrânea chamada "*O labirinto*".

Feita esta explicação, o leitor compreenderá que o tribunal, diante do qual estava sentado o jovem Osarsip, era de sãs e nobres intenções e só aceitava realizar tais provas por voluntária petição do interessado, e não tinham outro

alcance além da segurança para o solicitante de que era capaz de assumir as graves responsabilidades que as circunstâncias faziam recair sobre seus ombros.

A Suprema Potência forjadora de mundos e Mãe eterna das almas que encarnadas ou em estado espiritual os habitam, tem prodigiosas combinações, sempre encaminhadas a impulsionar as humanidades para sua evolução e aperfeiçoamento, isto é, para sua completa e eterna felicidade.

Uma destas maravilhosas combinações era, sem dúvida, o que ocorria quando Osarsip atuava como homem neste plano físico.

Quero dizer que o tribunal que submetia à prova o nobre filho da princesa real estava composto, em sua maior parte, pelos seres que mais amaram e ajudaram a Anfião de Orozuma, o último dos reis tolstekas.

O pontífice Pthamer era a reencarnação do rei atlante Ahto-Fana, pai daquela Odina, esposa de Anfião, o rei santo.

No notário-mor, o hierofante Membra, estava reencarnado o rei de Otlana, Senegaldo, pai de Anfião, o rei santo. O inquisidor e o penitenciário foram na Montanha Santa, farol e luz da desaparecida Atlântida, dois grandes sensitivos que naquela distante época foram os primeiros a descobrir quem era a personalidade espiritual do filho primogênito que havia nascido dos esposos Senegaldo e Wilfrida, reis que foram do vasto e formoso país de Otlana.

Nossos leitores de *Cumes e Planícies* conhecem a história do rei Anfião de Orozuma na desaparecida Atlântida, e nada nestas combinações da eterna Lei lhes causará assombro nem estupefação.

Para os buscadores da verdade, as épocas, os séculos, o tempo se esfumam como um sopro de vento e somente fica em pé, invulnerável e eterna, bem simbolizada pela velha esfinge egípcia, a alma humana percorrendo épocas e séculos com vestimentas carnais diferentes, seguindo impávida a senda iniciada talvez como um musgo de ruínas milenárias, porém com aspirações a uma gloriosa imortalidade.

E todo o conselho estava formado por inteligências que, na época de Anfião, foram algo tão seu, como são os amigos verdadeiros e leais a um ser extraordinário que vem ao plano terrestre como mestre de almas e libertador de oprimidos.

Tal era o tribunal que julgava sobre as capacidades intelectuais, espirituais e morais de Osarsip-Rá-Moses, filho de Thimétis, princesa real do Egito.

E se as almas adiantadas recordam, ainda que vagamente, seu remoto passado, o leitor adivinhará os pensamentos e as emoções que cruzavam, iam e vinham, pelo horizonte mental daquele austero grupo de homens diante do belo jovem que tão humildemente esperava que eles opinassem sobre sua

capacidade e responsabilidade para as grandes atividades que as circunstâncias haviam criado.

Os arquivos secretos do grande templo de Mênfis conservavam escrituras de muitos milhares de séculos e os velhos hierofantes eram obrigados, por lei do templo, a lê-los pelo menos duas vezes na vida, se haviam de chegar a ocupar uma daquelas altas poltronas de ébano e de prata onde estavam sentados.

É lógico supor que as recordações, como um colar de estrelas, cairiam em suas mentes fazendo-os ver naquele jovem, quase adolescente, o capitão de um barco, bravo lutador contra piratas que queriam arrebatar vida de indefesas criaturas humanas cujas carnes estavam destinadas a ser consumidas como a dos bezerros e dos porcos. Como em todos os tempos, viviam também na distante Pré-História os exploradores dos vícios e das paixões humanas. Os bandoleiros da terra e os piratas do mar exploravam a espantosa gula dos potentados, para quem as tenras carnes de crianças, de varões ou de mulheres era um "manjar de deuses", segundo o dizer da época. Juno foi o bravo marujo salvador de crianças destinadas à fogueira do banquete.

Recordariam Numu, o príncipe-pastor, que renunciou às grandezas humanas para consagrar sua vida aos deserdados, aos despossuídos e miseráveis arrojados em massa da populosa "Mir-Tain-Mari" como trapos da mesma humanidade que explorara suas energias e suas vidas.

Recordariam seguramente a Anfião de Orozuma, o último dos reis tolstekas, que, como soberano do país de Otlana e esposo da princesa Odina, filha dos reis do país de Dyaus, impôs por convicção o seu próprio sentimento através de leis inspiradas na mais alta justiça e conhecimento da vida e dos homens.

Antúlio, filósofo, médico atlante e mestre da humanidade de seu tempo; Abel, glorioso coroamento dos kobdas pré-históricos que, de seus santuários do Nilo e do Eufrates, estenderam a rede sedosa de sua grande civilização por três continentes.

E como um sol que se levantava no distante Oriente, Krisna, o príncipe da paz, que, da mais espantosa anarquia e usurpação, fez brotar a magnífica roseira da paz ao enorme preço de sua própria vida.

Todas essas grandes recordações desfilaram pelas mentes daqueles austeros hierofantes como sublimes episódios de um poema sonhado por deuses e não vivido por homens.

E o suave silêncio de um sonho divino, do qual não se quer despertar, continuava na nave central do grande templo de Ísis, enquanto o filho da princesa Thimétis esperava tranqüilo a sentença definitiva do tribunal.

Finalmente, ele pensou: "Por que silenciará por tanto tempo o tribunal?"

O inquisidor, que era um sensitivo extra-sensível, disse no ato:

— Rá-Moses!... Não te assombre o nosso silêncio. As grandes recordações do passado relacionadas com a tua vida eterna mencionam histórias tão maravilhosas que nem a mais viva imaginação pudera relatar. Por isso, não temas o fracasso nem a morte.

"Dou esta resposta ao pensamento de Rá-Moses, que está perguntando a si mesmo *por que nos calamos durante tanto tempo.*"

— Ilustre inquisidor — disse o jovem. — Vejo que lês com grande facilidade os pensamentos humanos. Se essa dádiva que tens fosse transmissível, eu te pediria que me desses ao menos uma quarta parte da mesma.

— A Lei Divina dar-te-á o dobro quando for a hora — acrescentou o pontífice.

Todo esse maravilhoso desfile de recordações forjou um ambiente de tão intensa emoção que daqueles olhos cansados corria, incontível, o pranto.

O silêncio se prolongava, e Osarsip, sereno, impassível, aguardava sem acertar com o que era elaborado a favor ou contra ele naquele círculo de mentes cheias de sabedoria, de conhecimento da vida e dos homens.

Por fim, dominada a emoção, o pontífice falou:

— Não te interrogamos, príncipe real do Egito, a respeito do que pensaste ou fizeste desde que transpuseste o umbral do templo, porque sabemos tudo. Que fale o inquisidor.

O aludido abriu uma carteira com folhas de pergaminho e leu o que o jovem pensou ao entrar e ante a estátua de Ísis. Era exato. Eram os seus pensamentos anotados no pergaminho com extraordinária exatidão.

— É verdade que pensaste isso, príncipe Osarsip? — perguntou a voz solene do pontífice.

— Sim, santidade. É verdade; pensei assim.

— Podemos saber por que pensaste assim defronte a essa estátua da deusa que impressiona e sobressalta o ânimo de todos os que a miram?

— Pensei assim porque creio que essa é a verdade. É um pedaço de finíssimo mármore arrancado de uma pedreira. É a obra de um ou de vários homens que a fizeram por ordem de outros homens, ou pelo próprio gosto e vontade deles.

"Na profunda intimidade do meu eu, não posso impressionar-me, e menos ainda render adoração ou culto a um pedaço de pedra, ao qual só posso conceder um sincero elogio pela perfeita imitação de um ser vivo que impõe silêncio a questões que a humanidade deve ignorar para não desatar seu ódio contra os que descobriram uma verdade que ela não é capaz de compreender."

— E a compreendes tu, príncipe do Egito?

— Compreendo-a, aceito-a e me abraço a ela porque a verdade é o próprio

Deus. Ísis não é a representação de um homem ou de uma mulher. É a imagem imperfeita e pálida de uma inteligência luminosa, que, em longa carreira evolutiva através de idades e de séculos, chegou ao cume do conhecimento e do amor, que a tornaram capaz de impulsionar o crescimento de informes células vivas até fazer delas inteligências como ela mesma.

"Uma dessas informes células vivas sou eu, que luto por aproximar-me desse pai e mãe a quem devo o que sou. No Egito, chamam-na *Ísis*; na Atlântida, chamam-no *Zeus*; no Irã, *Ahura-Mazda*; no Dekan, *Shiva*, e aqui vós homens da verdade o chamais *Pai Sírio*, que vive e reina numa estrela luminosa da constelação que os astrônomos terrestres denominam *Cão Maior* por sua configuração e dimensões."

Osarsip calou-se, e tudo foi silêncio a seu redor.

O notário-mor trabalhava inclinado sobre seu volume.

Os dois escribas faziam correr o punção sobre suas telas enceradas ou livretos preparados de antemão.

O inquisidor, a um mudo sinal do pontífice, continuou lendo o que Osarsip pensara diante do pedestal que sustentava a antiga coroa tríplice chamada tiara, usada pelos grandes faraós de um remoto passado e que cingiria a cabeça de Osarsip.

— É verdade, príncipe real do Egito, que pensaste isso? — perguntou o pontífice.

— Sim, santidade. Eu o pensei. Confesso que meu pensamento foi doloroso como uma queixa de que vós, cheios de saber e de luz houvésseis pensado que em meu cérebro e em meu coração pudesse nascer o desejo de me ver sob essa mitra de ouro, escravo das leis absurdas de homens inconscientes.

"Quem pode renunciar sem dor à divina liberdade de homem que raciocina e pensa para ficar convertido num pedaço de carne, sujeito às mil arbitrárias formas de vida à qual o obrigam homens que vivem fugindo da verdade?"

Osarsip calou-se e novamente o silêncio se fez ao seu redor.

O inquisidor leu o que o jovem havia pensado e feito no camarim de vestir onde dormia uma das virgens do templo.

Sem esperar a pergunta do pontífice, Osarsip falou imediatamente:

— Pensei com lástima que essa infeliz criatura não teria mãe, nem leito, nem lar, porquanto o sono a havia dominado ao terminar as cerimônias. Eu a supus gelada de frio, e a cobri com uma manta encontrada ali perto. Pensei buscar a saída para retornar ao castelo, na crença de que o tribunal não poderia atender-me hoje.

— E por que não foste embora? — perguntou o pontífice.

— Vendo-vos aqui reunidos, pensei que me esperáveis. Aqui vim e aqui estou.

"Dizei com toda a verdade, eu vos peço, se julgais que posso fazer algo bom atendendo ao desejo da regente e de seu governo."

O pontífice e todos com ele se puseram de pé.

— Osarsip-Rá-Moses — disse o ancião. — Cremos firmemente que cumpres com a idéia divina se aceitares os cargos que te impõem, porque significam uma senda aberta pela eterna lei a esta porção de humanidade para impulsioná-la à nova evolução, retornando ao antigo caminho abandonado.

"Infeliz do Egito se rechaçar a oportunidade com que o brinda o infinito poder por teu intermédio!"

— Está bem, santidade. Penso que talvez não sairei triunfante, nem com vida da empresa. Contudo, não temo o fracasso nem a morte. Não dizem as Sagradas Escrituras dos kobdas de Abel, que: *"A morte por um ideal de libertação humana é a suprema consagração do Amor?"*

Ante semelhante resposta de um jovem de dezessete anos, aqueles anciãos não puderam conter a emoção.

O velho pontífice abraçou-se àquele adolescente ainda imberbe e chorou sobre seu peito, comovido.

— Rá-Moses, filho de Sírio, não desmentes tua ascendência espiritual! Contempla feliz a legião que te acompanha.

Os sensitivos haviam caído em profundo transe, e a nave do templo, radiante de azulada claridade, deixou ver a transparente multidão formada pela legião siriana que do espaço infinito assistia ao triunfo espiritual de Osarsip.

Uma hora depois, ao redor de uma mesa coberta de linho branco, os anciãos do tribunal ofereciam ao jovem filho da princesa Thimétis o que de maior e mais belo do ritual era permitido oferecer a um escolhido pela divindade para uma grande missão no meio da humanidade: as brancas hóstias de flor de farinha numa vasilha de ouro, e o vinho sagrado que em pequenas taças de prata bebiam todos em conjunto e num reverente silêncio.

— Este é o símbolo perfeito da comunhão de tua alma com a nossa — disse com solenidade o pontífice. — Equivale a um juramento inviolável, pelo qual nos obrigamos a secundar-te em tudo quanto empreendas e faças nesta tua vida.

Todos o abraçaram em seguida, e a gôndola do templo, encortinada de púrpura violeta, conduziu o príncipe Osarsip novamente ao castelo do lago Merik.

Era passada a meia-noite, e a lua minguante como uma gôndola de ouro sulcava, serena, a infinita imensidão azul.

O Superintendente Vice-Rei

O governador do castelo do lago Merik encontrara meios de estar a par da hora e do dia em que mais ou menos podiam esperar ou não o filho, que se internara no templo.

O velho Amonthep, em sua paternal solicitude para com a princesa real, pôde averiguar que o jovem não seria retido no templo em atenção à sua amorosa mãe, já tão profundamente sacrificada em seu mais íntimo sentimento.

Dessa maneira, entre o velho mestre e o jovem governador tinham disposto tudo para recebê-lo em tal forma que deixasse em meiga e amorosa tranqüilidade o coração de sua mãe.

Desde que se despediu dele naquela tarde, ela havia-se recolhido em seu aposento e, descerrando a cortina púrpura que cobria a tela da imagem de Ísis com o véu levantado e oferecendo-lhe a rosa de ouro da luz divina, ficou contemplando a bela imagem, representação daquela outra, impalpável e etérea, que lhe dissera palavras sem som num dia de angústias: "*Sou a Mãe Eterna de todas as mães dos missionários divinos vindos a esta Terra.*"

Doces lágrimas corriam de seus olhos enquanto seus lábios murmuravam assim:

— Mãe Ísis! Cumpre tua palavra e devolve meu filho nesta mesma noite! — Confiante e serena orava e aguardava.

No grande silêncio que reinava no velho castelo, muitos pensamentos velavam.

Como um cometa fugitivo, correra a notícia extraordinária e nunca vista nem ouvida:

"Osarsip fora chamado pelo pontífice e fora conduzido ao templo de Ísis em Mênfis."

Todo o pessoal ignorava, em absoluto, os motivos de tão inusitado acontecimento.

A reclusão da princesa real era interpretada como um triste augúrio de algo funesto referente ao jovem.

Esse sussurro inquieto, que é como um segredo a vozes, corria pelos corredores, passeios e pátios, formando um ambiente de inquietação e de alarme em todos os habitantes da suntuosa mansão.

Aarão e Hur, pensativos e silenciosos, não encontravam lugar que os acomodasse para suas expansões habituais. Os três mestres, encerrados em seu pavilhão anexo ao templo-aula, não se deixavam ver.

As silhuetas dos guardas silenciosos era percebida como imóveis sombras

à luz mortiça da lua que baixava lentamente do zênite para espelhar-se no límpido espelho do lago, também adormecido, como as gazelas, os cervos, as garças e as rolinhas.

A noite foi avançando e Osarsip não voltava.

O gongo de cobre ressoou na galeria do refeitório chamando para a ceia, e todos compareceram ao chamado: o governador, que sempre presidia à refeição, a ama Jacobed, a dama de companhia Enabi com todas as donzelas, Aarão, Hur e o chefe da guarda.

Na mesa dos três estudantes, havia um lugar vazio.

Na mesa central, ocupada ordinariamente pela princesa real, pelo governador, pelo chefe da guarda e pelos três sacerdotes mestres, estavam presentes só o governador e o chefe da guarda; havia, pois, quatro lugares vazios.

A refeição, por demais silenciosa, foi um expoente de secretos alarmes ainda que não tivesse ocorrido incidente algum.

Em todas as mentes adejava, silencioso, este único pensamento: "A presença de Osarsip enchia toda esta casa. Sua ausência a torna vazia." Os que ignoravam o secreto mistério dessa grande vida humana perguntavam sem falar: "Quem é, na verdade, esse jovem ao redor do qual dir-se-ia que gira, palpita e vive tudo quanto é vida, luz e alegria neste castelo?"

Na segunda hora da noite, o toque de silêncio tornou mais profundo o silêncio e todas as luminárias foram apagadas.

Contudo, nos aposentos da princesa reàl resplandecia luz, não obstante muito velada por causa das cortinas corridas.

A lua escondia-se por momentos entre encrespadas nuvens cor de pérola, e o distante resplendor das estrelas apenas permitia perceber, como negros vultos silenciosos, as estátuas, os obeliscos, as esfinges e os guardas. Tudo calava e dormia, quando, muito ao longe, o ouvido atento de Thimétis assomada em seu balcão percebeu o choque de uns remos na água do canal.

Havia-o percebido Amram, que passeava pelo terraço dianteiro do castelo enquanto via, também, como um pedaço de luz, a branca touca da princesa imóvel atrás de suas gelosias.

O velho Amonthep, com Ohad e Carmi, escutavam sem falar, ocultos na sombra da torre do templo, o compassado castigar dos remos sobre a água do canal.

A inquietação geral apressou também o ânimo de Aarão e de Hur e, sem dar aviso um ao outro, encontraram-se naquele banco sombreado de palmeiras, onde ocorrera, tempos atrás, a iluminação de Osarsip.

Também eles escutavam e esperavam, como se um secreto aviso corresse de uma mente para a outra levando a mesma esperança: *"Osarsip virá esta noite."*

Uma forte corrente de pensamento vinha do grande templo de Mênfis, enviada pelos dois grandes sensitivos, o inquisidor e o penitenciário, que percebiam a dolorosa inquietação dos habitantes do castelo.

Uma chamada das mais altas autoridades naquele tempo significava, às vezes, um desaparecimento inexplicado, a reclusão perpétua ou a morte, que tudo vinha a ser o mesmo.

A princesa real e os três mestres eram os mais inquietos e aflitos, porque somente eles conheciam as rebeldias internas, íntimas do jovem que ia perante o tribunal, tido como o mais rígido e severo daquele tempo. Não obstante eles conhecessem o grande amor do pontífice e de seus hierofantes pelo filho de Thimétis, temiam que Osarsip, incapaz de fingimento ou simulação, se manifestasse em completo desacordo com as escabrosidades da política enganosa de todos os tempos e de quase todos os mandatários. Em tal caso — pensaram — o conselho resolverá considerá-lo incapaz do desempenho das altas funções que lhe designam; e procederá assim para salvá-lo de outras mil terríveis conseqüências que poderiam sobrevir.

Aqueles dois sensitivos do conselho eram a reencarnação de dois grandes enamorados de Abel, que os conhecedores da vida apostólica entre os kobdas da Pré-História não podem haver esquecido: *Gaudes e Adonai.**

Ambos tinham um extraordinário cultivo da força mental, e com ela realizavam um secreto apostolado de justiça, de bem e de ajuda mútua.

Por isso, todos esperavam.

Quando a gôndola do templo ancorou no cais, várias tochas iluminaram o desembarque de Osarsip que, coberto com a grande capa branca dos hierofantes, parecia de maior estatura.

A simplicidade de Aarão foi a primeira a romper o silêncio:

— Quanto cresceste numa noite, Osarsip!...

O abraço da princesa real a seu filho cortou os assombros de Aarão e de todos.

Osarsip voltava mais alto e com mais gravidade em seu porte e maiores preocupações e responsabilidades.

Apesar de haver adquirido grande domínio sobre seus sentimentos íntimos, não pôde ocultar de todo a emoção que lhe causou ver que acompanhavam à sua mãe, na ansiosa espera, não somente o governador do castelo, como também seus mestres e os jovens companheiros de aula.

A lua minguante ausentara-se completamente, e um suave resplendor rosado apenas perceptível se esboçava detrás da cordilheira do Revenzora, confundindo-se com as úmidas névoas das águas pantanosas do Delta.

---

* Refere-se à obra *Origens da Civilização Adâmica.*

Estava já próximo o amanhecer.

— O crepúsculo vespertino acompanhou-te ao saíres daqui, meu filho, e as rosas do amanhecer apresentam-te as boas-vindas — disse a princesa, quando todos começaram a andar subindo a espaçosa rampa que chegava até as paredes do castelo.

— Mais ainda que as rosas do amanhecer, todo o vosso amor, aqui reunido, fortalecem minha esperança nos dias futuros — foi a resposta do jovem às meigas palavras de sua mãe.

Aarão e Hur foram admitidos no conselho familiar realizado ali mesmo.

O chefe da guarda, casado em segundas núpcias com Jacobed desde dois anos atrás, e Enabi, irmã do segundo chefe da guarda, assistiam também àquela recepção de boas-vindas com que o castelo do lago Merik recebia aquele jovem Osarsip, que haveria de chegar um dia a assombrar o mundo com sua extraordinária grandeza espiritual e moral como legislador e guia da humanidade terrestre.

Três dias depois, os arautos reais anunciavam em todo o país a coroação de Amenhepat, filho primogênito da rainha Ghala de Siracusa e do faraó Ramsés I, que vivia na imortalidade de Osíris.

Como a regente e seu conselho sabiam bem que tal acontecimento seria mal recebido pela grande maioria do povo, o aviso dos arautos tinha um hábil acréscimo: "Juntamente com a coroação do jovem faraó, será exaltado ao elevado posto de superintendente vice-rei, Osarsip de Mênfis, filho adotivo da princesa real Av-Ísis-Thimétis."

O nome tão amado do povo egípcio: Thimétis, filha da rainha Epúvia Ahisa; o nome de Osarsip, seu filho, que salvara nas tremendas revoltas passadas a tantos condenados a morte, era muito mais que uma couraça para a regente e seu filho; eram um fortíssimo pára-raios no qual se desvaneceriam como espuma todas as fúrias populares.

No entanto, a princesa real e seu filho seriam os imolados, os sacrificados pela salvação de milhares e milhares de seres.

A experiência de todos os tempos nos diz, na linguagem das realidades mais dolorosas, que todos os salvadores saem no final crucificados.

É verdade que em todos eles se fez carne este grande e sublime pensamento: "*O sacrifício por um ideal da libertação humana é a suprema consagração do amor.*"

* * *

Como sucedeu o prodígio de que Osarsip, tão enamorado da solidão, do silêncio e do estudo, resolvesse aceitar essa nomeação que o lançava repenti-

namente no meio da voragem que é a vida pública de chefe e mandatário em todos os tempos? Estou certo de que meus leitores fazem esta pergunta.

"— Sou como um pássaro arrancado do ninho e arrojado à tempestade — escreveu Osarsip em seu álbum de intimidades.

"Sou como um cordeiro arrebatado à sua mãe e ao seu redil e arrojado sem piedade numa escura selva povoada de feras.

"Sou como uma pedra arrancada do pico de uma pedreira e lançada a rodar pelas encostas cheias de precipícios...

"Quem me salvará deles, antes de poder ser eu o salvador de outros?"

Oprimido por tão sombrios pensamentos, Osarsip, sozinho em sua alcova, deixou de um lado o estilete usado para escrever e apoiou a cabeça cansada no respaldo da poltrona.

Passara a noite com insônia e, sem querer, adormeceu.

Osarsip, em união com o conselho, tinha celebrado uma comunhão de almas com as brancas hóstias de flor de farinha e o vinho sagrado.

Este era um inviolável juramento de unificação perfeita no pensamento, no amor e nas obras, e nenhum deles o quebraria jamais.

Pthamer, o velho pontífice, e todos os hierofantes do conselho seguiam Osarsip com o pensamento fixo de que fosse ele um perfeito instrumento dos desígnios divinos naquela hora da humanidade, como o havia sido em épocas anteriores.

Uma inteligência superior da chamada *Legião Siriana* se apresentou na noite seguinte ao do regresso da gôndola do templo que levou o jovem para o castelo do lago Merik.

Numa cripta do templo de Mênfis, achava-se reunido o conselho, deliberando sobre os grandes acontecimentos que se desenrolariam, envolvendo neles Osarsip, que não os buscou nem desejou jamais. A preocupação dos anciãos se intensificava cada vez mais com os avisos que chegavam diariamente da corte e do povo.

O firme antagonismo entre o governo e o povo tornava por demais difícil a situação para Osarsip, inexperiente e incapaz de simulação ou de enganos de espécie alguma.

Conheciam-no muito bem.

Osarsip era um espelho sempre disposto a refletir uma só figura: a verdade, ainda que fosse contra ele mesmo.

— Oremos ao Deus único, eterno invisível — disse por fim o pontífice —, para que o nosso irmão tenha à sua disposição toda a força espiritual necessária para cumprir a vontade divina.

Os dez anciãos, cobertos com suas grandes capas brancas, tiraram o tou-

cado púrpura que cobria suas cabeças desnudas e entraram no grande silêncio da união com a divindade.

Naquele recinto, fechado a todo outro ser que não fossem eles mesmos, não havia imagem alguma, a não ser tão-somente dois grandes círios de cera virgem, de um lado e do outro de uma grande fonte de mármore branco transbordante de água cristalina. Sobre seus bordos, havia dez pequenos piveteiros de prata com brasas acesas, onde cada um arrojou três bolinhas de incenso puro da Arábia.

Ao pé da fonte podia-se ver uma grande talha de barro cozido e reluzente cheia de terra, na qual um belo agrupamento de lótus fazia brilhar a brancura de suas flores imaculadas.

Em hieróglifos gravados em ouro numa lâmina de mármore negro, incrustada na parede frontal em maior altura que os círios, via-se esta frase:

"Água, Fogo, Luz e Terra, tudo é Deus sobre este Mundo."

Pouco depois do início da concentração mental, o pontífice puxou um cordão de seda que pendia sobre sua cabeça, e, muito ao longe, ouviu-se a melodia de liras vibrando suavissimamente.

Aliados ao coro da orquestra sagrada do templo, os monges músicos acompanhavam a oração dos hierofantes reunidos na chamada "Cripta da Morte".

Devia-se tal nome a que os consagrados para a vida espiritual superior tinham a idéia de que, para a alma encarnada chegar a uma verdadeira união com os mundos ou planos espirituais superiores, era necessário morrer para todas as maldades, baixezas e misérias na qual vive ordinariamente a grande maioria dos seres desta Terra.

Segundo eles, eram cinco os grandes pecados, manchas ou chagas que impediam a alma encarnada da união verdadeira com a divindade:

A Avareza — A Luxúria — A Inveja — A Ira — A Hipocrisia.

Chamavam-na a *Estrela Negra.* Tinha também cinco raios, como a Estrela da Luz Divina, mas era muito negra e trazia consigo o penoso adormecimento da alma nas trevas por larguíssimo tempo.

Tais eram os conceitos mantidos pelos mestres de almas do Egito milenar.

Feita esta explicação, que julguei necessária, acompanhemos também, leitor amigo, a concentração dos hierofantes, ao amparo da Luz eterna que através de longos milênios, nos permite observar, por um resquício, o secreto cenário.

A luminosa inteligência da Legião Siriana chamada *"Aheloin"* (Semeador Eterno) apresentou-se aos hierofantes, entre as suaves melodias da música sagrada, as espirais de incenso, os eflúvios da água vitalizada de amor e fé e o aroma inconfundível dos lótus do Nilo.

Para irmanar-se mais com eles pela semelhança, sem dúvida, a aparição celestial estava coberta com a capa branca transparente e luminosa, como se

estivesse tecida com resplendores das múltiplas luas da constelação de Sírio. Aheloin não levava o toucado de púrpura nem tinha a cabeça desnuda, mas revestida de abundante cabeleira, branca, também, como sua capa e como a luz que envolvia toda a sua figura.

"— *Não choreis por Osarsip* — disse com a voz sem ruído com que falam as inteligências desencarnadas.

"*Ele será um triunfador.*

"*Será o grande sacrificado da época presente; contudo, de seu holocausto de toda uma longa vida, surgirá novamente a senda da Verdade, da Justiça e do Amor para esta humanidade até a hora final.*

"*Dentre seus irmãos sirianos, fui designado para auxiliar imediato e permanente de Osarsip nesta jornada terrestre.*

"*Sede vós meus auxiliares em sua ajuda e defesa.*

"*Prometei-me, tocando vossas mãos a água da fonte.*"

Os dez anciãos mergulharam a mão direita na água abençoada pelo amor e pela fé daqueles seres, entregues durante anos de vida austera ao serviço de Deus e da humanidade terrestre no meio da qual viviam.

A impalpável e etérea visão mergulhou também sua mão, pedaço de luz, na água da fonte, que desenhou arabescos como filigrana de diamantes e tudo desapareceu no silêncio e na penumbra da cripta.

Quando, três dias depois, os arautos reais anunciavam ao Egito e aos países vizinhos e amigos que teria um novo faraó apoiado pelo filho da princesa real Thimétis, filha de Epúvia Ahisa, o conselho do templo, unido à princesa real e a todos os habitantes do castelo do lago Merik, tinha tomado todas as medidas julgadas necessárias e prudentes para secundar a atuação de Osarsip à altura a que o haviam elevado, sem ele buscar nem pedir.

Enquanto isto ocorria no profundo secreto da *Cripta da Morte,* Osarsip velava em sua alcova particular e escrevia seus tristes e desolados pensamentos no álbum de suas intimidades, tão secretas e silenciosas como tudo o que acabamos de ver entre os hierofantes do grande templo de Mênfis.

A celestial aparição de Aheloin aos anciãos reunidos fora presenciada por Osarsip durante o sono e, ao despertar e recordá-la, sentiu uma emoção profunda que lhe fez verter lágrimas de consolo e esperança.

Era forte; no entanto, quando ninguém podia vê-lo, dava livre curso ao pranto.

Também o Nilo, forte, grande e sereno, tinha torrentes e, algumas vezes, transbordava inundando a planície.

* * *

Dez dias depois, era celebrada em Mênfis a coroação do jovem faraó Amenhepat e, conjuntamente, a proclamação do superintendente vice-rei, o príncipe Osarsip, filho da princesa real Av-Ísis-Thimétis. Ela com o seu conselho, que era o Ministério da Beneficência Pública, encarregaram-se de dotar a povoação humilde da grande capital de todo o necessário para que pudesse apresentar-se dignamente em tão grandiosa solenidade.

Meus leitores devem saber que o povo trabalhador do Egito, naquele tempo, não usava vestimentas sobre o corpo, mas um escasso saiote de fazenda grosseira preso à cintura por um cinturão de couro, ou seja, o indispensável para cobrir a nudez dos homens; enquanto que as mulheres se envolviam num pedaço de fazenda grossa que as cobria desde os ombros até os joelhos e o apertavam à cintura com um cordão de cânhamo.

Bem pode imaginar o leitor o júbilo do povo de ambos os sexos com a dádiva maravilhosa que o Ministério da Beneficência o obsequiava em honra e glória do soberano que ascendia ao trono de seus ancestrais.

Os vivas à princesa real ressoavam pelas ruas e praças causando sérios arranhões no coração da regente, tão pouco simpática ao povo. Esta, na solidão e na intimidade de seus aposentos, desafogava suas contidas fúrias prometendo tomar muito justas represálias quando Amenhepat empunhasse o cetro que o tornava rei-deus sobre o seu povo. Na Sicília, seu país natal, desenvolveram-se secretamente as *Ciências Ocultas,* nome com o qual se encobria a verdadeira Magia Negra, tão maligna e daninha como o foi e o é em todos os países que tiveram o pouco acerto de permitir-lhe a entrada.

Siracusa, sua brilhante capital, chamada "Arca de Sabedoria" pelas suas numerosas escolas, academias e centros de ensino de todos os ramos do saber humano daquele tempo, não percebeu a entrada clandestina e dissimulada da *hóspede negra* que lá chegava como repugnante leprosa de países distantes em decadência, que não lhe proporcionavam já o abundante lucro a que estava habituada.

E assim aconteceu que um grupo de magos negros, residentes em Siracusa, transladou-se para Mênfis na qualidade de comerciantes de seda e prometendo muito bons negócios com a regente, que, à sua grande afeição pelo luxo, acrescentava o fato de achar-se tão mal vista pelo povo. Principalmente esta última circunstância era a mais propícia para a *hóspede negra* que, com seus grandes poderes, ajudaria a regente e seu filho a serem, na verdade, reis-deuses para aquele povo rebelde.

A fingida casa de comerciantes de seda estabeleceu-se em Mênfis com o nome de "A Abelha de Ouro", e aparentava ser uma família composta de quatro irmãos, já maduros em idade, com suas correspondentes esposas. Desde logo se compreende que nem eles eram irmãos nem elas eram esposas.

A casa foi inaugurada quando os arautos anunciavam a coroação, e o

fizeram tão habilmente que ofereceram à rainha-mãe um manto real de seda púrpura, preciosamente adornado com abelhas de ouro.

Desde esse momento, conquistaram-na em tal forma que a mais jovem das quatro magas, de belo aspecto exterior, foi introduzida no grande palácio real como modista penteadora da rainha.

Assim, os hábeis magos negros da "Abelha de Ouro" foram se tornando pouco a pouco os governantes e tutores dessa mulher carregada de despeito, de invejas e de malevolência contra os que haviam conquistado todo o amor do povo egípcio e dos países vizinhos, que ela não fora capaz de conquistar.

Disto veio, mais tarde, o furacão de contradições, de maldades e até de crimes, formando uma longa cadeia de dolorosas lutas e obstáculos, postos malignamente diante de Osarsip e de sua mãe para arrebatar deles o amor reverente do povo.

"Eu sou a Mãe eterna de todas as mães dos missionários divinos que vêm a este mundo" — repetia a Ísis viva à princesa real em suas longas meditações solitárias. — *"Eu estou contigo* — acrescentava — *e nada temas para o filho que deste a esta humanidade."*

"— *Eu sou Aheloin, teu irmão gêmeo, e hei de acompanhar-te no triunfo, não obstante tantos perigos e precipícios*" — dizia a luminosa inteligência da Legião Siriana a Osarsip, quando na cripta do templo orava com os hierofantes pelo triunfo da Justiça, da Verdade e do Amor.

* * *

A coroação de Amenhepat revestiu-se dos esplendores mais exorbitantes. Quanto de grandiosidade, luxo e esbanjamento pode ser ostentado em cerimoniais e banquetes humanos, esteve ali representado. O leitor imaginá-lo-á sem necessidade de uma descrição detalhada.

Os países amigos enviaram brilhantes delegações, pela inegável conveniência de estreitar vínculos com o novo governo, no qual a presença do filho da princesa real era uma garantia de nobreza, de justiça e de leais amizades.

A Numídia* pusera de prontidão grandes forças militares para o caso de ser posto em vigência o malfadado decreto de escravidão para os estrangeiros.

Uma numerosa colônia de númidas, estabelecida desde anos atrás em Heliópolis, na margem oriental do Nilo, considerava o país como sua segunda pátria, e o oneroso decreto lançava por terra a prosperidade adquirida por longos anos de esforços e sacrifícios.

A ameaça da Numídia também podia ser aplicada à Arábia, à Líbia, à

---

* Hoje Argélia. (N.T.)

Mauritânia, à Palestina e à Fenícia. Também as numerosas tribos de raça negra do país de Kush se uniram ao descontentamento geral provocado pelo decreto de escravidão para os estrangeiros.

O superintendente vice-rei do jovem faraó era o filho da nobre e amada Thimétis que, desde seus quinze anos, se havia mostrado como uma amorosa mãe do povo egípcio em geral, sem fazer distinção alguma em seus benefícios entre os nativos e os estrangeiros que, com seus trabalhos, engrandeciam o país.

Todo o Egito e os países vizinhos aguardavam com inusitada ansiedade.

Quando passou a semana da celebração e cada qual voltou a seus trabalhos habituais, a princesa real e o governador do castelo do lago Merik, com numerosa escolta de lanceiros, arqueiros e guardas, acompanharam o jovem superintendente para tomar posse de seu cargo. O jovem faraó Amenhepat ocupava o enorme trono de seu pai. Sua débil e minúscula pessoa parecia encolher-se mais naquele imenso trono milenário.

Sob um dossel lateral, estava a rainha-mãe e, junto a ela, Thimétis, princesa real.

Osarsip aproximou-se acompanhado pelo governador do castelo e pelo hierofante Membra, notário-mor do templo de Mênfis, representando o pontífice e seu conselho.

Osarsip dispunha-se a dobrar um joelho diante do soberano, porém este levantou-se prontamente e o estreitou em seus braços. Não o deixou sentar na poltrona à sua esquerda mas, chegando-se para um lado no amplo trono, obrigou-o a sentar-se com ele.

— Se não me olhas como a um irmão, Osarsip, não poderei ser feliz no trono de meu pai — disse com um acento e ternura sincera e leal.

— Se é tal como dizes, ó rei, conta com este teu súdito, que se esforçará quanto possa por satisfazer o teu desejo.

A um sinal da rainha-mãe, o mestre de cerimônias aproximou-se do trono levando sobre um almofadão de seda púrpura um magnífico colar de ouro e esmeraldas, jóia antiga que um irmão mais jovem da rainha Hatasu havia usado quando foi o primeiro superintendente de seu reinado. Amenhepat colocou-o no pescoço de Osarsip, dizendo:

— Este é o sinal da minha aliança contigo, Osarsip. Enquanto o levares em teu pescoço, a nenhum outro homem darei mais amor e confiança do que a que hoje deposito em ti.

— Obrigado, faraó-rei, ilustre filho do pai de minha mãe! Todos quantos estão aqui presentes são testemunhas de tuas nobres palavras e da promessa solene que faço ao meu soberano, e a todo o país, de não omitir sacrifício algum para servi-los como o merecem — respondeu Osarsip emocionado.

A rainha-mãe demonstrava tranqüilidade em sua pomposa majestade.

A princesa real, com grande discrição, secava suas lágrimas.

Ela temia tanto pelo porvir de seu filho, para quem toda aquela grandeza e faustosidade parecia simulação e engano!

Adivinhando o seu temor, o hierofante Membra, que estava a seu lado, disse em voz baixa:

— Não temas nada, princesa real, pois teu filho traz consigo a força de toda a Legião Siriana, e os vermezinhos da Terra nada poderão contra ele.

— Benditas sejam as tuas palavras, bom mestre — respondeu ela também a meia voz, enquanto a rainha, o faraó e Osarsip, sentados juntos no grande trono, conversavam amistosamente.

A rainha-mãe estava esplendidamente bonita com sua dourada cabeleira recolhida num tocado de filigrana de ouro coalhada de pérolas e semi-envolta no grande manto de púrpura bordado com lótus de nácar e prata. Ela devorava com seus vivos olhos cinzentos a Osarsip, cuja galharda e esbelta figura parecia entusiasmá-la em extremo.

Imediatamente, um nobre cavalheiro da guarda anunciou a chegada do médico real Aton-Mosis com seus filhos e, dado o consentimento imprescindível, foram conduzidos à real presença.

O médico real, com seus filhos Hur e Merik, haviam sido convidados pela rainha para a cerimônia; contudo, um incidente nas ruas, para seu pesar, havia-os retardado. Todo o espaço ao redor do grande palácio se achava abarrotado de público que desejava demonstrar sua adesão à princesa real e a seu filho, e custara-lhes grande esforço abrir passagem até o salão do trono.

A hábil rainha-mãe conhecia a profunda amizade que unia o médico e sua família à princesa real e a seu filho, e entrava em seu programa político esta estudada complacência. A infeliz estrangeira sentia-se tão pouco amada pelo povo, que buscava aquela pequena porção de corações nobres e bons para curar seu amor-próprio tão profundamente ferido.

A pequena Merik, toda branca como um ramo de lírios num jarro de nácar, olhava para Osarsip com seus grandes olhos inundados de pranto, e nós, leitor amigo, temos a lente da Luz Divina para ler em seu pensamento de inocente enamorada:

"— Como Osarsip está bonito!... mas como está longe e alto o altar ao qual subiu!...

"Creio que, no subconsciente de sua alma pura e boa, deve ter-se esboçado seu templo interior vazio e seu altar sem flores nem círios... Tudo apagado!"

A voz da rainha-mãe cortou-lhe os pensamentos:

— Vem aqui, pequena rolinha — disse carinhosamente —, que a partir de hoje eu te quero no palácio todos os dias, para ocupares um lugar que ficou

vazio entre minhas damas de honra. Serás a mais jovem de todas e também a mais bonita. Que tal ser a minha bonequinha?

A menina ajoelhou-se humildemente a seus pés e começou a chorar.

A princesa real, que a tratava com alguma intimidade, interveio para acalmá-la.

Pouco depois foi servido no interior do palácio real uma suntuosa ceia em honra do brilhante superintendente vice-rei, que ocupava a partir desse instante o segundo lugar depois do faraó.

Desse modo, subiu Rá-Moses a montanha santa do sacrifício à qual o chamava a Eterna Lei que governa os Mundos e as almas neles encarnadas.

As Roseiras Floresciam

"Quando florescem as roseiras, os espinhos amadurecem" — era um ditado muito comum entre a boa sociedade egípcia. Analisado o adágio com a lente da realidade, resulta bastante exata.

A roseira endurece seus espinhos para defesa de sua radiante e cobiçada floração.

Comparando a roseira com a vida humana, observamos que podemos assegurar o mesmo.

Quando floresce em obras belas e boas a roseira de uma vida de grandes esforços para o ideal superior vislumbrado a distância pela alma do justo, logo aparecem agudos e cruéis espinhos da malevolência irritada pelas invejas, pelos descontentamentos, pelos comentários malignos, pelas interpretações equivocadas.

Todo o conjunto forma um rumor sinistro como o revoar de um bando de corvos sobre o redil onde descansa a manada...

Três fecundos anos de incessante trabalho demonstraram ao mundo civilizado de então que o filho da princesa Thimétis tinha na verdade *sangue de faraós*, ou seja, sangue de deuses.

Contam-nos as histórias e tradições daqueles tempos que, para a ignorância e o fanatismo popular, os faraós eram filhos de deuses, e, igualmente, o eram, por herança, todos os seus descendentes.

Assim, ao redor do nosso protagonista, formaram-se numerosas lendas, epopéias, melodramas e poemas, nos quais havia algo de realidade e muito de invenção, como ocorre sempre com os homens ou mulheres que se destacam das multidões.

No caso atual, a missão, aceita com entusiasmo e amor, foi a de separar o falso do verdadeiro, para que apareça nítida e pura a obra da sétima personalidade encarnada do Homem-Luz enviado pela eterna lei como instrutor e guia da humanidade terrestre.

Vejamos, pois, o que fez Osarsip nos três primeiros anos de sua atuação junto ao trono dos faraós.

Sendo o que era, bem suporá o leitor de que forma iniciaria suas tarefas. Recordará o leitor que, dentro do vasto recinto circunvalado da muralha que rodeava o palácio real de Mênfis, encontravam-se entre bosques de palmeiras, esfinges e obeliscos, dois grandes templos além do palácio chamado "da princesa", que foi ocupado por Thimétis e sua criadagem até sua transferência definitiva para o castelo do lago Merik.

Por insinuação do pontífice e de seu conselho, e com a aceitação do jovem faraó e sua mãe, essa seria a residência do superintendente durante os dias destinados às tarefas exigidas pelo seu cargo.

Tal disposição foi tomada pela rainha-mãe, e o filho rei aceitou-a imediatamente, habituado como estava a obedecer às decisões maternas.

O palácio da princesa era efetivamente de propriedade de Thimétis, pois fora construído e ornamentado muitos anos antes como um magnífico presente de esponsais que o faraó Seti, pai de Ramsés I, fez à princesa real Epúvia Ahisa, quando esta foi trazida da distante Mauritânia para desposar-se com seu herdeiro. Era, pois, herança da dita rainha à sua única filha Av-Ísis-Thimétis. O faraó, seu pai, havia-o confirmado ao documentar o avultado dote fixado para sua filha no dia da proclamação como sua herdeira.

Esse palácio permanecera fechado desde que a rainha Ghala o ocupara durante o breve tempo de espera para suas bodas com o faraó.

A princesa real voltava a tomar posse de seu palácio porque magoava-lhe o coração a separação do filho.

Amram, o governador do castelo, passou a ser o governador do palácio da princesa, enquanto que o chefe da guarda, com Aarão e Jacobed como ama da casa, continuavam no amado castelo do lago Merik, tão cheio de meigas recordações para a alma de Thimétis.

Nefru, o segundo chefe da guarda, e sua irmã a açafata Enabi, acompanharam a família em sua mudança temporária para a faustosa Mênfis, residência real nesse tempo.

Osarsip quis ter a seu lado como notário-mor a Hur, amigo e companheiro de aula, como o leitor recordará.

Penso que este perguntará a si mesmo de que modo e por que surgiram e amadureceram os espinhos da roseira de Osarsip, quando estava tão bem rodeado e defendido com a proximidade daqueles que o amavam com sincera lealdade.

Esclarecemos anteriormente que, nos mundos de escassa evolução, como a Terra, os redentores, os salvadores, os verdadeiros missionários da Verdade são ordinariamente sacrificados, nem sempre no que diz respeito à sua vida física, mas, sem exceção, em sua personalidade como porta-vozes de um ideal superior. Não é, pois, de estranhar que ao nosso protagonista ocorresse a mesma coisa.

O médico Aton-Mosis, que o vira nascer e que o amava como a seu próprio filho, disse:

— Tua vida no meio da corte real é, em relação a ti, como uma selva povoada de feras. Irás por um caminho e sairá repentinamente um leão faminto: um aspirante a potentado buscando a tua autoridade para realizar um negócio rendoso, que, sem esforço algum, o transforme num poderoso magnata. Começarás a andar por outro caminho e sairá ao teu encontro uma pantera com pele de gazela: uma cortesã que te desejará para si ou para sua filha, e com laços de flores e seda irá levando-te, sem que te advirtas, a seus jardins encantados, donde nunca sai um homem sem um remorso em sua consciência e uma ou muitas manchas em suas vestimentas.

Estas ajuizadas advertências ocuparam uma noite de meditação ao jovem superintendente. Na manhã seguinte e depois de muito pensar, Osarsip tomou seu álbum de intimidades para escrever nele suas próprias reflexões.

Sentiu-se transportado com seu pensamento ao templo de Ísis, onde já o vimos outra vez; e ali, naquela mesma cripta, teve a impressão de ver o penitenciário aguardando-o. Osarsip começou a escrever. Sua escrita não era propriamente sua. Era outra vontade que o fazia escrever.

Jamais lhe havia ocorrido tal coisa. Era este um fenômeno desconhecido para ele.

Osarsip escreveu assim:

"Não te cause alarme a minha presença espiritual, filho de Thimétis. Sou Didufri, o penitenciário do templo. Se sabes que o espírito humano pode atuar separado da sua matéria quando a lei o permite, não deves assombrar-te da minha presença a teu lado. Ouve-me: a rainha e o governo em geral não têm plena confiança nos anciãos do templo. Não menciono o faraó, porque até hoje somente leva a coroa e o cetro, porém não o mando no país.

"Em razão de tudo isto, não é conveniente que te vejam comunicar-se com

o templo repetidas vezes. A Lei Divina, poderosa e sábia, tem este meio de comunicação sem que ninguém o perceba. Umas vezes eu, e outras vezes o inquisidor, usaremos deste meio para ajudar a salvar-te dos precipícios, grandes barreiras e obstáculos que hão de aparecer em teu caminho.

"Hoje somente te aviso que dois membros do conselho real puseram a vista e o desejo nas grandes minas de cobre do Monte Sinai, como também no ouro e na prata das pedreiras da Líbia. Pensam propor que decretes a entrega de cereais do país em troca de tudo o que ambicionam. Isso traria a fome sobre o Egito e provocaria revoltas do povo.

"Ficas avisado. O Deus Eterno te guarde."

Osarsip deu um suspiro grande e profundo, dando a impressão de descarregar nele todo um mundo que levasse sobre seu coração.

— Não comecei ainda a cumprir os meus deveres e já me sinto aniquilado pelo peso — murmurou tristemente. — Deus invisível e eterno, adorado por meus pais e por meus mestres! Tu, que és a potência suprema, a fortaleza inalterável... Dá-me, eu te peço, tudo quanto me falta para ser o que queres que eu seja!

Feita esta exclamação do fundo de sua alma atormentada por mil incertezas, pouco depois Osarsip saiu do seu aposento e encaminhou-se ao grande palácio, levando dentro de si toda a serena fortaleza que reclamara ao eterno poder invisível.

No grande salão de despacho, esperava-o a rainha-mãe com o guarda-sinetes e o notário-mor. Logo após receber a reverência do jovem, a rainha falou.

— Mandei chamar-te uma hora antes da chegada do faraó, a fim do pôr-te a par do estado no qual se encontra a administração e tudo quanto diz respeito ao bem-estar do país. O faraó, que é teu tio, porém de tua própria idade, não tem a fortaleza nem a energia das quais os deuses te dotaram. Sendo assim, vemo-nos obrigados, algumas vezes, a não revelar-lhe as coisas tais como são para não causar-lhe impressões demasiado fortes que possam prejudicar-lhe a saúde. Mais adiante, talvez adquira a capacidade de saber tudo sem sofrer detrimento algum.

"Aqui tens o guarda-sinetes e o notário-mor, que têm sido meus grandes auxiliares durante os anos de regência. Estou certa de que com eles levarás o país ao mais alto progresso e bem-estar, de tal forma que o nome de Ramsés II eclipse o de todos os reis da Terra. Esta é a minha esperança."

Osarsip inclinou-se profundamente em reverente aceitação silenciosa das palavras da rainha. Os dois ministros o imitaram.

A rainha retirou-se pela porta interna, onde dois guardas levantaram uma pesada cortina para deixá-la passar.

Osarsip deu-se conta de que todas as portas estavam igualmente guardadas.

O guarda-sinetes e o notário começaram a tirar de uma grande estante papiros, couros de vitela e tabuinhas, que foram enchendo as enormes mesas que existiam ali.

— Tudo isto — disse o notário — são solicitações, propostas e promoções. E aquilo — assinalou outra mesa — são sentenças ou absolvições segundo indique a balança da justiça.

Osarsip olhou para uma e para outra das mesas. Ainda não havia pronunciado uma única palavra.

— Comecemos pelas sentenças — disse — porque aqueles que aguardam uma sentença devem sofrer horrores pela incerteza. Se nós estivéssemos em seu lugar, desejaríamos pronta solução.

Osarsip sentou-se diante de uma das mesas. O notário e o guarda-sinetes sentaram-se também.

Osarsip começou a ler pessoalmente as causas criminais que pesavam sobre aqueles nomes, assinalados alguns com um asterisco negro e vermelhos os outros. Ele sabia bem o que aquilo significava.

O asterisco vermelho queria dizer que a pessoa denominada devia, segundo o costume feito lei, sofrer a pena do açoite até derramar sangue, e sofrer, além do mais, a amputação de uma orelha. O asterisco negro indicava a pena de morte através da decapitação e ser o seu cadáver arrojado ao muladar para servir de alimento às feras.

Continuou lendo. As causas datavam dos dias tempestuosos quando o povo se levantou irado contra o decreto de escravidão para todos os estrangeiros residentes no país, com exceção dos que haviam pago o imposto fixado pelo governo. Entre os delinqüentes havia sírios, árabes, fenícios, núbios, etíopes, cretenses, gregos, líbios e mauritanos. Eles eram acusados de haver pedido aos gritos a pessoa da regente para arrastá-la pelas ruas, como também os dignatários do conselho.

A princesa real e seu filho tinham conseguido aplacar a ira popular com a promessa de obter do governo a anulação do decreto, e essa promessa foi cumprida. Contudo, os mais exaltados foram presos e aguardavam a sentença.

Na outra mesa, que parecia carregada de pergaminhos e tabuinhas, havia também petições que exigiam uma resposta adequada.

Eram solicitações e propostas dos representantes de todos aqueles países cujos súditos tinham caído em desgraça perante o governo egípcio.

Todas essas argumentações atacavam o decreto causador desses distúrbios e punham em evidência o erro de seus autores, tendo em vista os anos de prosperidade, de paz e de engrandecimento do país com a cooperação dos estrangeiros, que não só contribuíram com seu esforço de trabalhadores, como

também com seus conhecimentos no que diz respeito às indústrias, às artes e às ciências, afora os capitais e negócios realizados em benefício do país.

Finalmente, aduziam o fato de que a regente era estrangeira, e também o eram quase todos os dignatários e damas que formavam a corte real da época, escolhidos pela regente entre seus familiares e amigos de sua terra natal.

Osarsip leu em voz alta toda essa argumentação, cujo bom sentido e lógica bem fundamentada não admitia atenuação alguma.

Depois, olhou em silêncio para os dois ministros que, compreendendo a pergunta subentendida naquele olhar, disseram ao mesmo tempo:

— Fui nomeado depois da revolta. Sou egípcio de nascimento.

— Alegro-me que assim o seja — disse Osarsip —, porque se não o fosse, teríeis grande responsabilidade nas funestas conseqüências trazidas por este decreto.

— Os que firmaram o decreto foram afastados do conselho e fugiram secretamente para Siracusa, seu país natal — manifestou o guarda-sinetes.

— Naturalmente — acrescentou o notário-mor —, porque, se não houvessem procedido assim, o povo tê-los-ia linchado.

— Sabes tudo o mais, príncipe real. Salvaste, junto com tua nobre mãe, a rainha-mãe de igual sorte.

Depois de breve silêncio, que mais parecia uma profunda meditação, falou novamente o superintendente vice-rei:

— Não posso firmar estas sentenças nem autorizar, de forma alguma, sua execução porque, se eu tivesse estado no lugar de todos esses acusados, teria agido da mesma forma. Não teríeis procedido assim também vós? Qual é o homem que não resiste com todas as suas forças a ser condenado à escravidão, sem ter feito coisa alguma para merecer tão miserável condição?

— Sim, é verdade, absolutamente verdade! — expressou o notário —, contudo, a rainha delira por ver castigados seus inimigos.

— Cem mil inimigos mais se levantarão contra ela se forem executadas estas sentenças — expressou com firmeza Osarsip. — Por trás de todos estes acusados estão os países a que pertencem e, então...?

— Teremos que nos defrontar com todos eles, sem dúvida alguma — afirmou o guarda-sinetes.

— Esperai-me aqui. Irei solicitar audiência ao faraó e à rainha-mãe — disse Osarsip, e saiu pelo longo corredor que atravessava o grande pátio da sala de Armas, onde em sua infância assistira algumas vezes os exercícios de disparar a flecha, nos quais ensaiavam todos os meninos da nobreza egípcia.

A rainha informava ao jovem faraó o mesmo assunto que estava sendo tratado no escritório do superintendente. Osarsip foi recebido imediatamente.

Expôs o caso tal como ele o compreendia e como o era na realidade. E acrescentou mui serenamente:

— Não posso firmar essas sentenças, e menos ainda fazê-las executar, porque atrairia sobre a nossa pátria uma coalizão de todos os países que se vêm afetados em seus súditos residentes aqui. Talvez tomassem represálias contra os nossos compatriotas residentes nesses países. Parecer-vos-á conveniente ao Egito a inimizade, não só do nosso povo como também de todos os que seriam afetados pela nossa decisão? Não vos parece, em compensação, que um generoso indulto, ou pelo menos a atenuação da pena, atrairia às vossas augustas pessoas e a todo o país as grandes compensações da boa amizade?

— Estou de acordo contigo, Osarsip, e assim acabo de expôr à rainha. Não quero começar meu governo cortando cabeças. Não quero!

— Mas eu fui tão agravada... tão ofendida, que não concebo como a esposa de um faraó e mãe de outro faraó possa agüentar isto sem tomar uma vingança que assombre o mundo inteiro.

— Eu o compreendo, ó rainha, eu o compreendo!... Entretanto, se tão graves foram as ofensas da ira popular, duplamente o serão se forem executadas essas sentenças, e nos veremos arrastados todos na horrorosa voragem. A calma que agora vedes, é uma expectativa animada pela esperança de que minha mãe e eu interponhamos nossa influência perante vossa realeza. No entanto, que sucederá quando essa esperança se tiver desvanecido? Levantar-se-á um motim cem vezes mais terrível que o anterior.

— A princesa real e tu, que sois tão amados do povo, não podereis dobrá-lo e obrigá-lo a aceitar humildemente o castigo que merecem os criminosos, autores da revolta? — perguntou a rainha, tratando de ferir o amor-próprio de Osarsip.

— Senhora, nobre rainha do Egito! Deveis saber que o povo ama a princesa real, não pelo seu nome nem pela sua descendência, mas por todo o bem que recebeu dela e ainda recebe. O amor dos povos tem em si grande parte de egoísmo. Ama pelo bem recebido. Se hoje, que por vossa real vontade, o filho da princesa real passou a fazer parte do vosso governo, forem executadas cerca de mil sentenças de morte, e outras tantas de flagelação e de mutilação, que pensais será do amor popular para com a princesa e seu filho? Se esse amor foi a couraça que defendeu vossas vidas, chegado a este ponto, não a teríeis, e, então?...

O faraó cortou-lhe a palavra.

— Minha mãe é hoje a rainha-mãe: no entanto, o faraó sou eu. Eu disse que não quero iniciar meu governo cortando cabeças. Osarsip!... És o meu superintendente vice-rei. Anuncia em meu nome o indulto geral a todos os sentenciados pelo motim passado.

"Quando o notário o tiver escrito no Livro Branco, trazei-o a mim e eu o firmarei."

A rainha deu um grito e caiu desmaiada sob o baldaquino púrpura.

Osarsip apressou-se a levantá-la e deu os toques de chamada para as damas de plantão, que acudiram imediatamente.

Uma hora depois, o povo aclamava na grande praça dianteira do palácio real o faraó Ramsés II, o superintendente vice-rei e a princesa real Av-Ísis-Thimétis.

A tão alto grau chegou o entusiasmo popular, que o jovem faraó se viu obrigado a sair ao terraço que dava sobre a praça na qual se agitava a multidão. Acompanhavam-no Osarsip e a princesa real. Por amor a eles, o nome da rainha-mãe não foi sequer pronunciado. Era quanto se podia pedir e esperar de um povo que fora tão agravado por ela.

Osarsip pensou:

" — Quanta verdade encerra o provérbio eterno dos seguidores da doutrina de Anek-Aton: 'O amor salva de todos os abismos.' "

O sol desaparecia entre os vivos resplendores do ocaso egípcio quando Osarsip deixou o grande palácio e voltou ao seu longínquo lar, que sua nobre mãe enchia de amor, de esperança e de fé.

Fora necessário acalmar a rainha-mãe com reflexões que só a força de persuasão que a princesa real possuía como dádiva divina podia dominar a tremenda excitação de que a rainha sofria.

Ela se via afastada, em absoluto, de tudo quanto formara o maior ideal de sua vida, e era impossível para ela aceitar o fracasso sem poder desafogar sua fúria em todos aqueles que, no seu modo de pensar, o haviam causado.

Julgara a rainha que aquele povo passivo, que desde a morte do faraó vinha suportando penosas cargas, aumentadas dia a dia, e humilhações de vários tipos, continuaria dobrando a cabeça em silêncio, sem protestar, qual mansa manada que só aspira morder a relva e deixar-se encerrar em seu redil. A generosa e nobre renúncia à coroa e ao trono que a princesa real fizera anos atrás era incompreensível para ela, que qualificava de insensata loucura própria de uma menina. Essa loucura fora altamente favorável à princesa que, desse ponto de vista, lhe era grata por isso. Contudo, quando chegou o momento de fazer comparações entre o que ela recebera como regente durante muitos anos e como rainha-mãe agora, e o que a princesa real recebia de seu povo e dos países amigos, compreendeu que aquela mulher, que tudo deixara, tinha conquistado tudo, e ela, que em seu desmedido orgulho e ambição, passara por cima de todo direito, de toda justiça e de toda lógica, não tinha senão a sua fúria impotente, um vazio e um descontentamento tal que a fazia desejar a morte.

Enquanto Thimétis e Osarsip visitavam a rainha-mãe depois da ovação popular, lá no grande templo de Ísis, o conselho dos hierofantes, reunido em meditação, colaborava com eles mediante a poderosa energia mental que domina as tempestades nos corações, como as fúrias do mar e a violência dos furacões.

Encosta Acima

Quão árida se apresenta às vezes a subida aos cumes aos quais a eterna lei chama determinados seres.

E não por prerrogativas nem privilégios nem preferências.

É a santa e divina liberdade da alma, consciente dos grandes deveres que lhe incumbe cumprir.

Como é majestosa e grande a força da consciência nas almas chegadas a uma alta evolução!

Osasip meditava no silêncio de seu aposento particular, nuns dias de tranqüilo descanso buscado no castelo do lago Merik para onde retornava com seus familiares, depois de solucionados os mais graves problemas do país.

Era uma tépida noite sem o clarão da lua, mas com um céu tão profundamente iluminado de estrelas, que permitia ver claramente a alta silhueta do jovem quando desceu a escada que levava do terraço até a margem do lago.

Nos aposentos da princesa real, as donzelas executavam melodias e danças clássicas, imitando as alegorias fantásticas criadas pelos poetas daquele tempo em honra das grandes rainhas-matriarcas de um passado remoto.

Ressoavam os nomes de uma *filha do sol*, que prendera nas dobras de seu véu azul a alma enfeitiçada de um poderoso príncipe das *terras altas* onde nasce o Nilo.

Tão forte chegou a ser o enfeitiçamento, que aquele príncipe abandonou riquezas, povo e país e, transformado num branco cisne, voava em torno das torres do templo da deusa até conseguir que ela o deixasse viver entre os lírios de seu jardim encantado.

As melodias e as danças tomaram tonalidades de epopéia ao celebrar façanhas heróicas de uma matriarca-rainha dos países das neves eternas que,

vestida de guerreiro, salvava seu país e seu povo de cair nas garras selvagens de hostes invasoras.

A estas reuniões noturnas da princesa real podiam comparecer os moradores do castelo e alguns escassos visitantes íntimos que compareciam de vez em quando para visitá-la.

Foi assim que, quando Osarsip passeava solitário pelas margens do lago, sentiu que uns remos castigavam com força a água do canal. A luz das tochas iluminou o pavilhão da pequena embarcação, e Osarsip viu as cores de Aton-Mosis, o médico real.

Seu coração palpitou de alegria porque era certamente seu amigo Hur, que tanto o compreendia e amava.

Aproximou-se do cais para recebê-lo. Era ele efetivamente quem vinha com seu pai e sua irmãzinha Merik.

No entanto, com surpresa, Osarsip percebeu que não traziam consigo paz nem alegria, mas, pelo contrário, aflição, inquietação e ansiedade. Tanto foi assim que imediatamente perguntou:

— Que ocorre convosco? Pareceis intranqüilos.

— Chegamos aqui para falar com a princesa real e contigo — respondeu o médico.

Hur tomou o amigo pelo braço, enquanto a menina era conduzida pela mão de seu pai, e caminharam em silêncio até o castelo que, como um grande monumento alvacento, sobressaía sobre a escura sombra das palmeiras e acácias que o rodeavam.

Osarsip levou-os à salinha de estudo para não interromper com notícias desagradáveis a alegre reunião noturna de sua mãe com suas damas.

O médico expôs a penosa situação que começava a temer para sua filha Merik, a quem a rainha-mãe obrigava a fazer companhia a seu segundo filho Albek, que, por grandes antagonismos com seu irmão mais velho, mantinha-se afastado nos aposentos que lhe estavam destinados. Dizia-se que era algo doentio, talvez para dissimular o verdadeiro motivo de seu retraimento.

— Minha menina, aqui presente — acrescentou Aton-Mosis —, queixou-se a mim da falta de respeito para ela por parte do jovem príncipe. Foi necessário simular uma afecção no peito para obter a permissão de retirá-la para minha casa. — Osarsip ouvia em silêncio.

"Eu queria pedir à princesa real que me socorra nesta difícil situação, hospedando aqui a Merik na qualidade de atacada do pulmão, necessitada deste bom ar e de tranqüilidade para se recuperar. A menina, como vês, está perfeitamente sã, e sua palidez apenas se deve às más impressões sofridas. Asseguro-te que, na atual situação, não encontro outro meio de salvá-la do

perigo que a ameaça. Julgo que tão-somente a princesa real e tu podeis ajudar-me."

— Pensaste bem, Aton-Mosis. Os gênios benéficos que servem o Eterno invisível deram-te sem dúvida essa inspiração — respondeu Osarsip, em cujo rosto, sempre sereno, o médico percebeu um relâmpago de sobressalto.

— É verdade que havias temido algo disto, Osarsip? — tornou a perguntar o médico.

— Sim, é verdade, desde que a rainha-mãe a pediu para formar entre suas damas, temi isso que sucedeu.

— Julgas possível que a princesa, tua mãe, me proporcione este imenso favor?

— Não o ponhas em dúvida nem por um momento. Agradar-te-á, Merik, trocar o luxo e a faustosidade da corte pelo retiro e quietude da vida junto à minha mãe?

Osarsip suavizou a voz quanto pôde ao aproximar-se da entristecida adolescente para fazer-lhe essa pergunta.

A pobrezinha, que devia ter suportado ao máximo a sufocação que uma íntima angústia lhe produzia, começou a chorar desconsoladamente. O pai interveio e Osarsip, sentindo-se culpado, disse suavemente:

— Magoei-te Merik, porque sou rude para consolar. Perdoa-me e não chores mais, que minha mãe e eu faremos quanto for possível para que aqui passes bem.

O jovem Hur, que era todo uma revelação de energia e de força, demonstrava uma indignação silenciosa que, quando explodia, era como uma tempestade.

No entanto, por sorte, não chegou a explodir, porque o concerto no salão da princesa tinha terminado, as damas se retiravam e ela ficava só.

Os visitantes encaminharam-se para lá.

Quando a menina viu a branca figura de Thimétis, de pé, no centro da grande sala, correu para ela sem ter em conta as enfadonhas leis da etiqueta e, ajoelhando-se a seus pés, abraçou-se a seus joelhos ao mesmo tempo que um novo acesso de pranto a acometia.

— Que te ocorre, pobre menina, que vens a mim como uma rolinha ferida? — perguntou a princesa acariciando-a, enquanto a levantava suavemente.

— Já falaremos, senhora, se me permites uns momentos sem testemunhas — respondeu Aton-Mosis, sem aceitar, sequer, o convite que ela lhe fazia para sentar.

Thimétis passou com ele a um gabinete contíguo e o que falaram a princesa real e o médico real ficou entre eles.

O fato ocorrido foi o seguinte: o jovem faraó Amenhepat havia-se ena-

morado da pequena Merik, e quando a rainha-mãe determinou que a menina, junto com as damas, tomassem parte nas diversas distrações em conjunto com seu filho Albek, este, por sua vez, enamorou-se dela, e nesse estado de coisas, os dois irmãos se tornaram rivais.

A vantagem, naturalmente, devia ser levada pelo faraó, entretanto, Merik não gostava de nenhum dos dois.

Num momento em que ambos disputavam duramente a jovem, o faraó deu um forte pontapé em seu irmão, que caiu ao solo gemendo de dor.

Assustada, a menina escapara pelos jardins e se refugiara no templo, por trás da grande estátua de Ísis, onde o monge guardião a havia encontrado adormecida quando ia fechar as portas. Inteirado, um dos comissários do templo levou-a ele mesmo à casa de seu pai porque já anoitecia.

A princesa real ouviu o relato do médico em profundo silêncio. E logo falou assim:

— Bom pai, Aton-Mosis, bem sabes que posso dar-te este nome como o dou igualmente ao meu mestre Amonthep. Vou revelar-te um segredo que não te houvera dito antes se não tivesse ocorrido este caso. Osarsip ama a tua filha e pensa em desposá-la quando julgar chegado o momento oportuno. Creio que, para livrá-la das aloucadas pretensões dos príncipes reais, devemos celebrar os esponsais de Osarsip com a tua filha, se ambos estiverem de acordo. Estando Osarsip no meio, ninguém se atreverá com ela. Bem sabes, Aton-Mosis, como o meu filho se impôs no grande palácio e junto ao povo.

Comovido em extremo pela grande notícia que a princesa lhe dava, o médico dobrou um joelho em terra e beijou-lhe as mãos.

— Dizem a verdade os homens sagrados do templo que tu és o consolo de todas as angústias de nossas vidas. Que o Deus único te inunde de dádivas.

Chamaram Osarsip primeiro. Estando a par do que ocorria, o rapaz aceitou a sugestão da mãe e trouxe ele mesmo Merik para que seu pai a inteirasse do projetado.

A menina, para quem Osarsip era o primeiro e grande amor de sua curta vida, olhou com os olhos assustados para a princesa real, para Osarsip, para seu pai e baixou os olhos para o pavimento sem responder palavra alguma.

Então o jovem se aproximou dela, tomou-a pela mão e serenamente perguntou-lhe:

— Queres-me o bastante, Merik, para aceitar-me como teu companheiro para toda a vida?

Bem próxima do pranto, a pequena apertou contra o peito a nobre mão que estreitava a sua; olhou-o muito profundamente e não respondeu nada. Um soluço embargou-lhe a voz e ela nada conseguiu dizer.

Todos compreenderam o que aquela cena muda significava.

— Amanhã ao meio-dia celebraremos os esponsais de Osarsip e Merik — disse em alta voz a princesa real aproximando-se dos jovens e beijando ternamente os dois.

O ancião médico secou dissimuladamente duas lágrimas que, furtivas, haviam escapado, e os quatro passaram novamente para o salão onde os demais os aguardavam.

Foram chamados os três sacerdotes mestres da escola, o governador do castelo, o chefe da guarda e sua esposa Jacobed, Enabi e seu irmão, bem como as mais antigas damas da princesa real, a qual anunciou a todos a grande notícia: a celebração dos esponsais ao meio-dia do dia seguinte.

O entusiasmo de Hur foi delirante.

— Agora sou na verdade teu irmão — disse a Osarsip, abraçando-o.

A princesa falou a meia voz com Amram e ambos observaram como em êxtase a Osarsip, que retirou rosas amarelas de um grande jarro que adornava o salão e prendeu-as em forma de diadema na cabeça povoada de cachos da pequena Merik, cujo riso infantil ressoava como um gorjeio de pássaros.

— Jamais vi tão feliz assim o nosso filho, Amram. Viste-o sorrir alguma vez? — perguntou Thimétis.

— Creio ser esta a primeira vez — respondeu o governador.

— Quanto medo sofre o meu coração por estes momentos de felicidade suprema que vejo nele!...

— Não sejas pessimista, mulher!

— Os missionários divinos jamais andam por um caminho de rosas. Que a Mãe Ísis arranque todos os espinhos da roseira que brota nesta noite para o nosso filho, Amram. Que ela assim o faça!

— Que assim seja! — respondeu ele, juntando-se ao grupo irrequieto e feliz formado por todos os que estavam presentes no grande salão...

"O Amor é mais forte que a morte e mais poderoso que um exército em ordem para a batalha", cantava no seu poema idílico o rei sábio.

Em perfeito acordo com essa frase milenária, acrescentamos que o verdadeiro amor sabe dar grandiosas solenidades até às mais ternas cenas familiares. Isso ocorreu com os esponsais de Osarsip e de Merik, que foram presenciados apenas por seus familiares mais íntimos, pelos três sacerdotes mestres e pelas damas da princesa real.

Prometidos um ao outro com todas as formalidades costumeiras, dois dias depois a princesa real, Osarsip e Aton-Mosis se apresentaram no grande palácio de Mênfis e pediram audiência ao faraó, que a concedeu de imediato. Cumpriam o costume, já transformado em lei para os príncipes e nobres da mais elevada hierarquia, de dar aviso ao soberano quando se combinava uma aliança futura.

Foi a princesa real quem fez a costumeira participação.

— Eu havia pensado em desposá-la, porém, se o meu real sobrinho se antecipou a mim, não estou em desagrado — respondeu muito sereno o jovem faraó. — Quando se realizarão as bodas?

— Não há prazo fixado, meu nobre irmão — disse Thimétis — e, se tens algo a observar, será uma honra para eles agradar-te.

— Osarsip deve fazer uma campanha de grande importância para o país neste mesmo ano, o que o manterá ausente por um tempo cuja duração não posso precisar. Nesse caso, as bodas serão no seu regresso — observou o faraó.

Não obstante a princesa e Aton-Mosis tenham suspeitado nisso um subterfúgio do faraó, não puseram obstáculo algum quando Osarsip respondeu com grande tranqüilidade:

— Muito bem, senhor, será como dizes. Posso saber que campanha é a que deverei realizar, e quando? Estamos resolvendo no presente assuntos graves, e antes de partir quero vê-los resolvidos — observou o jovem superintendente.

— Sei perfeitamente disto — respondeu o faraó. — Em vinte dias poderás resolvê-los todos e, depois disso, será a partida. Negócios com a Síria e o país de Asur são mais urgentes ainda.

Passado um breve instante de convenções sem importância, a princesa real passou para os salões ocupados pela rainha-mãe e suas damas. Osarsip e Aton-Mosis dirigiram-se ao pavilhão lateral do templo de Ísis, onde habitava o pontífice e os hierofantes do seu conselho.

A princesa real foi recebida imediatamente pela rainha, que estava extremamente nervosa e desconsolada.

— Vens em admirável oportunidade, Thimétis, amada filha daquele que foi meu grande esposo e rei. — O abraço que deu à filha de Ramsés I mostrava bem claro o grave desgosto sofrido pela viúva.

— Que vos ocorre, augusta senhora? — perguntou Thimétis assombrada.

— O mais terrível que pode acontecer. Teu irmão, o faraó, encerrou em seus aposentos meu filho Albek, com dois guardas armados na porta, e a meu primo Balduíno, príncipe da Córsega, mandou sair de Mênfis e do país no prazo de vinte e quatro horas. Não é isto um ultraje indigno de um faraó? — E a rainha-mãe começou a chorar em grandes soluços que estremeciam todo o seu corpo.

Sussurrava-se a meia voz pelos recintos do grande palácio que o príncipe Balduíno mantinha amizade íntima com a rainha. Pouco depois da morte do faraó, seu esposo, o formoso e gentil príncipe da Córsega passava cada ano uma temporada em Mênfis, hospedado no palácio real. As pessoas que sabiam

disso relacionavam esta amizade com a vinda ao mundo, fora de tempo, do segundo filho da rainha. Algumas imaginações mais audazes e atrevidas entretinham-se em tecer um romance entre ela e o príncipe, antes do casamento com o faraó, a que fora obrigada por conveniência de Estado, segundo o velho costume em todas as cortes reais do mundo, e ainda não faltou quem pensasse que a morte de Ramsés I poderia não ter sido natural, mas provocada, na procura de uma viuvez prematura para a jovem e formosa Ghala.

Todos estes dissimulados rumores foram acumulando um ódio surdo na alma do jovem Amenhepat, que o asfixiou em forçado silêncio durante sua menoridade; contudo, vendo-se no trono com todos os poderes de soberano, agia conforme julgava dever fazê-lo.

Respeitava sua mãe, porém não a Balduíno nem ao jovenzinho Albek.

Tal era o estado de coisas quando Osarsip tomou parte no governo do Egito.

A princesa real, Thimétis, não desconhecia esses desagradáveis rumores, mas, em seu retiro no lago Merik, podia dar a impressão de que ignorava tudo.

Enquanto ela se esforçava em tranqüilizar a rainha-mãe, Osarsip e Aton-Mosis consultavam com o conselho do templo a situação proposta ao superintendente vice-rei.

A íntima comunhão de almas entre o conselho do templo e Osarsip, que o leitor já conhece, de tal maneira havia refundido num único o pensar e o sentir de todos eles, que os dois visitantes comprovaram estar o pontífice e os hierofantes a par ainda mais claramente que eles de toda aquela madeixa de fios brancos e negros.

O pontífice falou assim:

— Osarsip, meu filho, e tu meu amado Aton-Mosis: nada pode vencer o amor verdadeiro, mais forte que a morte e mais poderoso que um exército pronto para a batalha. Osarsip tem em nós uma indestrutível muralha de amor. Ele a tem igualmente em sua morada do lago Merik. Ele a tem, também, na grande maioria do povo. Que pensais pode fazer a má vontade, se ela realmente existe, de três ou quatro criaturas, ainda que uma delas seja o faraó, outra a rainha-mãe, a terceira o príncipe da Córsega e a quarta o filho ilegal, sem outros direitos a não ser o amor da mulher que o trouxe à vida?

"Não temais nada, absolutamente nada. Osarsip, meu filho, estás duplamente guardado pelo nosso amor e pelo amor de teus pais, mais forte, talvez, do que o nosso.

"Sabes para onde é a missão de que te encarregam?"

— À Síria e às margens do grande rio que desce do norte (Eufrates).

Parece que há ameaça de conflito com o rei de Asur. Não estou totalmente inteirado.

Pouco depois, a princesa real saía do grande palácio e se reunia com seu filho e com Aton-Mosis, que os levou novamente ao castelo do lago Merik.

Com a suavidade costumeira, Thimétis conseguira que a rainha-mãe lhe cedesse a pequena Merik para retê-la no castelo a seu lado. Ressentida profundamente como estava a rainha contra seu filho o faraó, aceitou com alegria que Osarsip a desposasse. Sentia o prazer de vingar-se assim das injúrias injustas, segundo ela, que o faraó fizera a ela, a Balduíno e a seu filho Albek.

— Cedo-te Merik com louca alegria. Guarda-a bem porque são longas as guerras do faraó. Confesso-te que eu a queria para meu pobre Albek, que não tem alegria alguma em sua vida — dissera a rainha ao terminar a visita da princesa real.

Muitas inquietações causaram a Thimétis as missões de que seu filho era encarregado. Enquanto navegava na popa de sua gôndola entre seu filho e Aton-Mosis, seu amor tecia uma rede de fortes fios de bronze para proteger o amor como também a vida do filho.

— Serei como aquela jovem matriarca rainha dos países do gelo, que mencionam os arquivos secretos de minha mãe. Serei outra Walkíria e salvarei este novo Abel que o Céu pôs a meu lado para iluminar este mundo com a claridade divina de mensageiro de Deus.

Nós a encontramos novamente em seu aposento acompanhada de Amram, ao qual acaba de informar sua decisão de acompanhar o filho em sua viagem ao Oriente Médio.

— Julgas que esta minha decisão possa desagradar ao faraó? — perguntou Thimétis ao esposo, que assinava ordens de pagamento a todo o pessoal da guarda e do serviço do castelo do lago Merik.

— Não o creio — respondeu ele. — Tua generosa renúncia a teus direitos como filha única da esposa-rainha deu-te a absoluta independência de que gozas. O que foi escrito e firmado por teu pai, escrito e firmado está. Nada te é vedado, a não ser tão-somente aspirar a reconquistar o que foi solenemente renunciado por ti: o trono e a coroa do Egito. É grandiosa a conquista da tua liberdade, minha princesa real, e dessa conquista feliz eu participo amplamente.

— É verdade, Amram, no entanto, ainda no meio desta liberdade eu sinto que tenho uma corrente que me prende.

— Qual? Eu não a vejo.

— Eu a vejo e a sinto: o nosso filho. Ele não é livre desde que se viu forçado a ocupar o posto que lhe foi designado sem que ele o buscasse ou

quisesse. Ele está preso a graves deveres e sua cadeia também nos ata. Virás comigo, se eu acompanhar meu filho em sua viagem ao Oriente Médio?

— Se tu o queres, por que não?

— Penso levar comigo Merik, Enabi e duas das donzelas mais jovens. Osarsip leva consigo Hur e Aarão como secretários particulares. Certamente o faraó dar-lhe-á notários de sua confiança. Meu pensamento e meu sentimento são iguais aos teus, Amram?

— Perfeitamente iguais. Ainda estou por ver algo que resolvas com o que eu não esteja de acordo.

— Este idêntico modo de pensar faz a nossa felicidade e proporciona uma harmonia perfeita que jamais foi alterada por um desentendimento. Como é belo o amor quando é assim inalterável, perseverante e sincero!

Os olhares de ambos se encontraram um instante, e havia neles a plena confirmação das palavras que a princesa real acabara de pronunciar.

O jovem faraó, que somente contava trinta dias de vida física quando seu pai morreu, não o lembrava, naturalmente, em nada; no entanto, rendia culto à sua memória e sua lembrança não lhe saía do pensamento. Amava com delírio tudo quanto fora de seu uso pessoal e sentia grande entusiasmo ouvindo as histórias de sua vida e o relato exagerado que ministros aduladores faziam para granjear sua vontade e confiança. Por isso mesmo, a princesa real lhe era muito querida. Seu pai a havia amado tanto, e Amenhepat alegrava-se em ver e reler quantos documentos o pai firmara favoráveis a Thimétis, antes e depois da sua apresentação ao povo como sua herdeira legal.

Ele não a compreendia, é verdade, na sua heróica renúncia nem na vida sem ambições que levava; no entanto, ele a amava porque seu pai a amara. Quanto a Osarsip, na verdade não existia afinidade entre eles, porque em suas vidas havia grande diferença.

Osarsip era austero, leal, sincero, incapaz de fingimento e de simulações. Sem ambições de poderio e de riqueza, era impossível que alguém o subornasse.

Isso molestava o jovem faraó. Aos homens revestidos de ilimitado poder agrada-lhes sobremaneira disputas com seres que somente se deixam comprar por um alto preço. Eles valorizam o homem pelo preço que lhes custou conquistá-lo.

Amenhepat estava perfeitamente convencido de que, por enquanto, ele precisava de Osarsip, e isso o humilhava. Ele reconhecia, para seu pesar, que o filho adotivo da princesa real era superior a ele sob todos os aspectos. Isso o humilhava mais ainda.

O faraó desejava vivamente que houvesse uma circunstância, uma causa,

um motivo de iniludível importância, de irresistível atração que pusesse Osarsip na situação de se humilhar e de lhe pedir um favor.

No entanto, essa circunstância, causa ou motivo não chegava nunca.

Um dia, mandou chamá-lo em seus aposentos particulares e o recebeu a sós, sem testemunha alguma e com grande cuidado de que ninguém pudesse inteirar-se do que ocorreria entre ambos.

— Osarsip, meu magnífico superintendente vice-rei — disse afetuosamente —, mandei chamar-te porque quero ter uma confidência íntima contigo.

— Estou à tua disposição, senhor...

— Faze o favor de não me chamar assim quando estamos a sós. Irmão de tua mãe, sou teu tio e és meu sobrinho. Entretanto, os deuses me fizeram vir ao mundo no mesmo ano que tu. Somos dois jovens a quem seguramente pesa demasiado a grandeza divina que carregamos como uma montanha.

Osarsip ouvia em silêncio.

— Sabes perfeitamente que um faraó não tem nem pode ter amigos.

"Súditos submetidos à força. Servidores fiéis por necessidade. Escravos aos milhares, que só trabalham com o chicote à vista. Sabes e vês tudo isto, não é verdade?"

— Assim é, desgraçadamente, nobre Amenhepat. Neste mundo é assim, porque os homens assim o querem — respondeu Osarsip, e novamente conservou-se em silêncio.

— Pois eu não quero que seja assim, e não o será — disse com certa energia o faraó —, por isso te chamei. Quero que sejas o meu único amigo, meu confidente e companheiro, algo assim como um *outro eu* ao meu lado. Aceitas?

— Oh, faraó! Será essa uma grande honra para mim e, para dizer a verdade, não consigo compreender como pudeste ter uma idéia semelhante.

— Estou farto da solidão!... Farto! Essa é a palavra. Meu coração é um escaravelho dissecado dentro de um cofre de ouro, que talvez nasceu morto porque jamais sentiu mais que o frio da solidão, da adulação, da mentira, do fingimento e do medo. Eu quero muito bem a tua mãe, como sabes; entretanto, jamais poderei ter com ela as expansões da juventude que posso ter na tua companhia.

"Sabes que aqui em Mênfis, com o severo controle do alto clero que tem olhos de lince para observar a vida do faraó, vive-se como uma múmia andante com olhos que vêem e ouvidos que ouvem e nada mais. Eu quero viver a vida, quero rir, divertir-me um pouco. Tenho apenas dezessete anos, como tu, e ainda que em nosso país essa seja a maioridade de um homem, não obstante há momentos em que até um soberano quer esquecer que o é e viver a vida de todos os homens nos poucos anos que tu e eu temos. Estou inteirado de

que, na atualidade, Tebas proporciona a seus habitantes uma vida mais razoável que a de Mênfis. Acompanhar-me-ias durante uma semana de vida em Tebas?

— Será pública a permanência que propões, Amenhepat?

— Não, de maneira alguma! Não vês que nesse caso me seguiriam o controle sacerdotal, ministerial e maternal? — E Amenhepat sorria astutamente.

— Sim, eu o compreendo. E então?...

— Nossa estada ali será particular, em absoluto. Um incógnito fechado como uma tumba.

— Minha vida tem sido tão ocupada e tão simples que jamais pensei nada semelhante — respondeu Osarsip. — Os estudos me absorveram tanto que não tive tempo de pensar em outra coisa.

— Não obstante, pensaste no amor e celebraste esponsais com a mais graciosa donzela da nossa terra, eh, Osarsip? Como foi isso?

O rosto do jovem mudou como se houvesse tirado uma máscara.

— Isso é um livro fechado, faraó, e não tenho vontade de que seja aberto por ninguém — respondeu com tal vibração de solene gravidade que, bem contra a vontade, seu interlocutor deu volta à página.

— Está bem, está bem, moço! Agrada-me como és. Vamos ao nosso assunto.

"Então me acompanharás a Tebas por uma semana, sem criadagem nem escolta, sem colares nem braceletes, como dois humildes estudantes que tiram uma semana de alegres férias. Estamos de acordo?"

— Antes eu gostaria de saber se existe algum inconveniente em que minha mãe saiba disto. Jamais lhe ocultei algo e não quisera magoá-la. Se lhe peço segredo, estou certo de que o guardará.

— Sei perfeitamente que ela seguiu o caminho que tempo atrás demarcou Anek-Aton e, apesar da brava resolução promovida pelo clero tenha obrigado teu bisavô Seti a apagar com sangue toda inovação, ela sente em seu espírito a necessidade de ser santa como o *faraó fazedor de santos*, e talvez se escandalize de que tu e eu possamos ir incógnitos por uma semana a Tebas. Não temes isso? Ela simpatiza, segundo creio, com a raça de Israel, visto como tem à frente do castelo do lago Merik um governador da raça israelita. Para os bons israelitas, é uma abominação ir de férias a Sídon ou à Babilônia. Pode ser esse o seu modo de pensar quando formos por uma semana a Tebas, e incógnitos.

— Dir-te-ei algo, Amenhepat, se acreditas que falo sem presunção nem petulância.

— Julgo-te incapaz de simulação e de fingimento. Dize o que pensas.

— Penso que, se fosses com outros jovens, ela temeria por ti; contudo, sendo eu quem te acompanha, ficará tranqüila em absoluto. Ninguém pôde enganá-la jamais, e ela conhece bem meu modo de pensar, de sentir e de agir.

"Que dirás à rainha-mãe? Não obstante sejas senhor da tua vida, não julgo justo causar-lhe inquietações."

— Tens razão. Direi que vou tomar uma semana de descanso contigo, e assim pensará que vou ao lago Merik.

Combinado isto, dois dias depois avançava pelos parques solitários do grande palácio um modesto estudante com sua túnica e capuz marrom e uma sacola ao ombro. Apenas clareava o amanhecer quando o faraó abriu a portinha chamada *dos escravos* e saiu pela solitária ruela por onde só transitavam mendigos e cães famintos à espera de restos de comida que caíam ali, descuidadamente, dos carros de provisões.

No final da ruela, juntou-se a ele outro estudante vestido com igual indumentária, e na companhia de um garotinho que segurava pelo bridão dois cavalos pequenos e de boa apresentação.

Amenhepat e Osarsip montaram galhardamente e empreenderam a viagem, em direção ao sul, seguindo a costa no Nilo. Ninguém poderia estranhar a presença nas ruas de madrugadores, dado que era muito comum o fato de estudantes das escolas de Mênfis buscarem alegres distrações na populosa e esplêndida Tebas, a cidade das cem pilastras douradas que homenageavam em vibrantes poemas os poetas daquele tempo.

Antes de chegar a Tebas, deviam pernoitar em Abidos, a venerável avó das grandes cidades do Nilo; a velhíssima Abidos, que parecia viver oprimida pela grande montanha de suas recordações. As grandezas pretéritas, os passados esplendores entre os quais brilhavam, como estrelas de primeira magnitude, os nomes de Soser, Neferka, Hatasu, Unas, Mikerino, Anubis, Sosei...

Osarsip sabia de memória todos esses nomes e muitos outros mais. O sagrado *arquivo do tempo* que concentrara em Mênfis as crônicas milenárias começando com os primeiros prófugos vindos da Atlântida, submersa sob as águas do mar, entregara-lhe sem mesquinharia todos os seus segredos, planos e desenhos, que desconhecidos artistas da pedra tinham plasmado em blocos de granito, basalto ou mármore rosado, das pedreiras líbias na longa cadeia de séculos, de anos que não podiam ser contados...

Com seus três mestres da primeira juventude, visitara a antiqüíssima Abidos, e suas pirâmides em ruínas semi-enterradas na areia haviam-lhe demonstrado, nas pouco visíveis escritas de suas pedras quebradas, a verdade de quanto o grande arquivo secreto lhe havia desvendado no grande templo de Mênfis.

À medida que se aproximava da venerável Abidos, cercada pelo deserto, Osarsip ia sentindo-se como mergulhado também em pensamentos profundos,

em saudades e evocações que pareciam encher-lhe a alma de uma meiga melancolia.

Nas aldeias e pequenas vilas por onde iam passando, Amenhepat gracejava como uma criança com os pastores de antílopes e cabras, com os pescadores adormecidos em seus barquinhos, com as moças lavadeiras das margens do rio.

Osarsip entretinha-se em longas conversações com algum velho sacerdote do primeiro grau que vivia entre os poeirentos altares e escuras criptas de templos já quase esquecidos. Era o médico, o escriba, o consultor da aldeia. Era como um arquivo vivo de historietas, de relatos e de lembranças.

Ali falavam as pedras na muda linguagem dos hieróglifos que os séculos não haviam podido apagar, e falava também no velho sacerdote, cuja memória octogenária era guardiã fidelíssima das tradições orais que iam passando de um para o outro, de todos os que antes dele tinham sido guardadores e zeladores do triste templo abandonado.

— Que estranha juventude é a tua, meu querido superintendente vice-rei! — dizia Amenhepat quando, ao cair da tarde, se reuniam em alguma das modestas pousadas que existiam no lugar.

— Eu me entretenho com os seres de carne e osso, com os vivos, que riem, palram e brincam, e tu, em troca, te divertes com as pedras, com as ruínas e com um velho cansado que só fala dos mortos. Como explicas isto, Osarsip? Queres dizer-me como harmonizas a tua galhardia, a tua energia, a tua beleza física, a tua atração pessoal com essa forma de viver entre ruínas, que metem frio no corpo e escutando horas inteiras um velhote de século e meio que mais parece uma múmia fugida de um sarcófago? Na verdade, não te compreendo!

Osarsip sorria, afável como um patriarca que escutasse pacientemente as insípidas perguntas de um garotinho vivaz.

— Que queres, faraó? Nasci com a velhice injetada até na medula e não posso ser de òutra maneira diferente daquela que sou. Tu te divertes de acordo com o teu gosto. Eu o faço segundo o meu. Ambos nos sentimos livres. Tu não me prendes nem eu a ti. Não é esta uma perfeita amizade?

— Não de todo!... Falta algo para ser perfeito — argüiu o faraó.

— Entretanto, nada falta para ser fiel, leal e firme. Eu o julgo assim.

— Vamos acertar as contas de forma clara! Eu gostaria de saber o que dirás se souberes que estou enamorado de uma pastorazinha inquieta como uma corça e graciosa como uma palmeira abrindo ao vento seus primeiros leques de folhas?

— Que queres que eu diga, Amenhepat, se andas pelo caminho percorrido por todos os homens da tua idade e até dos que te dobram em anos?

— Mas é o caso que em cada pousada que nos deu alojamento prendeu-se

nas teias do meu coração uma imagem. Como me avantajas em estatura e em galhardia, certos olhos se cravam primeiro em ti, e quando inutilmente te chamam, voltam-se para mim, implorando piedade e correspondência.

"Confesso que, primeiro sinto raiva de ti e logo, resignado em ficar em segundo lugar, deixo-me vencer e convencer. Que dizes a isto?"

— Nada, faraó, nada! És livre, perfeitamente livre. Buscaste-me para companheiro de férias, não para guardião nem preceptor ou conselheiro. Não cumpro com o dever que a tua confiança me impôs?

— Vamos, vamos... Que homem invulnerável és, Osarsip! És como uma serpente da água, que resvala e escapa sem que nenhuma mão possa aprisionar-te. Não posso querer-te nem posso odiar-te...

— Amenhepat!... Se não podes querer-me, por que te empenhas em ter-me a teu lado, no teu governo, nos teus negócios, nos teus projetos e até nas tuas férias?

— Porque quero compreender-te e conhecer-te, e tu não te deixas compreender nem conhecer. Porque quero ser como tu, ficar no teu nível, sentir e pensar como pensas e sentes; e não sei se são os deuses que me impedem isto ou se és tu que me rechaças!...

— Faraó!... Não rompas a amizade que quiseste iniciar tu mesmo com este teu súdito. Por que te alteras assim por coisas que nem tu nem eu podemos fazer de maneira diferente do que são? Tu és Amenhepat. Eu sou Osarsip. Como são diferentes os nossos nomes, nós também somos diferentes. Acreditas na eternidade da psique humana?

— Assim o ensinam os homens do templo, e creio que eles sabem o que dizem.

— Quando numa família há muitos filhos, por que os maiores falam, caminham, correm, brincam, estudam e o menorzinho permanece quietinho em seu berço e apenas consegue gemer, chorar e chupar o seio da mãe quando lhe é dado?

— Isso está claro com a água: porque não tem idade suficiente para proceder como seus irmãos.

— Não será pelo fato de a tua psique ser mais jovem que a minha, e que quando chegar à idade competente poderá alcançar-me e até superar-me em toda ordem de faculdades e qualidades?

— Oh!... Essa é a filosofia daquele faraó chamado *o santo*, e que o clero de Amon-Rá decapitou porque arruinava a grandeza dos templos. Cuidado, Osarsip! Se vais por esses caminhos, podes perder tudo e até a vida!

— Não temas por mim, faraó, porque o meu caminho é muito claro e simples: a Verdade, a Justiça, o Bem... Além do mais... não temo "a morte"... Antes... quase a espero com igual confiança como a um amigo, o qual, com certeza, sabe-se que chegará, ou como o colegial que espera as férias.

— Férias? A múmia no sarcófago está de férias?

— Não a múmia, mas a psique que vai e vem como andorinha eterna que gosta de viajar e mudar de clima.

— Em teu modo de pensar, a vida não tem nenhum atrativo? Na verdade, nasceste velho, Osarsip! Eu amo a vida e quero vivê-la assim, como os deuses a proporcionaram a mim: sobre um trono e vendo um grande povo que é meu, e ao qual...

— Podes fazê-lo muito feliz, conduzindo-o pela senda do Bem, da Justiça e da Verdade. Ó faraó, estás colossal!

— É que eu não ia dizer isso que disseste, mas algo muito diferente.

— Mas eu te peço, Amenhepat, que não o digas porque me vêm à mente lembranças muito dolorosas e terríveis que jogariam barro, sangue e morte nestas férias que tu mesmo desejaste para desfrutar paz e alegria. Esqueceste os acontecimentos ocorridos nos anos da regência?

— Tens razão, Osarsip! Tens sempre razão! Meu pai foi grande, nobre e forte; e sua memória é amada no meu coração. Reconheço, entretanto, que o erro da sua vida foi a esposa-rainha vinda do outro lado do mar. As pessoas de pele branca e olhos azuis trazem veneno de morte para nós. Por isso, receio a rainha-mãe, embora ela seja a minha mãe.

— Ela não fez nada contra ti.

— Fez e muito! O povo não me ama por causa dela.

— Contudo, podes conquistar o amor do teu povo, faraó, e te asseguro que começaste a conquistá-lo.

— Tu o conquistaste, e por isso estás no lugar onde estás. Acaso não sabes disto?

— Deves saber que eu não o conquistei para mim, mas para ele mesmo e em teu benefício, já que estás à sua frente. Para que poderia querer eu o amor do povo? Para mim bastava e sobrava a alegre vida na solidão feliz do lago Merik, naquela exuberante natureza, cheia das belezas de Deus... Meus mestres, o arquivo cheio de pergaminhos, minha mãe que é uma ânfora de mel e sabedoria, meus companheiros de aula... enfim, que o universo é infinito, Amenhepat, e me sinto feliz, grande e forte se puder chegar a conhecê-lo tal como é.

— Estou te ouvindo, Osarsip, e estou pensando duas coisas muito opostas uma à outra: meu superintendente vice-rei é um louco ou é um deus feito carne, como Osíris, como Hórus, como o Orfeu dos gregos ou o Brahma do Sol Nascente. Quem és, afinal?

— No momento, teu companheiro de férias, e nada mais.

— Nada mais, disseste?

— Teu superintendente vice-rei para ajudar-te a fazer a grandeza do Egito

e a felicidade de teus povos pelo caminho da Verdade, da Justiça e do Bem. Que mais queres que seja? Não te basta tudo isso?

— Sim, homem, sim! No entanto, não é esta a questão; mas para mim és um enigma que não se deixa desvendar nem que seja feito em pedaços.

Foi sorte para Osarsip que o estalajadeiro deu batidas à porta chamando os dois estudantes para passar ao modesto refeitório, porque era chegada a hora da ceia. Entretanto, Amenhepat era persistente e disse a meia voz:

— Fica pendente este enigma, e não julgues que me esquecerei dele.

— Cada coisa a seu tempo — respondeu Osarsip quando já estavam chegando ao recinto onde um bom fogo, uns caldeirões fumegantes e uma mesa com uma toalha branca indicava que era o humilde refeitório da pousada no qual um faraó do Egito e um superintendente vice-rei deviam satisfazer seu juvenil apetite.

A Cidade de Ouro

Tebas!... Quem não ouviu mencioná-la?*

"Tebas, cidade dourada
Onde os deuses silenciam
Estremecem os timbales
E dançam as odaliscas
Entre músicas e risos..."

Assim mencionava o cântico dos poetas populares nas noites resplandecentes de ouro e luz na celebrada Tebas, a cidade das cem pilastras douradas e dos cem obeliscos de mármore e cobre.

Nossos dois estudantes chegavam de Mênfis, a austera e grave matrona nascida entre a Esfinge e as Pirâmides, que lhe transmitiram sua solene majestade.

---

* Sobre suas ruínas elevam-se hoje as aldeias de Medinet-Abu, Carnaque e Luxor.

"Mênfis, a cidade sagrada
Onde as pedras falam
E os deuses imortais,
Com amor, estendem suas asas
E vão levando os homens
A outra pátria muito distante...
. . . . . ."

Amenhepat e Osarsip desmontaram a umas duzentas braças da magnífica Tebas somente para sentir, durante um longo momento, o deslumbramento que lhes produzia a luz do sol poente, caindo sobre o cobre polido das mil janelas douradas dos pórticos dos templos e obeliscos da esplendorosa cidade, glória da dinastia Toutmés.

— Eu estive aqui quando tinha quatro anos — disse Osarsip, depois de um longo silêncio de muda contemplação.

— E eu estive quando habitava o seio da minha mãe — acrescentou Amenhepat — o que significa que nem tu nem eu conhecemos Tebas.

— Que dizes? Entramos?

— Viemos para isso — respondeu o faraó.

— Não temes que, entre semelhante luxo e esplendor, nos tomem por dois mendigos que vêm para roubar a fim de matar a fome?

O faraó olhou seu modesto traje já empoeirado pelo caminho, e observou o de Osarsip, igualmente empoeirado.

— Quase tens razão! Que faremos?

— Voltar por onde viemos.

— Isso é covardia, que não está bem em mim e menos ainda em ti. Entraremos pela porta dos lavradores.

Essa idéia foi-lhes sugerida ao verem lá ao longe que, por uma balaustrada de pedra, desapareciam homens com ferramentas de lavoura e com grandes sacolas ao ombro. Encaminharam-se para lá.

— Não sois lavradores — observou o guardião.

— Efetivamente — respondeu Osarsip —, somos estudantes de Mênfis que desejamos desfrutar nossas férias em Tebas.

— Os estudantes entram pela terceira porta das galerias do Serapeum, e passastes diante dela.

— Nossos trajes estão muito empoeirados — acrescentou Amenhepat.

— O guardião não observa isto. Ide sem medo. Chamai onde está escrito: "Porta dos Escribas."

Finalmente, nossos personagens viram-se dentro daquele paraíso encanta-

do. Uns pequenos pagens negros, vestidos de mil cores, porém com roupas bastante escassas, foram seus introdutores.

— Queremos uma pousada — informaram.

Imediatamente, um pequeno pagem, magro e ágil como um macaco da selva, conduziu-os por entre esfinges de mármore e obeliscos cheios de gravações, arcos, colunas e jardins intermináveis que existiam naquele imenso espaço aberto, a algo semelhante a um circo de vastas proporções, sobre o qual se abriam inúmeras portas de casas de comércio, de estudo, de pintura, de música, de diversão e de refeições. Algumas dessas casas destinavam-se a acolher os viajantes.

Quando nossos viajantes encontraram a que os acomodava melhor, deixaram-se cair exaustos sobre divãs que apenas se levantavam um côvado do chão. Eles gostariam vivamente de fechar os olhos e não abri-los mais até o dia seguinte; contudo, não tardaram em se apresentar duas jovenzinhas muito pintadas e escassamente vestidas que, aproximando-se de cada um deles, os trataram de *amos* e perguntaram o que desejavam que lhes fosse servido.

— Um bom banho, uma boa comida, um bom leito — respondeu secamente o faraó.

As mocinhas saíram voando e, pouco depois, voltaram acompanhadas de dois jovens fortes que traziam duas macas brancas e perfumadas.

Deitaram nelas os viajantes já despojados de suas roupas poeirentas e, em menos tempo do que se leva para descrever isto, os dois estavam mergulhados nas banheiras de barro.

Banhá-los e vesti-los como a pequenas crianças e com admirável rapidez, tudo ali respirava comodidade, brandura e exagerada atenção. Do banho passaram ao refeitório, onde cada qual escolheu aquilo que seus olhos desejavam, pois todos os manjares, frutas e confeitos estavam à vista.

Quando ficaram satisfeitos em quanto desejavam, viram-se novamente na alcova-dormitório e se julgaram já livres de intervenções estranhas. Contudo, não foi assim. Tebas era uma matrona muito previdente e amorosa, e gostava de fazer felizes a todos quantos chegavam a ela.

Como um enxame de sílfides, penetrou repentinamente no aposento meia dúzia de garotinhas, com não mais de doze ou catorze anos, vestidas de mariposas, cujas transparentes roupas estavam coalhadas de foquinhos de luz de múltiplas cores; e com flautas, tamborins e guizos, armaram tão descomunal algaravia de danças, música e risos, que os dois jovens ficaram estupefatos.

O jovem faraó sentou-se em seu divã para contemplar melhor o inesperado espetáculo. Osarsip sentou-se também e tirou de sua sacola de viajante o grosso álbum de suas intimidades, e, fazendo um supremo esforço mental para se isolar de todo aquele movimento e alvoroço, começou a escrever:

"Se a Eterna Lei me pôs num mundo de loucura e vertigem, de falta de razão e de injustiças, eu devo esforçar-me em ser mais prudente e sensato, mais sereno e tranqüilo, mais razoável e mais justo. Assim, colaborarei com a Eterna Potência em manter o necessário equilíbrio de todas as forças que pesam e movem o que é vivo e o que é inerte: assim, colaborarei com a paz e o bem-estar de meus semelhantes.

"A espécie humana desta terra se diferencia muito pouco da espécie animal, que só sabe comer, beber, dormir e procriar. A essas quatro manifestações de vida fica reduzida toda a sua atuação. O instinto comanda-os, guia e move. Eu, com mais conhecimento e mais luz interior, considerarei secundárias essas quatro manifestações de vida. São acessórias, são auxiliares da vida. A vida verdadeira é outra. É a que ama sem esperar nem pedir nada ao amor. É a que busca pôr-se em harmonia com o pensamento, com o sentimento e com a ação dos deuses tutelares dos povos e das pessoas.

"É a que nega a si mesma tudo o que está fora da órbita da razão e da justiça. É a que pode dizer NÃO ao que não deve ser, e dizer SIM ao que está em perfeito acordo com a beleza, a harmonia e a serenidade do que é razoável, justo e bom. Se quero viver ESTA VERDADEIRA VIDA, não seguirei o caminho por onde vão os que não pensam nem raciocinam nem sabem quem são nem de onde vêm nem para onde vão.

"Se ninguém ao meu redor abre esse caminho, abri-lo-ei eu, ainda que deva remover montanhas, ainda que deva desviar o curso dos rios, ainda que deva dar saltos formidáveis sobre o abismo... e ainda que deva morrer despedaçado!

"Aquele que sabe que quanto o rodeia perece, é fugaz e passageiro, não prende o coração nisso, mas busca o que vive SEMPRE, o que é belo SEMPRE, o que é meigo SEMPRE. Onde está ISSO que é sempre da mesma maneira? Aquele que o busca com amor encontra-o. Aquele que o pede, recebe-o. Aquele que sem cessar o chama, encontra-o a esperar pelo caminho.

"Ó Pai e Mãe eternos!

"Não quero andar como os que andam às escuras! Não quero viver na loucura e na vertigem da falta de razão e da injustiça! Quero viver no perfeito equilíbrio que foi marcado com fogo no meu eu íntimo, onde vejo o que é bom e o que é mau; o que é justo e o que é injusto; o que é belo e o que é horrível.

"Ó Pai e Mãe Eternos..., se me fizestes à vossa semelhança, não quero deformar vossa divina imagem; não quero manchar-me, não quero afear-me! Que vossa divina imagem em mim viva eternamente esplendorosa e bela, tal como a quer a vossa divina idéia!"

Osarsip deixou-se absorver pelo êxtase entre os eflúvios do céu dos ama-

dores... Quando fechou seu álbum e levantou a cabeça, viu-se na mais completa solidão.

O ruidoso enxame das coloridas sílfides transparentes havia desaparecido, e Amenhepat com elas, sem que ele houvesse percebido — tão absorto estava no que sua alma dolorida anotava nas páginas de seu álbum de intimidades! Osarsip subira ao paraíso dos deuses tutelares por alguns momentos e novamente descia ao inferno deste mundo de incompreensões, de fatuidades, de louca soberba e de míseras vaidades!

Sua amargura foi tanta que, escondendo a cabeça nos almofadões de seu divã, chorou com o desconsolo de um menino que, de um jardim de diversões silenciosas, houvesse baixado repentinamente para uma pocilga de feras. Osarsip era forte e chorava!

Ele era o superintendente vice-rei do Egito que aplacava o povo enfurecido com uma palavra afável, com uma meiga promessa, mas chorava!...

Os que conhecem essas mudanças repentinas, essas descidas dos céus de amor e de luz aos escuros vales terrestres, compreenderão a amargura de Osarsip e seus angustiosos soluços, que ele nada fez para evitar.

Estava só!... Completamente só na populosa e magnífica Tebas, onde tudo eram risos, danças, música e alegres cânticos. Toda essa tremenda algaravia chegava a ele como ecos distantes que em momentos semelhavam o cantar de muitas vozes, o gorjeio de milhares de pássaros ou o sibilar do vento açoitando os pinheiros.

Também havia rumores de tempestade em seu coração!... Ondas torrenciais de rebeldia interior agitavam-se no mais profundo do seu eu e, antes que a borrasca se desatasse abertamente, Osarsip abriu novamente seu álbum e voltou a escrever:

"Eterna Mãe, que agasalhas com amor os teus filhos a quem brindaste tua rosa de ouro!... Lembra-te de que num suspiro teu me baixaste a esta Terra das angústias de morte há dezessete longos anos!... Apenas iniciei minha tarefa e já me fartei desta vida!...

"Mãe Ísis, tua rosa de ouro é sabedoria divina, e ela me diz que as criaturas terrestres são, em sua maioria, pequeninos desordeiros, travessos desavergonhados e impudicos, arrojando pedras, lodo e imundícies no peregrino estrangeiro que caminha entre eles com vestimentas limpas e com a cabeça coroada de folhas de oliveira.

"Mãe Ísis!... Que meus ouvidos não ouçam seus bacanais! Que meus olhos sejam cegos para seus banquetes! Que eu não sinta o golpe das pedras que me arrojam nem chegue ao meu coração o dardo envenenado de suas tentações!... Mãe eterna!... Que teu amor e tua paz sejam o meu escudo e a minha couraça para toda esta vida!"

Osarsip leu e releu essas anotações com os olhos cristalizados de pranto, e grande e serena paz invadiu seu espírito.

Com o álbum aberto, apertado ao peito, estendeu-se no divã e ficou profundamente adormecido.

Quando o sol do amanhecer penetrava por uma janela, Osarsip deixava o leito, encerrava o álbum em sua sacola de viajante e saía do Serapeum pela *Porta dos Escribas.*

Ao sair, perguntou ao guarda a direção que devia tomar para encontrar o templo.

— Se caminhares uma milha por este mesmo caminho, estarás em Luxor, que é o bairro mais antigo e ruinoso que podes encontrar. Ali há sacerdotes velhos como o templo, que dar-te-ão quantas notícias queiras do que sucedeu muitos séculos atrás, porque eles são tão velhos que sabem de onde vem o Nilo e quando nasceu esse rio.

Aborreceu a Osarsip o escárnio risonho que apareceu no rosto do guarda; no entanto, agradeceu a informação e continuou andando.

De repente, lembrou-se de Amenhepat e esteve a ponto de voltar. Mas logo pensou:

— Porque quis se livrar da minha companhia, ele se afastou sem me avisar. Ele é livre e eu sou livre.

E continuou caminhando tranqüilamente.

A bruma de ouro e ametista do sol nascente e a fresca brisa que vinha do rio reanimaram seu espírito que, com o descanso do sono tranqüilo dessa noite, estava disposto para uma reação favorável. Havia silêncio e solidão na grande cidade de Toutmés, porque a voluptuosa sultana do Nilo descansava das ruidosas orgias noturnas.

Osarsip sentiu-se mais benigno em seus julgamentos a respeito dela. Garotos vendedores de frutas, de fogaças e de doces convidaram-no a satisfazer o apetite, e ao mesmo tempo completaram as informações que o guarda da Porta dos Escribas lhe dera sobre a antiga e ruinosa Luxor.

Por eles, soube que todos os faraós e princesas da dinastia Toutmés estavam ali representados em estátuas de ouro, de prata e de marfim sobre pedestais de finíssimos mármores e na austera penumbra de capuzes encortinados de damasco púrpura que as traças haviam convertido em finos rendados.

Também aborreceu a Osarsip o atrevido escárnio com que os garotos falavam das cortinas do templo de Luxor.

Um velho sacerdote, sentado numa larga borda da grande porta da entrada, contemplava como em êxtase a beleza do sol nascente e, ao ver Osarsip diante dele, apontou em silêncio para a esplêndida alvorada que tingia o oriente de

vivos resplendores, que pareciam chamas de fogo abrindo passagem em meio a um roseiral encarnado.

A sensibilidade do jovem percebeu a suavíssima onda de devoção e de amor que brotava daquele ancião e, como um menino submisso, sentou-se confiadamente a seu lado sem pronunciar palavra.

A muda contemplação do velho sacerdote continuou por um longo momento.

— Sinto que amas como eu a formosura de Rá quando aparece no oriente — disse a meia voz, como se não quisesse romper com vozes agudas a suavidade daquele delicioso momento.

— É verdade, bom ancião; eu a amo e a admiro, como creio deva ser amado tudo o que é belo e bom — respondeu o jovem.

— Tu não és tebano, não é verdade?

— Não, senhor. Cheguei ontem de Mênfis para conhecer as grandezas que se dizem de Tebas, onde estive quando era muito pequeno.

— E deixas os esplendores para vir às ruínas! Vejo perfeitamente... Vejo perfeitamente que és jovem de corpo, com a alma velha..., muito velha!

— Pode ser!... Amo a sabedoria dos mais velhos. Entusiasma-me saber dos tempos passados e sonhar com um porvir melhor que o presente.

— Aborrece-te o presente?

— Muito!... Até o ponto de algumas vezes querer fugir desta vida. No entanto, sei que devo aceitar e viver esta vida.

— A vida te é áspera e pesada porque não encontras nela as satisfações que desejas. Além do mais, chocam contra ti todas as formas de viver, de pensar e de sentir que existem em todo o mundo que te rodeia. Não é assim?

— A Sabedoria fala pela tua boca, bom ancião, e sinto neste momento que os deuses tutelares me trouxeram a este velho Luxor como se leva um menino pela mão para sua pátria e seu lar.

— Se através de mim fala a sabedoria, através de ti fala a verdade, a sinceridade e a fé no supremo ideal, que só conhecem e seguem os que são muito anciãos de espírito, vindos, talvez, de outros mundos de evolução avançada e radiante claridade; e esta é a razão por que as névoas, as sombras e as trevas do plano terrestre nos enchem o coração de amargura.

— Agora, meu filho, permite que te chame assim, é conveniente que tu e eu saibamos quem somos, o que buscamos, o que sabemos e o que nos falta por saber. O divino Rá que se levanta no oriente será testemunha de nossas confidências.

— Tu mandas, nobre ancião, e eu ouço e obedeço — respondeu Osarsip.

— Bem, ouve-me, pois, que há algo em mim que me manda dizer quanto vais ouvir. Eu sou Neferkeré de Sais, e recebi a primeira educação no grande

templo de On, que hoje está tão arruinado e esquecido como este, porque a soberba e a vaidade dos potentados é a mesma em todas as partes e em todos os tempos. Cada grande faraó quer criar sua gloriosa imortalidade, não por suas boas obras e elevado sentir, mas pelas grandezas que o ouro acumulado e os escravos comprados lhe permitem fazer. Assim surgem em meio aos nossos desertos monumentos e templos que só nos falam em seus mármores milenários da grandeza e glória do seu construtor. Os povos inconscientes e perpetuamente infantis vão aceitando o novo e deixando em esquecimento as obras e criações que, em outra época distante, outro grande senhor fez e criou para satisfação de seu orgulho e para perpetuar sua grandeza e sua recordação nas idades futuras. Eles não querem ser esquecidos, no entanto, cobrem com cinza de morte e de esquecimento o que foi grande antes deles.

"Para não morrer de fome no esquecido templo de On, fomos transladados para Thanis, e dali a este templo de Luxor que, como vês, sofre hoje o esquecimento e a morte de tudo quanto é matéria nesta Terra. Contudo, como agora sou tão velho, e noventa e seis anos passaram sobre mim, já não vou a nenhuma parte e aqui espero minha hora final.

"Bendigo o Eterno invisível porque quis pôr-te no meu caminho para que eu tivesse um herdeiro a quem deixar, como rica herança, todo o caudal de conhecimento que minha longa vida me permitiu acumular."

Os olhos do ancião encheram-se de lágrimas e afogou um soluço em sua garganta. Osarsip percebeu isso e, profundamente comovido, caiu de joelhos a seus pés e, beijando-lhe as mãos trêmulas e enfraquecidas, disse:

— Não chores, bom pai, porque eu serei teu filho e levar-te-ei ao meu lado para encher de felicidade os teus últimos dias.

— Não, meu filho, deixa-me morrer aqui. Sou um musgo preso a estas pedras, a estas abóbadas silenciosas, a estas criptas escuras cheias de recordações, de ecos e de hinos que só eu escuto na pavorosa solidão de meus dias e de minhas noites... — Grossas lágrimas corriam pelo rosto enrugado do ancião, e Osarsip sentia que acabava sua resistência para resistir àquela tremenda irradiação de dor.

— Bom pai — disse com a voz trêmula —, não suporto mais a dor de ver-te padecer. Deixa-me conduzir-te à casa de Mênfis, onde uma mãe amorosa será outra filha que cuidará de teus derradeiros anos e tornará felizes teus últimos dias.

— Descansa, descansa, que já não te farei sofrer mais. Confiar-te-ei muitas coisas e hás de prometer-me que tudo quanto receberes de mim será utilizado em benefício de nossos semelhantes, que ignoram tudo, que tudo pisoteiam e destroem.

"É por isso que a lei já designou os que serão no futuro os distribuidores

de sua sabedoria, concedida a toda a humanidade, ainda quando ela não quer saber nada que não seja a absoluta satisfação de seus sentidos. Deixa-me revelar o que fui, o que sou e o que serei. Ouviste, porventura, falar de um faraó que foi chamado o '*santo fazedor de santos*'?"

— Sim, Anek, o apóstolo do Deus único, eterno vivente e eterno invisível. Minha mãe descende por linha materna de discípulos desse faraó, mestre da verdade.

O ancião levantou ao céu os braços e os cansados olhos em muda exclamação de amorosa devoção...

— Meu velho coração não se havia equivocado contigo. Tu és e serás aquele que a lei destinou para cumprir sua eterna vontade. Ó divino Rá!... Brilha jubiloso sobre esta Terra onde vive o homem porta-voz da verdade eterna!

"Sou Neferkeré, neto desse faraó justo que quis estabelecer sobre a Terra a verdade, a luz e o amor do Deus único, princípio, fim e causa de tudo quanto é vida no Universo. Ele foi sacrificado pelos ignorantes, pelos inconscientes, pelos ambiciosos, egoístas e soberbos, incapazes de amor para todos e estupidamente enamorados de si mesmos. Para salvar minha vida, um fiel servidor de meu pai me levou para a então já deserta e decadente Sais, onde, certamente, ninguém procuraria pelo último descendente do rei justo para tirar-lhe a vida, para que não ficasse nem um único vestígio nem prolongamento daquele que quis revelar a verdade aos homens.

"Seus seguidores, discípulos e amigos foram assassinados em massa. Por sorte, eu era pequenino e não vi os carros de corpos decapitados que, arrojados ao monturo, foram cobertos de alcatrão e enxofre e devorados pelas chamas de um incêndio que durou doze dias.

"A Divina Lei salvou-me de morrer com eles para que eu esperasse a tua chegada e pudesses ser o herdeiro e continuador de Anek-Aton, o precursor da verdade eterna que os homens do poder se empenham em desconhecer e em destruir.

"Onde está o homem que pode destruir a verdade? Onde está o homem que pode apagar a luz? Onde está o homem que pode matar o amor?

"Meu filho. A verdade, a luz e o amor são o próprio Deus, infinito e eterno que dá vida ao Universo inteiro!

"Que é a criatura humana perante Ele? Menos que uma raposa, menos que uma formiga, menos que uma larva!..."

A indignação fazia tremer a voz do ancião, cuja excitação lhe causava uma grande fadiga.

— Não sofras assim, pai, pelo inevitável, que já pertence ao passado. Tu tens a sabedoria e eu o desejo de saber. Juntos, acendamos a Luz nas trevas

e descubramos a verdade aos homens, ainda que nos levem também ao sacrifício e à morte. Outros ficarão atrás de nós para acender novamente a luz e repetir de novo o canto da verdade.

O velho sacerdote, apoiado no braço de Osarsip, conduziu-o ao interior do templo, fê-lo descer à escuridão da cripta, e ali, em completa solidão, foi referindo quanto sabia do mais remoto passado. Abriu esconderijos nas paredes, onde velhos papiros, peles curtidas em branco, lâminas de madeira, de cobre e de argila, escondiam, como inapreciável tesouro, a imensa cadeia de grandes almas, de grandes feitos que os homens do poder haviam condenado a desaparecer para sempre da face da Terra.

— A Luz Divina tem caminhos que os homens desconhecem — continuou dizendo o velho sacerdote de Sais, enquanto ia tirando dos arquivos ocultos dentro das paredes da cripta os desconhecidos segredos de um passado remoto.

No templo de Mênfis, Osarsip conheceu a existência e a atuação de Anfião e de seus profetas brancos na desaparecida Atlântida, como também a do filósofo e médico, Antúlio, no mesmo continente. E julgava ter conhecido muito.

Mas, no velho templo em ruínas de Luxor chegou à convicção de que aquilo era só uma parte da longa passagem da humanidade pelos vales da Terra.

Em papiros, gravações, pedaços de couro curtido, cortiças de árvores, placas de argila, de cobre e em telas enceradas, o filho da princesa Thimétis conheceu a existência das civilizações lêmures e dos tremendos cataclismos de mil vulcões vomitando fogo na terra e no mar, até mergulhar na imensidão do Mar Sereno (hoje o Pacífico) a maior parte daquele continente. Conheceu as vidas heróicas de Juno e de Numu, e o itinerário seguido por seus adeptos dispersos pelos quatro pontos cardeais. Quando os vestígios de tudo aquilo ficaram sem continuidade dentro da velha arca de mármore onde se mantiveram durante séculos, Osarsip levantou seu olhar perscrutador para o velho sacerdote e finalmente perguntou:

— E que se fez de todo aquele imenso trabalho de Juno e de Numu? Podes dizer-me, bom pai?

— Esta outra grande arca de mármore te responderá, meu filho, se quiseres ter o trabalho de examiná-la — respondeu o ancião destapando o cofre empoeirado que tinham à vista. Osarsip leu: — *"Escrituras do Patriarca Aldis."*

Contou oitenta rolos de papiros encerrados num tubo de cobre e escritos nos antigos sinais usados na época dos primeiros faraós conhecidos pela história.

Era a cópia fiel do antiqüíssimo relato das origens da nova civilização iniciada por quatro prófugos atlantes que, fugindo das arbitrariedades de um

soberano, mais ainda que das águas vorazes que devoravam aquele continente, se refugiavam em terras desertas que a Divina Lei, providência viva de todas as suas criaturas, lhes foi apresentando através das múltiplas circunstâncias e variáveis aspectos que tem a vida em todos os mundos destinados para habitação de humanidades revestidas de organismos carnais.

Osarsip, que aos dezessete anos se via colocado à frente de um poderoso país, bebeu com ânsia suprema a "Lei da Grande Aliança das Nações Unidas", criada por aquele Bohindra genial, acertadamente chamado o *Mago do Amor e da Paz*, porque soube e foi capaz de anular em si mesmo todo egoísmo e toda ambição para só pensar no bem de seus semelhantes. A Eterna Lei deu-lhe como prêmio extraordinário, e muito poucas vezes visto na Terra, o florescimento da paz, a abundância e a felicidade dos povos de três continentes: África, Ásia e Europa.

Os leitores deste relato beberam, como Osarsip, a água pura da verdade pré-histórica encerrada nas *Escrituras do Patriarca Aldis*, que foram editadas sob o título de *Origens da Civilização Adâmica.* Assim será fácil para eles compreender o Moisés legislador, o Moisés condutor de povos, o Moisés taumaturgo e profeta, que vê no distante porvir, não só para o povo de Israel, como pensam em geral, mas para toda a humanidade que séculos depois dele habitaria este planeta.

Foi, pois, em Tebas e em Luxor onde aconteceu o *segundo despertar do espírito de luz,* do Messias instrutor deste mundo, na divina claridade que um ignorado sacerdote de Sais, guardião do templo em ruínas de Luxor, irradiou para ele, desvendando-lhe o remoto passado que os homens do poder mantinham desconhecido e oculto entre as paredes de um templo em ruínas. Oh! Os homens do poder, que pretendem ter direitos sobre o pensamento e a consciência dos povos!... Até quando serão eles os que apagam todas as lâmpadas, os que secam todos os mananciais, os que silenciam todas as harmonias e destroem todos os jardins em flor?...

Ali Osarsip soube que o faraó Anek-Aton fora uma reencarnação do patriarca Mizraim de Thanis, fundador da raça egípcia e condutor da antiga sabedoria dos profetas brancos, que secundaram a obra idealista de Anfião e de Antúlio na Atlântida, adormecida então sob as águas do mar.

Ali veio a saber que Bohindra, seu filho, com o nome de Abel-Aton, continuou sua obra sublime de paz e de amor, até que a serpente daninha da ambição e do egoísmo pôs fim a essa vida fazendo uso de um veneno e levantou seu irmão Tutank-Amon, que se prestou a servir de instrumento aos planos de um sacerdócio envelhecido pela ambição e secundado pelos mercadores de carne humana viva, que enriqueciam com a compra e venda de escravos, com a conquista e a rapina de países e de povos por meio de tre-

mendas guerras semeando desolação e morte por onde passavam como furacões de sangue e fogo.

Ali também Osarsip conheceu a grande fraternidade kobda da pré-história e ascendeu, com Abel, ao mais alto e penoso cume das imolações da alma, nesse altar de fogo divino que purifica e diviniza, como o ardente crisol purifica o ouro.

Caindo de joelhos ao pé de uma coluna das muitas que sustentavam em pé aquela cripta milenar, Osarsip começou a chorar em grandes soluços. O velho sacerdote compreendeu que aquela tremenda crise de pranto era conseqüência da suprema exaltação do espírito causada pela ascensão momentânea a um plano superior, cujas intensas vibrações de amor a alma encarnada não podia resistir, e quase perdia a vida num êxtase de amor divino.

Quão pouca coisa é o tempo para a alma humana de eterna vida, que através de vários milênios percebe a dor de um holocausto heróico, de uma renúncia muito profunda, e sente, ao mesmo tempo, a auréola do amor excelso e divino com que o Eterno Pai invisível a compensa e premia!

— Bom pai — disse o jovem quando pôde ficar sereno e falar —, dar-me-ás estes rolos de papiro para que eu seja o continuador da guarda que exerces sobre eles?

— Sim, meu filho, porque para isso a lei divina te trouxe aqui. Está escrito no destino de Amenhepat que reconstruirá este velho templo, o de Carnak, o de Thanis e o de Sais, porque uma ânsia louca de fama e de grandeza, de glória e de renome despertará nele, justamente para que não pereçam no esquecimento das areias do deserto o que custou esforços e vidas aos homens do passado.

"Os deuses familiares cuidam amorosamente das obras criadas por eles, e assim, quando Amenhepat realizar estas obras, encontraria todos estes velhos relatos que ele não está iluminado para compreender. És tu quem deve guardá-los para ser dado em gotas à humanidade, como um divino elixir que somente em gotas pode ser assimilado pelos homens.

"Tal será a tua missão e apostolado durante toda uma longa vida de sacrifícios inenarráveis."

Osarsip pensou na impossibilidade que significaria para ele transportar em sua bagagem aquele carregamento de rolos encerrados em tubos de cobre sem que Amenhepat percebesse isso.

No entanto, o velho Neferkeré era a reencarnação daquele antigo rei *Etchevea* da pré-história, que ouvira a palavra de Abel e lhe disse:

— Com esta minha longa vida de enormes sacrifícios e dores, apaguei em parte meus erros daquele tempo, e posso ajoelhar-me diante de ti, novo Abel, para dizer:

"Se a minha felicidade em guardar estes teus tesouros pode saldar minhas infidelidades passadas, abençoa este velho amigo e faz com que a eterna lei de justiça fique satisfeita para sempre."

Osarsip abraçou chorando o humilde ancião, herói desconhecido e ignorado de uma gloriosa cruzada de amor e de fé, cuja longa vida devia terminar agora, depois de haver cumprido escrupulosamente o mandato da lei divina.

Pôs ao lado de Osarsip um homem fiel que lhe servira de criado durante vinte anos, para que o acompanhasse a Mênfis, conduzindo em duas arcas de pele de búfalo todas as antigas escrituras que entregava ao filho da princesa Thimétis, e destinados a ser entregues a Membra, notário-mor do templo de Mênfis, que devia substituir Pthamer no pontificado três anos depois.

Passaram-se dois dias depois destas cenas. O ancião sacerdote Neferkeré libertou seu espírito da velha matéria que o encadeava à Terra e Osarsip teve a satisfação de receber seu último olhar de adeus, seu derradeiro alento de vida, e depois cremou-lhe o cadáver como ele lhe havia pedido e espalhou suas cinzas sobre as águas do Nilo.

* * *

Então Osarsip lembrou-se de seu companheiro de férias. Que sucedera a ele? Seu coração reprovava o fato de ter-se descuidado dele, apesar de ter sido Amenhepat quem se afastara primeiro dele.

Com a alma entristecida pelo desaparecimento do velho amigo, Osarsip tomou o caminho da grande capital acompanhado do fiel Numbik, que durante vinte anos servira ao sacerdote Neferkeré e que então se entregava confiantemente ao jovem Osarsip, bem certo de que seu antigo amo sabia a quem o entregava. Levando pelo cabresto um robusto jumento cinza, empreenderam ambos a pé o caminho pavimentado flanqueado de esfinges, obeliscos e palmeiras, que levava das ruínas de Luxor à adorada e resplandecente Tebas.

Onde Está o Faraó?

Apenas chegado à sua pousada em Tebas, Osarsip pôs em segurança as duas arcas com os papiros, deixou Numbik cuidando delas e lançou-se em

busca de Amenhepat, do qual esteve separado durante cinco dias. Que havia sido dele?

Indagou de todos os criados e porteiros da pousada e do guarda da Porta dos Escribas, e este o informou que o vira sair com um grupo de sílfides dançarinas no dia de sua chegada e não o vira regressar.

Com base em inúmeras informações, conseguiu orientar-se regularmente naquele incomensurável labirinto traçado com rigoroso esmero a fim de tornar possível a ordem num cenário tão complicado como era a populosa cidade, com os milhares de atividades a que se entregavam seus habitantes.

Os músicos, as dançarinas, os cantores e toda a numerosa legião de pessoas dedicadas a divertir o povo, tinham uma porta especial de entrada e saída da cidade. Osarsip foi informado de que talvez ali poderia obter notícias do amigo que seguiu o grupo de dançarinas que prestavam serviço na pousada.

Com efeito, o guarda daquela porta confirmou ter visto entrar um jovem vestido com roupas de estudante no dia e na hora que Osarsip indicava. Um pequeno pagem, gracioso e ligeiro como se fosse movido por molas e apenas vestido com uma pequena fralda plissada azul e vermelha, encarregou-se de guiá-lo até um pórtico encortinado de tapetes azuis e que recendiam a intensos perfumes. Tudo ali respirava moleza, fatuidade, adulação, satisfação.

Para Osarsip, que passara cinco dias com um sacerdote octogenário nas criptas de um templo esquecido entre as ruínas de Luxor, o contraste não podia ser maior.

Sua alma condoeu-se profundamente ao imaginar o que haveria sido do jovem faraó abandonado às suas próprias forças naquele lugar.

Culpava a si mesmo por havê-lo descuidado tão completamente. De repente, e ao correr um grosso cortinado, viu-o aparecer vestido como um Apolo grego, com um sol dourado cingido à fronte e uma curtíssima túnica amarelo-ouro com franjas de guizos, formando um harmonioso conjunto de sons a cada passo que dava. Era todo ele um resplendor vivo de ouro polido, da cabeça aos pés.

Uma alegre gargalhada escapou dele quando viu Osarsip tão austero em seu traje estudantil e sua face ainda dolorida pela morte do grande amigo que enchera de grandeza seus dias em Luxor.

— Osarsip!... — disse abraçando-o afetuosamente. — Que pouca sorte tiveste! Estás ainda pior do que quando viemos. Em compensação, eu... Bem podes ver! Subi muitos escalões de um salto, e cheguei a ser o divino Apolo recebendo a homenagem das musas, quando me rodeiam pedindo favores e graças. Não tens inveja de mim?

Osarsip fez um supremo esforço sobre si mesmo para não demonstrar o desagrado e o asco que lhe causava ver o soberano do poderoso país do Nilo

convertido num palhaço infeliz e alegre por ter chegado a tão baixa e desprezível situação.

Osarsip aproximou-se dele e lhe disse ao ouvido:

— Lembra-te de que és o soberano do Egito e que te expões a um tremendo castigo dos deuses porque profanas tua dignidade e pisoteias a tua pátria.

— Por favor, Osarsip! Durante toda a minha vida estive acorrentado! Deixa-me fazer todas as loucuras imagináveis até que chegue o dia de voltar a Mênfis!...

"Vai, vai!... Já sabes onde estou. Ninguém sabe aqui o que sou. Não sofras por mim, Osarsip, pois eu sou completamente feliz em meio a este louco mundo que me rodeia. Estou curado de meus amores às escondidas, porque aqui me fartaram de amor em pleno sol e em pleno dia. Quando voltar a Mênfis... Bem o verás, serei o faraó mais grave e solene que o Egito já teve, desde que o Nilo corre em suas praias."

— És livre, absolutamente livre para agir como queiras, contudo eu me permito lembrar que és o chefe de um numeroso povo que depende de ti e espera tudo de ti.

"Por favor, Amenhepat!... Não defraudes as esperanças de teu povo, e não defraudes a minha esperança, que chegou a querer-te como a um irmão!"

Osarsip pronunciou estas palavras com a alma assomando aos olhos e com o coração batendo forte. E, sem esperar resposta, deu meia-volta e saiu do recinto que não estava em harmonia com a austera gravidade na qual vivera desde sua primeira infância.

Amenhepat ficou plantado naquele lugar como se uma estranha força o houvesse paralisado.

"— Este Osarsip — pensou — tem coisas capazes de fazer saltar uma múmia. Às vezes penso que é um louco e outras que é um sábio. E me quer bem. Isso é fora de dúvida."

Um médium clarividente teria visto a irradiação de Osarsip como uma nuvem dourada e fresca que envolvia o jovem faraó até cobri-lo completamente da cabeça aos pés. Amenhepat queria esquecê-lo para mergulhar novamente no ambiente de alegre loucura na qual passara todos esses dias, e não conseguia apagar sua lembrança. Atirou-se sobre um divã e, poucos instantes depois, estava adormecido. Seu espírito desprendido da matéria manteve-se perplexo durante alguns momentos. O pensamento forte e tenaz de Osarsip atraía-o para ele, e lutava com os pensamentos inquietos, avessos e alguns ruins do elemento frívolo e aloucado que o rodeava.

Sua indecisão era bem visível. No entanto, houve uma circunstância especial que inclinou a balança. Viu que uma das dançarinas o havia reconhecido em sua verdadeira personalidade, porque era filha de uma antiga dama da

corte de sua mãe, que a afastou de seu lado por ter descoberto nela ambições desmedidas de interesse e de lucro. A moça começava a divulgar a sua descoberta entre os íntimos, nos quais nascia, por sua vez, a má idéia de tirar proveito do personagem que se ocultava com a modesta indumentária de um jovem estudante em férias. Amenhepat viu em espírito sua perigosa situação, pois compreendeu que até se planejava um seqüestro para exigir um pesado resgate.

E viu o pensamento de Osarsip que, como um fio de aço e de fogo, chegava a ele desde a pousada no austero pavilhão do Pátio dos Escribas. Seu corpo adormecido saltou do divã e correu como um louco até a sala de vestir, onde deixara seu traje de estudante no dia da sua chegada. Percebeu que lhe haviam subtraído uma letra de câmbio que devia ser trocada por dinheiro com um banqueiro de Tebas e uma sacolinha de seda com os últimos aneizinhos de ouro que lhe restavam para pagar os gastos feitos nesses dias.*

Pensou então em Osarsip e que somente dele poderia esperar salvação.

Com passos vacilantes, caminhou até a sala da administração sem saber como sair para a rua, pois o haviam roubado e não podia cobrir a despesa exagerada que fizera.

Seu assombro chegou ao estupor quando encontrou Osarsip aguardando-o ali. Abraçou-se a ele como uma criancinha assustada, ou como um náufrago que vê a seu alcance uma tábua flutuando na corrente.

— Vieste por mim? — perguntou ansioso.

— Justamente, Amenhepat. Vim por ti. Veio-me repentinamente o pensamento de que, se és o faraó, eu sou teu superintendente vice-rei, e que é meu dever tirar-te do antro de prazer e loucuras onde mergulhaste, crendo, talvez, que essas pintadas mariposas buscam tão-somente o teu sorriso e os teus olhares. Pensei que poderias ser roubado e talvez reconhecido no que és, e assim ficares em situações que, se se tornassem públicas, poria em muito mal lugar o faraó do Egito. Ou sais daqui agora mesmo comigo ou eu deixo de ser o que quiseste que eu fosse a teu lado.

"Não posso ser teu segundo com honra, se não sabes ser o primeiro com a dignidade e honra que corresponde ao que és. Vamos!"

Osarsip tomou-o pelo braço como a um menino que não sabe o que faz.

Amenhepat deixou-se levar sem dizer uma única palavra. Ninguém apareceu para lhes impedir o caminho, talvez porque àquela hora da manhã todos dormissem ou porque a força espiritual do grande filho da princesa Thimétis

---

* A moeda usada na época pelas pessoas de fortuna eram pequenos anéis de ouro ou de prata de um tamanho especial.

anulava os elementos negativos que sempre estão alertas para impedir o avanço dos buscadores da verdade e da justiça.

Osarsip pediu seus cavalos ao encarregado das cavalariças e, sem apresentar razões do que fazia, saíram da cidade a caminho do regresso. Entretanto, antes de empreenderem a viagem, sentaram-se sobre uma esfinge à sombra das palmeiras.

— Para onde vamos? — perguntou Amenhepat, que, atordoado completamente pelo ocorrido, parecia ter perdido a vontade de dispor de sua própria pessoa.

— Para onde não corras perigo algum, Amenhepat. Pareceria incrível que as coisas mais vulgares da vida tivessem tal poder para transtornar o juízo de um governante de povos. Não pensaste que eu sou responsável até certo ponto por ti e por tudo o que diz respeito a ti?

— Na verdade, compreendo que agi como uma criança aloucada; porém, não guardes rancor contra mim, Osarsip, e continua a meu lado. Ainda que às vezes pareça que te odeio, juro pelos deuses que estou convencido de que só em ti posso ter plena confiança.

"Que há em ti, dize-me, pois apesar de reconhecer que vais por um caminho contrário ao meu, sei ao certo que jamais farás coisa alguma que possa causar dano sequer a um cabelo da minha cabeça?"

— O que no teu entender é enigmático, para mim é muito claro. Em teu foro interno sabes que amo o dever como o que de maior e mais forte há na alma humana. E como o dever de todo homem bem nascido é não defraudar a confiança depositada nele, estás assim bem certo de que tudo quanto eu faça em relação a ti é para o teu bem.

— É verdade, é verdade e, além do mais... Sabes, Osarsip, que tenho uma suspeita?

— Eu a ignoro. Podes dizer.

— Suspeito que não és, como se diz, tão-somente um *filho adotivo da princesa real.*

— Que julgas então que sou?... — perguntou Osarsip, e ambos se olharam firmemente no fundo dos olhos.

— Creio que és um filho de seu sangue e da sua carne... E creio também que tu o sabes. Tens os mesmos olhos dela... seu mesmo olhar, sua mesma firmeza no agir. Acertei?

Osarsip ficou intensamente pálido.

Logo levantou suavemente a mão e atravessou o dedo indicador sobre seus lábios.

Era a forma na qual os hierofantes e a alta nobreza egípcia indicavam que

um solene juramento o impedia de falar. Era o silêncio de Ísis! Era o silêncio da Esfinge!

Antes que faltar a ele... a morte!

— Compreendi! — exclamou Amenhepat, e abraçou Osarsip com uma emoção indescritível. Sentiu o amor e o irradiou sobre ele.

Quando se acalmou, continuou raciocinando e traduzindo em palavras tudo quanto percebia sua imaginação, exaltada pela descoberta que julgava ter feito a respeito de seu brilhante superintendente vice-rei:

— Segundo a teoria de nossos hierofantes, os deuses encarnam nos filhos dos faraós e dos reis.*

"Tua mãe, a princesa real, é filha de um deus encarnado, meu pai Ramsés I, e de Epúvia Ahisa, filha primogênita do grande sfaz da Mauritânia, outro deus encarnado. Tua mãe, a princesa real, não quis tomar esposo, renunciou ao trono e ao mundo e pediu a permissão para consagrar-se ao estudo das ciências sagradas e ao retiro dos templos onde os deuses se põem em íntima comunicação com seus escolhidos na Terra.

"Segundo isso, não podemos pensar que Amon-Rá a desposou, ou acaso Osíris, Hórus, e que foi gerado nela um filho-deus, e esse filho és tu?..."

Osarsip continuava mergulhado em seu impenetrável silêncio e olhava para Amenhepat, com aquele olhar perdido num distante horizonte invisível a toda a vista, mas que devia existir, quem sabe em que mundos e em que planos... O jovem faraó continuava seu monólogo que, indubitavelmente, satisfazia suas profundas dúvidas a respeito de Osarsip e de sua mãe, a princesa real.

— Por isso és como és, pois não vais negar que és um homem totalmente diferente dos demais. Tens dezessete anos como eu e permaneces como uma pedra diante dos carinhos e seduções próprios da vida na nossa idade.

"E, mais ainda, vais buscar tuas diversões, tuas satisfações nos templos, nas criptas escuras e silenciosas onde, se me parece, circulam fantasmas de hierofantes severos e o alento amedrontador dos deuses que castigam as más ações dos homens. Que atrativo, dize-me, encontras nesses velhos papiros desgastados pelos séculos, e em quebrar a cabeça comparando os séculos de antes com os de hoje, para fazer traduções de lendas mais velhas que o Nilo e mais inúteis que as pirâmides mudas e carcomidas que se levantam em todo o nosso deserto?

"Não é melhor e mais próprio da nossa idade, divertir-nos com o canto,

---

* Advertimos ao leitor que todos os argumentos do faraó são segundo o conceito e princípios que os mestres egípcios deixavam circular entre o vulgo incapaz de assimilar a verdade, que é outra.

a música, as danças, a vida, enfim, e não com a morte, que parece haver-se introduzido até na medula de teus ossos?..."

Como o silêncio de Osarsip continuasse, Amenhepat pôs a mão em seu ombro e, com a voz suave de um menino que pede, disse:

— Por favor, Osarsip! Fala-me e toma-me como confidente como te tomei. É verdade, e reconheço, que uma grande distância me separa de ti; no entanto, tu que estás acima podes inclinar-te para baixo, já que eu não posso subir até junto de ti. Não compreendeste isto?

Essa humilde e suave atitude fez vibrar a corda sensível na austeridade de Osarsip que, voltando o rosto para seu interlocutor, disse:

— Estou satisfeito de que hajas compreendido que sou por natureza algo semelhante a um bloco de pedra. As pedras... bem o vês, também estão quietas e mudas em suas pedreiras, como nas paredes de uma tumba, como nos templos ou nos palácios.

"Esta rocha em forma de esfinge na qual estamos sentados cumpre sua missão suportando-nos. Creio que sou igual a ela, e suporto da mesma maneira as tuas impertinências de jovem inexperiente, como as aloucadas revoltas do povo e as néscias especulações políticas ou financeiras do conselho ministerial que te deram."

— Pobre Osarsip!... Por esse caminho vejo que vais caminhando para ser a vítima de todas as aberrações humanas. Estás empenhado em mudar a face deste mundo onde vivemos. Contudo, se Amon-Rá, com seu fogo divino que abrasa todo o mundo, não pode torná-lo diferente do que é, como o poderás tu, mesmo sendo um deus encarnado, filho de uma esposa de deuses?

— Não subas tão alto, querido faraó, que isso de deus encarnado é um problema que não estamos em condições de resolver no momento. Eu quisera, em compensação, tratar esses assuntos por outros caminhos mais acessíveis à compreensão humana. Não te cansarás de me escutar?

— Pelos deuses, Osarsip! Como hei de me cansar se estou desejando que me fales?

— Está bem, ouve-me. Segundo a Divina Sabedoria ensinada em rigoroso segredo nos templos aos aspirantes ao sacerdócio e também aos faraós quando passam dos vinte anos, a psique, ou alma humana, surge como uma centelha de um Divino Fogo Invisível e Eterno que tem em Si mesmo todos os poderes, forças e energias criadoras de mundos, estrelas e sóis. Engrandece-se, progride, troca mil vezes de formas de vida, quer incrustada numa pedra feita diamante; num musgo aderido às ruínas, às tumbas, aos caminhos; numa semente que se torna flor ou fruto; num germe que se converte em passarinho a voar pelos ares ou em peixe que nada e brilha entre as águas dos rios ou do mar; até que, depois de uma longa peregrinação de épocas e séculos, se alberga num seio

materno e nasce um ser humano como tu e como eu. Esse homem ou mulher nasce uma, duas, cem e mil vezes até conseguir uma perfeição que o faz semelhante ao poderoso e eterno Fogo Invisível do qual surgiu como uma centelha.

"Não se transforma um carvão de pedra em diamante a brilhar como estrela em longos séculos revolvendo-se no seio das montanhas, suportando o embate das ondas bravias e o ardor dos fogos vulcânicos?

"Tudo é transformação e mudança incessante no Universo, Amenhepat, e o que hoje é pedra no futuro é árvore, flor, pássaro, gazela ou leão, até chegar ao reino humano com inteligência e razão, com vontade e memória, com a capacidade de compreender o bem e o mal, e, principalmente, com a capacidade de amar com esse amor que torna o homem semelhante a Deus!..."

— Osarsip!.... Isso quis impor e ensinar Anek-Aton, o faraó a quem chamavam de "santo fazedor de santos". E ele desapareceu sob a terra como um morcego sob uma pedra, e toda sua descendência foi exterminada como uma praga de gafanhotos daninhos que matam toda a vida na face da Terra!... Como é perigoso este caminho, Osarsip. Ele pode trazer-te a ruína mais completa que esmaga um homem!

— Tu és o faraó, chefe de um governo e de um povo que esmagou como a um morcego aquele que quis ensinar a eterna Verdade aos povos. Portanto, podes esmagar-me também, que desvendei diante de ti a grande doutrina secreta para satisfazer tua inquietação em saber que força é a que me faz diferente dos demais.

"Mas que ganharias com isso? Esmagando a mim, matarias a eterna Verdade ou poderias mudá-la sequer num mínimo de sua eterna vida indestrutível?

"Essa eterna Verdade é mais forte que todos os poderes e forças humanas, e tão-só o louco orgulho e soberba dos homens pode fazer conceber neles o pensamento de que, matando um homem, matam uma Idéia, que é manifestação de uma parte da Infinita Sabedoria Divina.

"Amenhepat!... Talvez eu tenha dito a ti mais do que permite o juramento que fiz aos mestres que tive no castelo do lago Merik. Entretanto, o Eterno Infinito sabe que, no fundo de minha alma, há algo que me diz poderes tu ser um faraó justo, sábio, guia e farol de teu povo..."

— É o que eu quero, Osarsip!... Serei, se tu me acompanhares sempre. Serei como Soser, como Anek-Aton, como Amenhepat, e como tu!... Agora sabes onde estou: no pórtico da Sabedoria Divina conduzida por ti.

"Vamos a Abidos, onde dois faraós santos e mártires quiseram fazer a felicidade do Egito e os homens não a quiseram. Tu serás como o José de Israel, o primeiro grande vice-rei que o Egito teve... e que o cumulou de abundância e de paz. E tu serás..."

— O último Amenhepat! — interrompeu Osarsip —, porque, se fazes o que dizes, os homens te sacrificarão como também a mim para continuar na negra pocilga do erro, da mentira e do vício, únicas águas que buscam beber.

— Vamos a Abidos — repetiu o faraó —, onde algum velho sacerdote me iniciará nos ocultos mistérios que sabes e que te fizeram como és.

Ambos montaram novamente e se encaminharam para a velha cidade das recordações, onde o sangue de muitos mártires tinha umedecido as areias e o ladrilho das criptas, que perpetuamente mudas, nada revelavam de toda a dor e da morte que haviam presenciado.

Numbik, o criado fiel, herança do ancião Neferkeré, com os papiros que levava sobre o lombo de um jumento levado pelo cabresto, seguia-os a certa distância e pensava:

— Meu mestre não deixaria a dois jovens estudantes as coisas santas dos deuses que ele guardava.

"Devem ser estas grandes personagens que se ocultam, sabem os deuses, *por quê*.

"Meu amo, Neferkeré, que habitas a glória de Osíris! Tu me mandaste segui-lo!... Estás obrigado a me salvar!..."

— Numbik — gritou Osarsip. — Apressa o passo de teus jumentos para que cheguemos a Abidos antes que caia a noite.

— Sim, meu amo! — respondeu sobressaltado o bom homem, julgando ver-se descoberto em seus secretos pensamentos.

Abidos, a Cidade Santa

A dor, crisol purificador das almas humanas, o é também das cidades e dos montes ou desertos que as rodeiam.

Quando uma alma foi submetida a duríssimas provas, que quase sempre são conseqüências de erros cometidos consciente ou inconscientemente, se vê forçada a pensar, a raciocinar, talvez a dor a obrigue a levantar o olhar ao infinito espaço azul, atrás de cuja imensidão crê perceber esse algo grande, forte e invisível no qual todos pensamos, quando a dor oprime o nosso coração com suas garras ardentes...

As cidades, aldeias ou desertos habitados por seres duramente açoitados pela dor, aparecem cheios de vibrações de sacrifícios, de imolações e de nobres renúncias, formando em torno delas um halo misterioso de recolhimento e santidade.

Tudo isso foi percebido pelos dois estudantes viajantes quando atravessaram pela enorme porta de mármores enegrecidos pelo tempo e de chapas de cobre que os séculos haviam oxidado.

Osarsip, Amenhepat e Numbik entraram calados e pensativos.

Nenhum porteiro montava guarda ali. Nenhum viandante transitava pelas ruas.

A tarde caía lentamente, e as sombras do anoitecer lutavam com os últimos resplendores do moribundo sol poente.

— Invade-me o pânico, Osarsip! — exclamou por fim Amenhepat, enquanto o passo lento de seus cavalos ia deslizando sem ruído por um grande espaço aberto, no qual se viam, como escuros montículos, algumas pirâmides destruídas, obeliscos atirados por terra como gigantes insepultos que o tempo tornava em pedra...

Aquilo fora, sem dúvida, a grande praça chamada das Caravanas, que na maioria das antigas cidades era o refúgio e albergue dos que, buscando segurança, faziam as longas viagens em conjunto.

Osarsip, com a alma absorta em grandes e graves pensamentos nem sequer escutou a exclamação do companheiro, e continuou a marcha em silêncio.

— Aonde vamos? — perguntou, algo inquieto, o jovem faraó.

Sem deter a marcha, Osarsip tirou de sua sacolinha um pequeno croquis gravado num pedacinho de pele de cordeiro branca como um papel.

— Tenho aqui demarcada a direção — disse. — Deu-ma o sacerdote Neferkeré. Vamos para ali, que ali estaremos em segurança.

Foram penetrando na silenciosa cidade de Anek-Aton, glória em outros séculos do antigo Egito e de seu sacerdócio iluminado pela luz da Divina Sabedoria.

Só encontravam mulheres caladas voltando para suas casas carregadas com cântaros de água que tinham recolhido no tanque público. Outras, com grandes canastras de roupa que haviam lavado no Nilo. Alguns velhos pescadores que, amarrados seus barcos, voltavam com os cestos da pesca que tinham conseguido. Nada que revelasse alegria, prosperidade ou riqueza.

— Ventos de morte passaram por esta terra! — exclamou Amenhepat.

— O egoísmo e a inconsciência humana são na verdade ventos de morte! — respondeu Osarsip com amargura.

— Para muitos esta é uma cidade maldita, Osarsip! Tu, que tanto sabes, diz-me: qual é a maldição dos deuses e por que a lançam quando lhes agrada?

— Não são os deuses... São os homens ignorantes e maus! Podemos pensar que as inteligências superiores a quem chamamos *deuses* têm raiva e amaldiçoam como os escravos ociosos quando são açoitados? Não, homem, não! É absurdo pensar tal coisa.

— Estou vendo que tudo no mundo é como um vento de morte. Tu me fazes pensar assim e creio que tens razão. Sabes o que aconteceu a Anek, o faraó *santo, fazedor de santos*?

Moisés observou-o com um olhar inquisidor que Amenhepat interpretou em seguida.

— Não me julgues falso nem traidor, Osarsip. Todas as perguntas que faço é pela necessidade que sinto em conhecer a verdade. Sei que somente de ti pode chegar a verdade sem falsificações propositais.

— Grande honra me concedes, faraó, com as tuas palavras. Não estou a par dos acontecimentos desse tempo; entretanto, o que recolhi de algumas tradições me fazem supor que não morreu de morte natural, mas causada por drogas maléficas que consumiram sua vida lentamente.

"Acredita-se, segundo essas tradições, que o pontífice Pthamer é descendente do mais fiel notário e amigo seu."

— Sabes se ele segue as doutrinas de Anek?

— Quem pode penetrar no mundo interior do pontífice Pthamer? Quem pode averiguar o que ele pensa? Ele é nobre e bondoso em extremo; contudo, nada deixa transparecer do seu pensamento e sentimento no que diz respeito a isto. É impenetrável.

— Estás te assemelhando a ele, Osarsip! Não te parece que és injusto comigo?

— Amenhepat!... Elevaste-me à categoria de teu segundo no Egito, e eu aceitei colaborar contigo na imensa carga de governar e cuidar de um vasto país. Nem tu nem eu devemos, segundo creio, provocar separatismos e divisões no sentimento e no pensamento dos que hoje vivem em paz. Se removermos as injustiças cometidas tempos atrás, os descendentes dos que foram vítimas levantarão nuvens de ódio contra os descendentes de seus algozes. Novamente arderá o fogo da discórdia. Quem sairá ganhando algo?...

— É verdade! Do ódio nada sai a não ser destruição e morte. Por que terei que reconhecer que sempre tens razão e não eu? Responde-me!

— Oh, faraó!... Eu tenho uma alma muito velha... seguramente longas e fortes experiências sofridas me fizeram como sou.

"Tu deves ser um espírito mais jovem ao qual falta ter as duras experiências que eu tive. Isso é tudo, e nada mais senão isso!"

Osarsip voltou a examinar o croqui e logo leu a meia voz:

— Dobrar para o oriente, chegando ao obelisco de pedra negra.

"Ali o temos — disse. — Apura o passo, Numbik, que aqui devemos virar o caminho."

Pouco depois chegaram ao velho portão de uma casa que, em seus bons tempos, devia ser formosa. Estava anexa a um templo pequeno, consagrado a *Hórus*, o grande filho de *Osíris* e de *Ísis*, segundo o credo egípcio daquela época. No pórtico, aparecia em alto relevo, sobre o muro frontal, a sagrada trindade egípcia: Osíris, Ísis e Hórus ainda pequeno, tomado pelas mãos por seus divinos genitores.

— Esta propriedade pertenceu ao último descendente de Anek-Aton, o sacerdote Neferkeré, morto há apenas quatro dias — disse Osarsip desmontando de seu cavalo. — Entremos confiadamente nela, porque seu proprietário me entregou a escritura de doação à tua irmã e minha mãe, a princesa real.

— Está bem, está bem! Entremos, pois, numa de nossas casas, ainda que esteja em ruínas. Pelo menos nela não nos assaltará o temor de sermos assassinados — respondeu quase com alegria o jovem faraó. — Quem mora aqui? — perguntou.

— Dois criados que foram de Neferkeré, com um filho e uma filha que tecem persianas de juncos e tapetes de esparto e cânhamo. Este velho casal sabe muito da glória de Abidos e talvez de Anek, se te interessa saber.

"Vês perfeitamente que confio na tua nobreza de faraó, irmão de Thimétis, princesa real do Egito."

— Obrigado, Osarsip!... Juro-te pelos deuses que não trairei tua confiança nem esquecerei jamais quanto fizeste e fazes por mim.

"Não obstante os ministros e minha mãe queiram que te mande para fazer a compra de barcos nos estaleiros fenícios, creio que não poderei passar sem ti. Asseguro-te que não posso confiar em nenhum deles. Tu que tens tão longa visão, que pensas disto?"

— Penso que, na verdade, à rainha-mãe e aos teus ministros molesta um tanto a minha presença no governo, por mais que todos eles a queiram, porque necessitam de um pára-raios diante do povo.

— Justo!... Isso mesmo eu pensei, embora não quisesse dizer-te. Querem afastar-te de meu lado e do país por um meio honroso, ao que parece, contudo, no fundo, horrivelmente mal-intencionado. Qual será o verdadeiro motivo de tudo isto?

— Se me prometes não tomar nenhuma medida violenta, eu posso dizer-te.

— Oh!... Então sabias e silenciavas?

— Já te explicarei tudo aqui dentro. Entremos.

O filho do velho casal saiu para recebê-los e Osarsip apresentou as recomendações que, por escrito, lhe dera o velho sacerdote do templo de Luxor.

Um coro de gemidos e de prantos da família pôs a descoberto a íntima união com o ancião e a dor de havê-lo perdido.

Osarsip consolou-os como pôde e pediu-lhes hospitalidade por aquela noite.

— Aqui recomenda o nosso amo que vos hospedemos naquele que foi seu aposento cada vez que vinha — disse a velha senhora, que foi fazendo-os passar por uma longa galeria cheia de cavaletes com fardos da matéria-prima necessária a seus tecidos.

Quando os dois jovens se encontraram na sala-biblioteca do velho sacerdote, Osarsip disse a seu companheiro de viagem.

— Não sei se te desagradará, Amenhepat, inteirar-te aqui de coisas que talvez não havias pensado nem te interessam.

— Interessam a ti?

— Muito!... Nada é mais interessante para mim do que conhecer a verdade de tudo quanto está ligado à humanidade, à pátria e ao ideal que sustento.

— Então conta, porque também será de grande interesse para mim...

— Está bem! Comecemos a desenterrar verdades e recordações — disse Osarsip.

Tirando de sua sacola umas pinças e chaves enferrujadas, foi abrindo umas portinhas disfarçadas no encaixe de velhas madeiras que cobriam até a metade a parede frontal do aposento. Eram cinco portinhas que, abertas, deixavam ver pequenas arcas de couro, caprichosamente cinzeladas e com fortes fechos de prata.

— Pelos deuses! — exclamou o faraó. — Aqui deve haver mais ouro que o guardado pelas minas de Kush.

— Creio que te enganas, faraó. Aqui não deve haver senão escrituras, recordações, injustiças e dores. Em suma, a verdade, que às vezes é bem amarga.

A primeira pequena arca estava sobre a mesa. Na tampa aparecia gravada em hieróglifos esta inscrição:

$$\alpha\ \delta\ \bigstar\ 1$$

Osarsip leu-a mentalmente sem pronunciar palavra e a compreendeu assim: *Memórias do homem que encontrou o Deus Único.*

No interior, encontrava-se um feixe de documentos comprobatórios das epístolas, mensagens, ordens e decretos que falsos amigos, grandemente favorecidos pelo autor, haviam trocado como uma rede tenebrosa na qual o tinham envolvido até levá-lo ao opróbrio e à morte.

— Isto é a vida do homem justo que somente busca agir corretamente sobre a terra! — murmurou sem ter lido os documentos e só ao ver a inscrição

do feixe que os envolvia: *Documentos comprobatórios das intrigas caluniosas tecidas para me perder.*

Outra pequena arca ostentava na tampa uma gravação muito singular: sete aves marinhas em vôo, pintadas com tinta azul. Sob elas, lia-se: *Os cisnes.*

Eram os relatos que os marinheiros tripulantes do barco de Juno haviam deixado escritos e dirigidos aos caudilhos e príncipes aliados do *Mago das Tormentas*, explicando-lhes os fatos ocorridos para levar à morte o grande marujo salvador de crianças.

No fundo da pequena arca via-se umas plaquetas de ouro com um nome gravado nelas.

Para Osarsip, que conhecia através de Amonthep as velhas escrituras do templo de On, transladadas por sua mãe para o templo do lago Merik, e que ultimamente tinha conhecido as escrituras do patriarca Aldis, conservadas em tubos de cobre no esquecido arquivo do antigo templo de Luxor, resultavam facilmente compreensíveis os achados que ia fazendo nas pequenas arcas do templo de Abidos.

Contudo, Amenhepat se aborrecia com descobertas tão insípidas e pobres, segundo ele. Animou-se um tanto quando no fundo da arca viu brilhar grossas plaquetas de ouro puro.

— Por fim! — disse. — Algo aparece aqui que nos compensa o tempo perdido. — E entregou-se completamente a examinar as placas e a sentir o peso delas em suas mãos.

A terceira arca foi tirada do nicho que a ocultava e na sua tampa só apareciam gravados dez círios da cor do cobre, em cujas pequenas chamas ostentavam uma cor vermelho vivo. Debaixo delas, o desenho de um livro fechado com um cordeiro deitado sobre ele.

— Oh! *O divino cordeiro de Numu*! — exclamou, feliz, Osarsip. — E as dez chamas vivas deixadas atrás de si!...

Dentro havia uma boa quantidade de lâminas de marfim unidas por uma correntinha de ouro na qual estavam engastados diminutos rubis. Nelas aparecia escrito: *A Lei da Grande Aliança das Nações Unidas e a Lei da Fraternidade Kobda.*

No fundo da pequena arca brilhava algo semelhante a um diadema de lótus de nácar com folhas formadas por uma filigrana de esmeraldas.

— Oh! — exclamou o jovem faraó. — Isto começa a me interessar.

Amenhepat colocou graciosamente o diadema em si mesmo, enquanto Osarsip examinava com grande cuidado as folhas de marfim que compunham o maravilhoso livro que guardava as geniais idéias de Bohindra para tornar feliz e boa a humanidade terrestre.

— Ó Bohindra... Bohindra!... Quantos Bohindras deveria haver hoje sobre a Terra, para ensinar aos homens o divino segredo de serem bons e felizes!

— Não sonhes, Osarsip... Não sonhes! Para os homens, não há nada melhor que o chicote e a espada! Acaso não estás vendo isto?

"Tu e eu somos jovens e estamos em plenas férias, que dentro de pouquíssimos dias vão terminar. Não evoquemos tragédias de outros tempos e aproveitemos o pouco de bom com que nos brinda a casualidade. Estás de acordo que eu tome este diadema como despojo de guerra?"

Osarsip apenas sorriu da infantil saída de Amenhepat.

— És o faraó do Egito, o país que até hoje mereceu a fama de ser o mestre educador do mundo!

"De joelhos, devíamos abrir estas arcas e examinar o que elas guardam, e tu tomas isto assim como uma pueril brincadeira de crianças? Faraó, por favor!"

— Não te irrites contra mim, Osarsip, e sê tolerante com minhas últimas brincadeirinhas de jovem! Lembra-te que, talvez, dentro de três dias estarei novamente convertido num homem de pedra, mudo como a Esfinge.

Diante desta advertência, a severidade de Osarsip se suavizou.

A quarta e quinta arcas pesavam muito e, sendo um pouco maiores que as anteriores, custou grande esforço tirá-las dos nichos que as escondiam. A surpresa dos dois jovens foi notória quando conseguiram levantar a pesada tampa. Encerrava um grosso diadema de ouro com um enorme rubi no centro de uma estrela de cinco pontas, lavrada em nácar.

Envolvia-a uma larga faixa de linho com esta inscrição em língua atlante, que era quase igual à antiga linguagem hieroglífica dos templos de On, de Mênfis, de Carnak e de Luxor:

Este diadema foi usado em sua coroação pelo último rei tolsteca, Anfião de Orozuma, e foi usado também por Anek-Aton que a confiou antes de morrer ao segredo da cripta deste templo que guardaria sua múmia e suas memórias.

Dentro de um estojo de ônix reforçado de prata polida, estava uma pena de cisne, das usadas pelos reis para assinar, e junto a ela esta gravação sobre uma lâmina de marfim:

Usou-me Anfião-rei e Anek-faraó, e jamais firmei uma sentença de morte.

A pena falava através dos séculos, e Osarsip, que a tinha entre suas mãos, profundamente emocionado, inclinou-se sobre ela e a beijou com íntima reverência...

Quando levantou a cabeça, Amenhepat lhe disse:

— Choras, Osarsip!... É a primeira vez que vejo lágrimas em teus olhos. Não compreendo como és, que tão profundamente te impressionas com estas coisas velhas de um passado que o mundo apenas recorda.

— O mundo só vive o presente, porque ignora tudo, Amenhepat, tudo! Contudo, aquele que se aprofunda um pouco nos velhos anais dessa humanidade, da qual tu e eu formamos parte, revive o passado e vislumbra o porvir.

"As coisas de ontem revivem hoje, e voltarão a viver no futuro. Aquilo que hoje dorme sob o mar ou no fundo das criptas de templos sepultados na areia, sairá para a luz do sol, e outros continentes e outras metrópoles baixarão ao fundo do oceano para que lavem em suas águas o sangue de tantos mártires, derramado pela fúria selvagem dos perversos e dos ignorantes."

— Este ambiente começa a pressentir a tragédia, Osarsip... Não te ponhas assim, por favor!... Abre a última arca e saiamos por fim daqui, que estou temendo uma mumificação em vida.

A última arca encerrava as plaquetas de ouro que os reis tolstekas levavam sobre o peito, uso esse que foi imitado pelos faraós, cujo advento foi iniciado com o desaparecimento dos kobdas e seu grande santuário de Neghadá. Eram setenta e sete plaquetas nas quais estavam gravados os nomes de setenta e sete reis tolstecas, o último dos quais era Anfião de Orozuma.

Num pequeno livro de pele de cordeiro curtida em branco, aparecia um escrito de vinte folhas, feito com sinais que à primeira vista não podiam ser lidos. Só no final aparecia clara esta assinatura: um cisne em vôo e, em seguida, *Askersa.*

— Isto é simplesmente endiabrado — disse o jovem faraó — e a única coisa que meus olhos vêem é que tudo aqui é ouro de boa lei. Que julgas devemos fazer com estes valiosos tesouros?

— Deixá-los onde estão, pois em nenhuma parte estão mais seguros — comentou Osarsip. — Tudo é teu, visto como estão em teus domínios; entretanto, como hoje não necessitas deles, julgo razoável deixá-los aqui, onde poderás tomá-los quando julgares que te sejam necessários.

"Se no teu conceito valem alguma coisa o meu pensamento e os meus sentimentos, eu te peço, Amenhepat, que nada disso seja usado para subvencionar gastos de guerras. Seria ofender a memória dos santos homens que os trouxeram ao Egito para livrá-los da profanação de invasores, que estabeleceriam seu trono entre as fogueiras e o sangue das vítimas sacrificadas a seus deuses. As hordas do bárbaro Aztekalan!"

— Juro-te pelo meu falecido pai e pela tua mãe viva que entre tu e eu ficará para sempre este segredo. Sou um jovem inexperiente, e talvez aloucado, mas não sou tão miserável e vil a ponto de contrariar a vontade dos imortais que vivem no reino de Osíris.

— Agradeço-te em nome deles, faraó, e que eles te sejam propícios.

Os dois guardaram as pequenas arcas onde as haviam encontrado, e Osarsip guardou unicamente em sua sacola de viajante as gravações, para estudá-las

tranqüilamente quando estivesse no castelo do lago Merik, junto à sua mãe e a seus três mestres, para quem o achado devia significar muito mais que um tesouro material.

— Acompanhei-te com gosto em tuas correrias *pelo passado* — disse o faraó —, e creio que é chegado o momento de falarmos *do presente*, segundo me prometeste ao chegar.

— O presente!... É um grande sacrifício saltar dos altos cumes aonde subiram os homens do passado para a lamacenta planície em que nos debatemos no presente. Mas eu te prometi, é verdade, e estou às tuas ordens.

— Minha pergunta é esta: que motivo julgas mover minha mãe e seus ministros para pretender afastar-te do país para tão longe e por tanto tempo?

Osarsip pensou durante alguns momentos e logo respondeu:

— Sabes que uma irmã de tua mãe está casada com o herdeiro do soberano de Creta, e que o rei da Lícia tem como genro um irmão de tua mãe.

— Sim, é verdade. Há três anos estiveram visitando-a, e é contínua a correspondência epistolar que mantêm.

— Bem. Entre a irmã casada com o herdeiro de Creta e o irmão esposo da herdeira da Lícia, projetam um levantamento conjunto para deitar por terra os velhos soberanos que tardam muito em terminar seus dias. Eles pedem do Egito um simulacro de invasão com um pretexto arranjado com habilidade. Não contam com a tua oposição, porque julgam fácil fazer-te silenciar; no entanto, contam ao certo com a minha oposição e a de minha mãe, que, embora tenha renunciado ao trono e à coroa do Egito, não renunciou ao amor do seu povo, que a uma palavra sua...

— Oh, já sei! Querem afastar-te para longe a fim de ter liberdade de ação... Pois não será, juro-o por Amon-Rá e por todos os deuses bons e maus do universo. — Com um grande soco sobre a mesa na qual se apoiava, o jovem faraó referendou seu juramento.

"E tu te calavas, eh?" — acrescentou, suavizando a voz e a atitude.

— Eu ia calar até o momento em que o teu ministro das finanças me insinuasse a conveniência de exigir dos governos de Creta e da Lícia a exploração das minas de ferro e de cobre em troca de nossos cereais, segundo os convênios efetuados há quase três anos.

— Agora compreendo muitas outras coisas!... — exclamou, pensativo, o faraó. — Que ocorreu ao velho capataz de minas que desapareceu com seu filho em seu regresso de Creta? Que foi feito do mensageiro enviado à Lícia? Ele chegou a Mênfis numa noite e não amanheceu em sua casa no dia seguinte?... Sabes de alguma coisa, Osarsip?

— Oh, Amenhepat!... Se começas a remover assim a lama, talvez vá sair tanta podridão que tu e eu morreremos afogados. Há três anos, ambos tínhamos

quatorze anos, e nem governavas o país nem eu era teu superintendente vice-rei. Não somos, pois, responsáveis pelo que ocorreu há três anos.

— É verdade. Entretanto, dizes que o passado projeta luz sobre o presente e ilumina o porvir, e este recente passado de apenas três anos pode dar-nos luz para hoje e para amanhã.

"Lembro-me de ter ouvido uma conversa entre o capataz Dugana com o escriba-mor sobre as minas de Creta e da Lícia, na qual o velho mineiro dizia que aquelas minas haviam sido muito exploradas e que a prata e o cobre que ainda restavam não chegavam para pagar nem a metade de nossos cereais comprometidos. Eu não soube nada mais; porém, pelo que me disseste, vejo que o convênio foi realizado.

"Logo, havia outro fim oculto por trás desse convênio. Qual poderia ser esse fim, senão favorecer as pretensões aleivosas dos irmãos de minha mãe para provocar uma grande revolta que obrigasse os velhos reis a abdicar? Maldição sobre o sangue que minha mãe leva nas veias e que também é o sangue que eu tenho nas minhas!" — gritou Amenhepat dominado por uma fúria terrível, que não alterou a impassível calma de Osarsip.

— Eu não te dizia para não removermos a lama porque a podridão subiria à superfície?... Vamos!... Tranqüiliza-te, e que este conhecimento adquirido nos sirva para agir com justiça quando chegar o momento...

— Promete-me, pela luz de Osíris e pelo amor de Ísis... pela vida de tua mãe, que não te afastarás de meu lado por nenhum pretexto e que apoiarás o que pretendo fazer.

— Não me afastarei do Egito e te apoiarei em tudo quanto pensas fazer, se em tudo isto houver justiça e retidão. Juro-te pela luz de Osíris e pelo amor de Ísis.

— Anularei esses convênios de injustiça e de crime! Um enviado meu irá, com plenos poderes, ante os reis de Creta e da Lícia, e toda essa infâmia ficará apagada.

— Terás que assegurar-te muito bem da lealdade desse enviado, que deverá ser invulnerável diante de todas as compensações que se lhe ofereçam. Podes contar com alguém dessa têmpera?

Amenhepat guardou um silêncio quase pavoroso, de vacilação e dúvida.

— Não tenho nenhum!... É horrível e vergonhoso dizer que o faraó do Egito não conta com um servidor invulnerável à miserável corrupção pelo ouro!... Osarsip!... Não é desesperadora esta situação?

— É instrutiva, faraó, e não desesperadora. Permites-me dar-te uma idéia?

— Fala homem, fala antes que eu fique louco.

— Presta atenção: O notário-mor do templo, *Membra*, é um sábio, é um diplomata e é um justo em toda a extensão da palavra. Ele desempenhará com

perfeição a delicada missão que queres confiar. No entanto, creio que não deve ir só. Acompanhá-lo-á muito bem o médico real Aton-Mosis e uma pequena escolta de quatro ou cinco homens de armas que obedeçam ao nosso fiel Numbik, este que agora dirige nossos jumentos de carga...

— Ah! Eis aí um chefe de escolta!... — disse o faraó entre sério e sorridente.

— Não olhes o presente, Amenhepat, mas o passado! Numbik salvou a vida do velho guardião destes tesouros em três ocasiões. O próprio sacerdote Neferkeré me disse, em seu leito de morte, não faz mais de quatro dias, e o fez para recomendá-lo a mim como um raro exemplar de lealdade ao amo, dos pouquíssimos que hoje podem ser encontrados.

"Não te ofereço homens da casa de minha mãe para não comprometê-la como colaboradora nestes acordos; entretanto, asseguro-te que os encontrarás no meu criado e talvez, também, no médico real, que sei que está rodeado de elementos honrados a toda prova."

— És meu superintendente vice-rei e ficas encarregado de providenciar este assunto com o notário-mor Membra, com o médico real e com o teu fiel Numbik. Dize-me, por que pões o bom médico ao lado de Membra?

— Obrigas-me a dizer algo que eu preferia silenciar para não fazer-te sofrer mais.

— Fala, por favor, que o amargor faz bem à minha saúde.

— A rainha-mãe faz grande uso de alquimistas e de magos. Uns vêm e outros vão, e o médico real comprovou que alguns de seus pacientes morreram de um veneno que ninguém sabe quem aplicou. Eram escribas do palácio e tinham segredos comprometedores.

Amenhepat apertou a cabeça com ambas as mãos e Osarsip viu logo que estavam caindo grossas lágrimas sobre a mesa na qual ele estava apoiado.

"A presença de Aton-Mosis ao lado do notário Membra — continuou dizendo Osarsip — seria uma medida de prevenção, dado que o médico real é especializado no conhecimento de todas as drogas maléficas e de todos os seus efeitos. Livrar-nos-íamos de um possível desgosto."

— Está bem, Osarsip, está bem. Ficas, pois, encarregado de todo este assunto.

"Assim que chegarmos a Mênfis, falarei com o conselho e talvez os deixe a todos em disponibilidade... Contudo ficará sempre *ela* como um fantasma de horror, porque é minha mãe e não posso mandá-la deixar de ser minha mãe... Somente a morte!... *'Aquele que com ferro mata, com ferro morre'*, diz a lei dos árabes e dos hebreus. Neste caso..."

— Por favor, faraó!... Não percas o juízo nem embarques num esquife de

piratas. Com elevação e prudência, com dignidade de homens bem-nascidos, podemos vencer todas as dificuldades.

No dia seguinte, Amenhepat, Osarsip e o criado Numbik despediam-se dos velhos guardiães da casa do sacerdote Neferkeré deixada como doação à princesa real com fins de beneficência, e se afastaram de Abidos, a cidade das recordações e das glórias do antigo Egito de Soser, o justo, e de Anek-Aton, o *santo fazedor de santos.*

Os Hierofantes de Mênfis

Companheiros e aliados da alma iluminada de Osarsip, os hierofantes do Grande Templo de Mênfis celebravam semanalmente uma assembléia secreta na qual estudavam a fundo as facilidades e as dificuldades que o futuro legislador-taumaturgo encontrava em seu caminho nas grandes realizações para as quais se havia revestido da matéria física: *a religião universal com um Deus único e universal.*

A humanidade terrestre afogava-se numa turva inundação de erros e de fanatismos. Todas as paixões humanas tinham seu deus tutelar, que auspiciava, autorizava e até glorificava as mais abomináveis superstições.

O alto clero egípcio, formado unicamente por vinte e um hierofantes, compreendia bem todo o mal que arrastava a humanidade para um abismo, tal como ocorrera séculos antes nas velhas civilizações lemuriana, atlântida e sumeriana.

Eles tinham-se desposado com a Verdade e permaneciam fiéis a ela no íntimo de seus corações e no silêncio das criptas, porque se reconheciam impotentes para conter a tremenda marulhada de decadência moral e espiritual que ia submergindo a humanidade.

Os clarividentes perceberam em suas meditações a íntima voz de um companheiro e aliado que transpassara o umbral da vida física, e esta lhes chegava clara e nítida da margem distante...

"— Pthamer, meu irmão!... — disse a voz. — Sou Neferkeré, o último descendente do faraó que tanto amaste. Estou livre na imensidão infinita do *Único*, e te acompanho daqui na eterna fidelidade à suprema verdade que ele quis ensinar aos homens, porém eles não a quiseram."

O aviso extraterreno tinha chegado, mas faltava a comprovação que chegou a eles com Osarsip poucos dias depois.

— Eu o assisti até seu último momento — afirmou o filho de Thimétis, em secreta assembléia com o pontífice Pthamer e seus hierofantes reunidos na cripta do grande templo de Mênfis.

Tudo quanto o leitor conhece do que foi realizado por Osarsip em relação ao velho sacerdote desaparecido foi mencionado aos anciãos nessa assembléia solicitada pelo jovem para este fim.

Ali foram estudadas e decifradas todas as escrituras que ele trazia de sua laboriosa caminhada pelas terras do sul.

O velho ancião comoveu-se intensamente quando teve em suas mãos o manuscrito que dizia: "*Memórias do homem que encontrou o Deus Único.*"

O pontífice tirou de sua estante um livro de apontamentos e, chamando a seu lado Osarsip, disse:

— Vês isto? Leia-o em voz alta.

Osarsip leu:

— "Eu, Stenefer, notário do faraó Anek-Aton I, declaro havê-lo visto escrever a história de sua vida que chamou de '*Memórias do homem que encontrou o Deus Único.*' Declaro também ter escutado de sua boca que deixaria seus tesouros, recordações do passado em lugares secretos de sua casa anexa ao templo da Sagrada Trindade: Osíris-Ísis-Hórus, os quais ficavam aos cuidados do guardador de seu último descendente, a menina Merit-Aton, salva milagrosamente de seus inimigos, que envenenaram toda a sua família."

— Esta criatura — acrescentou o Pontífice — foi a mãe de Neferkeré, que acaba de morrer. O ancião que hoje guarda o templo e a casa é o filho daquele guardador fiel da menina e dos tesouros de seu senhor. Osarsip! Ainda permanecem no meio desta infeliz humanidade almas grandes na fé, na esperança e no Amor de Anek-Aton, continuador valoroso do ideal sublime, trazido a estas terras do Egito pelos discípulos de Anfião, de Antúlio e de Abel.

"Bendito sejas tu, iluminado filho de Thimétis, a escolhida do Deus Único para trazer novamente para a vida física a Anfião, a Antúlio e a Abel! — Um silêncio reverente seguiu-se a estas palavras do emocionado ancião que, dominando-se, pôde ainda acrescentar:

"O Supremo Poder concedeu-me a oportunidade de ver a luz deste dia em que, por teu intermédio, me chega o conhecimento e as provas da verdade encerrada nesta declaração de Stenefer, o notário fiel do faraó Anek-Aton I, que acendeu a luz para preparar os teus caminhos.

"Segue adiante, Osársip, que a verdade divina, como uma estrela, resplandece em teu horizonte!"

Membra, o notário do templo, tomou o volume com todas as Escrituras

trazidas por Osarsip, e deu início à tarefa de decifrá-las, fazendo todas as comparações com os dados conservados pela tradição.

A *lei dos kobdas, a lei da grande aliança das Nações Unidas*, lhes eram quase familiares, podemos dizer, pois cada um dos hierofantes tinha cópia delas, tomadas das Escrituras do Patriarca Aldis.

Dedicaram-se a decifrar e estudar as "*Memórias do Homem que encontrou o Deus Único*", e que começava assim:

"Venho de uma terra que hoje dorme o sono de muitos séculos sob as águas de dois mares que se uniram ao desaparecer a grande ilha que os dividia: *Atlântida*, bendita e gloriosa um dia quando o Deus único, autor dos mundos e dos seres, a viu caminhar com sua lei de amor universal; e desventurada e maldita quando ela apagou com sangue de crimes e lodo de vícios essa lei eterna e santa que é vida, paz e felicidade para os mundos, os povos, a família e os indivíduos!

"Minha cidade natal chamava-se 'Diosol', e meu nome de nascimento era Anade de Arkesa, do país de Zeus.

"Meus genitores seguiam as doutrinas da ermida do monte dos Pinheiros, na qual uns homens sábios e piedosos chamados profetas brancos, em razão da cor de suas vestimentas, viviam consagrados ao estudo da natureza e em fazer todo o bem possível aos seres humanos que se aproximavam deles. O cultivo da terra provia o seu sustento. Formei parte entre aqueles solitários e ensinei a quem encontrei em meu caminho o que me foi ensinado, motivo por que me vi duramente perseguido pelos governantes da grande cidade, que haviam fechado a escola da montanha santa e dispersado os solitários pela morte ou pelo cárcere vitalício.

"Eu, o mais jovem de todos eles, fui ajudado a escapar do calabouço, e, fugitivo para as *terras altas* com três discípulos da escola, cheguei ao país chamado Mauritânia, galguei em lombo de jumento as grandes montanhas, margeei as grandes águas que inundaram a planície pela abertura da Cordilheira,* até chegar depois de longuíssima viagem às águas doces de um riacho cristalino que corria por um vale de palmeiras gigantes e palmeiras anãs."

Membra, o notário, esclareceu estas últimas palavras:

— Estas *águas doces* e este riacho — disse — não pode ser outro senão o nosso Nilo de hoje que corre num vale de *palmeiras gigantes e palmeiras anãs* como o narrador denomina o que nós chamamos de *papiro.*

Todos estiveram de acordo e a leitura continuou assim:

"Encontrei uma pequena colônia de prófugos, também atlantes, aos quais se haviam unido alguns vindos dos países dos gelos eternos, das regiões po-

---

* Estreito de Gibraltar. (N.T.)

lares do norte, quase inabitáveis. De uns e de outros escutei relatos, crônicas e tradições, nas quais vi claramente o desígnio divino de nos unirmos nesta terra, que na época chamavam *país de Kemi*, séculos depois *Shior* ou, na atualidade, Egito.

"Os do norte conservavam a tradição de um extraordinário arcanjo, profeta ou gênio chamado *Jima*, que descera à Terra num raio do sol do amanhecer, o qual o Eterno invisível enviara para reunir os poucos homens valentes da Terra com o fim de formar uma raça de escolhidos. Seu culto era, pois, o fogo que, segundo eles, emanava do próprio sol, de onde havia vindo o seu profeta. De maneira que, para acendê-lo, esperavam o sol ardente do meio-dia, e, pondo em seu reflexo um bem polido pedaço de cristal de rocha, o aproximavam de uma folha seca de palmeira e esse reflexo solar a fazia arder. Nesse instante, cantavam sua oração do amanhecer:

"— Ó Agni, sagrada chama purificadora adormecida na folha murcha e no lenho seco, e sobes em labaredas brilhantes sobre o santo altar! Tu és o espírito do sacrifício, o vôo ansioso da prece, a centelha celestial acesa em todos os seres e em todas as coisas vivas e mortas deste mundo! Acende-te no coração de todos os homens habitantes da Terra e torna todos bons, nobres e valentes, porque em ti está a alma glorificada do sol!

"O Espírito-Luz que dirige a evolução deste mundo tomou matéria carnal na Atlântida, quando fazia ciclo e meio, ou seja, 37.500 anos, que existia humanidade consciente no planeta. Foi Anfião, chamado o rei santo. Era o país de Otlana e sua capital se chamava Orozuma. Nessa sua gloriosa e martirizada vida, eu o acompanhei em sua obra civilizadora e educadora de povos com a fundação de uma escola na qual a ciência de Deus e das almas, unida às ciências e artes humanas, formariam sociedades, povos e famílias de uma evolução perfeita.

"Filho de pais adoradores do Deus único, criador e protetor de mundos e de seres, o jovem Anfião foi o que foram seus antepassados, os nobres e gloriosos tolstecas, que fizeram a grandeza do continente atlante. Seu pai foi Senegaldo de Atlanta, trigésimo oitavo rei da gloriosa dinastia dos Atahulfos. Ele obteve do eterno Senhor de almas e vidas, em prêmio pela retidão da sua, um filho como não haveria dois na Terra, e foi Anfião Atahulfo, a coroa e a glória de seu pai. Senegaldo rei havia-me dado em seus domínios um monte que era chamado o monte dos Pinheiros, em razão dos enormes pinheiros que existiam em suas encostas.*

"Eu era um jovem sem família, porque piratas da outra margem do mar do sul assassinaram meus pais e devastaram minha casa e meus haveres.

---

* O mesmo que séculos atrás foi habitado pelos ermitãos.

"A lei do Deus único levou-me aos domínios de um justo, e Senegaldo rei, ouvindo minha confidência, teve confiança na minha honestidade e me disse:

"— Parece-me que és aquele que o eterno Senhor dos mundos me prometeu em sonhos para que eu faça de meus povos multidões honradas e boas, que tragam para a vida legiões de seus anjos que possam fazer deste mundo um paraíso de felicidade, de abundância e de paz. Sobre o monte dos Pinheiros construiremos um templo-escola-refúgio onde tu, com aqueles que sintam o mesmo impulso educador, se consagrem a educar a juventude destes países na fé, esperança e amor de um Deus, pai, autor e causa de toda a vida, o que provê todas as nossas necessidades sem exigir de nós nada mais que a vontade de colaborar com Ele, de acordo com as nossas forças, para criar humanidades responsáveis e conscientes do dever de cada um para aspirar o direito de todos em participar do bem-estar geral.

"A escola-templo foi construída por Senegaldo Atahulfo de Otlana, e fui eu, por sua vontade, o primeiro regente dela com o título de patriarca da 'Montanha Santa', conforme foi chamado desde então o *monte dos Pinheiros.*

"Senegaldo rei estava casado há quatorze anos e não tinha filhos, que muito desejava para ter continuadores de sua fé e de sua obra. A dinastia dos Atahulfos se extinguirá comigo — disse com profundo pesar — se o eterno Senhor dos mundos não me conceder um filho continuador da nossa fé e da nossa vida. E eu, homem da mesma idade que a sua, disse:

"— Deus é nosso Pai, e não porque falte em relação a ti o seu amor é que não te dá filhos, mas porque Ele quer, ó rei!, que tenhas iniciado tua tarefa educadora de povos para dar-te o filho que continue a tua obra.

"Disse-lhe isto para consolá-lo e, ao mesmo tempo, dar-lhe a luz de uma esperança; contudo, saiu tal como lhe disse, motivo por que me tomou em grande confiança, crendo-me um iluminado de Deus que fazia avisos em seu nome. O filho desejado chegou ao cumprir-se um ano após eu haver dito essas palavras. Este foi Anfião Atahulfo, que satisfez e ultrapassou em muito o sonho e a esperança de seu pai.

"Quando o amado rei Senegaldo teve a convicção de que a esperança de um filho era uma realidade, correu até a Montanha Santa com a fausta notícia:

"— Spano San, meu amigo profeta — disse-me num íntimo abraço — teu aviso se cumpre; daqui a três luas serei um pai feliz. Meu Pai Deus sabe que desejo um filho varão que me substitua no governo destes povos. No entanto, se na sua vontade suprema for decretada a vinda de uma filha, recebo-a igualmente com amor porque será a primeira mulher governante de povos. Será também uma *Atahulfo* e saberá ser justa, como todos os seus antepassados.

"— Será um filho — atrevi-me a dizer-lhe, não sei por que — e será tão

nobre, justo e bom que, quando nosso Pai Deus te chamar a seu reino celestial, partirás sem pesar, porque deixarás outro *tu* à frente de teus povos. — O júbilo de Senegaldo rei chegou ao máximo com estas palavras de seu solitário amigo da Montanha Santa, que, apenas com seis companheiros de ideal e vocação, trabalhava na terra como lavrador, no bosque como pastor de ovelhas, na escola como professor de crianças órfãs, e no santuário como círio de propiciação pedindo a Deus, nosso Eterno Pai, mais obreiros para seus campos, mais crianças para educar, mais dores para consolar... mais enfermidades da alma para curar.

"As luas passaram e chegou o filho esperado no plenilúnio do primeiro mês do inverno, quando a neve branqueava, como o véu das virgens, as copas de nossos pinheiros, a torre de nossos observatórios e os velhos torreões do palácio de Senegaldo rei.

"Os cumes dos montes estavam também brancos, e tudo se vestiu de branco para a chegada do príncipe herdeiro dos Atahulfos, a mais antiga e gloriosa das dinastias reinantes no Continente.

" '*Gênios da Concórdia*' eram chamados em todos os países amigos os soberanos de Otlana que tinham em seu escudo heráldico (brasão) uma videira enrolando-se num grosso tronco de uma oliveira centenária e, ao redor, esta inscrição: '*Concórdia, Mãe da Paz e da Abundância.*' O menino foi chamado Anfião Atahulfo, tal como se chamou o primeiro rei fundador da dinastia. Todo o continente recebeu com júbilo a chegada do primeiro filho dos soberanos de Otlana, porque nos quatorze anos que em vão aguardavam sucessão houve temor e aflição diante da expectativa de Senegaldo morrer sem deixar herdeiro, porque um seu irmão consangüíneo vagava pelo continente anunciando palavras de magos negros, produzindo uma *prematura morte de Senegaldo por causa de um terrível acidente* e que ele, o irmão consangüíneo, seria o sucessor por direito indiscutível.

" '*O homem propõe e Deus dispõe*', dizia o rei, cuja inquebrantável fé no poder divino e na sabedoria da lei lhe fazia esperar um continuador fiel à fé e à obra civilizadora da sua dinastia, que já era quase milenar.

"Vida de paz e sossego foi a minha na Montanha Santa, porque até o mais penoso trabalho, quando é feito com amor, se converte em delícia para o corpo e em gloriosa alegria para o espírito.

"Senegaldo rei e eu éramos como dois irmãos que tivessem nascido sob o mesmo teto e que uma mesma mãe tivesse embalado o nosso sono.

"Muitas mães tinham oferecido com voto solene seus filhos ao serviço de Deus, se fosse concedido um sucessor aos reis de Otlana, porque grande era o temor dos povos se Aztekalan fosse coroado e fundasse uma dinastia própria,

diferente na fé e nos costumes que os magos do distante Oriente haviam injetado nele até a medula de seus ossos.

"Graças ao feliz nascimento de Anfião Atahulfo de Otlana, nossa Montanha Santa ficou cheia, até transbordar, de nobres e garbosos jovenzinhos que pediam para servir ao Deus Pai amoroso dos homens, em cumprimento ao voto de suas mães.

"Meus solitários e eu os recebíamos com amor e antes de dar-lhes nossa túnica branca, fazíamos compreender que não estavam atados com corrente, mas livres para estar conosco em íntima convivência, porque o voto de servir a Deus podia, também, ser cumprido no santuário do lar e da família, se fizessem com sua fé e suas obras um templo sagrado em sua própria casa.

"Nobre e bom foi desde menino, jovem e homem. Quando seu pai passou para o reino do nosso Deus e Senhor, Anfião foi um seu fiel continuador, e unido na época devida à grande companheira escolhida, a princesa Odina, herdeira dos reis de Dyaus, completou imensamente o alcance civilizador das obras de seu pai. Eram três os países aonde chegou mais diretamente sua influência: Teoskândia, país de sua mãe, Dyaus, país de sua esposa, e Otlana, país de seu nascimento.

"Nossa escola construiu novas classes para a abundante juventude que compareceu a elas desses três países e de outros do continente.

"Mas... neste mundo nenhuma felicidade é de longa duração, e representa tristeza para minha alma dizer que somente um quarto de século durou a venturosa paz do rei santo. A ambição prendeu-se como um incêndio fatal no coração de seu irmão e veio a divisão que corrói e destrói.

"Milhares de vidas humanas teriam sido sacrificadas se Anfião rei não o houvesse evitado com sua heróica renúncia.

"Ele evitou a perda de vidas, mas não a divisão e o ódio dos rebeldes para com os fiéis; e o ódio é como a gangrena que corrói e segue envenenando tudo, corrompendo tudo... destruindo tudo.

"No meio da rude tormenta, meu Deus Pai me chamou ao seu reino e perdi de vista as paragens terrestres por longo tempo. Certamente a bondade divina quis preservar-me de ver destruída grande parte da obra de Senegaldo, de Anfião e a minha, e fui levado para estudar sobre os bens num futuro próximo e em outra paragem da Terra, onde devia trabalhar por longo tempo."

* * *

"Vidas humildes, sem acontecimentos importantes, com sofrimentos e alegrias, com lutas e vitórias no mais profundo do meu mundo íntimo, ou no meio de seres que me rodeavam, deslizaram umas após outras, e delas não conservam meu eu íntimo recordações vivas para relatá-las. Apenas sei que

as terras ocidentais da Atlântida já haviam desaparecido sob as águas, segundo referiam as tradições e os velhos relatos conservados nos arquivos dos templos.

"Além do mais... quem me impulsiona a escrever quer que eu somente mencione minhas vidas relacionadas com as épocas em que o Espírito-Luz desceu à terra. São suas vidas, e não as minhas, que podem trazer luz, vida e amor aos que me lêem.

"Passam-se os séculos como as chamas de um vasto incêndio apagando tudo, deixando, apenas, mudos e ruinosos vestígios do que existiu... do que foi... do que teve beleza e vida em distantes dias já perdidos nessa noite misteriosa e escura que chamamos *de passado.*

"A populosa Manha-Ethel de hoje obscureceu a glória de Diosol, já em decadência, como uma anciã decrépita semi-esquecida e oculta entre oliveiras e carvalhos, que vão morrendo de velhos, muralhas fendidas, pirâmides quebradas, templos em ruínas e desertos onde farfalham os morcegos e se agasalham os abutres da noite.

"Mas eu, por minha própria vontade, vim a esta vida nesta antiga cidade de Diosol, onde sei que vivi outras vidas e onde encontrei genitores capazes de me orientar para o caminho da verdade e da luz.

"Na parte mais destruída da velha cidade existe um torreão enegrecido pelo tempo, onde a hera e o musgo vão cobrindo pedras, lousas, colunatas e ogivas gradeadas. Quando penetro, cauteloso, por entre seus escombros, algo muito profundo revive no meu eu mais íntimo; e na minha mente torno a me ver eu mesmo no que fui nesse trágico lugar: um presidiário por causa de meus ideais, e me chamavam Ochoseis.

"Oh, as vidas... sucedem-se como as noites e os dias num eterno rodar até que a divina psique vê crescer suas asas e embranquecer suas vestimentas.

"Na resplandecente Manha-Ethel estava a residência dos soberanos que governavam aquele país. Era o décimo quarto rei da dinastia Talpaken, que era um ramo da raça tolsteka, que se espalhava por todos os países do continente.

"A magnífica cidade absorvia tudo e até a recordação da minha amada Diosol, convertida então numa pobre aldeia de lavradores e pastores de cabras que dava apenas para sustentar suas vidas.

"Um feroz terremoto acabou com ela, e como começaram os rumores de novas convulsões e maremotos, juntei-me a uns emigrantes que projetavam dirigir-se para ultramar, para terras altas de cordilheiras formidáveis, onde abundavam as minas e escasseavam braços para as explorarem.

"Já não viviam meus pais e nada me atava mais aos fumegantes escombros do que foi Diosol. As principais decisões que me levaram a emigrar foram os misteriosos sonhos que começaram a povoar minhas noites de lendas ou as

historietas que seres desconhecidos me referiam e que nos sonhos me demonstravam grande amizade e simpatia:

" 'Nasceste na vida carnal aqui, porque aqui estavam os pais que havias escolhido. Eles vivem em Deus Pai universal e velam por ti. Tua lei determina outras terras e outros campos de lavoura, porque és uma abelha da eterna Colméia, fabricante do mel da verdade divina para toda a humanidade terrestre.'

"Eu gostava de anotar todos os meus pensamentos, projetos e sonhos, e às vezes meus escritos brotavam da minha alma como um canto, como uma composição musical, e durante a travessia escrevi um desses pensamentos rimados:

'Ó Eterno Invisível!
Sou tu mesmo
E, se eterno me forjaste,
Rico sou de tuas verdades
Imortal como meu Pai
Sou teu filho, Tu o sabes.'

"As primeiras letras de cada uma destas linhas de sinais formaram um nome que jamais vi, e que brotou ao acaso:

OSÍRIS.

"Quando meus olhos viram o imenso deserto de areia que rodeava o oásis aonde cheguei, disse a mim mesmo: 'Enterra sob este imenso lençol de areia o teu nome que recorda ascendência e riquezas, porque hoje és um pária sem pátria, sem família e sem nome.' *Anade de Askersa* ficou sepultado na areia. Chamaram-me todos como eu havia querido: *Osíris*.

"Hoje, ao escrever estes relatos na sétima vida realizada nesta terra, que hoje considero a minha pátria, encontro-me com a grande novidade de que aquele infeliz pária que eu chamei Osíris fora elevado, pela ignorância e pela superstição, à categoria de *deus* protetor do homem mortal recolhendo os justos para torná-los felizes em seu reino e deixando os perversos em abandono, sujeitos a mil calamidades.

"Ouvi em silêncio tradições e lendas sobre o passado e assim eu soube que este areal fora um mar que transbordou no *Vale Profundo** quando se abriram as Colunas de Hércules** no primeiro afundamento da Atlântida, e

---

* A região que depois foi o Mediterrâneo.

** Gibraltar atual.

a Serra Grande* do Vale Profundo se esquartejou em frações ficando como costa brava do novo Mar Mediterrâneo.

"Havia travado amizade com alguns da tribo que, como prófugos, seguiram um patriarca *Kermes* e a um jovem profeta *Mizraim*, que tinham chegado a esta terra muitos anos atrás. Assinalando-me o enorme cubo de pedra cinzenta que se alçava junto ao mar, disseram: 'Os que vivem ali são magos vestidos de azul e curam todas as enfermidades mediante um cordeirinho que seu deus leva entre os braços.'**

"Potemis era o nome do meu primeiro amigo do oásis. Ele era tataraneto do patriarca Kermes, cuja memória era reverenciada como um gênio tutelar da tribo. Por ele, eu soube da horrorosa tragédia da terra submergida de onde eles procediam, e conheci o grande mistério da sucessão de vidas para todo ser humano e não-humano. 'Essa sucessão permite — disse o meu novo amigo — voltar a viver num corpo físico repetidas vezes até que a alma adquire a grandeza, força e poder, a que foi destinada pela Eterna Potência Criadora.' Seguindo esta teoria, que eles chamavam de *'Grande Mistério'*, asseguravam que o patriarca Kermes e o profeta Mizraim, fundadores do seu povo e da sua raça, haviam já voltado à vida e estavam, muito jovenzinhos ainda, entre os bons magos de veste azul que eram mestres, médicos e sacerdotes que pregavam a irmandade de todos os homens sob o amparo do Pai eterno, criador e senhor deste e de todos os mundos.

"Eles trabalham, estudam e oram. Nós trabalhamos e criamos filhos que engrandecem a raça, e os mais adiantados vão engrossar as fileiras desses obreiros do pensamento, da verdade, da justiça e do amor de uns para com os outros.

"Uma forte aliança uniu Potemis e eu, e prometemos mutuamente que o primeiro a morrer avisaria ao que ficasse na Terra, quando e onde voltaria para a vida na carne. Ele morreu em primeiro lugar. Já passadas vinte luas da grande solidão de alma que sofri, tive o aviso em sonhos de que ele tomaria a matéria física de uma donzela, sua sobrinha, que repudiava a vida em face da morte do homem amado. 'Este é um dos *grandes mistérios* que ensinam lá no cubo de pedra, e deves guardá-lo no fundo do teu coração', disse-me. Eu também conhecia esse mistério que aprendi dos mestres da raça tolsteka, que, por sua vez, o haviam recebido como secreto legado de um peregrino, vindo das neves eternas.

"Dois dias depois do aviso, a donzela caiu enferma e todos julgavam que

---

* As serras do sul da Espanha.

** Alude à primeira construção de pedra feita pelos primeiros fundadores da fraternidade kobda.

ia morrer pelo pesar de seu amado morto. Eu consolava sua mãe e lhe prometi, em nome do Deus Pai Universal, que ela viveria.

"— Se tua palavra se cumprir — disse-me — dá-la-ei a ti como esposa, não obstante sejas tantas luas mais idoso que ela.

"A donzela recobrou sua saúde e, demonstrando esquecimento do amado morto, dedicou-me grande afeto e sua mãe m'a deu como esposa. Eu a aceitei, sabendo o grande segredo, e, dez luas depois, me fizeram patriarca da tribo, que era já muito numerosa.

"Foi então que fiz amizade com os solitários da casa de pedra, porque devia seguir o costume estabelecido anos atrás.

"O patriarca recém-escolhido devia ir oferecer seus serviços àqueles homens que, desinteressadamente, eram médicos, mestres e protetores de todo aquele que deles necessitasse.

"— Tu, que és o grande amigo do nosso irmão Potemis, que nos deu três filhos que estão aqui conosco, nos darás também outros tantos porque necessitamos de muitos obreiros, de servidores de Deus, nosso Pai, e de toda a humanidade, sua filha.

"Como patriarca deste povo é teu dever realizar uniões como a realizada por ti, para que venham os anjos do céu para povoar este país destinado por sua soberana vontade, para ser arauto da verdade, do bem e do amor que tornará os homens felizes.

"Vieram-nos dois filhos varões e três mulheres, e, apenas chegavam às dez primaveras, entravam na Escola dos Solitários, onde aprendiam todo o saber deles e toda a beleza que pode caber num ser humano.

"Duas de minhas filhas, Merik e Enek, foram as que os mestres escolheram como dirigentes de uma escola-templo para mulheres; elas foram as fundadoras e foram chamadas de matriarcas. A terceira filha foi esposa de um bisneto do profeta Mizraim, que levava o mesmo nome de seu avô, e os anciãos diziam que era tão semelhante a ele como uma gota de água com outra.

"Sendo-me conhecido o *grande mistério* das vidas sucessivas, pensei: 'Não será acaso ele mesmo que volta valentemente para viver no desassossego e na dor da carne mortal?'

"Oh, dor de agonia que é a vida na carne!...

"Hoje mesmo, ao escrever estas linhas, que poderão lançar uma tênue luz nas trevas aos que tenham menos claridade que eu, tenho a dor da convicção de que estou envenenado por um meu familiar, ansioso de ocupar este lugar de torturas...

"Volto a pensar no que atualmente sou: Anek-Aton, faraó do Egito, por direito de herança de meu pai, Amenhotep III, que Deus eterno, único soberano dos mundos tem em seu reino.

"Daqui a três luas morrerei, segundo o conceito de meu médico. O veneno que me foi administrado deixará que eu viva esse tempo. Não temo a morte nem desejo a continuação da minha vida carnal..."

A um sinal do pontífice, o notário Membra deixou o volume com visíveis demonstrações de emoção e de cansaço.

— Por hoje basta. Continuaremos na próxima reunião.

Um dos hierofantes clarividentes fez sinal que desejava falar e disse:

— A Luz permitiu que eu visse a personalidade espiritual do faraó Anek-Aton no cenário que nos apresentam as escrituras do patriarca Aldis na época de Abel, e posso assegurar que é a mesma personalidade daquele que então se chamava Hilcar de Talpaken, o fundador dos dáctilos da Ática pré-histórica.

O outro hierofante clarividente leu em sua caderneta este nome que havia anotado durante a leitura:

"Hilcar de Talpaken II, príncipe herdeiro de um reino atlante da raça tolsteca."

A mesma Luz espiritual havia iluminado os dois.

— Osarsip, meu filho! — disse o pontífice —, fizeste uma descoberta que traz uma bela claridade para a história que os amadores da verdade buscavam avidamente.

— Vós o dizeis, santidade, e eu me alegro infinitamente em prestar serviço à verdade.

Osarsip retirou-se em seguida, silencioso e meditativo, para tomar a gôndola do pavilhão amarelo e branco que o aguardava no cais do canal e que o levaria ao castelo do lago Merik, onde seus pais o aguardavam.

A Encruzilhada

Só dez dias descansou Osarsip na placidez do céu espalhada como um perfume no castelo do lago Merik e no grande parque que o rodeava.

— Mãe! — disse à princesa real —, eu tenho um paraíso, e é a tua casa, é a tua morada. Não será porque tens no teu coração todo um céu no qual fazes entrar todos os que te rodeiam?

Ela sorriu, feliz, como sabia sorrir quando tinha a seu lado o filho do seu único amor.

— Este céu vem contigo, meu filho, porque, quando estás ausente, não há céu nenhum no castelo. Meu Osarsip, não percebes até que ponto enches tudo com a tua presença?

Osarsip era um jovem calado e ensimesmado; no entanto, somente com sua mãe permitia a si mesmo expansões de sua alma, que não tinha com ninguém.

Nesses dez dias de permanência tranqüila no castelo do lago Merik, o futuro legislador da humanidade terrestre esvaziou sua alma plena de sonhos grandiosos e sublimes na alma da mãe que, embora compreendendo-o muito, disse:

— Nossos livros secretos ensinam que as almas adiantadas podem tomar posse de seres encarnados por tempo indeterminado ou definitivamente, se não houver resistência ou dano algum para a inteligência que habita essa matéria. À luz desta lei, veio-me o pensamento de que o Bohindra da Fraternidade kobda deve tomar posse de ti nesses momentos em que sonhas fazer deste mundo um imenso jardim de paz e de amor.

"Ele pôde realizar esse sonho porque muitas circunstâncias favoráveis o ajudaram naquele tempo, circunstâncias que não existem na época atual, na qual os povos se dividiram em centenas de pequenos reinos e estados, nos quais cada soberano faz da sua vontade uma lei que impõe pela força a seu povo, e até quer impô-la a outros povos.

"Se conseguirmos elevar nosso país à altura espiritual a que Bohindra elevou três continentes, devemos agradecer à bondade divina, meu filho, e não nos deixarmos embalar pela doce ilusão de mudar este mundo na Terra sonhada pelo teu desejo."

Este diálogo entre a mãe e o filho foi interrompido por um mensageiro do faraó, chamando Osarsip com urgência.

Amram, que andava sempre pelas grandes avenidas do parque entre o grupo de hortelãos e jardineiros, foi quem primeiro atendeu ao chamado do mensageiro do faraó anunciando-se, segundo o costume, com três sonoros toques de clarim no cais do canal.

A tabuinha que esse mensageiro apresentou a Osarsip dizia apenas:

"Vem agora mesmo. Necessito de ti urgente." Interrogado por Amram e pela princesa Thimétis, o mensageiro real só pôde dizer:

— Chegaram mensageiros do ultramar. Há alarme no palácio!

A alma de Thimétis elevou-se muito alto.

— Mãe Ísis!... — pensou muito profundamente, e foi seu pensamento como uma flecha de ouro a atravessar os céus —, Mãe Ísis! Prometeste-me

proteção e longa vida para as grandes obras que meu filho realizará!... Espero sempre o cumprimento de tuas palavras.

Uma onda dulcíssima de paz e de infinito amor a inundou, e, voltando-se para o esposo e para o filho que se aproximavam, disse:

— Nada vai acontecer! Tudo se resolverá bem. Amram, acompanha-o, por favor, a Mênfis, a fim de que me tragas as boas notícias.

Momentos depois, Osarsip e seu pai embarcaram na gôndola real, que correu velozmente pelo canal.

O jovem faraó passeava nervoso pelo terraço para onde se abria a porta de seu aposento privado.

Amram ficou no escritório do filho, enquanto ele subiu correndo a escadaria.

Osarsip tinha ordem de suprimir toda etiqueta quando o faraó estava só e em seu aposento particular, motivo por que se apresentou a ele imediatamente.

— Que ocorre, Amenhepat? Estás cadavérico!...

— A primeira encruzilhada, Osarsip, é escura como a boca do inferno! — E penetrou em seu aposento seguido pelo sereno superintendente, que irradiava uma paz absoluta. Cerradas as portas e corridas as cortinas, o faraó falou:

— Luta armada pelos quatro costados!... Que me dizes, Osarsip?

— Explica-me mais claro. Quem são os nossos inimigos?

— O mais próximo e mais temível: Mermaiú, rei da Líbia. Ele protesta bravamente porque meus súditos transpassaram a fronteira, e, tendo aberto suas tendas ao pé da montanha Vermelha, exploram seus bons mármores sem prévia permissão nem convênio oficial algum. Estão todos na prisão e ele pede urgentes explicações. Se não lhe for dada nenhuma resposta no prazo de três dias, enforca a todos, e são cento e oitenta e sete, entre os quais estão, como capatazes, um filho e um irmão do nosso grande engenheiro Ned-Enek.

— Como é que eles estão lá? Como foi que Ned permitiu tal coisa? — perguntou Osarsip.

— É o que devemos averiguar depois. Agora não temos tempo a não ser para agir.

— Dá-me uma escolta, e irei até lá tão velozmente como possam correr os cavalos.

— De maneira alguma! Não podes sair daqui. Há guerra com Creta, guerra com a Lícia!... Guerra com a Síria! Pelos deuses, está se abrindo um abismo que nos tragará!

— Acalma-te, faraó, que os lamentos não resolvem nada. Dentro de breve tempo vai a teu escritório que eu irei com algo resolvido.

Sem esperar mais, Osarsip saiu, e Amenhepat, mergulhado em sua poltrona, apertou com ambas as mãos sua enlouquecida cabeça.

A integridade e a serenidade de Osarsip contribuiu eficazmente para acalmá-lo, e, quando se sentiu mais sereno, compareceu à grande sala que chamavam das audiências.

O faraó percebeu que Osarsip não estava só. Guardas com a espada desembainhada vigiavam três homens que permaneciam de pé num canto.

Sentado diante de uma grande mesa defronte à poltrona real, Osarsip estava fazendo correr folhas de pergaminho, tabuinhas escritas e telas enceradas, também escritas.

— Já está tudo esclarecido, faraó — disse o superintendente vice-rei logo que viu o faraó sentado. — Estes três homens que vês aqui, trazidos por vossos guardas, vos informarão tudo.

— Prefiro que tu os entregues a mim — disse secamente o faraó.

— Fá-lo-ei em seguida. Numbik acaba de sair com uma escolta para a Líbia, aonde chegará ao amanhecer de passado o dia de amanhã. Num pergaminho com minha firma e vosso selo damos as devidas explicações ao rei Mermaiú.

"A expedição de mineiros foi mandada com falsa documentação para provocar o conflito. Pedimos ao rei para fixar ele mesmo a indenização que julga justa, se foi prejudicado. Os mineiros regressarão com Numbik sem demora alguma.

"Estes três homens que vês aqui, faraó, são os que chegaram ontem à noite ao nosso porto. São os mensageiros dos familiares de vossa mãe, de Creta e da Lícia, pedindo urgente envio de tropas aos dois países.

"Eles declaram terem sido pagos para levar esta perigosa mensagem; contudo acreditavam num convênio secreto com o vosso governo. E, para seu resguardo, aqui está a vossa conformidade referendada com vosso selo real, que lhes foi entregue antes de embarcarem em seus respectivos países.

Osarsip estendeu sobre a mesa o documento indicado. O faraó contemplou em silêncio, durante longo tempo, esse pergaminho. O documento dizia: "Enviarei tropas de invasão tão logo receba o vosso aviso. De acordo." Aparecia o selo e a rubrica com que o faraó legalizava seus editos e mandatos.

— Também eu fui burlado — disse com ira reconcentrada. — Há uns quarenta dias a rainha-mãe pediu minha conformidade para que meu irmão celebre esponsais com uma neta do rei da Síria, e este selo e este "De acordo" foi estampado por mim mesmo neste documento. Observo que a escrita foi apagada e substituída por esta outra.

"É uma burla criminosa muito bem feita; contudo, hei de cobrá-la com a vida de seus autores.

"Guarda-a em lugar seguro e retém estes homens incomunicáveis até que o determine."

O faraó devolveu o documento a Osarsip. A uma indicação deste, os guardas levaram os três mensageiros, que certamente não contavam viver muito longo tempo.

O faraó e seu superintendente vice-rei ficaram a sós na grande sala de audiências.

Toda a serenidade do jovem soberano caiu por terra. Ele começou a arrancar os cabelos e a amassar suas roupas dominado por uma crise de nervos. Osarsip correu o ferrolho em todas as portas e aproximou-se do faraó, que deixava de sê-lo para converter-se num jovenzinho raivoso ao se ver vencido por uma negra força que desde seu nascimento o mantinha sob o seu domínio.

— Matarei minha mãe! Porque ela é a causa de todas as intrigas que me enlouquecem.

— Acalma-te, por favor, Amenhepat, pois resolveremos tudo entre minha mãe e eu, se pudermos contar com a tua serenidade! — Como procede um bom pai com um filhinho desesperado e rebelde, fez Osarsip com o soberano do mais poderoso país naquela época.

— Matarei minha mãe!... matarei minha mãe!... — continuava gritando enlouquecido. — Maldita a hora em que meu pai se uniu a ela para dar-me uma vida desonrada por suas falsidades e seus crimes!... Pai, pai!, se no teu sepulcro ressoa a minha voz, vomita uma maldição contra ela, e que ela seja tragada pelo abismo...

Discretas batidas na porta interna da sala deixaram-se ouvir debilmente.

Osarsip aguardava e abriu rapidamente. A princesa real, envolta em pesados véus, penetrou como um fantasma.

Somente ela tinha a força e o segredo de acalmar o jovem faraó em seus momentos de louco furor. Como havia ela chegado?

Quando Osarsip começou a remover aquele escuro labirinto de falsidades e intrigas, previu qual seria o final daquela tragicomédia, e enviou seu pai em busca da princesa real. E esta não seria nem a primeira nem a última vez que se fazia necessária a sua presença para que o jovem faraó não terminasse com a vida da sua mãe.

— Amenhe..., Amenhe, meu menino querido! — sussurrou Thimétis ao ouvido do jovem, enquanto punha em ordem o cabelo e as roupas como uma terna mãe faria a um filho enfermo e dolorido.

Chamava-o com o nome usado na meninice e com toda a suavidade da qual só ela era capaz.

"Nosso Osarsip", continuou, "ajeitará todas as coisas como deve ser. Não

alteres a paz de nosso pai, que no reino de Osíris não pode compreender as ruindades que nos rodeiam neste mundo."

O jovem faraó abraçou-se com louco desespero à princesa real, e seus soluços pareciam romper-lhe o peito como um furacão de fúria e de dor que de repente se houvesse desatado.

Osarsip tinha desaparecido da sala, que, pouco a pouco, foi se cobrindo com a penumbra do entardecer, ao mesmo tempo que as fúrias do faraó começavam a acalmar.

Vejamos de que forma Osarsip desenredou a meada. Ele compreendeu que era chegado o momento de agir com serenidade e energia em relação à rainha-mãe, autora única de todos os transtornos que, durante a regência e depois, vinham se sucedendo no país, ao qual, junto com seus ambiciosos familiares, terminaria por levar a um desastre irremediável.

Em conseqüência, ordenou ao chefe da guarda real fechar por fora todas as portas da ala direita do grande palácio, que era a parte ocupada pela rainha-mãe e sua criadagem.

Este realizou esta medida imediatamente, logo depois de se certificar, através do chefe da guarda, de que unicamente a rainha e sua criadagem estavam lá dentro.

A princesa real, conhecedora de todos os detalhes da grande casa, dera conhecimento a seu filho dos corredores secretos e passagens que existiam entre as paredes. Essas informações foram dadas ao seu conhecimento desde o momento em que foi proclamado superintendente vice-rei. Esse cuidado visava resguardá-lo de todas as tentativas de assassinato que temia da parte dos ambiciosos carregados de inveja e demais vis sentimentos que fermentam nos palácios reais, quando há nas cortes seres como era a rainha-mãe e os elementos dos quais ela gostava de se ver rodeada. A partir desse instante, ninguém poderia entrar nem sair daquela parte do palácio sem o consentimento do chefe da guarda real, que notificou à insolente grande senhora da ordem do faraó.

Nem gritos nem maldições nem prantos comoveram a fibra de aço do rude militar, que também estava farto daquela vida de inferno a que a augusta senhora condenava todos os habitantes da suntuosa e enorme mansão real.

Com a planta do vastíssimo edifício na mão, o chefe da guarda real, com um forte grupo de serralheiros, foi aplicando grossos barrotes de ferro nas portas, janelas e corredores secretos e não-secretos e, finalmente, colocou em seu chaveiro de ouro a chave da única porta que ficava sem trancar, e diante da qual deixou quatro guardiães de toda a sua confiança, com a ordem de não deixar passar nem as andorinhas que buscavam o refúgio das cornijas. Aos furibundos protestos e gritos da rainha-mãe o militar apenas havia respondido:

— Senhora!... Até podeis dar graças aos deuses de que a este preço conservais a vossa vida. O faraó quer a vossa morte, e o superintendente vice-rei salva a vossa vida deste modo. Dito isto, fechou por fora a grande porta na qual ela fizera pôr o seu monograma em grandes letras de ouro e pedras preciosas. Já não os veriam mais os seus olhos, porque aquilo significava prisão perpétua.

Suas damas de companhia se arrojaram a seus pés chorando desesperadamente.

Todas eram cúmplices das intrigas reais mediante as quais recolhiam volumosa fortuna. A grande dama tinha enriquecido durante sua regência a todos os que se prestaram a secundá-la em suas audazes intrigas.

O faraó confiscou os palácios e as casas de recreio com que ela presenteara suas damas e favoritos, e se apropriou de propriedades imóveis e valores pertencentes à rainha e a seu filho menor. Este, que possuía já seu aposento à parte no grande palácio, ficou livre de clausura; no entanto, também estava impedido de ver e falar à sua mãe.

Já era chegada a noite quando Osarsip se apresentou novamente ao faraó.

Antes de abrir a porta, Osarsip ouviu a voz de sua mãe lendo para Amenhepat as mais belas passagens da vida de Anfião Atahulfo, chamado o rei santo. Ouviu também a voz tranqüila do faraó fazendo este comentário:

— Como eu houvera querido ter nesta minha vida essa feliz paz!... Oh! Por que os deuses me fizerem nascer tão desventurado?

— Faraó!... disse Osarsip entrando. — Estamos vendo nascer a paz e a felicidade diante de ti. Tem um pouco mais de paciência e a verás chegar a ti como uma fada benéfica. — Os olhos do faraó interrogavam. — Tudo vai bem — apressou-se Osarsip em responder. — Ajeitei tudo sem derramamento de sangue. Creio que é uma magnífica resolução.

"A ninguém se enforca, a ninguém se decapita nem açoita, mas se obriga a dobrar a cabeça a quem a levantava acima da conveniência.

"Não concordas ser esta uma resolução justa?"

— Há um ditado muito vulgar entre os beduínos do deserto — disse muito tranqüilo o faraó —, e é assim: "Se não cortas a cabeça da víbora, cedo ou tarde morrerás pelo seu veneno." Eh, Osarsip! Que dizes a isto?

— Observa, Amenhepat. Esta é a primeira encruzilhada que se apresentou no caminho onde tu me puseste. Permite-me provar que é possível passá-la sem sangue e sem mortes. Se der resultado, bendita seja a luz e a força divina que nos assistiu. Se falhar, devolvo-te a nomeação gloriosa que me deste e fujo para o deserto para viver entre os beduínos e os párias, porque mais me valerá ser um beduíno e um pária que viver entre as pessoas que se chamam honradas.

A princesa real, num transporte de amor ao qual ela sempre estava disposta, abraçou o filho e o irmão, e unidas estreitamente as três cabeças disse com a voz trêmula de emoção:

— Graças, mãe Ísis, porque fizeste brilhar sobre esta casa e este país tua radiante estrela de paz, que é silêncio e melodia para as almas que te invocam e rogam!

Com a destituição e desterro dos ministros, cúmplices da rainha-mãe, e o envio de mensageiros fiéis aos governos que, falsamente informados, ameaçavam com guerras sem fundamento algum, ficaram definitivamente anuladas as ambiciosas intrigas com que ela e seus familiares mantinham em contínua agitação o tranqüilo país do Nilo, onde os kobdas da pré-história haviam dado abundância e felicidade a todos os seus habitantes.

Véu de Ilusão

O notário-mor Membra embarcara num rápido veleiro, com boa escolta, como embaixador do faraó perante os soberanos de Creta e da Lícia. Acompanhava-o, também, o médico real Aton-Mosis, segundo resolução conjunta do Sacro Conselho e do faraó, que escolhera como novos conselheiros sua irmã, a princesa Thimétis, o capitão geral de seus exércitos, Seti-Kef, o engenheiro diretor de obras públicas, Ned-Enek, e o capitão geral da esquadra, Neme-Amon.

A organização do grupo obedecia a uma sugestão da princesa real, e o faraó confiava nela plenamente. O governo e o povo entraram num período de paz e de absoluta tranqüilidade.

O faraó, com seu engenheiro diretor de obras públicas, dedicou-se completamente aos grandes projetos que anos mais tarde absorveram completamente sua vida.

Não obstante ser forte de espírito e de corpo, Osarsip sentia grande cansaço interior e retirou-se para o castelo do lago Merik, bem certo de que o embaixador Membra desvaneceria todos os alarmes que agitaram os governos amigos do Egito.

Falando em sentido figurado, podemos pensar e dizer que os anjos de

Deus desfolharam madressilvas de paz e suavidade infinita no coração de Osarsip, cansado (como cansam também os grandes e fortes desta Terra) depois de haver sonhado com nobres e belos ideais e de se ver obrigado a apalpar e a viver as amargas realidades da vida na matéria.

O superintendente vice-rei tinha passado tão penosos dias enquanto punha toda a sua vontade em solucionar os graves problemas, mencionados por alto para não fatigar o leitor, que voltava ao suave ninho materno com a alma sombreada de tristeza e perguntando mentalmente a si mesmo:

"— Deverá transcorrer desta forma toda a minha vida?"

Na gôndola do pavilhão amarelo e branco, que o conduzia pelo canal num sereno anoitecer, Osarsip, semi-estendido num canapé e com as cortinas descerradas, contemplava com dolente olhar a estrela vespertina, a radiante Vênus, e julgava sentir o eco distante de uma voz amada que chegava plena de esperança, de fé e de otimismo à sua pobre alma dolorida, que não podia responder no mesmo tom. Suas forças internas pareciam tê-lo abandonado, depois da inflexível severidade que precisou usar para pôr fim às gravíssimas inquietações que o país vinha sofrendo há vários anos.

Seu pensamento flutuava, indeciso como um pássaro cansado de voar sobre mares gelados e desertos estéreis e ressequidos, sem encontrar uma árvore hospitaleira para pousar o pé. Sentia-se esgotado, entristecido, moralmente quase morto. Recordava velhas passagens lidas e relidas em antigas escrituras que rememoravam vidas e feitos de outros homens idealistas e sonhadores, que, em distantes épocas, tinham vivido e lutado para fazer desta humanidade terrestre uma digna moradora e senhora da estrela terrestre, tão dotada, pelo supremo poder, de imponderáveis belezas. Osarsip pensava quase com aversão e horror:

"— Esta humanidade não merece a dádiva divina de uma morada planetária semelhante. Nunca a mereceu. Por isso, o fogo de cem vulcões consumiu como estopa a Lemúria. Por isso, os mares embravecidos tragaram a Atlântida, que teve Juno e Numu, e os sacrificou; Anfião e Antúlio, e os sacrificou; Abel e Krisna, e também os sacrificou... Que forças tremendas virão sobre ela por causa de tantos grandes idealistas sacrificados por esta humanidade.

" 'Os que por um raio de luz chegaram a compreender a eterna lei da solidariedade e do amor, não podem dominar a *grande fera* que violenta tudo, que pisoteia tudo, que enlameia tudo!... Não podendo proceder também da mesma forma com o sol e as estrelas que povoam os espaços infinitos, enlambuza-os com suas misérias, transformando-os em deuses protetores de luxúrias, de crimes e de vícios!

" 'Santo Céu! Esta é a humanidade entre a qual vivo!

" 'Foi uma força cega que me trouxe para o meio dos homens ou foste tu,

poder divino, para que eu abra um oásis no estéril deserto, onde encontrem refúgio os que te sentem e te amam?' "

Quando o coração de Osarsip ia explodir como uma bomba de alta pressão, uma gaivota cansada caiu a seus pés e seu corpinho de brancas plumas palpitava com um ritmo quase imperceptível. Um par de corvos negros passou roçando pelas velas da embarcação. A infeliz gaivota não encontrou outro meio de salvação a não ser a gôndola que flutuava sobre o canal, quase chegando ao castelo do lago Merik.

Osarsip levantou-a rapidamente e a agasalhou com amor em seu peito:

— Assim como foste tu, no meio desses corvos que desejavam devorar-te — disse —, assim sou eu no meio dos homens. Em minhas mãos encontraste refúgio e amparo. Em quem os encontrarei eu?

Soou surdamente a âncora caindo no fundo do canal, e a gôndola foi amarrada no pequeno cais onde o grande farol de múltiplas cores lançava seus iriados raios de luz sobre as águas tranqüilas e sobre o parque cheio de rumores.

Osarsip desembarcou ao mesmo tempo que a princesa real, com a jovem Merik, se aproximavam para recebê-lo.

— Meu filho! — disse a meiga voz maternal. — Passeávamos por aqui esperando-te.

— Salvei esta gaivota dos corvos que a perseguiam e vós salvais a mim — respondeu Osarsip, realizando grandes esforços para mudar seu estado interior, que bem se refletia em seu semblante.

— Nós te salvamos? De quem?

— De meus próprios pensamentos, mãe. A vida às vezes tem miragens horríveis que fazem vacilar o mais forte.

— É verdade, meu filho, e fizeste bem em correr para o ninho paterno que te resulta suave como penugem de seda.

"Não é verdade, Merik, que percebas neste ninho doçura e suavidade?"

— Oh, sim! Em nenhuma parte me sinto mais a gosto que aqui — e ao dizer isto a bela adolescente se apertou à princesa real como se quisesse convencer a todos que era ela quem enchia de suaves encantos aquela solitária morada.

O tépido anoitecer às margens do lago exerceu imediatamente sua forte influência na alma dolorida do jovem que, seguido por sua mãe e por Merik, continuou andando em muda contemplação de quanta beleza o rodeava.

— Queres ficar aqui ou entramos no castelo? — perguntou Thimétis. — Logo servirão a ceia.

— Ficarei aqui alguns momentos — disse, deixando-se cair num dos gran-

des bancos de mármore que havia à sombra das palmeiras. — Casualmente, é este o mesmo lugar onde há anos fui iluminado.

— E queres iluminar-te novamente — observou sua mãe acariciando-lhe a cabeça. — Bem, fica. Eu tenho de ir lá dentro para pôr em ordem algumas coisas. Fica com ele, Merik, porque, tanto como a pobre gaivota, meu Osarsip necessita de consolo e companhia. — E afastou-se em direção à casa. A jovem ficou de pé junto ao banco, ao mesmo tempo que cobria com seu xale a trêmula avezinha à qual dava o calor de seu peito.

— Senta-te — disse Osarsip —, pois há lugar de sobra para os três.

— Contas também com a gaivota? Ela não ocupa nenhum lugar no banco, pois se agasalha entre meus braços.

— Todos os seres que vivem necessitam de algo suave e terno como um regaço materno para não perecer em determinados momentos. Todos os seres, até os mais fortes, são como essa pobre gaivota, quando os furacões da vida nos açoitam com sua fúria infernal.

"Também tu, Merik, estás com a alma ferida. Parece que ela se queixa. Estou certo?"

— Sim, Osarsip. Estás certo.

— Posso saber por quê?

— Não pode ser de outra maneira. Em minha casa há angústia e aflição desde há muito tempo. São poucos os dias de alegria que eu tenho na minha vida. Bem sabes que meu pai está mais ligado ao grande palácio do que ao lar. E no palácio, são tantas as misérias quantas são as espigas de trigo num trigal.

— És tão menina e já sabes tanto da dor que existe na vida. Jamais eu houvera julgado assim.

— Também és muito jovem, e estás como um velho soldado recém-vindo da guerra. Bem se vê que vens do grande palácio. Assim chegava sempre o meu pai em casa. Minha pobre mãe, que sofre de nevralgias, ao vê-lo sempre assim... Imagina o que é aquele lar. Agora está mais tranqüilo, com a viagem de meu pai em companhia do venerável notário-mor. Minha mãe descansa e tem em sua companhia a Mangrave, que veio passar o inverno conosco.

— Claro! A Mangrave age com ela como tu com a gaivota assustada. Oh!, as mães são feitas para consolar.

— A Terra é má e escura, Osarsip. Quando observo o céu azul e as estrelas, quisera escapar para qualquer delas. Ensinam-nos que em muitas há vida feliz. Não poderíamos deixar esta Terra e partir para lá?

Esta pergunta da jovem entristecida tocou a fibra ferida no coração de Osarsip, que, voltando-se rapidamente para ela, disse:

— Também tu, com tão poucos anos, renegas esta Terra? Ouve-me bem,

Merik, pois o que vou te dizer é muito importante: A Terra onde vivemos é, no meio do universo, uma estrela, como as que vemos resplandecer ao longe. Asseguro-te que os seres que as habitam contemplam de longe a nossa Terra da mesma forma como nós o fazemos. E, quem sabe, talvez pensarão como acabas de manifestar-te, que seria melhor viver nesta estrela distante. Compreendes? Com isto quero dizer-te que esta Terra está cheia, até transbordar, de luz, de alegria e de belezas indescritíveis. A escuridão, a tristeza, a dor, a fealdade, o negrume, a treva, não estão na Terra, mas na alma dos seres que a habitam.

Os grandes olhos escuros de Merik buscaram os de Osarsip, com esse assombro natural daquele que escuta algo não esperado.

— Oh! — exclamou —, todos se queixam de que esta terra, na qual vivemos, é má e a chamam de "inferno cheio de víboras e demônios", e vivem suspirando pelas estrelas, moradas dos deuses.

— As víboras e os demônios geram e dão à luz os seres humanos que existem na Terra e que não são dignos de habitá-la. A Suprema Potência, Deus, nos faz nascer nela para vivermos felizes, cumprindo o mandato da sua lei: "O Amor de uns para com os outros." O ser humano, em vez de gastar o tempo e a vida em encher a Terra com flores e frutos, em vez de utilizar, para a felicidade de todos, a água de suas torrentes, de seus rios, mares e lagos; a pedra de suas montanhas, a madeira de seus bosques, as imensas riquezas e tesouros guardados em suas entranhas; o mais forte explora e açambarca para si mesmo, e arma espantosas disputas para açambarcar cada vez mais, sem se importar, de forma alguma, em deixar famintos e desnudos os que, como ele, foram trazidos pela Suprema Potência, como habitantes da Terra. Compreendes isto, Merik?

"Em vez de flores e frutos para todos, enchem-na de dor, de angústia, de miséria e de fome para os que não puderam ou não quiseram explorar e açambarcar o que o Deus Pai deu para todos com infinita grandeza e generosidade.

"É véu de ilusão, Merik, véu de ilusão a idéia de que esta Terra é fria, nebulosa e escura. Ela é formosa e belíssima em todos os múltiplos aspectos que o eterno Criador lhe deu, da mesma forma como todos esses radiantes globos que vemos brilhar no espaço infinito.

"A treva é feita pelos humanos com o louco desenfreamento de suas paixões; com o egoísmo criminoso e faminto do nosso bem pessoal, que é dor e miséria para os demais.

"Ó Merik!..., querida menina inocente e assustada como essa gaivota que agasalhas entre teus braços. A Terra é bela; é uma estrela que brilha também no espaço azul; é bela com suas montanhas a se enlaçarem com as nuvens, com os bosques que nos presenteiam com sua sombra, com seus lagos e seus

rios... que nos dão seu frescor, com suas flores e seus frutos, com seus pássaros a cantar, com os animais das selvas que nos dão quanto possuem... e até com os menores insetos, Merik, até eles!... As mariposas nos dão suas cores, imitação das corolas nas quais se escondem; os pirilampos dão-nos suas luzes fugitivas..., as abelhas, o mel dourado de suas colméias!... Ó, Merik!... Observa como eu as belezas desta Terra, e que eu veja outros olhos junto aos meus que não se deixem cobrir com o frio véu de ilusão dos *horrores de inferno de nossa Mãe-Terra*!..."

O toque do sino do castelo, chamando para a refeição da noite, cortou o diálogo vibrante de Osarsip com a inocente jovem que tinha a seu lado, assombrada em ouvir afirmações tão profundas que não esperava escutar.

A princesa real e o governador do castelo do lago Merik sentiam-se transbordantes de júbilo porque o amado filho vencera e solucionara favoravelmente os gravíssimos problemas que ameaçavam a tranqüilidade do país. Apesar de lamentarem ter sido posta em evidência a culpabilidade da rainha-mãe, avaliavam como um glorioso triunfo que nas soluções de Osarsip não houvessem tido parte nem as torturas físicas nem sangue ou mortes, o que significava muito naqueles tempos.

De acordo com todo o pessoal do castelo, foi organizado um sarau musical nessa mesma noite, celebrando tão feliz acontecimento.

O velho sacerdote Amonthep com seus companheiros, Ohad e Carmi, dariam à noitada a parte séria que era do agrado de Osarsip, lendo e comentando fragmentos de antigas escrituras sagradas, que relatavam vidas heróicas de nobre grandeza realizadas séculos antes, quando os primeiros emigrados atlantes fundaram a raça egípcia e deixaram como recordação da sua passagem por aquela terra as grandes pirâmides e a Esfinge de Gizé.

Um sobrinho do sacerdote Amonthep, com Aarão e Hur, formaram um admirável trio de instrumentos de corda. O primeiro, ou seja, Laio, tocava a lira; Aarão, a cítara, e Hur, o alaúde; o sacerdote Ohad era o mestre do clavicórdio e dirigente da pequena orquestra que acompanhava no oratório do castelo as meditações da princesa real.

— Procuremos todos dar alegrias ao nosso Osarsip, que sempre é taciturno — dissera a princesa a todos os que, de uma forma ou de outra, atuavam naquele sarau em homenagem a ele.

— E eu, que posso fazer, se não tenho capacidade para nada? — havia perguntado Merik.

— Ó minha querida jovem! Colherás todas as rosas brancas e todos os junquilhos e lótus das margens do lago e adornarás o salão como for do teu agrado.

Osarsip viu a jovem que, à luz da lua e dos faróis multicoloridos que

iluminavam os caminhos do parque, recolhia flores e enchia uma e outra cesta. O jovem aproximou-se para ajudá-la e fazer-lhe companhia.

— Eu te ajudarei, Merik — e assim afastou os pensamentos que o perturbavam.

— Aceito a tua companhia e a tua ajuda no meu trabalho, porém, por favor, não me fales de coisas tão profundas e graves, porque não creio tenha chegado para mim o tempo de compreendê-las. Ainda quero rir e brincar com as gazelas do parque e os filhinhos dos hortelãos.

— Tens razão, Merik..., toda a razão. Junto a ti serei um jovem alegre como tu. Desde que nos separamos nesta tarde, estou pensando coisas muito belas e muito boas. As águas deste lago e os rumores do bosque têm magia de amor e de alegria, Merik, e, quando estou aqui, sinto-me um garoto capaz até de fazer uma travessura. Por exemplo, esta — e Osarsip, que enquanto colhia as flores ia entretecendo uma guirlanda, deixou em um banco a grande cesta já transbordante e colocou a grinalda de rosas brancas na cabeça da menina, que não teve tempo de evitar, dizendo com grande submissão:

— Ah!... Isto é algo melhor que tuas terríveis dissertações contra todos os seres humanos.... Obrigado, Osarsip! Coroaste-me de rosas. Levá-las na cesta ou levá-las na cabeça, tudo é a mesma coisa.

— Mas estas são tuas, especialmente tuas. Não aceitas com alegria o meu presente?

— É claro que sim! Entretanto, compreenderás que não posso entrar no salão assim, disfarçada.

— Como disfarçada? As virgens de todos os templos são coroadas de rosas para realizar o culto e cantar os hinos.

— Mas eu não vou realizar nenhum culto nem cantar nenhum hino.

— Isso dizes tu. No entanto, eu não te disse que desde hoje, quando cheguei ao castelo, estou pensando coisas muito belas?

"Não te disse que o lago e o bosque têm magia de amor e de alegria?"

— Ah!... Já entendi!... E esta coroa de rosas é o resultado dessa magia?

— Justamente, Merik. É o começo dos resultados dessa divina magia.

— É o começo, dizes? Imediatamente pensas que surgem e continuem surgindo os resultados?

— Naturalmente, Merik. Como queres que termine tão logo? Eu faço e farei todas as coisas de forma grandiosa e muito bem feitas. Não me agradam os meios-termos nem as acomodações. Tudo na Criação do Eterno Infinito me fala de grandes belezas... de imponentes e supremas belezas. As maldades, as mesquinharias, as fealdades e negrumes me enojam, Merik, causam-me náuseas e deixam-me brusco e taciturno. Se quero estar alegre e ser bom, necessito ver tudo belo, nobre, grande..., sublime!

— Parece-me, Osarsip, que és um tanto soberbo e presunçoso. Diante de ti não poderá jamais apresentar-se um mendigo esfarrapado e, menos ainda, um leproso todo destruído... Então, não conheces a piedade?

— Merik, por favor! Hoje não quero nada triste nem feio ou doloroso. Toda esta última temporada passei vendo a dor e a miséria humana. Só em Luxor e em Abidos encontrei sublimidade e beleza... Quanto ao demais... Ó querida menina!, por hoje apaguemos o passado.

"Hoje estamos colhendo flores. De acordo?"

— Sim, sim, de acordo.

— Está bem, ouve-me. Agora, quando chegarmos ao castelo, deixarás comigo as cestas de flores. Eu me entenderei com a dama de serviço e ela e eu enfeitaremos o salão...

— Não, não, de maneira alguma. Tu és o obsequiado, Osarsip. Como poderá a princesa real permitir que subas em escadas e pendures grinaldas? Tem que ser eu com as damas jovens.

— Não te deixarás vestir com elas, como eu quero?

— Mais essa!... Desde quando aprendeste a ocupar-te com os adornos femininos?

— Somente desde hoje.

— Por que desde hoje?

— Já não te disse que hoje quero ser um garoto alegre e travesso? Esqueceste isto, Merik?

— Ah, sim!... Os resultados, os resultados dessa magia do lago e do bosque... Eu havia, esquecido, e também isso de vestir-me como queres é um dos resultados?

— Nem mais nem menos! Observaste alguma vez o grande tapete grego do salão da princesa real?

— Oh! É o mais bonito que existe!

— Lembra-te das vestimentas das donzelas que vão em procissão ao templo de Delfos? Envoltas em longos véus, coroadas de rosas, levando piveteiros que lançam fumaça perfumada de incenso da Arábia a se queimar em brasas ardentes.

— Oh, sim!... Eu as contemplo com amor e quisera ser uma delas!

— Verdade?... Pois o serás esta noite porque eu o quero.

— E as damas jovens também se vestirão assim?

— Isso..., veremos se elas também o querem.

— Devem querer, porque, do contrário, que procissão faria eu sozinha?...

— Ó minha menina tonta!... Deixa comigo. Falarei com elas e resolverei tudo. És a mais jovem de todas elas e, portanto, deves deixar que as maiores preparem as coisas como julgam mais conveniente. Estamos de acordo?

— Sim, Osarsip, faze como queiras. A princesa quer proporcionar-te esta noite toda a alegria possível, e não hei de ser eu quem vai opor-se. Vamos, que nas cestas já não cabe mais nada. — Ambos se encaminharam rapidamente para o castelo.

Os grandes e os fortes também se tornam crianças quando os anjos de Deus desfolham madressilvas de paz em seus corações, nos momentos em que se acham estarrecidos pelo assombro e pelo horror das misérias da vida.

Deste modo, o garboso e grave superintendente vice-rei do Egito refrescava seu coração entre a inocência da bela criatura que recolhia flores, o meigo e puro amor de sua mãe, a beleza... de quanto o rodeava e a irradiação de amor na qual o envolviam todos os habitantes do castelo do lago Merik.

Osarsip era, nessa noite, um galhardo jovem de dezessete primaveras e nada mais.

Quando chegou a hora de começar o sarau, a princesa real e Amram, governador do castelo, o velho Amonthep e seus dois companheiros, o chefe da guarda e demais personagens da casa ocuparam seus lugares no grande salão.

Osarsip, que era o obsequiado, não aparecia.

De repente, dois pagenzinhos abriram a cortina de uma porta interna e apareceu o jovem, com a resplandecente indumentária de príncipe do Egito e superintendente vice-rei, levando pela mão a pequena Merik envolta numa nuvem de tule transparente, coroada de rosas brancas e seguida de uma fileira de donzelas também coroadas de rosas brancas e cobertas de brancos véus.

Os piveteiros que levavam faziam ondular suas espirais de fumaça perfumada e o trio de músicos encheu o salão com a divina melodia de suas cordas.

Para todos isso foi um número do programa, imitação das festas gregas do templo de Delfos, uma cópia do grande tapete que adornava o salão. Contudo, a cópia do tapete se tornou em formosa realidade quando Osarsip chegou diante da poltrona da princesa real e ouviram sua voz, clara e sonora dizendo:

— Princesa real do Egito! Dignai-vos consagrar meus esponsais com esta donzela escolhida pelo meu coração para companheira de toda a minha vida.

Ambos se ajoelharam diante da princesa Thimétis, que do assombro passou para a emoção mais profunda, e entre lágrimas e beijos uniu as duas cabeças sobre seu peito, enquanto a orquestra enchia o recinto com seus arpejos, os sinos do castelo bimbalhavam em festa e os clarins da guarda tocavam suas alvoradas triunfais...

Quando a consagração dos esponsais terminou, reanimada, a princesa real disse:

— Então todos se tornaram cúmplices deste grande acontecimento que só eu ignorava?

— Não, mãe!... Ninguém foi cúmplice, porque todos acreditavam que isto seria apenas uma imitação do tapete grego preferido por ti. Nesse sentido, todos colaboraram.

"Só eu conhecia a verdade. Perdoas-me?"

A meiga mãe abraçou novamente o filho, e entre risos e lágrimas disse:

— Tudo o que fazes é extraordinário e está bem feito. De ti só posso esperar coisas grandes e belas.

"Que Deus te abençoe, meu filho, e contigo aquela que teu coração escolheu!"

A inocente Merik, que não saía de seu assombro, finalmente disse:

— Este véu de ilusão no qual me envolveste, é verdade que não te aborrece como aquele outro de tua raivosa dissertação desta tarde?

— Não, Merik. Este não é um *véu de ilusão,* mas uma bela realidade que pode ser contemplada através de um véu de ilusão. — Ao falar assim, Osarsip levantou o véu que cobria o rosto da jovem e ambos se olharam no fundo de suas almas... — Sim, Merik!... É uma formosa realidade!...

Alma grande e forte a de Moisés, profeta e ungido de Deus!

Sonhaste com ternas suavidades de amor, quando tua lei era severa e árida como o pavoroso Sinai de teus anos maduros!...

Estrelas e Lótus

A Lei Divina, sempre generosa com os que são generosos com Ela e até com os que não o são, derramou-se em formosas concessões durante a segunda metade do seu décimo sétimo ano e durante quase todo o décimo oitavo ano da sua vida.

Todo o país era um mar tranqüilo coberto por um céu azul sereno que fazia florescer a paz e a felicidade nas criaturas, a abundância nos campos de dourados trigais e nos hortos de frutos e de flores.

A alma grande e pura de Osarsip florescia também entre o amor de seus pais e de todos quantos o rodeavam.

Se passava pelas avenidas das grandes cidades, somente via simpatia e amor em todos os olhos, e às vezes chegava a ele o rumor de uma frase como esta entre os transeuntes:

— Os deuses bendigam o nosso amado vice-rei, que nos traz paz e abundância.

Mas Osarsip, espírito velho carregado de conhecimentos e experiência, pensava:

"— Como é suave e boa a paz e a felicidade com que o eterno infinito enche meus dias!... Eu a beberei com ansiedade, sem desperdiçar uma gota sequer, porque é tesouro de amor divino que pouco há de durar, visto como em meio a esta humanidade cresce descontroladamente o egoísmo que ocupa nove partes, deixando uma só para o amor."

A missão do embaixador notário Membra aos países que julgavam inevitável uma contenda armada, mantê-lo-ia ocupado durante seis a sete luas, talvez um ano.

O conflito com a Síria tinha como causa a anulação da determinação póstuma do faraó Ramsés I, pai de Amenhepat, coroado com o nome de Ramsés II por vontade paterna.

Ainda antes de nascer o filho que lhe daria a rainha Ghala, Ramsés I firmou uma aliança com o rei da Síria, que acabava de anunciar o nascimento de um terceira filha, primogênita da princesa Daria, com quem se havia unido em terceiras núpcias. Essa aliança constava de vários pontos muito importantes para ambos os soberanos. Um dos pontos era: "que se o filho esperado pelo faraó fosse um varão, unir-se-ia em matrimônio com a recém-nascida princesinha, com a qual celebraria esponsais ao dez anos".

Os esponsais foram celebrados sem que os futuros esposos se houvessem visto jamais. Isso não tinha importância entre as pessoas de sangue azul.

A rainha Ghala, que queria casar seu filho com a filha mais velha de seu irmão, foi protelando, de ano em ano, o cumprimento desse antigo compromisso.

Amenhepat não se interessou nem pouco nem muito por esse assunto. Nem o teve em conta, jamais. O conflito veio porque a rainha-mãe enviou um documento, dos forjados por ela, anunciando que o jovem faraó não estava disposto a cumprir um compromisso paterno feito antes do seu nascimento e oferecendo em substituição seu irmão, o segundo filho de sua mãe.

O rei da Síria tomou isto como um menosprezo que o desonrava, e sua cólera não teve limites.

O leitor pensará acaso: "Como se arranjou o superintendente vice-rei do Egito para resolver este delicado e ao mesmo tempo despropositado assunto?"

— Amenhepat — disse ele ao faraó no momento oportuno —, se estiveres disposto a cumprir o compromisso de teu pai, não haverá guerra com a Síria.

— Cumprirei o compromisso firmado por meu pai — foi a resposta.

— Nesse caso, é necessário que o notário Membra anule, por ordem tua, o que tua mãe fez durante a regência.

O faraó, por toda a resposta, tomou seu anelzinho de selar suas ordens e decretos e o estampou com fúria sobre um pergaminho.

— Escreve aqui a anulação do quanto a regente fez em seu governo e manda cópias aos governos que se sentem agravados por ela.

Dessa maneira o superintendente vice-rei resolvera todos os conflitos e, graças a isso, descansava na doce paz do lar, entre o amor de seus pais e o encanto que lhe produzia a companhia da inocente filha do médico real Aton-Mosis.

Anoitecia.

Sobre o espelho do lago refletia-se o azul sereníssimo do céu povoado de radiantes estrelas, enquanto emergiam do fundo das águas os brancos lótus como asinhas de pombas a tremerem encrespando as ondas.

— Como é belo, Merik, tudo quanto o Deus Pai colocou sobre esta Terra! — exclamou assim Osarsip, passeando pela margem do lago, levando a jovem pela mão. Era ela pequenina e graciosa como um junquilho. Sua cabecinha de escuros cachos não alcançava nem o ombro de Osarsip, tão alto e esbelto como uma jovem palmeira do deserto.

— Se te agradar, podemos colher lótus; entretanto, não podemos colher as estrelas que se espelham na água — respondeu ela graciosamente.

— Nem as estrelas nem os lótus me agrada afastá-los de onde estão.

"Não é mais belo contemplar o querido lago semeado de estrelas e de lótus? Ó Merik!... Nenhum pintor seria capaz de copiar beleza semelhante."

— Penso que ninguém, a não ser tu, observava este detalhe, Osarsip. És em tudo diferente dos demais.

"Tantas vezes vim com as damas e os pagens por aqui e ninguém notou que o lago estava bordado de estrelas e de lótus. E é verdade! Agora eu o vejo como algo maravilhoso! Será que eu o observo através dos teus olhos?"

— Oxalá, minha jovem, observasses tudo através dos meus olhos!

— Por quê?

— Porque, então, entre tu e eu existiria uma harmonia perfeita. Seríamos como dois alaúdes afinados no mesmo tom.

— Queres dizer que não nos desentenderíamos nunca?

— Justamente. Seríamos como um símbolo do amor perfeito. O Deus Pai de todos os mundos assim o quer e assim será num dia, talvez muito distante, nesta Terra e em todos os planetas habitados por humanidades como esta.

— Que devo fazer para observar todas as coisas através dos teus olhos?

— Nada mais senão amar-me como eu te amo. Quando duas almas se querem de verdade, sem nada de egoísmo, sem nada de interesse, quando há nobreza nelas, produz-se o milagre, o prodígio.

"Por que o amor verdadeiro nesta Terra é um prodígio? Merik, é um milagre que os anjos de Deus contemplam com assombro. O próprio Deus, se é que posso dizer assim, observa satisfeito um verdadeiro amor que floresce em duas almas gêmeas."

— Quando são gêmeas as almas?

— Sabe-se que duas almas são gêmeas quando pensam em tudo da mesma maneira; quando têm os mesmos gostos, idênticas aspirações e cada uma delas só é feliz quando acede à vontade da outra, até nas menores coisas da vida diária. É a perfeição do amor, Merik, tal como Deus, pai universal de todas as almas, o quer. Nelas é despertada então uma grande vontade de se sacrificar pela outra alma igual a ela mesma, à qual ama tão profundamente.

— Sabes qual é a tua alma gêmea? — Ao perguntar assim, a menina observava Osarsip cheia de curiosidade, porque a resposta a interessava grandemente.

Osarsip, com a serena calma que o tornava semelhante a um homem maduro, respondeu:

— Até agora, eu pensava se seria minha mãe, pelo muito que nos assemelhamos em todos os aspectos do nosso mundo interior. Mas agora, observando-te, agora que vais manifestando-te diante de mim e vou encontrando muitos pontos de contato, penso numa velha escritura que encontrei na cripta de um templo de Abidos.

— Oh! Quantas coisas sabes, Osarsip! Penso que também eu posso saber essas coisas, se tiveres vontade de ensiná-las a mim.

— Sim, Merik, podes sabê-las. Essa escritura diz que almas gêmeas são as que têm uma mesma origem, um mesmo princípio de vida, da mesma forma como são chamados gêmeos os seres nascidos ao mesmo tempo da mesma mãe.

"Conta essa escritura que, em época muito distante, e num sistema planetário de grande esplendor e de mais avançada evolução que este, uma inteligência encarnada num daqueles radiantes planetas passeava à margem de um mar. Uma onda arrastou até a praia, por onde passeava, uma formosa cabeleira de cor verde prateada que chamou a sua atenção. Como tinha amplos conhecimentos em ciências naturais e, além do mais, era um eterno enamorado das belezas da natureza, ao aproximar-se para examiná-la, compreendeu que naquelas algas marinhas estavam presas muitas células vivas, e quis saber o modo e a forma como elas poderiam desenvolver-se.

"Há curiosidades santas, excelsas, Merik, que podem levar o homem até o templo austero da verdadeira sabedoria, como há curiosidades baixas ou más que podem arrastar um ser aos negros abismos do vício e até do crime. Diz o velhíssimo axioma das mais antigas escolas de conhecimento divino: *'A curiosidade pelo que é baixo faz afundar na lama. A curiosidade pelo que é alto faz subir até as estrelas.'*

"Desta maneira, o passeante da margem do mar levou para a sua casa a verde madeixa prateada que chamou a sua atenção. Examinada através de uma poderosa lente, ele pôde contar setenta células vivas, e as deixou num reservatório do seu horto. Daquelas águas serenas emergiam lótus e junquilhos, e com certeza ele as contemplaria com amor, em seu reservatório, como nós contemplamos este lago povoado de estrelas e de lótus.

"Essas células transformaram-se em ampolas, e logo em pequenas larvas, que desprendidas da madeixa verdolenga, se arrastavam pelas pedras da margem.

"Essa foi a distante origem de setenta vidas que retribuíram com agradecido amor ao homem inteligente e bom que, através de sua santa curiosidade acerca da madeixa de algas, colaborou para a mais rápida evolução daqueles pequeninos princípios de vida. Depois de longas eras e de mil transformações, chegaram a seres com inteligência e capacidade de raciocinar, de sentir e de amar. Essas setenta vidas são almas gêmeas. Compreendeste, Merik?"

— Tal como o explicas, é tão claro como a água deste lago, e penso que também eu poderei ser alma gêmea, com outras que ignoro e desconheço. Não pode ser assim?

— Pode, e é assim.

— E onde estão as minhas almas gêmeas, Osarsip? Onde estão? Parece-me justo saber isto.

— Não corras tanto, minha querida jovem. O tempo, a observação, o estudo das leis divinas, a meditação, irão descerrando os véus que ocultam todas as grandezas, dádivas e leis de nosso Pai Deus. Fica certa de que Ele nos dá tudo o que somos capazes de compreender e assimilar, da mesma maneira como uma mãe vai dando a seu filhinho os alimentos que ele vai necessitando na medida do seu crescimento.

— O que não compreendo é como Deus Pai pode prestar atenção até nos pequenos seres, quando tem todo o universo para governar. Como pode ocupar-se de mim, por exemplo, e pensar no que quero, no que me é necessário, quando este mundo e todos os mundos reclamam a sua atenção?

— Querida jovem, vejo-te entrar em profundidades onde por ti só não poderás andar. Qual é o ser humano encarnado nesta Terra que poderia com-

preender o que é o nosso Pai Deus? Ouviste mencionar, em segredo, por teu pai, o nome sagrado Aton? — A jovem olhou com assombro para Osarsip.

— Sim! — disse. — Ouvi muitas vezes, quando faz orações a sós em seu escritório. Como ele viu que procuro pôr-me ao seu lado porque quero também aprender a orar, eu o ouvi chamar desesperadamente algumas vezes: "Aton...., Aton, que tua força venha a mim; que tua luz venha a mim!"

— Que pensaste, ouvindo isto?

— Compreendi que era alguém forte, grande e sábio, que talvez meu pai visse entre as nuvens douradas do ocaso, porque olhava para lá, através da janela aberta. Compreendi, também, que era algo muito oculto que ninguém devia saber, porque me disse, quando percebeu a minha presença:

" — Não menciones jamais que ouviste o teu pai invocar a *Aton*, porque me levarias para a morte. Aqueles que pensam como eu penso e vivem como eu vivo, minha filha, chamamos com esse nome ao supremo Criador de tudo quanto existe. No entanto, ainda não é chegada a hora de a humanidade compreender isto, e está decretada pena de morte para todo aquele que mencione este nome. — Eu prometi a meu pai não mencionar isto sequer à minha mãe.

— Por que o mencionaste a mim?

— Porque acabas de pronunciar esse nome e julguei que pensas e vives como meu pai. Acaso procedi mal?

— Não, Merik, não procedeste mal, pelo contrário, isto abre mais para mim as portas de tua pequena alma. Isso permitir-me-á mui formosas confidências contigo sobre estes temas que só na íntima confiança dos que amam é possível ter. Vês esta luz que se observa em todas as coisas, da mesma maneira como nestas flores que nos obsequiam com suas cores, como também nas águas azuis deste lago, nas brilhantes folhas destas palmeiras, nas lousas que vamos pisando, nas montanhas que vemos ao longe, nos telhados de palácios, templos e choças?

— Eu a vejo, sim, eu a vejo, Osarsip.

— Está bem. Essa eterna força e poder que chamamos Pai Deus é como esta luz que se reflete em tudo; que vê, sente, toca e penetra tudo. A eterna luz nos vê a ambos passear pela margem deste lago, recolhe a nossa conversação e até os nossos pensamentos.

"Sendo isso assim, não é uma mísera e triste ignorância pensar e crer que essas rudes estátuas de ouro ou de mármore, feitas pelos homens a golpes de cinzel e de martelo, ou no calor de uma forja, podem sentir as orações dos homens, receber suas homenagens, pedir sacrifícios e dar castigos como um amo a seus escravos?"

— Osarsip... Dize-me a verdade. Está o Pai Deus no sol?

— Sim, da mesma forma como nestas rosas que a aragem da tarde faz

tremer. Do mesmo modo que nestes lótus que bordam de branco as águas azuis deste lago. Da mesma maneira que aquela radiante estrela que acaba de aparecer entre os leques das palmeiras e que neste instante se reflete no lago. Podes vê-la?

"Temos a impressão de que podemos tocá-la, se mergulharmos as mãos na água."

— Parece-me, Osarsip, que estou compreendendo... Contudo, de repente escurece algo aqui dentro de mim, e não posso avançar mais.

— Não tratemos de avançar, querida jovem, por hoje. Tudo tem sua hora e seu momento preciso. Conformemo-nos em sentir, amar e abençoar essa suprema potência que mantém e governa em perfeito equilíbrio todo o universo.

"Aprendamos a encontrá-la em tudo quanto existe, e de modo especial em nossos semelhantes, de tal modo que sejamos incapazes de causar-lhe mal algum, nem sequer com o pensamento.

"Não é belo, Merik, dize-me, não é belo sermos reflexos do Pai Deus para todos os seres, como as estrelas e os lótus que se refletem no lago embelezando-o de luz e cor?

"Como estrelas e lótus seremos nós dois, se formos capazes de amar-nos e de amar a toda a humanidade como Deus Pai ama a todas as suas criações."

Os jovens passeantes chegavam diante do castelo iluminado e já percebiam no oratório os primeiros acordes da pequena orquestra que afinava os instrumentos para a oração da tarde.

Os Espinhos do Caminho

Os dias de serena placidez passavam ligeiros e fugazes, deixando na alma resplendores de glória, ressonâncias divinas, como se milhares de liras enchessem os ares de inefáveis harmonias.

O tempo transcorrido entre os dezessete e os dezenove anos da vida da Osarsip, podemos dizer que foi como um transbordamento do amor e da bondade divinas, para retemperar e blindar de fortaleza, energia e poder seu es-

pírito, que nos anos futuros deveria enfrentar tão formidável luta com todas as forças do mal desatadas para dificultar seu caminho.

A presença de sua mãe foi para ele como um nimbo de claridade e de ternura difícil de encontrar em outras mães em relação a um filho tão extraordinário.

O amor e a compreensão de Amram, seu pai, foi como uma força passiva e silenciosa, contudo real e palpável. O artista das jóias das arcas reais apreciava no seu justo valor esta outra preciosa jóia que o Deus de seus pais, como ele dizia, pôs em seu caminho na pessoa desse filho, a quem não podia reconhecer em público, ante todo o mundo, mas a quem amava e admirava quase com adoração.

— Como é grande o nosso filho, Thimétis! — disse Amram à esposa em suas confidências íntimas. — Quando leio nossas escrituras mais antigas, as premonições de nossos profetas, nas quais o Senhor promete grandes coisas a Israel, ocorre-me pensar que talvez nosso filho seja o destinado para realizá-las. Onde se viu, dize-me, que um jovem de dezessete anos seja capaz de dar lições a reis, e conduzir um povo pelos caminhos da eqüidade, da paz e da justiça?

— Na tua raça já os houve — respondeu ela. — Não podemos esquecer o jovem José, filho de Jacó que, tendo vindo ao Egito como um escravo comprado por mercadores a seus próprios irmãos, chegou a ser vice-rei do Egito, e deu lições ao faraó, felicidade e paz ao povo que o amou com delírio.

— É verdade!... e acredita-me que às vezes eu me sinto tão dentro do coração de seu pai e tenho a impressão de que amo a Osarsip tanto como Jacó amou a José, e que esse amor às vezes me causa feridas na consciência, pois chego a temer a idolatria em mim.

"Neste país onde se adora tantos deuses aos quais atribuem estupendos valores, eu pergunto: Qual deles faz o que o nosso filho realiza em tão breve tempo e com tão acertada decisão que realmente pasma?"

— Pensas, acaso, que Osarsip é um deus encarnado? — perguntou a princesa, deixando de um lado o trabalho que tinha em suas mãos, disposta sem dúvida a prestar toda a sua atenção na conversação iniciada.

— Segundo o alcance e significado que dermos a essa frase: "Um deus encarnado" — respondeu Amram absorto em idéias muito profundas.

— A sabedoria divina que de tempos em tempos iluminou os clarividentes da tua raça — disse Thimétis —, anunciou um libertador, um guia ou condutor. Não sabemos se esses avisos se referem a toda a humanidade ou em particular à raça de Israel.

"Que pensa o avô a este respeito?"

— Oh, meu pai! Está velhinho e sua mente é como uma mariposa vaga-

bunda que não se fixa por longo tempo em nenhuma coisa grave e séria. Além do mais, está muito esgotado e esquece tudo. Dorme sempre. Bem vês que raramente podes visitá-lo. A propósito, recordas que nosso médico Aton-Mosis lhe dava apenas quinze luas de vida? Já está chegando essa data, e por isso eu o visito várias vezes ao dia. Osarsip visita-o também, ainda que seja para vê-lo adormecido.

— Farei o mesmo, Amram. Vamos. Acompanha-me para vê-lo, embora esteja dormindo.

Ambos atravessaram o longo corredor que os separava dos aposentos ocupados pelo ancião e sua filha Jacobed.

Ela estava com algumas das damas na oficina dos teares, entregue a seus trabalhos de agulha. Acompanhou-os para ver o pai, ao qual observaram da porta, vendo-o estendido no leito.

— Dorme como sempre a esta hora — esclareceu Jacobed.

No entanto, Amram e a princesa se aproximaram do leito. Sua absoluta imobilidade alarmou-os. Amram tomou-o pela mão, apalpou-lhe a testa, logo aproximou-se de seu rosto e em seguida olhou para a esposa com um olhar que falava... Thimétis ajoelhou-se junto ao leito e pôs sua mão sobre o peito do ancião.

— Creio que teu pai já não vive, Amram. Causa-me pesar que se tenha ido sem dar-nos sua bênção e seu adeus. Este peito está mudo, não há pulsação. Não há vida. Entretanto, ainda está morno. Um momento antes e o haveríamos alcançado.

"Quanto sentirá Osarsip não se haver despedido dele como era seu desejo! Amavam-se tanto os dois! Os anjos do Senhor o terão recebido felizes, porque sua vida foi a de um justo."

A notícia correu com extraordinária rapidez, e poucos momentos depois rodeavam o branco leito, Osarsip, Jacobed, as damas da princesa, os três sacerdotes e a maioria dos moradores do castelo.

Osarsip aproximou-se do leito e o tomou pelas mãos.

— Avô Eleazar! — disse com uma energia e tremor na voz que impôs silêncio e pavor a todos. — Se nosso Pai Deus o permitir, pedimos tua bênção e tua despedida, que não podes recusar para uma viagem tão longa — e sustentando com força aquelas lânguidas e enfraquecidas mãos, fê-lo sentar-se no leito.

O ancião abriu os olhos, girou a cabeça ao seu redor, deteve-a com amor em seu filho e em Thimétis, e disse com uma voz apagada:

— Quantos espinhos no teu caminho, meu menino! — Sua branca cabeça caiu sobre a mão de Osarsip que retinha as suas. A ele havia dirigido as últimas

palavras. O jovem ajoelhou-se junto ao leito e descansou a cabeça sobre aquela outra, que não se levantaria mais.

Os que estavam presentes pensaram num prodígio de ressurgimento da vida e olhavam com estupor para Osarsip que continuava na mesma posição.

— Está voltando-lhe a vida — disseram.

— É um escolhido do eterno infinito.

— Não o faz voltar à vida — disse o ancião Amonthep — mas ajuda-o a entrar nessa outra forma de vida à qual chegaremos todos, e eu antes que todos vós, porque sou o mais velho que resta, depois que o avô Eleazar partiu deste mundo.

A morte do "avô", como todos o chamavam, foi o começo dos duros abrolhais que devia ser, daí em diante, a vida de Osarsip. O décimo nono ano da sua vida foi um contínuo abrir e fechar sepulcros, e embora Osarsip soubesse o que todos sabemos, que a morte não é na verdade uma desgraça, mas uma separação dolorosa, não pôde evitar que uma nuvem cinzenta e pesada o obrigasse a dobrar sua altiva cabeça para dizer na solidão de suas meditações:

— Pai Deus, que és o Amor e a Bondade, dá-me a necessária fortaleza para cumprir teus mandamentos mesmo ficando sozinho no mundo.

Sozinho no mundo foi ficando quando, duas luas depois, seguia ao avô Eleazar o velho mestre Amonthep, e pouco depois o pontífice Pthamer, que foi substituído pelo notário-mor Membra. Este quis a seu lado, como notários, os mestres Ohad e Carmi, que tiveram de deixar o castelo para permanecer reclusos no templo de Mênfis.

Quando Osarsip se aproximava dos vinte anos, uma síncope cardíaca levou-lhe o pai, que era para ele uma força passiva e silenciosa, contudo fiel e constante.

Com uma serenidade que assombrou a todos, Osarsip disse à sua mãe e à pequena Merik:

— Ficais somente vós neste meu caminho, que não apenas vejo cheio de espinhos, como também cheio de sepulcros e de tristes recordações.

O leitor pensará, talvez, que o caminho de Osarsip não poderia chamar-se *solidão*, visto como era amado por todos e também admirado por todos.

Mas há diferença entre o *amor de todos* e o amor daqueles poucos que nos compreendem e repartem conosco seus pensamentos e sentimentos.

Porque este é o único amor que nos dá companhia, fortaleza, consolo e alegrias na vida.

O amor das multidões satisfaz até certo ponto e de diversas maneiras.

O amor, que é também compreensão, confiança plena, sentimentos e pensamentos iguais nos ajuda a viver nossa vida como a Eterna Lei nos manda vivê-la.

Por isso, ouviram Osarsip dizer à mãe e à pequena Merik:

— Se me faltardes, não sei como poderei viver.

Quando ocorreu a morte de Aton-Mosis, sua esposa quis voltar para junto da família, originária de Argólida, na antiga Grécia, e levou consigo Hur, seu filho mais velho, deixando Merik com a princesa real por haver celebrado esponsais com seu filho Osarsip.

— Destroçam a minha orquestra — disse tristemente Thimétis quando o jovem Hur se despediu dela e dos companheiros do castelo.

— Não será por muito tempo, alteza real — respondeu ele. — Acompanho minha mãe e a deixo bem instalada entre os seus. Como poderia eu abandonar a vós e a Osarsip? Nem em sonhos passe tal idéia pela vossa mente!

— Eu pensava que serias tu o governador do castelo, em substituição daquele que entrou no reino da paz.

A princesa real não pôde evitar a profunda emoção que fez tremer sua voz ante essa recordação. O homem que foi seu primeiro amor, o intenso e puro amor de seus quinze anos, havia-a deixado percorrendo sozinha o penoso caminho da vida.

— Não, sozinha não! — disse ela a si mesma quando esse doloroso pensamento estremeceu-lhe o coração e encheu-lhe de pranto os olhos. — Sozinha, não, porque tenho o meu filho, tenho Merik, Hur, Lazo, Enabi e, principalmente, tenho dentro de mim e ao meu redor esse algo múltiplo, que é amor, fortaleza e luz... que é tudo, apesar de ser invisível e suas vozes não terem som!

Passada a borrasca de emoções ocasionadas pelas dolorosas separações, a vida no castelo do lago Merik foi se normalizando sob a vigilante tutela do primeiro chefe da guarda, irmão de Enabi, nomeado governador do castelo em substituição do inesquecível Amram.

O jovem Layo, que tocava a lira e a mesmo tempo era um artista no clavicórdio, substituiria o mestre Ohad que, por ordem do novo pontífice, passava a morar no templo de Mênfis.

Hur, Aarão e Layo* deviam ser, com o tempo, os três pilares de rocha nos quais se apoiaria Osarsip, desde o momento em que abandonaria seu nome egípcio para tomar o que lhe acompanharia em sua longa vida de tremenda luta e de glorioso triunfo imperecedouro: M O I S É S.

---

* As escrituras que conhecemos são de origem israelita e, sendo Layo de raça grega, foi deixado no esquecimento pelos primeiros cronistas. Em Layo estava encarnado o Bohindra da Pré-história, cuja vida se acha relatada na obra *Origens da Civilização Adâmica.*

A Solidão dos Cumes

Como é pavorosa a solidão dos cumes! Osarsip havia começado a galgá-los, mas como tinha coração de carne e apenas contava dezenove anos de idade não pode parecer-nos estranho que padecesse tristeza infinita e angústias de morte ao cumprir o dever de intervir no embalsamamento de tantos mortos queridos e dar-lhes a honrosa sepultura que seu próprio coração pedia e o costume ordenava.

A chamada "Casa da Morte" era a triste hospedaria de quatro mortos queridos que, devendo ser submetidos aos minuciosos processos exigidos pela mumificação, permaneciam, pelo menos, noventa dias nas salas daquele enorme edifício destinado a embalsamar os cadáveres da aristocracia egípcia.

Mas aconteceu o inesperado, ou seja: antes que um deles saísse daquele fúnebre lugar, outro já era levado para ali, e outro, e outro mais.

Osarsip, como um gênio enlutado, aparecia e desaparecia, organizava e presidia funerais, ordenava tudo, vigiava tudo para que os despojos mortais dos seres tão amados do seu coração fossem tratados com o respeito que seu amor reclamava para eles. Os embalsamadores profissionais, por força do hábito, tinham perdido completamente o escrúpulo e a delicadeza para tratar aqueles corpos sem vida e, não sendo vigiados de perto, se sentiam como magarefes esquartejando animais.

Quando viu nas urnas de cristal o coração de seu pai, de Amonthep, do avô Eleazar, do médico Aton-Mosis, não pôde mais... estremeceu todo como num doloroso espasmo e se apoiou numa coluna da cripta para não cair. Os corpos abertos pelo peito deixavam ver o interior vazio como uma caixa que ia sendo enchida de algodão empapado em essências desinfetantes e conservadoras. Entretanto, Osarsip manteve-se de pé, pálido como todos aqueles mortos.

Sua alma grande e forte, numa poderosa reação, levantou-se novamente e continuou subindo o cume... esses cumes de dor nos quais a alma se torna uma estrela radiante, vivendo apenas para projetar claridade ao seu redor.

Osarsip compreendia bem que não devia levar dores para a sua mãe nem para a pequena Merik, que tão profundamente haviam sofrido, uma com a morte do primeiro amor da sua juventude, e a outra com a de seu pai, cujo desaparecimento abria um profundo abismo em sua vida.

Quando voltou ao castelo do lago Merik e se encerrou em seu aposento, corridas as cortinas e ferrolhos, a dor contida desatou-se no seu mundo interior, como uma tempestade tremenda.

Naquela forte natureza, de um vigor incomum, tudo era grande, intenso, extraordinário.

Gerava-se o homem do futuro, vislumbrava-se o férreo condutor de um povo numeroso, em êxodo gigantesco, através do deserto.

Quando um mar de pranto silencioso havia esgotado suas energias físicas e um aprazível relaxamento afrouxou todas as fibras do seu ser, Osarsip estendeu-se em seu divã de repouso e adormeceu.

No sono, suas grandes alianças do infinito alimentaram-lhe o espírito com o mel da eternidade, com supremas belezas, e Osarsip voltou à vida renovado, com o otimismo e a esperança florescendo em seus olhos e sorrindo em seus lábios. Ele era novamente a estrela radiante que iluminava tudo ao seu redor. Era novamente a fonte clara e serena na qual podiam acalmar a sede os cansados viajantes da vida. Era novamente o firme apoio de todos os caminhantes ameaçados de cair.

— Como és grande e forte na dor, meu filho — disse-lhe a mãe quando ele se aproximou dela sereno e sorridente, como um feliz jovem que passeava pelos jardins floridos.

— Oxalá o fosse, como realmente necessito ser em meus anos futuros — respondeu ele.

— Pressentes grandes males no teu porvir? Não sabemos, acaso, que o nosso Pai invisível e eterno é também amor?

— Sim, mãe, nós o sabemos, e assim é. Mas desde que minha alma despertou para a consciência do que somos ante Ele e para Ele, e do que devemos ser se nos reconhecemos como seus filhos, como criação emanada d'Ele mesmo, há dentro do meu eu íntimo, lá muito dentro, onde ninguém penetra e eu mesmo não consigo compreender, algo como uma gravação eterna, como uma convicção ou certeza de que deverei dar realidade a pensamentos grandes, que não são meus e cuja fonte de origem desconheço em absoluto. Junto a este sentir profundo, vem a idéia de que, para essas realizações, deverei vencer as mais tremendas dificuldades que possam apresentar-se no caminho de um homem vivente nesta Terra.

"A que se deve isto? Não sei. Melhor que ninguém, conheces, mãe, como se desenrolou minha vida a teu lado, embora com circunstâncias não comuns a todos os meninos nascidos nesta Terra. Eu, um dentre tantos. Por que esta inquietação interna e esta idéia vaga de que terei que realizar algo grande, estupendo, que desconheço?"

Depois de pensar em silêncio por alguns instantes, a princesa real respondeu da seguinte maneira:

— Isso é o que os homens sábios das antigas escolas de divina sabedoria chamaram "*pressentimento*" ou "*visões mentais*", que vêm a ser como uma

vaga e confusa recordação de pactos e alianças feitas pelo espírito antes de descer a um plano físico ou a tomar matéria.

"Os mestres que te educaram e observaram desde menino estavam todos de acordo em que és um espírito de antigas eras, originário de um mundo muito evoluído. Eles, como é lógico, supõem que vieste a este mundo de escassa evolução com um desígnio superior, que ainda não conseguimos ver com clareza. Quando o faraó teve a idéia de elevar-te à altura de seu segundo, em cujo posto te colocou aos dezessete anos, teus mestres me disseram:

" 'Princesa real, já começa o caminho extraordinário de teu filho. Que virá depois?'

"Na verdade, para mim não foi tão extraordinário, porque Amenhepat foi quase como um meu outro filho e tu como um seu irmão. Desconfiado por natureza e descontente de sua mãe, desde que foi capaz de apreciar a situação que o rodeava, voltou-se todo para nós dois, com plena confiança.

"Agora, confias a mim essa íntima certeza, a qual sentes no teu eu interior, que unido a tudo quanto ouvi de teus mestres e que eu mesma vi, dão em verdade motivo para pensares em algo superior que por vontade divina deves realizar.

"Esperemos, meu filho, pois se essa é a idéia divina, o eterno poder e sabedoria estarão em ti para realizar quanto seja Sua vontade.

"Ele agirá em ti e por teu intermédio o que seja Sua eterna idéia.

"Agora vivamos coroados de paz e de amor, pensando que dentro de quatro luas completarás vinte anos de vida na Terra. Não seria justo celebrá-lo com teu matrimônio, meu filho?

"Já se passou mais de um longo ano da data quando celebraste esponsais, e nem tu nem Merik mudaram em seus sentimentos. A pobre menina quase pode considerar-se órfã, levando-se em conta a notícia trazida da Grécia, por seu irmão Hur, de que sua mãe ficará lá definitivamente.

"Parece-me que seria uma bela tranqüilidade a celebração de tuas bodas. Acaso posso saber se minha vida será mais longa que a de teu pai?"

— Tens muita razão... muitíssima razão. Mas eu medito e penso: posso, em justiça, unir essa formosa vida que se inicia à minha, que prevejo tão infeliz e cheia de abismos desconhecidos, embora profundamente pressentidos?

— Oh!... Osarsip! Essa pergunta devias tê-la feito antes de celebrar esponsais. Agora...

— Agora é tarde, sim, mãe, bem o sei. É tarde. Sabes como eu vinha atormentado até o máximo de quanta miséria e maldade cabe nas almas humanas que se enrolam como serpentes em torno de mim. Cheguei ao teu lado como aquela gaivota moribunda que caiu a meus pés e junto a ti encontrei a inocência com sua brancura de lótus na jovem que tinhas contigo... Entre tanta

maldade e baixeza como acabava de apalpar, eu era como um náufrago que se afoga... e a alma de Merik assomando em seus olhos e sua suave voz saindo tímida de seus lábios, tudo nela surgiu diante de mim como a visão de um anjinho amigo que me estendia a mão para curar minha pobre alma ferida de morte. Compreendes, mãe? Prendi-me a ela com loucuras de amor, de infinita ternura, e a paz voltou ao meu coração...

— Compreendo tudo isso, meu filho, e não vejas reprovação em minhas palavras, mas creio que tua honra de homem, sustentáculo de um grande ideal, te obriga neste caso tanto como uma lei. Se no teu caminho futuro se abrem abismos, ela e eu estaremos a teu lado para salvar-te deles.

Osarsip tomou a mão de sua mãe e a beijou emocionado, dizendo:

— Obrigado, mãe. Tudo será como tu o desejas.

Passaram-se breves dias de paz e serenidade. A princesa real tinha alongado muito suas meditações solitárias. Dir-se-ia que já não lhe bastava a oração da tarde em conjunto com seus familiares e damas.

À sós com a divindade, desfolhava uma por uma as sempre-vivas de suas recordações, nas quais julgava encontrar presságios, avisos mudos do que viria no futuro de seu filho... daquele grande filho que viera a seus braços com a indelével marca dos grandes mártires de um ideal superior. Seu coração de mãe estremecia de terror. Por isso, alongava suas meditações. Ela necessitava de valor, de fortaleza, de claridade, para seguir o caminho sem tropeçar. Oh, que grande solidão!

Amram já não estava a seu lado para sustentá-la em suas vacilações.

Já não tinha o mestre Amonthep, seu sustentáculo forte da juventude...

* * *

Um mensageiro chegou de Mênfis com o alarmante aviso de que a rainha-mãe se havia envenenado.

Osarsip, com sua mãe, correram para junto do faraó.

Encontraram-no sereno, duro, seco, como uma velha árvore por onde não corre nem uma gota de seiva.

— Justiça dos deuses! — disse quando Thimétis e Osarsip chegaram até ele.

— Sentimos muito, meu irmão, o que ocorreu. Meu filho e eu estamos a teu lado...

— Justiça dos deuses!... — voltou Amenhepat a repetir. — Embora isto nos cause dor, era necessário para o bem do país e da paz no meu coração.

— Melhor houvera sido que ela entrasse pela senda da eqüidade e da justiça.

— Mas não entrou nem sequer ao morrer.

"Amaldiçoou a mim, que sou o seu filho; a ti, que és a filha daquele que

a tornou rainha; a Osarsip, que devolveu a paz ao nosso país... Ó minha irmã! Ela era um demônio encarnado, e meu pai cometeu o erro de compartilhar o trono com ela. O que sinto é que tenha sido minha mãe...

— Basta de amargas queixas, Amenhepat — disse suavemente Osarsip, de pé a seu lado e pondo familiarmente a mão em seu ombro. — Se vais pelo caminho da eqüidade e da justiça como homem e como soberano de um povo, nenhuma maldição poderá atingir-te.

"Contudo, é necessário que arranques o ódio e o rancor do teu coração.

"Queres que me encarregue de conduzir o cadáver à Casa da Morte, e de tudo o que diz respeito às honras fúnebres?"

O jovem faraó olhou espantado para ele.

— Mas, queres que esse aborto do inferno receba honras fúnebres como um ser bem-nascido? Não!... e mil vezes não!

"O que quero e determino é que seja pintada com breu, para não ser identificada e que os escravos encarregados de queimar as imundícies do muladar a façam desaparecer na fogueira comum. Que imortalidade há de esperar um demônio encarnado? Obra de justiça é fazê-la desaparecer..."

A princesa real olhou para o filho, e seu olhar dizia:

" — Será inútil insistires mais."

Osarsip dirigiu-se para a porta.

— Meu superintendente vice-rei! — gritou o faraó. — Não esqueças que vais fazer cumprir uma ordem minha. E quero ser obedecido.

— Está bem, faraó. Serás obedecido.

Osarsip desapareceu e ficou a meiga Thimétis como uma madressilva de infinita piedade, tratando de acalmar a fúria de seu irmão rei.

Não disse mais nenhuma palavra, mas seu pensamento era chama viva buscando a alma de Amenhepat, e queria envolvê-la num branco sudário de esquecimento para livrá-lo do ódio e do rancor.

Que fez Osarsip ao sair da presença do faraó, com a alma oprimida pelo real mandato inspirado pelo rancor e pelo ódio mais tremendo contra sua mãe?

Encerrou-se por alguns momentos em seu escritório particular.

Nesse momento, sentiu-se mais só que nunca.

Aquietada sua alma, pensou com serenidade: "Não se podia esperar redenção para o desventurado ser que acabava de acrescentar aos crimes de sua vida o de sua própria trágica morte? O cumprimento da ordem do faraó somente significava infamar com máximo desprezo o seu cadáver, segundo os costumes do país, mas não aumentava nem diminuía a culpabilidade do espírito que é senhor de si mesmo por seu livre-arbítrio.

"A ordem do Faraó era neutra para esse espírito que, vendo fracassadas

todas as suas ambições criminosas, sem dúvida havia mergulhado nas trevas da loucura."

Dessas conclusões Osarsip foi tirado por umas suaves batidas à porta.

Quando abriu, encontrou seus dois mestres da infância, Ohad e Carmi, que entraram rapidamente atrás dele.

— Tuas angústias chegaram ao conselho do templo — disse Carmi —, e o pontífice nos envia para tranqüilizar-te.

"Sabemos que estás encarregado do quanto diz respeito à morte da rainha-mãe."

— Sim, é verdade, e tomastes conhecimento disto por via espiritual?

— Justamente, e ao chegar aqui comprovamos a verdade. O povo ignora tudo e convém que continue ignorando.

— É verdade. Para que arrojar mais lodo sobre esse infeliz espírito? Se não for demasiado pedir, eu rogo que me acompanheis.

Osarsip apresentou-lhes a grande chave de ouro que a própria rainha mandara forjar para seu aposento particular.

Os três se encaminharam para lá. Cruzar de uma ala para outra do grande palácio era como encaminhar-se para outro bairro. No caminho, dialogavam em voz muito baixa.

— Que foi decidido em relação às damas?

— Que permaneçam enclausuradas, como também os pagens e as escravas.

— É resolução do faraó?

— Não. É resolução minha. Se há de ser guardado o segredo do que ocorreu, não pode ficar em liberdade o pessoal que a rodeava. Agora saberemos a que nos atermos.

Quando a grande porta dourada foi aberta, os três receberam uma sensação pesada e desagradável, que parecia querer asfixiá-los. No entanto, atravessaram em silêncio o imenso pórtico cheio de estátuas e de plantas exóticas.

Era um silêncio absoluto, e tudo aquilo quase lhes pareceu um grandioso panteão sepulcral.

Na câmara real, a rainha-mãe, estendida em seu leito encortinado de púrpura e ouro, jazia sem vida e com o rosto de cor violeta forte.

A um lado do grande leito, a camareira, como um montinho de tecido azul, toda encolhida, estava morta e também com o rosto arroxeado.

Foram percorrendo os aposentos das damas, das camareiras, dos pagens, dos servidores e dos escravos, e todos estavam mortos, com o rosto de uma cor roxa, forte.

Havia claros vestígios de que fora celebrado ali um banquete dos costumeiros dados pela rainha quando era livre e quando se viu cativa. Certamente,

através do vinho, envenenara a todos, talvez para que ninguém pudesse saber o que ocorrera naquele pavilhão desde que ali fora clausurada.

O mordomo, o cozinheiro e alguns serventes tinham morrido sentados ou caídos junto de suas respectivas mesas, que apareciam com restos de manjares.

Osarsip e seus mestres ficaram paralisados de horror.

A rainha, dominada por uma fúria terrível, acabara com todos. Num pedaço de pergaminho que encontraram em seu toucador, leram estas palavras: "Isto é o começo da minha vingança. Somente sinto não ter podido matar todo o povo do Egito que maldigo desde o fundo da alma. Como sei que continuarei vivendo, minha vingança continuará até que não reste nenhum dos causadores da minha desgraça sem ter recebido um castigo terrível. A deusa Seckmeth, deusa do extermínio e da morte, foi e é a minha deusa favorita. *Ghala de Siracusa.*"

Osarsip leu e releu esse espantoso testamento da funesta rainha que fora esposa real de Ramsés I, faraó do Egito.

— Nossos clarividentes — disse Carmi — viram na noite passada uma tremenda luta entre Ramsés I e sua desventurada esposa, porque no plano astral que envolve a Terra há também ódios e lutas tremendas entre os seres que se amaram ou se odiaram na Terra, e que continuam com idênticos sentimentos no além-túmulo.

— Minha mãe, a princesa real — disse Osarsip —, diz que o pai dela não era mau, apesar de muito severo. Ela reconhece que seu lado fraco era a ambição de riquezas, e que em razão disso cometeu o erro de casar-se com a princesa Ghala, que trazia como dote as minas da Córsega e da Sardenha. Jamais a imaginou dotada de tão más e péssimas condições morais como resultou ser.

— Que faremos com toda esta miséria humana? — perguntou Ohad, depois de alguns parênteses em suas preocupações.

— A ordem do faraó implica o desaparecimento sem deixar vestígios — respondeu Osarsip.

— Estamos aqui para ajudar. Dize o que devemos fazer — advertiu Carmi.

— Esperar que avance bem a noite e tirar os cadáveres pelo corredor que desce para a cripta que tem saída fora das muralhas.

— E uma vez ali?

— Cumprir a ordem do faraó. Cremá-los, e que nem sequer as cinzas sejam jogadas no Nilo, pois, talvez, iriam envenenar as águas.

— Efetivamente. Desconhecemos que classe de veneno foi usado por esta mulher.

Fecharam novamente a grande porta e voltaram ao escritório do faraó, onde encontraram a princesa real aplicando compressas de fortes essências

aromáticas na testa e no peito do faraó, atacado por uns espasmos que o retorciam como um farrapo entre as garras de uma fera.

— Deixa-nos neste lugar, mãe, que esta tarefa não te diz respeito. — Ao dizer isto, Osarsip levou sua mãe para o outro extremo da vasta sala onde se abria uma porta que se abria para os jardins. Mais morta do que viva, Thimétis deixou-se cair num divã e, cobrindo-se com seu grande véu de viúva, orou e chorou em silêncio.

O faraó continuava sacudindo-se violentamente, como se lutasse desesperado para se libertar de algo que o amarrava causando-lhe indizível dano.

Depois caiu num grande torpor e completa imobilidade. Apenas era percebida sua agitada respiração.

Os dois sacerdotes ficaram de guarda ao lado do faraó, e Osarsip saiu com sua mãe em direção ao cais onde ficara ancorada a gôndola do castelo.

Antes de sair, Osarsip disse a seus companheiros em tão fúnebres tarefas:

— Voltarei na hora combinada. Esperai-me aqui.

O trajeto até o castelo foi feito pela mãe e pelo filho sem pronunciarem uma palavra.

A pequena escolta e os remadores estavam perto e podiam ouvi-los.

Quando, passada a meia-noite, tudo era silêncio e escuridão ao redor e dentro do palácio, o superintendente vice-rei do Egito e os garbosos notários do grande templo de Mênfis, vestidos como os peões limpadores de estábulos, retiravam pela porta que do subsolo dava para a praia quarenta e oito sacos ou bolsas, que se fossem vistos por algum transeunte pensaria conter o esterco e as sobras das rações dos estábulos do faraó.

As bolsas besuntadas de breu logo formaram uma fogueira imensa que desprendia negras colunas de fumo que o vento da noite levava para bem longe.

Os três peões, armados de longas forquilhas de ferro, empurravam vigorosamente para as chamas vorazes os sacos de esterco dos estábulos do faraó. Quando as chamas se apagaram e só restou um montão de cinzas, esgotados pelo calor e pela fadiga, os três deixaram-se cair sobre a areia ainda morna pela fumaça e pelas chamas que acabavam de se extinguir.

— Nem uma fibra de erva cresce neste lugar — disse Carmi, observando a amarelenta areia ao seu redor.

— Precisamente por isso acendi a fogueira aqui — respondeu Osarsip. — Teria sido uma ofensa para o musgo e para a relva rasteira o contato com tão horrorosa miséria humana. — Com uma voz surda e carregada de amargos pressentimentos, acrescentou:

— Pressinto que esta noite começa o meu caminho de vagabundo e pária nesta Terra onde nasci.

— O que escreveste nos céus escrito está. Só o Eterno invisível sabe isto — respondeu Ohad.

— De sacrifícios e de amor está tecida a coroa dos escolhidos — acrescentou Carmi.

— Julgas-me um escolhido? De quem?

— Da Eterna Potência à qual te ofereceste para grandes realizações que todos ignoramos.

Os três voltaram seus passos atrás até a escondida portinha que do escuro corredor chegara ao subsolo do grande palácio adormecido em quietude profunda, sem que ninguém tivesse percebido a horrível tragédia que três seres humanos acabaram de causar.

Da Luz às Trevas

O faraó continuava profundamente adormecido, e o médico que velava junto ao divã assegurou não ter ele despertado em toda a noite.

Osarsip, com seus dois companheiros de tragédia, optaram por descansar até a chegada do novo dia.

O sol já ia muito alto quando despertaram, e o faraó continuava adormecido.

— Isto já não é um sono normal — observou Ohad, aproximando-se. — Osarsip, deves resolver o que deve ser feito neste caso. O faraó está adormecido há mais de vinte horas.

O médico substituto de Aton-Mosis, pai de Merik, era irmão do pontífice Membra, e se chamava Nerember, e interveio imediatamente na conversação.

— Efetivamente — disse —, este sono não é normal. Dorme como dormem os hipnotizados, que só despertam obedecendo à ordem mental do hipnotizador. Antes de eu chegar aqui, que aconteceu?

— Ele teve uma horrível crise nervosa, com violentos espasmos e gritos confusos — respondeu Osarsip. — Parecia estar em luta contra uma força superior à sua, e pude entender que gritava a alguém: "Fora! Fora daqui!" Minha mãe e eu estávamos a seu lado e não fazíamos outra coisa a não ser

observá-lo e esperar que se aquietasse. Não pensamos nem por um momento que essas palavras fossem dirigidas a nós.

O médico ficou pensativo e continuou em silêncio. De repente, saindo de seus pensamentos, disse:

— Chamai, por favor, o templo e, se for possível, que venham os dois sensitivos do alto conselho.

Carmi saiu pela grande porta aberta pela galeria coberta que ligava o grande palácio ao templo de Mênfis.

Não tardaram muito em aparecer o pontífice Membra com os dois médiuns sensitivos clarividentes que haviam sido escrupulosamente provados desde há muito anos.

Tinham ambos a faculdade altamente desenvolvida de perceber os pensamentos dos demais e de ver quanto se passava no plano ou esfera astral da Terra.

Isto exige uma preparação prévia. Para perceber personagens e cenas de planos elevados era-lhes necessária uma concentração profunda e absoluta em silêncio ao redor.

Todos se colocaram em torno do divã no qual dormia o faraó.

Uma força invisível, tremenda, empurrou tão violentamente os dois sensitivos que teriam caído ao pavimento se não tivessem sido sustentados a tempo por Osarsip e Carmi, que estavam a seu lado.

Quando se repuseram, o mais velho dos dois perguntou ao seu companheiro de visão:

— Viste claramente?

— Vi e compreendi tudo.

— Também eu. Podemos dar os detalhes do que percebemos? — perguntou o ancião ao pontífice, que parecia mergulhado em profunda meditação.

— Eu não sou clarividente, mas tenho a intuição do que estais vendo. Falai e vejamos se minha intuição é certa.

— Duas inteligências tenebrosas, que dominaram a rainha-mãe durante toda a sua vida, despertaram-na violentamente da perturbação em que estava e a amarraram ao corpo do faraó, fazendo-o cair na pesadíssima perturbação em que ele está.

— Vejo exatamente a mesma coisa— observou o mais jovem — e penso que somente uma força mental muito poderosa poderia fazer o faraó voltar a seu estado normal.

— Que a Eterna Potência nos conceda essa força a todos aqui reunidos! — disse o pontífice com voz clara e solene atitude. Fez-se profundo silêncio.

De repente, o jovem faraó deu um salto formidável e ficou em pé com os olhos desmedidamente abertos, cheios de terror, gritando como enlouquecido:

— Vai daqui, maldita!... Não és minha mãe, nem eu sou teu filho!... Aborto do inferno! Vai daqui! — E cobriu os olhos com ambas as mãos para não ver aquilo que lhe causava horror.

A força mental daqueles que o rodeavam foi acalmando-o pouco a pouco, até que se deixou cair sem alento sobre o divã e seus violentos soluços ressoavam surdamente na imensa sala de audiência.

Osarsip, com os dois clarividentes, passaram para um gabinete contíguo, enquanto o pontífice, Ohad e Carmi permaneciam junto ao faraó. Quando este serenou completamente, Membra falou assim:

— Amenhepat, meu filho — disse com voz comovida e plena de ternura —, se fui como um irmão junto a teu pai, devo ser como ele mesmo houvera sido junto a ti em circunstâncias como estas. Duras lições dá a própria vida aos que vêm a este mundo com o encargo de conduzir povos, que são almas, mentes, inteligências dotadas de livre-arbítrio para agir bem ou mal. Consegues dar-te conta exata do que te aconteceu, Amenhepat?...

O jovem faraó olhou para o pontífice e seu olhar interrogava. Quis falar e não pôde. Não encontrava as frases que desejava pronunciar. Olhava as muralhas... mordia as mãos..., buscava, buscava e não encontrava.

— Fala, meu filho. — disse Membra enlaçando-o. — Faz de conta que sou teu pai.

Ohad e Carmi envolveram-no com toda a força amorosa do pensamento. Finalmente, Amenhepat disse com voz apagada e profundamente triste:

— Estou vencido. Sinto-me pisoteado, humilhado..., indefeso. Os deuses me abandonaram às fúrias das trevas. Minha mãe deu-me sangue de víboras e também sou uma víbora. Não posso ser senão uma serpente venenosa para todos.

"Fugi..., fugi de mim, vós, homens do templo. Não me vedes convertido num monstro?..."

— Estás em erro, meu filho!... São malignas visões que forças negativas tecem diante de ti para desesperar-te. Tens em ti o sangue de Seti, teu avô, de Ramsés, teu pai. E eles foram pais do seu povo, deram paz e vestimenta a milhares de seres.

— Mas repetiram muitas vezes a palavra que mata: "*Caia a morte sobre ti, criatura infeliz, maldita dos deuses*" (tal era a frase com que os faraós aplicavam a pena de morte).

— O eterno poder julga os que governam povos e dirigem almas — disse solenemente o pontífice.

Enquanto, com serenas reflexões fortalecidas pelo pensamento de seus súditos, Membra foi conseguindo que o faraó voltasse a seu estado normal. Osarsip, com os dois sensitivos, no gabinete contíguo, averiguavam, como de um escuro abismo, o que ocorria no plano astral ao redor de Amenhepat.

Um deles disse:

— As perversas inteligências que dominaram a mãe querem incorporá-la no corpo jovem e são do faraó, e por esse meio trazer ao Egito os mais baixos e ruins agrupamentos de seres que possam fazer a humanidade voltar ao que foi na época dos Wormidas* da Lemúria, como o estão fazendo na Assíria e em outras regiões do planeta. Sabemos que, de tempos em tempos, essas inteligências malignas conseguem apoderar-se das pessoas nascidas nos degraus dos tronos, para, mediante seu poder de obsessão, realizar seus fatais desígnios.

"De tal meio se valeram em épocas passadas para destruir as grandes escolas de sabedoria divina, os profetas brancos, os flâmines e os kobdas, produzindo as épocas de grandes decadências nas civilizações humanas que passaram.

— É toda a verdade — acrescentou o companheiro. — Entre os hicsos, os astecas e os assírios, sabemos que estão os restos dispersos das raças wormidas da Lemúria, que ainda não foram afastados pela eterna potência para mundos inferiores.

"O incompreendido Anek-Aton foi no nosso Egito a barreira infranqueável que impediu a entrada dessa corrente fatal, que corrompe almas e destrói civilizações.

"É verdade que morreu esgotado por tão tremenda luta, e os humanos o julgaram um fracasso, um vencido, porque sua doutrina e seu ideal foram arrancados do povo com ameaças de morte; entretanto, ficou vivo e triunfante nos templos onde as mentes adiantadas o assimilaram e levaram aos quatro pontos cardeais.

"E hoje..., é necessário que reconheçamos, Osarsip, que és tu o escolhido para fazer brilhar novamente a luz divina no meio deste mundo. O alto sacerdócio de Sais, de Heliópolis e de Tebas segue a estrela que parte de Mênfis, e que é a que Anek-Aton deixou sob os véus do mais impenetrável segredo e silêncio de Ísis, símbolo da alma divina que gera e governa os mundos."

— O tempo dirá — respondeu Osarsip meditabundo — porque na época atual vejo diante de mim vários caminhos e em todos eles enormes dificuldades.

"Que faremos com o faraó?"

— Orar e trabalhar mental e materialmente para libertá-lo da funesta ação exercida pelas inteligências que venceram sua mãe, até levá-la ao desastroso fim que teve.

"No momento não há outro meio. Nosso Deus Pai fará o que nós não pudermos fazer", afirmou o mais jovem dos clarividentes.

---

* Foi a raça maligna e feroz que causou a decadência na Lemúria, até ser submergida.

* * *

Pouco tempo depois destes acontecimentos, o faraó determinou que o superintendente vice-rei se encarregasse com preferência da severa vigilância das fronteiras, fortalecendo as guarnições com novos fortins e destacamentos de arqueiros, e que deixasse a ele e a seus conselheiros a administração e o governo interno do país.

Sua irmã, a princesa real, foi nomeada autoridade suprema da educação religiosa e social do Egito, para o que, cada templo, grande ou pequeno, devia abrir uma escola para tal fim. Isto foi efetuado em todas as cidades importantes e até nos povoados mais distantes.

— Parece — disse Thimétis a seu filho — que o faraó procura afastar-nos de seu lado.

— Em boa hora — respondeu Osarsip —, porque se tornou tão insociável e de mau caráter que não é nada agradável permanecer perto dele.

Em virtude desta nova disposição, Osarsip passava sua vida viajando em contínua vigilância das fortalezas e fortins que guardavam a fronteira. Sua mãe vivia envolvida numa rede de atenções, encargos e de notícias que chegavam de todas as cidades e povoações sobre a criação de escolas e as necessidades que elas tinham.

Essas longas ausências do superintendente vice-rei facilitaram, por conseqüência, a aproximação junto ao faraó de personagens que se haviam mantido um tanto afastados do justiceiro vice-rei, a quem, em segredo, chamavam "Olhos de Águia", aqueles que não estavam completamente de acordo com ele quanto às formas de governo e o modo de encarar as grandes questões que sempre são debatidas na administração e desenvolvimento de um grande país.

O superintendente vice-rei cortara radical e completamente tudo aquilo que favorecia excessivamente a uns em grave prejuízo da grande maioria. A sempre debatida questão dos escravos e dos amos; dos servos e dos senhores; das grandes negociatas, que são riqueza de origem clandestina para uns e que deixam enorme déficit no erário do Estado, acabando por cobri-lo de privações e sacrifícios do povo... Tudo fora devidamente regulamentado pelo superintendente vice-rei, que não transigia de forma alguma com nada que não fosse o estritamente justo.

Os mal-intencionados mantinham em relação a ele dissimulada aversão, e em suas secretas conversações de política e finanças apelidaram-no de "Esfinge de Gizé". Viam-no duro como aquele enorme bloco de pedra imóvel entre as areias do deserto.

Como não faltou quem o visse realizando passeios solitários nas noites de lua junto a uma ou outra das grandes pirâmides próximas de Mênfis e da Esfinge, monstruosamente grande e solitária, rodeada, além do mais, por tra-

dições pavorosas e ultraterrenas, tinha Osarsip conquistado o secreto qualificativo de "Supermago", que munido de ocultos poderes subjugava tudo à sua vontade.

É assim que a ignorância unida à malícia humana vai formando pouco a pouco esses ambientes duvidosos, complexos, nos quais ninguém consegue definir o que há de verdade no sinuoso labirinto.

Consciente de suas grandes responsabilidades, o superintendente vice-rei não se dava ao trabalho de averiguar nem pouco nem muito se gostavam ou não de sua maneira de agir como segundo chefe, administrador de um grande povo. Ele sabia que agia com justiça e isso lhe bastava.

Numa de suas viagens, Osarsip devia acompanhar a princesa Dami, filha dos reis da Síria, que a havia prometido a Ramsés I para esposa de Ramsés II, quando ambos tivessem a idade competente.

Em razão das intrigas da rainha Ghala, já conhecidas do leitor, essa data tinha passado e era urgente que o faraó do Egito desse cumprimento ao que fora pactuado.

O rei Arihoc da Síria tinha sua residência em Sídon, que na época era a capital de seus vastos domínios. Quando Osarsip desembarcou nesse porto, o próprio rei saiu para recebê-lo com numerosa escolta.

O jovem filho de Thimétis, princesa real, deslumbrou o rei sírio com sua vigorosa beleza varonil, realçada com o esplendor de sua vestimenta e condecorações de príncipe real e vice-rei do Egito, e julgou que era o faraó que comparecia em pessoa para celebrar no seu palácio as bodas com a sua filha. Não era isso, em verdade, o costumeiro em tais casos; entretanto, como esteve a ponto de rebentar uma guerra por falta de cumprimento dos acordos anteriores, não era de estranhar essa grande concessão da parte do soberano do Egito.

O rei sírio extravasou-se em reverências e homenagens no momento em que Osarsip descia do grande navio iluminado de tochas e completamente engalanado, que ancorava ao anoitecer no grande porto de Sídon.

Quando Osarsip se inclinou ante Arihoc e lhe entregou sua credencial, o rei, muito assombrado, perguntou:

— Não sois o faraó, meu futuro genro?

— Sou apenas o superintendente vice-rei do Egito, enviado por meu soberano para conduzir a Mênfis aquela que será sua esposa e rainha — respondeu Osarsip.

O silêncio do rei fê-lo compreender que não havia sido do seu agrado a resposta; no entanto, Osarsip não lhe podia dar outra, e permaneceu absolutamente tranqüilo como todo aquele que cumpre seu dever e diz a verdade.

Nem sequer se deteve em pensar que o rei sírio houvesse sofrido uma desilusão.

Mais tarde, quando tiveram lugar as aclamações destinadas a estreitar mais os vínculos de ambos os países, e compreendendo o rei a capacidade do vice-rei do Egito, e que tinha sido ele quem pusera em ordem as relações do país com todos os países vizinhos, disse esta frase em extremo reveladora para Osarsip:

— Em confiança e aqui entre nós, jovem amigo... Vós deveríeis ser o faraó do Egito.

— Por quê?

— Porque a princesa real, vossa mãe, soube fazer de vós um grande governante de povos.

— Obrigado, em nome de minha mãe. Mas, quanto a mim, digo, ó rei, que só comecei a conhecer e a compreender os reis e os povos depois de ter-me comprometido e conhecido a mim mesmo.

"É bastante difícil, mas julgo tê-lo conseguido numa décima parte."

O rei Arihoc da Síria olhou-o assombrado diante da resposta à qual ia retrucar; mas Osarsip não lhe deu tempo, pois não julgou prudente manter o rumo que a conversação havia tomado.

— Permito-me pedir-vos que me apresenteis à vossa filha, minha futura soberana, e me deis ao mesmo tempo a vossa permissão para entregar-lhe os presentes do meu soberano, o faraó.

Osarsip tirou de um bolsinho interior de sua capa de peles de leopardo, um precioso cofrezinho de marfim com incrustações de ouro e rubis e o abriu diante do rei.

O estojo, que por si mesmo era uma jóia de valor, encerrava um colar formado por uma finíssima filigrana de ouro, tendo em cada elo engastado um brilhante.

— Isto é uma riqueza fabulosa — exclamou o rei. — O faraó mostra-se sobremaneira esplêndido.

— É grandemente generoso e nobre, motivo por que me antecipo em meus augúrios de felicidade para aquela que será sua esposa-rainha, e para vós, ó rei, que lhe proporcionais esta oportunidade.

O rei agradeceu com grande satisfação o elogio e desapareceu atrás de um cortinado. Osarsip aproveitou sua ausência para fazer um sinal ao chefe e oficiais da escolta que o aguardavam na ante-sala, pois devia entregar em sua presença a oferenda do faraó.

Quando o rei Arihoc voltou a apresentar-se, trazia pela mão sua jovem filha, a princesa Dami, coberta por um riquíssimo véu amarelo-ouro que se arrastava para trás numa longa cauda sustentada por seis jovenzinhas vistosa-

mente ataviadas. O rei levantou o véu e Osarsip inclinou-se diante dela apresentando-lhe o presente do faraó. A jovem permaneceu absorta observando-o sem estender a mão para recebê-la.

— Recebe, minha filha, o presente que o faraó te envia.

A visível perturbação da jovem foi interpretada de forma diferente da realidade. Entretanto, tudo ficou mergulhado como num cofre fechado no coração da donzela favorecida com tão valioso presente.

Esse coração dizia sem palavras:

" — Se o mensageiro fosse o faraó!... Como será o outro?"

Osarsip, ultra-sensível aos pensamentos relacionados com ele, percebeu o pensamento da veemente princesinha síria, e apenas o rei colocou em sua filha o valioso colar e manifestou seu agradecimento, o superintendente vice-rei se despediu, anunciando que aguardava a indicação do dia escolhido para a partida.

A jovem foi imediatamente para a câmara de sua mãe, a rainha Daria, e esta percebeu que a filha vinha entristecida, não obstante mostrar que luzia em seu peito um colar como nunca havia tido.

— Desagrada-te acaso o presente do faraó?

— Não, mãe — respondeu. — A única coisa que me causa pesar é que o enviado do faraó vale, para mim, mil vezes mais que o presente de um desconhecido...

— Mas aquele é o faraó, minha filha!... O maior e mais poderoso rei do mundo!... Como dizes essas palavras?

— Não me havias aconselhado a dizer sempre a verdade, como as mais nobres rainhas da Pérsia? Pois a verdade está nas palavras que eu disse.

— Há verdades que tu e eu devemos fazer morrer no fundo do coração, pois tal é a vida para as que nasceram nos degraus de um trono. Não se fale mais disto. Quando será a partida?

— O rei, meu pai, determinará.

— O rei e eu estamos de acordo em dar-te liberdade para escolher entre as damas do palácio as que deverão acompanhar-te. Dedica-te a isto, minha filha, e não penses em nada mais.

Doze dias depois, o grande navio egípcio desprendia suas velas, fazia ondular os pavilhões egípcio e sírio e arrancava do porto de Sídon rumo ao sul, entre os acordes da música e o clamor repetido do povo que da costa se despedia da princesa Dami e aplaudia o faraó do Egito, representado pelo filho de Thimétis, a princesa real dos países do Nilo.

Osarsip, como dono-de-casa no luxuoso navio, era obrigado a fazer as honras habituais em tais casos para com sua real hóspede. Assim era de seu dever conduzi-la à mesa nas horas da refeição e acompanhá-la, quando a jovem

princesa quisesse subir à coberta ou descer nos portos onde fizeram escala. Ela, por sua parte, percebera que o príncipe do Egito folheava continuamente grandes maços de papiros, confrontando com mapas e logo fazendo anotações.

Causava-lhe curiosidade aquele jovem tão grave e austero, que jamais permitia a si mesmo uma brincadeira e ao qual jamais viu sorrir. Afável e suave em seu tratamento, mas jamais alegre e vivaz. Parecia estudar sempre, investigar sempre e, quando abandonava os grandes livros de papiros, mergulhava em silenciosas meditações. A princesinha síria dialogou com suas damas:

— Deve ter muita tristeza — disse.

— Ou terá tragédias de amor — acrescentou alguma de suas companheiras.

— Ou uma noiva morta — disse outra.

— Ou um amor impossível — indicou uma terceira.

Todas elas se equivocavam. Osarsip pensava sempre que sua vida momentânea era um compasso de espera, passado o qual soaria nos espaços a atroadora sinfonia cujas vibrações sentia, talvez, desde a adolescência. Osarsip pensava que estava vivendo um parêntese, talvez demasiado longo, e que depois do qual leria no livro de seus destinos o que o aguardava mais além dessa vigorosa juventude, entre as peripécias palacianas, as deliberações do governo e as meigas ternuras familiares... Sua mãe, oh! a estrela benéfica e radiante de sua vida, ocupava tão grande lugar nele.

A pequena Merik, o lótus branco preso como uma pérola no manto de Thimétis, sob cuja tutela vivia, até que ele, de regresso a Mênfis, se desposasse com ela. Então, um ligeiro sorriso aparecia durante um instante no belo e grave semblante de Osarsip.

Nenhum destes detalhes escapava à princesinha Dami, motivo por que a chefe de suas jovens damas lhe chamara suavemente a atenção.

— Menina, não observeis tanto o príncipe do Egito; se ele chegar a dar-se conta disso, pensará, talvez, muito mal de vós.

— Quando tínheis a minha idade, não gostáveis de observar o belo? — perguntou ela.

— Sim, gostava, filha, mas eu não era filha de reis nem estava destinada a ser a esposa-rainha do faraó do Egito.

— Ah! Sempre voltamos ao mesmo ponto. Que bom seria ter nascido aldeã e pastora e poder fazer o que me vem na vontade!

— As aldeãs andam descalças e carregam lenha — acrescentou uma das companheiras.

— As pastoras limpam os estábulos e cheiram a ovelhas — acrescentou outra.

— Calai todas vós, pois falais muito mal! Em vez disto poderíeis entre-

ter-nos com vossas cítaras e alaúdes, que soam muito melhor que essas inúteis conversações. — Às palavras da chefe das damas de companhia seguiu o trinar dos alaúdes e as meigas canções sírias que muito tinham do arrulho de rolinhas e de rumor de águas mansas.

O grande navio egípcio, o *Rainha Epúvia*, deslizava majestosamente em alto-mar, e quanto se achava na altura do porto de Tiro, a magnífica Tiro de então, chamada *Glória de Hamurabi*, Osarsip chamou discretamente à porta do pequeno salão, denominado "O Recreio", onde a princesa com suas damas se divertia com a música e as danças, para averiguar se a princesa Dami queria visitar a cidade ou preferia permanecer no barco.

— Com um acompanhante como vós, príncipe do Egito — respondeu ela —, penso que não correrei perigo algum em visitar a cidade, donde me foram levados os mais belos adornos e jóias que conheci antes de receber o colar do faraó.

— Muito bem — respondeu Osarsip —, tende a bondade de preparar-vos, pois quando o *Rainha Epúvia* lançar âncoras, virei buscar-vos.

— Príncipe! — chamou Dami —, se isso não vos molestar, eu rogaria que permitísseis que eu participe de vossas leituras, que devem ser muito interessantes. Eu vos vejo sempre absorvido em maços de escrituras. Eu também sou ansiosa por conhecimento.

— Alegra-me sabê-lo, princesa Dami e, visto como o desejais, alguns dos serões da viagem poderemos dedicar ao que chamais as "minhas leituras".

— Por mim, todas as noites eu consagraria em vos ouvir lendo vossos grandes livros.

— Combinado, se é do vosso agrado. Até logo e com a vossa permissão.

O jovem desapareceu atrás do cortinado que cobria a porta.

— Santo céu! — exclamou uma das donzelas. — Tudo o que tem de belo este príncipe do Egito se perde detrás de sua esquiva gravidade. Parece um capitão de lanceiros.

— Não se vê um sorriso nem por casualidade — acrescentou outra.

A chefe das damas de honra havia seguido a princesa até seu camarote particular pois, se não tivesse sido assim, esta conversação das donzelas não teria acontecido.

O *Rainha Epúvia* deitou âncoras defronte ao porto de Tiro e estendeu uma prancha coberta por um rico tapete da Pérsia, para que a futura esposa do faraó descesse a fim de visitar a cidade.

O superintendente vice-rei, encarregado de sua guarda e custódia, apresentou-se com toda a sua indumentária para tal ocasião, e a conduziu, seguida de suas damas, até a escadaria do porto onde uma grande multidão esperava o grande navio que conduzia a filha de seu rei.

O leitor, habilíssimo em imaginar quanto pode supor atrás dos rápidos esboços que faço, para que seja devidamente compreendida a personalidade do nosso personagem central, já terá esboçado nitidamente, como num quadro vivo, tudo quanto nascia, crescia e se engrandecia no coração da princesa síria referente ao seu gentil e respeitoso condutor.

As astutas damas jovens da sua corte cochichavam discretamente entre si:

— Ela se enamorou do mensageiro do faraó — disse uma.

— Se a viagem se prolongar muito, nem as migalhas do banquete ficarão para o faraó — acrescentou outra.

— Eu faria o mesmo — argüiu outra. — Coragem mandar semelhante mensageiro!

— No país das múmias não haverá algum velho com cara de coveiro para vir buscar a noiva do faraó?

— Aposto que a nossa princesa consegue conquistá-lo...

— Aceito a aposta. Um leque de marfim e plumas. Eu aposto que não o consegue!

— Está bem. Está bem! Apenas chegamos a Tiro. Aposto na princesa!...

— E eu no príncipe!... Não estás vendo que ele é como um obelisco de mármore? Nem um único cabelo dele se move, e tem uma cabeleira luzidia...

— Mas ela está enamorada. É tão graciosa e tão bela!

A conversa das mulheres continuava por este estilo enquanto o cortejo avançava pela prancha com uma lentidão majestosa de procissão sagrada.

* * *

— Iniciamos as reuniões noturnas, príncipe do Egito? — perguntou com sua voz suave de calhandra a princesa Dami a Osarsip quando, regressando da visita à cidade de Tiro, a conduzia a seus aposentos particulares no *Rainha Epúvia*, ancorado no porto.

— Quando determinardes — respondeu o interrogado.

— Se sois tão gentil, eu quero que seja esta noite.

— Está bem. No salão-refeitório depois da ceia. Assistirá a chefe de vossas damas de honra e, se o quiserem, as damas jovens. Talvez também elas tenham igual vontade de saber, como vós, princesa.

— Elas se enfastiarão, se aborrecerão. Entendem só de música e de danças.

— Como quiserdes, princesa. Até logo mais e com vossa permissão. — O príncipe fez a habitual reverência e retirou-se assim que uma donzela levantou a cortina do camarim da princesa.

A donzela que, na aposta, ia pelo príncipe, disse ao ouvido da sua companheira:

— Vou ganhar de ti o leque de marfim e plumas!

A opositora abriu desmedidamente os olhos e mordeu o lábio inferior:

— Ainda não te vejo refrescando-se com ele! Deixa que comecem as reuniões noturnas e então me dirás...

— Silêncio! Vem aí a açafata.

Quando, algumas horas depois, os criados deixavam livre das baixelas e dos manjares o refeitório, foram iniciadas as reuniões com Osarsip sentado junto a um grande candelabro onde ardiam círios de cera perfumada, e a princesa Dami com a chefe das damas de honra e duas damas jovens, as que haviam feito a aposta do leque de marfim e plumas.

— Este volume — disse Osarsip, contém umas antiqüíssimas escrituras que relatam a vida de um rei atlante, da raça tolsteka, e da dinastia dos Atahulfos, chamado Anfião de Orozuma, apelidado o Rei Santo.* Lerei a passagem que relata a viagem na qual foi conduzida a princesa que devia ser sua esposa, pela semelhança que existe entre essa passagem e a nossa situação atual, princesa, na qual me vejo altamente honrado, conduzindo aquela que será a esposa do meu soberano.

Osarsip escolheu sem dúvida essa passagem para impulsionar a princesa Dami a se observar no límpido espelho da princesa Odina de Dyaus, em cuja acrisolada dignidade se estatelaram os atrevidos galanteios de seu condutor Alpha-Huari, irmão do rei Anfião de Orozuma.

Duas semanas mais navegou o *Rainha Epúvia* até ancorar no porto de Said, onde o faraó, com grande escolta, aguardava a noiva num pequeno veleiro que continuaria a viagem pelo Nilo até o grande palácio de Mênfis, situado sobre a mesma margem do rio.

O nervosismo da princesa Dami era bem notório para aqueles que a haviam acompanhado na longa viagem. Muito embora a presença do faraó não fosse desagradável para ninguém, para ela o foi em extremo, pela simples razão de que o sentimento despertado por Osarsip se havia intensificado além do conveniente. As reuniões noturnas no refeitório do navio não deram o resultado esperado por uma das jovens damas que fizera a aposta, a qual, resignada em sua má sorte, disse com muita graça:

— Na verdade, vejo claro que não me refrescarei com o leque de marfim e plumas. Tu o ganhaste. O príncipe não passou de um complacente leitor.

— Agora teremos que agüentar a tragédia de uma rebelião dela contra um amor que lhe será imposto.

— Não creias que seja assim... Ela acabará por submeter-se ao que deve

---

* Esta antiga escritura era uma das que o sacerdote Neferkeré legara a Osarsip, quando se encontraram no templo de Luxor, proveniente, segundo o doador, dos emigrados atlantes quando aquele continente foi submergido no mar.

ser. Em Tiro, seria sempre uma segunda de seu irmão, o herdeiro. Aqui, será a primeira, a esposa-rainha. Parece-te pouco ser a rainha do Egito?...

Em torno desse mesmo tema, Osarsip teve outro diálogo com o faraó a bordo do *Cisne Real*, engalanado com todo o luxo e que os levaria a Tebas, onde Amenhepat mandara preparar no antigo palácio real um aposento especial para a futura esposa.

— Não quero que ela more sob o mesmo teto onde foram presenciados tão espantosas tragédias — explicou a Osarsip.

— Muito bem pensado, faraó. Mais de uma vez pensei o mesmo durante a viagem. Se não dispões de outra coisa, o grande palácio de Mênfis pode ser ocupado pelas numerosas repartições necessárias à administração pública, e que agora estão espalhadas por vários edifícios.

— Agora seguiremos viagem para Tebas. Se desejares, podes ficar em Mênfis.

— Obrigado, faraó. Devo ver minha mãe e não quero tardar um dia mais.

— A propósito... Talvez a princesa real esteja ressentida comigo!

— Como? Por que há de estar?

— Já verás. Veio visitar-me duas vezes e não a recebi.

— Que aconteceu? É um tanto estranho.

— Desde aquela horrível tragédia que sabes, e que não quero nomear, acho que estou meio enfermo ou meio louco. Tenho momentos de plena tranqüilidade e de absoluta confiança em todos os que me rodeiam e servem. Entretanto, vêm rajadas fatais, nas quais uma cólera surda me invade e, se não estou alerta, compreendo que seria bem capaz de matar qualquer um...

Osarsip não se alterou, mas permaneceu calado e pensativo.

Recordava os alarmantes presságios feitos pelo pontífice Membra e pelos clarividentes do conselho do templo, enquanto viam tão de perto a horrível crise de convulsões, desmaios, perda do conhecimento, letargia hipnótica, etc., que o faraó teve logo depois da morte da rainha Ghala.

" — Nós o vemos em grande perigo de vir a sofrer uma obsessão de alguma entidade que acaba de deixar a matéria. O ódio e o rancor que ela lhe guarda torna possível tão funesto domínio."

Estas palavras foram pronunciadas pelo pontífice logo depois de uma secreta conversação com os dois clarividentes que pensavam de igual maneira.

Osarsip lembrou-se disso mas manteve absoluta serenidade.

— Isso passará, Amenhepat, no novo cenário onde vais atuar. Falarei com minha mãe, que é muito mais consciente do que pensas, e ela compreenderá muito bem o estado de ânimo em que te encontraste durante todo este tempo. Acredita-me, somente para satisfazer teu desejo, encarreguei-me da honrosa missão de conduzir da Síria aquela que será tua esposa e rainha do Egito. Por

mim, não houvera querido afastar-me do teu lado. Há muitos que poderiam desempenhar melhor do que eu a alta missão de que me encarregaste. Em compensação, o que eu poderia ser em relação a ti nas circunstâncias em que estavas... tão reservadas e secretas. Enfim, já passou e creio que tudo voltará à normalidade.

— Que os deuses te ouçam!... Que me adiantas da esposa que me trouxeste?

— Que merece ser a tua companheira no trono do Egito. É uma grande dama.

— Houve um momento, eu te asseguro, que julguei ter agido erradamente enviando-te para conduzi-la. Eu devia ter mandado o capitão general do exército, com o notário-mor do templo... — Ao dizer isto, o faraó cravou em Osarsip um olhar cheio de malícia.

Osarsip manteve tranqüilamente o olhar embora na sua sensibilidade tenha chegado viva a sutil aragem de desconfiança ou suspeita indigna e quase ofensiva que julgou descobrir nas palavras e no olhar do faraó.

— Terias procedido maravilhosamente bem, faraó — respondeu. — Bem sabes que meu temperamento esquivo e algo rude não faz de mim a pessoa mais indicada para tornar-se agradável a uma jovem princesa, habituada sem dúvida a essas primorosas homenagens e finíssimas atenções que homens rijos como eu não são capazes de fazer. Contudo, te asseguro ter feito quanto pude por tornar-me digno de ti, que me havias dispensado essa honra. Não sei se fui capaz de contentá-la. Se não o consegui, perdoa-me, ó faraó, e que ela também me perdoe.

— Oh!... Ela está encantadíssima com o meu mensageiro... Temo até que me suplantaste.

— Gracejas, faraó!... De modo nenhum! Como poderia alguém suplantar o soberano do Egito no coração de uma jovem que desde menina é chamada de esposa-rainha do faraó?

"Sua mãe mencionou que a jovem não tinha outro sonho senão o de realizar esta viagem ao país do Nilo.

"Ela guardava no seu aposento o vosso retrato a óleo, nos vossos doze anos, os mapas e croquis de nossas grandes cidades e do nosso belo rio margeado de palmeiras e com brancas velas flutuando sobre suas ondas."

A serenidade de Osarsip ao dar-lhe esta habilíssima resposta fez mudar o olhar do faraó, que se tornou confiante e suave como naquelas férias de estudantes nas quais Osarsip foi o irmão e fiel guardião que o salvou dos mil obstáculos a que o expunham seus incautos devaneios juvenis.

É evidente a existência dessa força invisível mas viva, real e verdadeira denominada *força negativa,* ou seja, o mal em aberta e eterna luta contra o bem.

No mal vive o ódio; no bem vive e reina o amor.

O mal é obra intelectual mal concebida ou fruto, ou ainda criação, de inteligências pervertidas e conscientes do mal que fazem e querem continuar fazendo para satisfazer maus desejos, loucas ambições, ou realizar criminosas vinganças elaboradas mentalmente desde longo tempo.

O bem é também obra intelectual bem concebida, fruto e criação de inteligências iluminadas pela verdade divina, que é luz, conhecimento, amor e harmonia perfeita. É Deus vivendo nelas.

Leitor amigo, se meditas e analisas fibra por fibra, fio por fio, estas breves linhas que acabas de ler, poderás compreender facilmente a transformação operada em Amenhepat, o jovem faraó do Egito, que se tornou conhecido com o nome de Ramsés II.

Sua infeliz mãe, a rainha Ghala, ao deixar a matéria através do veneno com o qual acabou também com a vida de toda a sua criadagem, no plano astral foi unida naturalmente às numerosas legiões de inteligências desviadas do caminho da eqüidade, da retidão, da justiça, o que vale dizer que, por lógica, ficou amarrada por essa tremenda força negativa, apesar de invisível aos seres que vivem na Terra. Morreu envenenado o seu corpo e envenenada a sua alma pelo ódio mais profundo contra seu próprio filho e por todos os que estavam com ele. Em primeiro lugar, o superintendente vice-rei e sua mãe, a princesa real.

Osarsip e Thimétis eram dois nomes odiosos para ela, e culpados, segundo seu critério, de não ter podido dominar a seu bel-prazer seu filho, que tão incapaz e débil foi diante dela durante sua primeira juventude.

Sentia-se viva e forte para vingar-se de quantos haviam estorvado o seu caminho e levado a seu tremendo fracasso.

No plano astral, imediato ao plano físico, todas as atividades se assemelham até a exatidão às que são realizadas no nosso plano físico, e também são consolidadas alianças estupendas, não só contra um indivíduo em particular mas também contra instituições, governos, povos e cidades.

Nunca, é verdade, triunfa em definitivo o mal sobre o bem, mas consegue retardá-lo em seu glorioso caminho para a luz, para a verdade e para o amor perfeito. Cria dificuldades, levanta obstáculos, interpõe barreiras que parecem intransponíveis e com tudo isso produz grandes martírios, dores, cansaços em

todos aqueles que, constituídos pela lei divina em apóstolos do eterno ideal, se esforçam e lutam com denodado afã para levar a cabo a obra à qual estão consagrados.

Osarsip e Thimétis encontravam-se frente a frente com esse aluvião de forças negativas empenhadas em prejudicar seu caminho para o alto e nobre fim a que haviam sido designados.

O instrumento escolhido para triturá-los e vencê-los era o próprio filho de Ghala de Siracusa, que desse modo realizava sua vingança sobre as três vítimas escolhidas: Amenhepat, Osarsip e Thimétis.

Dominado por terrível obsessão, o faraó encheu-se de ciúmes contra Osarsip por causa da estima que observou em sua esposa para com o superintendente vice-rei. Sem que ela fosse culpada da mínima imperfeição, afastou-a bruscamente da vida social, em tal forma que quase correspondeu a uma clausura absoluta nas dependências do palácio dourado de Tebas, que desde sua coroação lhe fora destinado.

Desolada em extremo, a princesa Dami pediu socorro à princesa real, irmã mais velha de seu esposo, ao superintendente vice-rei tão amado pelo seu povo, mas o mensageiro foi surpreendido e pagou com sua vida o fato de haver-se prestado a esse serviço.

Osarsip e sua mãe estavam igualmente ameaçados de morte.

Membra, o pontífice, chamou Osarsip em seu gabinete particular.

— Tenho notícia confirmada — disse — de que o faraó quer a morte de tua mãe e o teu desterro. Ficas avisado, meu filho. A aspereza do teu caminho já começou.

"Não percas o valor, que o eterno Poder te assiste, e teus amigos do templo são teus aliados para sempre. Não esqueças isto."

Ao abandonar o gabinete do pontífice, esperavam-no na ante-sala seus dois mestres da infância, Ohad e Carmi, e logo depois das saudações de praxe, este último lhe disse:

— Retorna imediatamente ao castelo porque antes do pôr-do-sol irá o novo médico real, que é ao mesmo tempo chefe supremo da "Casa da Vida" (nome que davam à clínica que nas grandes cidades existia para a assistência pública), levando um ramo de rosas vermelhas da Pérsia como homenagem à princesa real, pelo aniversário de seu nascimento. As flores foram envenenadas e causarão a morte no término de três dias.

— Mas, é possível que esse homem seja um criminoso? — interrogou Osarsip, que não podia crer no que ouvia.

— Faz algum tempo que nossos clarividentes vêm observando suas experiências de magia negra. Como, ao atender o faraó em suas crises epiléticas, descobriu sua intenção de fazer desaparecer tua mãe através do veneno e a ti

pelo desterro, ofereceu-se para aceder à sua vontade e escolheram esta data que bem dissimula o crime.

— O aviso que o pontífice acaba de dar-me obedece também ao que foi percebido pelos clarividentes?

— Não — responderam ambos ao mesmo tempo. — Enquanto estavas no seu gabinete, nós fazíamos a meditação do ocaso e foi ali que nossos clarividentes perceberam o aviso do ramo de rosas da Pérsia.

— O aviso do pontífice deve ter tido origem nas informações obtidas através da dama-chefe da rainha, que é viúva de um irmão de Membra. Ela o mantém informado de tudo quanto ocorre na casa dourada de Tebas.

"A rainha, que muito ama a tua mãe e a ti, envia sua dama-chefe com o fim de trazer mensagens ao pontífice quando algo grave ocorre e que se pode remediar."

Numbik, o fiel criado que Osarsip herdou do ancião sacerdote Neferkeré, aguardava-o no átrio exterior do templo.

— Meu amo! — disse, cheio de angústia. — Se não fizermos nossa gôndola voar, chegaremos tarde ao castelo.

Andando ambos a largos passos em direção ao cais, Osarsip perguntou:

— Que queres dizer com isso?

— Antes do pôr-do-sol querem matar vossa mãe.

— Céus!... Também estás envolvido nesta tragédia? — perguntou Osarsip indignado.

— Uma escrava da dama-chefe da rainha acaba de dizer-me, por ordem de sua ama. Disse isso chorando. Quanto todos amam a tua mãe, meu amo!

Bem imaginará o leitor que a gôndola do pavilhão dourado corria sobre as ondas do canal com uma velocidade de ganso perseguido por um bando de negros abutres.

Quando desembarcaram no pequeno cais de mármore do castelo, viram ao longe, na avenida central das acácias florescidas, a princesa real, que passeava lentamente, seguida a certa distância por duas damas e o maior de seus pagens.

Osarsip dirigiu-se para ela.

— Mãe — disse depois de beijar-lhe a mão. — Antes do pôr-do-sol virá de Tebas o médico real como embaixador de teu irmão, o faraó.

— Verdade? Então quer dizer que não esqueceu esta data e quer deixar hoje no esquecimento sua estranha frieza para comigo — respondeu Thimétis sorridente.

— Ele quer celebrar o teu aniversário com tua morte.

— Como?... Não digas isso, meu filho, por favor! Amenhepat está cheio

de coisas raras desde a morte de sua mãe, mas nunca chegará a ser um criminoso. É mais enfermo que mau.

Osarsip informou detalhadamente a mãe sobre quanto haviam dito no templo o pontífice e seus dois mestres, Ohad e Carmi. Além disso, mais o aviso de última hora que a escrava da dama-chefe da rainha deu a Numbik no átrio exterior do templo.

Thiméthis ficou pensativa.

Recordou os ensinamentos ouvidos em sua juventude de seu inesquecível mestre Amonthep:

"— É mais freqüente do que geralmente se crê o fenômeno da posse momentânea ou permanente tomada por uma inteligência desencarnada de um ser vivo na matéria com fins bons ou maus, segundo essa inteligência seja arauto do ódio ou do amor; do erro ou da verdade; da luz divina ou das trevas do mal."

Depois de reviver esta recordação, Thimétis falou repousadamente, ao mesmo tempo que se apoiava no braço do filho para continuar seu passeio:

— Tudo isto que me revelas, se for certo, leva-me à conclusão de que no faraó ocorreu algo terrível: a obsessão exercida provavelmente por sua própria mãe com fins de vingança, porque Amenhepat por si mesmo não é capaz de maldade nem de crime.

"Tenho-o observado desde menino e o conheço bem. Meu pobre infeliz irmão!... Que gravíssimo erro cometeu meu pai unindo-se àquela mulher!

"Mas..., esse espantoso domínio de uma entidade invisível sobre um ser vivo na matéria só é possível quando este abre suas portas internas por uma deficiência moral grave. Que deficiência pode ter sido esta no faraó? Sabes alguma coisa, meu filho?"

— Sim, mãe, eu sei!

— Nunca me disseste. Qual é, Osarsip?

— Desde que trouxe da Síria a princesa Dami, os ciúmes vêm trabalhando na mente do faraó. Ele a supõe enamorada de mim e a mantém relegada à sua dependência particular na casa dourada de Tebas, sem permitir-lhe vida social alguma. Ela enviou um mensageiro pedindo-te auxílio, mas, antes que chegasse aqui, ele foi detido no caminho e, na luta, para não entregar a carta que trazia, o infeliz perdeu a vida e o documento foi parar nas mãos do faraó.

— Embora ignorando tudo isto, desde antes da morte de teu pai vinha assaltando-me um vago temor por causa de um sonho que ele teve relacionado com tudo quanto acabas de mencionar, e reforçado com teu sonho de há dois anos, quando o faraó anunciou seu pensamento de enviar-te para trazer sua prometida esposa da Síria. Lembras deles?

— Sim, mãe. Anotei-os no meu diário. Sonhei que o mestre Amonthep

me disse: — "Aproxima-se o dia em que o faraó ordenará a morte de tua mãe e o teu desterro."

— Ó, meu mestre Amonthep, velando pela mãe e pelo filho! O céu de luz que te deu a mãe Ísis é a compensação de tua admirável fidelidade!

Terminava a princesa real de fazer esta amorosa evocação quando, já próximos do cais, viram uma das gôndolas reais ancorar nele. Os guardiães do cais apresentaram armas perante o personagem que desembarcava, que era o médico real com um grande ramo de rosas vermelhas da Pérsia, habilmente encerrado num globo de cristal amarelo ouro, como a cor do pavilhão da princesa real. Ela e Osarsip detiveram seus passos e ele lhe disse a meia voz:

— Acaba de chegar o que foi anunciado.

Thimétis tornou-se branca como a touca que lhe cobria a cabeça, mas não se moveu. Osarsip fechou os olhos, ergueu-se quanto pôde, como aquele que faz um supremo esforço muito íntimo, e quando o médico real se encontrava a dez passos, gritou com toda a sua força, estendendo em sua direção a mão direita que tremia:

— Detém-te, e não dês nem um passo mais!

O homem caiu de costas sobre o ladrilho de pedra que cobria o pavimento da avenida central do parque e não fez o menor movimento. Os homens de sua escolta, que o viram cair, levantaram-no rapidamente e nos olhares de terror que dirigiram ao superintendente vice-rei diziam claramente:

— Mataste-o.

Viram Osarsip arrancar um galho de uma árvore e com ele empurrar o ramo de rosas para a fossa na qual eram queimadas diariamente as folhas secas arrancadas pelos ventos do outono.

— Meu filho! — exclamou a princesa real, com suprema angústia. — É o começo do teu desterro. Foge!...

— Ainda não, mãe! — e Osarsip, com um poderoso apito, chamou todo o corpo de guardas para que apresassem a gôndola real, impedindo o seu regresso a Tebas. — Ainda sou superintendente vice-rei, e sem uma ordem escrita do faraó retirando o poder que ele me deu, as forças de terra e do mar devem obedecer-me.

"A Suprema Divindade é também justiça, minha mãe, e ela estará sempre comigo." E, dizendo assim, conduziu a princesa real a seus aposentos.

Antes de chegar à escadaria da entrada do castelo, encontraram Merik, toda alarmada e chorosa, pois as donzelas que haviam acompanhado Thimétis no passeio levaram ao castelo a alarmante notícia.

A jovem abraçou-se a ela ao mesmo tempo que, olhando com medo para Osarsip, disse:

— Mataste esse homem!... Por que o fizeste, Osarsip, e trouxeste o horror

a este paraíso de paz e de amor que a mãe Ísis me deu como refúgio da minha orfandade?

— Continuará sendo um paraíso. Não sofras assim nem te alarmes, que isto não significa nada. Ide ambas lá para cima, para o oratório, a fim de conclamar os anjos do Céu para arrojarem flores de paz sobre a Terra.

Osarsip viu-as subir a escadaria e logo aproximou-se dos homens da gôndola real que, desarmados e rodeados por toda a guarda do castelo, aguardavam ordens.

A escolta que acompanhava o médico real era composta de seis guardas do palácio dourado de Tebas. Osarsip dirigiu-se a eles.

— Qual é aqui o chefe da escolta? — perguntou com uma calma e serenidade que assombrou a todos.

Apresentou-se imediatamente um rígido militar de brilhante uniforme e com o peito coberto de condecorações.

— Sou eu — disse. — Às tuas ordens, superintendente vice-rei.

O nítido sotaque estrangeiro no qual pronunciou estas palavras chamou a atenção de Osarsip.

Seu olhar de lince, a intuição, a luz superior, tudo junto acorreu imediatamente à mente de Osarsip que disse sem se perturbar:

— Eu ignorava, príncipe Leão-Bardi, vossa presença no Egito. Estou certo de que ignorais a missão que trouxe o médico real perante minha mãe.

— O faraó honrava a princesa real neste dia com uma embaixada especial, e vós vistes um inimigo no embaixador enviado. Creio que corresponde a vós solucionar este conflito. O médico real está quase morto. Que fizeste com ele, superintendente vice-rei do Egito?

— Eu o impedi de matar minha mãe. Entretanto, ele não morrerá; não temais. O faraó em Tebas não está rodeado de lealdade e eu estava avisado de que um seu mensageiro viria trazendo a morte para a minha mãe num ramo de rosas envenenadas.

O rígido militar demonstrava um mal contido nervosismo.

— Vinde comigo e comprovareis isto — disse Osarsip. — Que venham os homens da escolta, se temeis deslealdade da minha parte.

Alguns da escolta desceram e outros tantos da guarda do castelo os seguiram quando Osarsip e o militar se encaminharam guiados por Osarsip para a fossa.

O ramo de rosas caíra entre as pedras que a rodeavam. Quebrado o globo de cristal pela queda violenta, deixava ver a cor púrpura de sangue daquelas formosas flores que levavam a morte.

— Não vos aproximeis nem um passo mais, e observai-as um momento.

Aquele era um lugar nada agradável desde que ali se chegava, pois estava

freqüentado pelos roedores que se alimentam dos desperdícios de comestíveis, por aves de rapina e, principalmente, pelos insetos que vivem da putrefação.

Um ratinho com suas crias foram as primeiras vítimas do formoso ramo de rosas vermelhas da Pérsia, que logo se viu rodeado de insetos, pássaros e lagartixas mortas.

Não era necessário tocar as flores para morrer. Bastava aproximar-se delas.

Quando Osarsip viu que duas gaivotas se aproximavam para picotar a graminha que crescia entre as pedras, deu um rápido passo à frente e as espantou para voar.

— Fogo, fogo! — gritou a seus guardas. — Que a morte ceifará aqui toda vida.

Como bem poderá supor o leitor, as testemunhas dessa cena já se haviam posto a maior distância e estavam amedrontados com o que viam.

— Príncipe Leão-Bardi — disse Osarsip —, julgo que estareis convencido de que não foi digna da vossa realeza a missão que desempenhastes perante minha mãe. Ignoro se no vosso país se faz uso destes meios para fazer desaparecer aqueles que estorvam; no entanto, se o faraó quer que minha mãe e eu deixemos livre este lugar, é mais humano ordenar o desterro que a morte.

— Vim da minha terra para vingar a morte de minha irmã Ghala-Vatis, e vós sois a vítima escolhida. Defendei-vos!... — gritou com fúria, sacando do seu cinturão um afiado punhal que enviou como uma flecha ao peito de Osarsip. Este deu um salto rápido para um lado, e toda a guarda se lançou sobre o príncipe estrangeiro, aprisionando-o até deixá-lo imobilizado.

O leitor recordar-se-á do príncipe Leão-Bardi, que viera de Siracusa para a proclamação da princesa Thimétis como princesa herdeira do Egito. Recordará igualmente que ele pediu a mão dela, que não lhe foi concedida, e desde então o príncipe siciliano guardou um secreto rancor porque a negativa deixava insatisfeita sua maior ambição: subir ao trono milenário dos faraós através de um enlace nupcial com a herdeira. Os violentíssimos acontecimentos que no transcurso do tempo foram sucedendo, e que tiveram o trágico fim que o leitor conhece, de tal maneira avivaram a chama do ódio que ao saber da morte da sua irmã, logo depois da reclusão a que fora submetida, chegou ao Egito decidido a se vingar, conseguindo o desterro de Osarsip e a reclusão perpétua ou a morte de sua mãe, a princesa real.

Dominado por essa estranha fúria que acometia o faraó em determinados momentos e dias, Leão-Bardi aproveitou-se de um desses dias e, ajudado por forças negativas tremendas, ainda que invisíveis, obtivera o consentimento para agir na forma que o fez.

Talvez o faraó reagiria mudando seu modo de pensar, mas, se isso sucedesse, já estaria tudo feito, e *o feito, feito está,* dizia o príncipe siciliano.

Mas a eterna Potência, que guarda seus escolhidos para a realização de seus grandes desígnios, dispunha de mui diversa maneira os acontecimentos que deviam suceder.

Um filho do grande sfaz da Mauritânia estudava no templo de Mênfis desde há vários anos, e logo seria um dos hierofantes de mais prestígio no Sacro Colégio.

O pontífice Membra, que era um iluminado no que diz respeito ao porvir, mantinha freqüente correspondência com o soberano da Mauritânia, que era irmão da rainha Epúvia, mãe de Thimétis, e tinha obtido dele amplos poderes para defender Thimétis do ódio e das intrigas da rainha Ghala. Era, pois, o pontífice Membra como um representante do grande sfaz da Mauritânia, e em sua residência particular instalara um escritório onde os residentes mauritanos solucionavam todos os seus problemas.

Esse estado de coisas era aceito pelo governo egípcio desde há vários anos.

Quando ocorreu a tragédia do ramo de rosas envenenadas, e estando ainda a gôndola real no cais do castelo do lago Merik, chegou uma comitiva de vinte cidadãos mauritanos, à frente da qual estava o filho do grande sfaz.

Que assunto tão grave os trazia ao anoitecer à tranqüila morada da princesa real?

Logo depois de uma longa e mui secreta confidência com ela e com seu filho, saiu Thimétis toda coberta com sua grande capa cor de ouro levando pela mão a pequena Merik. O filho do grande sfaz fê-las embarcar no veleiro com pavilhão mauritano e, depois delas, embarcou ele e os vinte cidadãos mauritanos que com ele haviam vindo. Osarsip, revestido com todos os ornamentos de sua alta hierarquia, ordenou à guarda do castelo que deixasse livre a gôndola real e quantos tinham vindo nela. Feito isto, subiu correndo pela prancha do barco mauritano, que levantou âncoras e correu pelo canal com a velocidade que lhe davam seus quarenta robustos remeiros.

A princesa real e seu filho, o ex-superintendente vice-rei do Egito, estavam, desde esse momento, sob o pavilhão mauritano e ninguém podia atentar contra suas vidas sem provocar uma contenda armada.

Eram hóspedes de honra na austera mansão particular do pontífice Membra, representante no Egito do poderoso país dos Filhos do Sol. Ao mesmo tempo, haviam sido despachados mensageiros por terra e por mar para o distante país onde um irmão da rainha Epúvia, mãe de Thimétis, governava o país com a justiça e eqüidade que sempre resplandeceu nos reais descendentes dos gloriosos tolstecas da Atlântida.

Entre os sábios hierofantes do templo de Mênfis, Thimétis e Osarsip es-

boçaram o extenso e radiante programa de suas vidas consagradas a um ideal superior: "A elevação moral e espiritual da humanidade que os rodeava."

Durante muitos dias, meditou Osarsip sobre sua nova situação, não criada nem buscada por ele, mas vinda a ele por vontade alheia à sua.

Nas velhas escrituras do arquivo do templo ele havia lido isto: "Quando acontecimentos alheios à tua vontade se apresentarem a ti, estuda, medita, raciocina e pede a Luz Divina, que chegará assinalando-te o caminho que deves seguir."

— Mãe — disse um dia à princesa real. — Devo empreender uma viagem para longe do país. Há algo dentro de mim aconselhando-me, e julgo isto conveniente para assegurar tua tranqüilidade e cumprir com *algo* que deverei realizar. Não vejo claro o que é, mas sei que tenho de fazê-lo.

"Terias algum inconveniente em dar-me carta de recomendação para o nosso parente, o sacerdote Jetro, desterrado por teu pai nas montanhas de Madian?"

A angústia mais viva se esboçou no belo rosto de Thimétis.

— Esse lugar está tão longe, meu filho!... Quando voltarei a ver-te?

— Teu pai mandou o nosso tio Jetro sair do país. Talvez Amenhepat ordene para mim outro lugar mais afastado e mais mortífero que esse. Desterro-me eu mesmo para onde a sua garra não possa me alcançar e onde terei ao meu lado a sabedoria daquele bom ancião e o calor do seu coração.

Thimétis inclinou sua cabeça enfeitada de branco e duas lágrimas suas caíram sobre as mãos de Osarsip cruzadas sobre seu peito.

— Sim, meu filho, vai. A mãe Ísis te leva coberto com o seu véu. O eterno Invisível guia teus passos. Ele está em ti, e tu n'Ele. Eu te abençôo e meu pensamento te segue. Vai.

— Deixo no Egito o nome que tu me deste ao nascer: *Osarsip*, e tomo o nome que me deu a sabedoria em minhas noites luminosas da iniciação na cripta sagrada, onde se desposa o Eterno com a alma que o busca: *Aton-Moses.*

— Aton-Moses! — repetiu Thimétis como eletrizada por uma visão distante e resplandecente. — Lá no Monte! Que monte será esse que os homens do templo viram quando esse nome brilhou na semi-escuridão da cripta?

— O tempo o dirá, mãe. Como poderemos decifrar os mistérios divinos encerrados na pesada carne que nos envolve?...

Moisés não podia afastar-se da terra que o vira nascer sem fazer uma última visita a um velhíssimo templo quase abandonado e em ruínas que na margem oriental do Nilo e num subúrbio de Heliópolis ainda continuava sua vida milenar de pedra carregada com as recordações de passados esplendores.

Era o templo de On, que fora a escola na qual beberam a luz da Verdade Divina o faraó Anek-Aton e o velho sacerdote que encontrou no templo de

Luxor, Neferkeré. Este lhe dissera que na sua cripta secreta se encontravam as escrituras mais antigas que o Egito guardava. O mestre de sua mãe, Amonthep, tinha-o confirmado também; entretanto as numerosas e complicadas tarefas às quais se manteve atado em seu alto cargo no governo do faraó haviam-no impedido de consagrar-se às investigações idealistas de tal importância.

Mas, agora que já não era nada no país dos faraós, enquanto aguardava a saída da caravana de Madian, bem podia entregar-se com toda a tranqüilidade a dar a seu espírito, enojado das coisas vãs e fugazes, a água clara da sabedoria divina que fizera de Anek-Aton o único faraó que teve o valor de dizer a todo o Egito e ao mundo inteiro que os deuses venerados pelas criaturas terrestres não eram senão centelhas de luz lançadas na vida dos mundos pelo Eterno invisível e único Senhor dos mundos, seres, coisas, ao qual chamava *Athon* que, no idioma tolsteca, significa *altura.*

A despedida da mãe e da noiva adolescente foi dura e cruel para o coração de Moisés, que pressentia uma indeterminada duração. Ele era um desterrado sem ordem escrita mas desejada, pensada e resolvida, à qual ele se antecipava impulsionado pela sua própria dignidade.

Sua mãe e Merik não tinham a necessária resistência física para atravessar os desertos de Shur e de Zhin, com todos os horrores que poderiam sobrevir, tempestades de areia, a força arrastadora dos ventos, os ardores do sol que causava a fermentação dos alimentos muito antes que fossem digeridos, produzindo hemorragias intestinais que terminavam com a morte, assaltos de piratas que raptavam as mulheres jovens para vendê-las como escravas, e os mil incidentes que são possíveis e comuns nas longas viagens pelos desertos desabitados e penhascosos.

Embora com a quase certeza de uma separação definitiva, aceitou e decidiu com sua vontade de ferro, à íntima persuasão do seu Eu superior, de que lá, muito longe..., na solidão dos desertos desconhecidos, encontraria claramente esboçada sua vida futura.

— Antes de partir, amanhã ao amanhecer, eu vos verei novamente — disse no oratório privado do pontífice Membra, onde as deixava alojadas. Mas sentiu que lhe faltava coragem... que elas sofreriam e o fariam sofrer mais, e partiu na escuridão da noite para que ninguém percebesse, e foi esperar fora dos muros de Mênfis a saída da caravana.

De Mênfis ao Deserto

Os hierofantes reunidos na cripta sagrada puseram suas mãos sobre a cabeça inclinada de Moisés numa suprema bênção de amor.

Seus pensamentos, como um divino licor de fogo santo, produziram nele essa espécie de embriaguez dos grandes místicos que, na sua intensidade, costuma assemelhar-se às vezes à loucura, à vertigem, ao delírio.

Essa embriaguez delirante levava-o, como a um ramo desgalhado pelo furacão do deserto, sem outro pensamento a não ser um futuro desconhecido, ignorado..., perdido entre escuras sombras... Que faria mais além?

De tanto em tanto a recordação da mãe dolorida por sua heróica renúncia apressava as batidas do seu coração, e rajadas de uma dor de agonia estremecia todo o seu ser.

Moisés fechava então os olhos e detinha o andar do seu camelo que quase chegava a parar no caminho, até que a voz de algum dos escravos condutores dos animais se fazia ouvir:

— Vamos, amo, que os que vêm atrás estão empurrando-nos!...

Passados os primeiros dias de viagem, julgou Moisés reconhecer a voz do escravo que andava perto dele, e quando pela centésima vez ouviu a frase: — Vamos, amo, vamos!... — voltou-se bruscamente para o lado daquele que a havia pronunciado, e levantando o capuz com que se protegia do vento e do sol o observou fixamente.

— Numbik! — gritou com essa voz que é assombro, zanga, dor, alegria... — Hur não te entregou a carta de alforria firmada primeiro pelo teu velho amo Neferkeré e depois por mim?... Como foi que desobedeceste minha ordem de permanecer no castelo do lago Merik?

— Amo!... Tua nobreza tornou-me um homem livre. E porque me fizeste livre, quis seguir teu caminho e aqui estou. Fiz mal?

— E minha mãe?... Eu não preciso de um guardião, mas ela sim.

— Foi ela e minha liberdade que me mandaram seguir-te, amo...

Moisés silenciou sua voz, mas não silenciou a voz mais forte do próprio coração ao receber, como aragens de asas de seda, o eflúvio suavíssimo dos grandes amores que o seguiram como o resplendor de estrelas distantes que iluminariam sempre o caminho incerto aberto por forças desconhecidas diante dele: sua mãe, sua noiva, seus mestres, seus jovens amigos...

Moisés pronunciou então as mesmas palavras que muitos séculos antes dissera Abel, o jovem kobda visitante do santuário de Neghadá, ao meditar, no campo de lavoura, a gratidão de Nipo que se negava a separar-se dos kobdas

do Nilo: "Nipo, és uma pérola perdida no restolho." Mas com a única diferença que desta vez tornou a dizer:

— Numbik!... És uma pérola perdida entre as areias do deserto. Se devemos chamar *Aton* ao Deus do Amor, que *Aton* te abençoe.

Moisés continuou andando seguido de perto pelo amor do criado fiel, sentindo-se menos só na imensa amplidão do deserto desolado e seco.

De Mênfis a Pithon, nosso viajante fora como uma pessoa sonâmbula em pleno transe, ou seja, fizera a viagem sem raciocínio de espécie alguma, sem aceitar pensamento algum que não fosse este:

"Correr, correr, andar longe, muito longe, ao último recanto do mundo onde nada me recorde o passado..., o que fui..., o que sou..., o que deixei atrás de mim.

Mas ao transpor a fronteira da terra natal, houve a descoberta do antigo criado, e então tudo voltou a reviver como se a mão de um mago houvesse acendido a velha lâmpada votiva no templo abandonado...

A amada sombra do castelo do lago Merik... A imagem augusta da mãe, a bem amada imagem de Merik, a meiga jovem de seus primeiros sonhos de jovem, voltavam a surgir entre esplendores de amanhecer no seu horizonte nebuloso e incerto... Tudo ficava para trás!

Deixara tudo, pensando que talvez não o recobraria jamais!... E seu coração de carne estremeceu numa suprema angústia. No entanto, seu camelo continuava avançando indiferente, como seu amo, à curiosa investigação dos habitantes das povoações que atravessavam.

Em Pithon, alguém sussurrara que naquela caravana viajava incógnito um alto personagem da corte. Mas ninguém imaginou que o superintendente vice-rei, o bem-amado filho da princesa real abandonava seu elevado posto e fugia para o deserto como um criminoso perseguido pela justiça.

Sabendo-o, o povo todo se haveria levantado em massa para defendê-lo. Somente tinham visto nele, atos e obras de uma acrisolada honradez, de uma probidade e justiça que quase chegava ao exagero.

Por que haveria ele de fugir, ele que era como o sol que iluminava tudo, como o Nilo que dava abundância a todos?...

Não teriam podido compreender jamais. Como poderia compreender a larva presa às raízes, que lhe dão vida, que o hortelão arranque o arbusto, lave suas raízes e o transplante em outro lugar?

Quando a caravana se deteve às portas de Ectham, disse Moisés a Numbik:

— Devo entregar uma carta dirigida ao faraó, e que deverá levar no sobrescrito o selo do etnarca, que representa aqui a autoridade suprema do Negeb (hoje Neguev).

"Deixa nossos animais com um dos cameleiros e entrarás comigo na cidade."

Ectham era, na época, a cidade-porto e fortaleza da vasta região do Negeb, e demarcava a fronteira desse país que os *lagos amargos* separavam do Egito, cuja cidade fronteiriça era Pithon. O etnarca tinha como esposa principal uma princesa egípcia, filha de uma esposa secundária de Ramsés I, pai de Thimétis, princesa real do Egito. Era, pois, uma irmã consangüínea dela, e ambas haviam mantido boas relações.

O etnarca também estudara na escola do templo de On, que era a cidade natal do pontífice Membra. Os dois tinham sido condiscípulos e também mantiveram a distância cordiais relações.

Tanto a princesa real como o pontífice Membra não haviam esquecido tão importante detalhe tratando-se de facilitar a Moisés a dura vida de seu voluntário desterro.

Da primeira cidade-fortaleza, e já fora do domínio do faraó, pôde dirigir-lhe sua carta-renúncia e uma despedida concebida nestes termos:

"Os deuses do Egito vos guardem, faraó, e haja paz e abundância em vosso reinado.

"Com a liberdade adquirida por todo homem que age em justiça, decidi abandonar o país do vosso domínio por considerar que meus serviços não são já necessários nem à vossa pessoa nem tampouco ao país.

"Agradecido pelas deferências e amizade concedida por vós, faraó, à minha pessoa e à minha família, envio minha despedida, que é também renúncia imutável."

Osarsip de Mênfis

O leitor compreenderá perfeitamente que o etnarca de Negeb e sua esposa acolheram com benevolência e simpatia a Moisés, cuja atuação como superintendente vice-rei fora grandemente benéfica para todos os países vizinhos, e não podiam explicar a si mesmos a resolução que ele tomara abandonando tão glorioso caminho. Quando amistosamente falaram disto na sua presença, ele respondeu:

— Eu venho do templo de Mênfis em cuja entrada está Ísis velada e com o indicador sobre os lábios, recomendando silêncio...

— Compreendi — disse o etnarca, que na sua primeira juventude tinha sido estudante na escola de um templo egípcio.

Complacente e talvez contente, o etnarca selou o sobrescrito da renúncia de Moisés e a colocou dentro do epistolário que devia ser enviado a Tebas com a possível brevidade.

— Agora?... — perguntou tristemente o etnarca Adradem. — Para onde vai o menino grande de vinte anos?

— Tu o dizes, etnarca: menino grande de vinte anos devo saber o que faço e para onde vou. Sou teu súdito. Vou para Madian.

"Muito perto do porto Abu está a aldeia que tomou o nome do poço que lhe dá a água, Durba, onde os poucos habitantes são pastores de ovelhas, cabras e antílopes. Gente sossegada e mansa como os animais que guardam. Tenho ali um parente de minha mãe, desterrado como eu desde há longos anos.

"Ali será o término da minha viagem."

— Oh, Jetro!... Um grande homem! É lamentável ver que os governantes de povos desterrem de seu lado aqueles que valem e ficam rodeados dos corvos que comem suas entranhas.

— Conhecias Jetro? Alegra-me sabê-lo.

— Quem não o conhece em todo o Negeb? É o juiz, o médico, o mestre e o sacerdote que resolve pacificamente todas as questões. Faz muitos anos que governo este país, e jamais recebi uma reclamação pelos atos, soluções e conselhos de teu parente Jetro. Sempre me foi dito: Tem o sangue de Epúvia, dos *filhos do Sol.* Não são assim apelidados os mauritanos?

— Justamente. Jetro é o segundo dos irmãos de minha avó, a rainha Epúvia.

— E te assemelhas a ele nas inconcebíveis resoluções que tomas para si mesmo.

— Por que dizes isto, etnarca?

— Porque, sendo seu irmão o grande sfaz da Mauritânia, não estaria mil vezes melhor em sua terra que entre os desertos penhascosos de Madian? Não estarias melhor entre os esplendores reais de Mênfis e de Tebas, que entre as manadas de ovelhas e cabras da mísera aldeia de Poço Durba?

— Mais de uma vez falamos isto mesmo minha mãe e eu, e ambos estivemos de acordo em iguais pensamentos.

"Etnarca!... Aluno do templo de On, onde se fiava muito fino o fio de ouro para as redes da psique, não deves estar alheio aos vôos atrevidos e audazes que Ela empreende empurrada por tremendas forças desconhecidas de todos, e, às vezes, até dela mesma. Que buscará Jetro ali? Que buscarei eu?...

"O tempo dirá, etnarca, e dirá tão alto, que todo o mundo se inteirará do segredo que acaso será irremovível e eterno como as pirâmides e a Esfinge dos vales no Nilo."

— Pode ser que tenhas razão, menino grande de vinte anos... Jetro é grande no seu retiro e no seu silêncio, e cumpre um mandato de Aton, o Deus invisível

da paz e do amor... Segues o mesmo caminho que ele. Ignoro o que farás, mas sei ao certo que será algo estupendamente grande e bom... Levas nos olhos a luz dos escolhidos.

"Vai, que o Eterno invisível te guia!..."

Vestindo a escura túnica e o capuz dos peregrinos, Moisés afastou-se em direção ao sul no lento caminhar da caravana, sem voltar a cabeça para trás.

A primeira jornada terminava em Ectham, último povoado antes de entrar no desolado deserto de Shin, que se estendia como um movediço mar de amarelentas areias ao longo de todo o grande golfo com que se anuncia o mar Vermelho, magnífico espelho aberto entre areais ressequidos e serranias abruptas e penhascosas.

O panorama que se apresenta à vista do viajante, que pela primeira vez o contempla, é para amedrontar e sobressaltar a alma de terror, aflição e incerteza.

Em Ectham, devia a caravana passar dois dias e duas noites, contratando os jumentos de carga para toda a provisão da travessia do deserto e para as povoações de Mara, Elimo, Dhopas, Alhus, Rephidin e Paran.

Os viajantes não se conheciam e ignoravam completamente uns aos outros. Nosso excelso viajante apenas era conhecido como "o peregrino e seu criado", cujas vozes não haviam ouvido nunca.

Alguém murmurara:

— Serão mudos esse dois homens?

O leitor e eu sabemos que não lhes faltava a formosa faculdade da voz e da palavra. Mas era tão grande, tão imenso o salto sobre o abismo dado por Moisés em seus vinte anos, que a tremenda sensação de solidão, de abandono, de eterna ausência e de eterno adeus a tudo o que havia sido na vida, mergulhou-o como numa letargia de passiva e fria indiferença que o fiel Numbik não podia romper nem dominar, e se limitava a respeitar com absoluta submissão.

Habituado também aos longos silêncios contemplativos do seu amo anterior, o sacerdote Neferkeré, não estranhava de forma alguma, e apenas permitia a si mesmo pensar:

"— Esse novo amo começa o silêncio de Ísis demasiado cedo."

Mas, chegados a Shur, a alma de Moisés, harpa com cordas de aço, já havia reagido e pouco depois de desmontar de seu camelo, disse afavelmente a seu criado:

— Busca um bom lugar para abrir a tenda, porque passaremos aqui dois dias e duas noites.

Numbik, muito prático nesta classe de trabalhos, armou a tenda junto a um grande penhasco que a protegia dos ventos do sul, e lhe permitia a vista

para as bravias águas do golfo aonde compareciam para beber animais de toda a espécie, grandes aves marinhas e vagueavam também canoas de beduínos nômades e caçadores targhis à procura de animais de boa pele. Tudo isto distrairia a profunda tristeza de seu amo.

Mas, para Moisés, já não era a tristeza o que o fazia sofrer. Grande dúvida absorvia-o completamente, sem dar-lhe tempo de pensar em nada que não fosse isto: "Que farei no fim da viagem? Por que caminhei tanto? Por que não fiquei tranqüilo numa cabana de Ectham, com a amável proteção do etnarca?"

Mergulhado nestas persistentes dúvidas, Moisés subiu ao enorme penhasco que dava apoio e sombra à sua tenda, enquanto seu criado preparava a ceia, a primeira refeição em pleno deserto.

Radiante lua em crescente resplandecia no profundo abismo azul, refletida nas águas do golfo com toda a profusa ornamentação de estrelas distantes que em silêncio seguiam a eterna marcha determinada pelas suas órbitas.

Em muda contemplação, Moisés rememorou antiqüíssimas escrituras encontradas no templo de On, onde aparecia o relato de uns missionários vestidos de túnica azulada, que, no camarote de um barco de passageiros, cantavam para umas crianças inválidas um hino chamado "*A Dança das Estrelas*".

Como uma recordação traz outra, e na solidão as idéias se entrelaçam umas às outras como os elos de uma longa corrente, lembrou-se do jovem pastor Bohindra, que fugitivo e perseguido por um rei poderoso fugira da terra natal para o ultramar, para desconhecidas paragens, e anos mais tarde, sem buscar e sem querer, foi rei dos países do Nilo, e depois soberano e árbitro dos povos de três continentes. Sonharia acaso sua alma dolorida e dilacerada sob o opróbrio da injusta sentença com que a eterna Potência o levava a um destino determinado que ele ignorava por completo?

Rememorou um irmão solitário que no distante país de Ethea viveu mais de cinqüenta anos numa caverna, domesticando renas e semeando cereais e hortaliças, esperando a chegada de um arcanjo do Sétimo Céu que devia descer em vôo audaz à Terra, para curar a lepra da humanidade. Oh!... as antigas escrituras dos templos egípcios em ruínas relatavam ocorrências e esboçavam sinopses e vidas de homens e mulheres que não pareciam ser da mesma matéria que os seres terrestres, que os ventos da vida levavam de um país para outro, de um continente para outro continente através de mares imensos, como folhas que o vendaval arrasta, ou como pássaros errantes sem bosque nativo nem árvore onde pousar, nem ramo no qual pendurar seu ninho... e eles haviam sido fiéis a destinos ignorados nem pressentidos sequer. Por que não podia ele sê-lo também, sentindo que uma indomável força o arrancara do lar, da pátria cheia de grandezas, dos braços amorosos da mãe..., de um risonho crepúsculo de amor que nascia como o sol entre o avermelhado da aurora?...

Moisés deixou-se cair sobre uma saliência da montanha, cobriu o rosto com as duas mãos e um soluçar abafado como tempestade distante misturou-se ao rumor das ondas do golfo, onde deslizavam, serenos, os negros cisnes de pescoço arqueado e as garças cor de pérola.

Foi esta a última debilidade de Moisés, como um imenso cisne voando audazmente por cima de um palácio em ruínas. Ergueu-se de repente e, não descendo lentamente montanha abaixo, mas com um formidável salto, se colocou diante do fogo aceso junto à porta da tenda e disse serenamente a seu criado:

— Numbik... Os ares do golfo deixaram-me faminto. Dá-me de comer.

— Oh! Graças aos deuses, amo, que vos fazem voltar à vida! Aqui tens guisado de codornizes com lentilhas e o pão que acabo de tirar do forninho.

Moisés estava como num dia de festa. Vencera tudo, saltara por cima de tudo..., até por sobre o seu próprio coração! Triunfara sobre si mesmo e parecia disposto a celebrar, jubiloso, sua magnífica vitória.

A maravilhosa sensação que Moisés experimentava nesse instante, é conhecida por todas as almas chamadas pela eterna Lei para uma vida superior, e principalmente as escolhidas para desempenhar uma missão dos céus perante a humanidade da terra.

Os embaixadores divinos conhecem bem o que custa este formidável salto sobre o abismo. As dilacerações internas, tão dolorosas e profundas, os adeuses supremos a tudo quanto se ama, as ausências eternas como tumbas que se abrem devorando desejos, ilusões, como quadros vivos, e se fecham logo para não se abrir jamais.

Moisés celebrava a grande vitória da sua vida quando contava apenas vinte anos de idade.

A eterna Potência, que é amor e é justiça, jamais se deixa vencer em generosidade. Se uma criatura humana, mergulhada nas densas brumas da matéria, foi capaz de uma renúncia semelhante, que fará a eterna lei com ela e para ela, como divina compensação de uma entrega tão absoluta?

O céu transbordou sobre Moisés nessa noite, quando o silêncio próprio do cansaço e do sono envolveu o acampamento dos viajantes naquele escondido vale, entre uma escura muralha de montes que recortavam suas silhuetas sobre o azul do céus, iluminados por uma lua crescente.

Numbik dormia no interior da tenda, e Moisés, sentado à porta sobre uma pele de leão, observava as chamas da fogueira que se extinguiam pouco a pouco, dando lugar a que se percebesse mais suave e misteriosa a claridade branca da lua e as distantes estrelas, que pareciam observar o solitário em meditação.

Muitos dos viajantes pernoitavam na povoação que, embora não fosse

senão uma aldeia grande, Ectham lhes oferecia melhores comodidades que uma tenda entre penhascos e restolhais em pleno deserto.

No entanto, Moisés precisava fugir das pessoas, pois entre elas poderia ser identificado, visto como durante sua atuação no governo havia-se mostrado a imensas multidões nos atos públicos aos quais o obrigava a sua posição. Tinham ficado no acampamento apenas os guardiães dos animais, o sentinela de plantão e Numbik, que, envolto numa grossa manta, descansava entre fofas palhas, mas não dormia. Numbik recordava as últimas palavras da princesa real que, chorando, lhe recomendava seu filho:

"— Se ele vela, vela tu com ele. Se ele dorme, dorme tu a seu lado. Confio-te a vida do meu filho, meu único amor neste mundo" — e, repetindo suavemente estas palavras, Numbik estendeu seu braço e apalpou o arco e as flechas, seu alfanje árabe, e um pequeno machado de atirar; todas suas armas que, de antemão, colocara ao alcance de suas mãos. Observou depois a silhueta de Moisés através da cortina da porta, deixada descerrada para observação ao exterior. Nem um único lagarto se aproximaria dele sem que o fiel criado deixasse de percebê-lo.

É a fidelidade uma virtude tão rara e escassa na humanidade da qual formamos parte que, quando encontramos um ser dotado dela, nos parece digno de ser colocado sobre um pedestal muito mais alto e glorioso que todos os pedestais sobre os quais a humanidade coloca aqueles que chama seus heróis triunfadores nos campos de batalha e em ações bélicas das mais grandiosas conquistas.

Deve ter chegado à fina sensibilidade de Moisés a vibração da inquietação que Numbik sofria vendo-o só e fora da tenda, porque de repente disse em voz alta:

— Não dormes, Numbik?

— Não me vem o sono, amo; parece que está em atrito comigo.

— Não está em atrito contigo, mas tu o rechaças porque queres acompanhar-me desperto. Dize se isto é ou não verdade?

O criado sentou-se no leito e respondeu:

— Sim, meu amo, é a verdade. Adivinhas sempre a verdade, e perdoai-me; contudo, não me é possível esquecer as palavras de vossa mãe, a princesa real: "Se ele vela, vela tu com ele. Se ele dorme, dorme tu ao seu lado."

— E tu a obedeces. Está bem; muito bem. Mas como eu estou verdadeiramente em atrito com o sono, convido-te a vir para o meu lado enquanto dura o nosso fogo e enquanto a lua continua iluminando a paisagem agreste.

Sem deixar a manta que o envolvia, Numbik sentou-se junto a Moisés, que imediatamente lhe perguntou:

— Com que idade entraste no serviço do bom ancião Neferkeré?

— Quando tinha seis anos, meu pai ficou viúvo, e como era ele e minha mãe quem cuidava daquele homem santo desde que foram assassinados seus pais pelos bandoleiros que assaltaram o templo de Sais, com a morte de meu pai fiquei a seu lado, onde vós me encontrastes com trinta anos completos.

— Estiveste durante vinte e quatro anos com ele?

— Efetivamente.

— Estás já há três anos comigo.

— E se for do vosso agrado, ficarei convosco até que o sepulcro me trague.

— Não queres o amor de uma donzela, não queres formar um lar feliz?

— Não pensei nisto, amo. Parece que isso está muito fora de mim.

— Por quê?

— Porque para mim, em primeiro lugar e o mais importante, é velar e cuidar da pessoa que me tem a seu lado como um servidor e guardião. Não me sinto capaz de obrigar nenhuma mulher a aceitar este meu dever. Além do mais, se logo aparecem filhos, como poderei andar com a mulher e os filhinhos às costas seguindo o amo?

— Quanto a isto tens razão, mas nem o sacerdote Neferkeré nem eu poderíamos permitir-nos o feroz egoísmo de prejudicar teu direito à felicidade, que pode ser, no teu entender, o lar e a família.

— Ele me falou em igual sentido quando completei a seu lado vinte anos. Não sei se percebeu que eu mantinha conversas amistosas com a filha de um guerreiro berbere que ia de um país para outro contratado para guerrear com o amo que melhor pagasse.

"Houve desentendimento entre nós, porque eu lhe disse:

"— Não estou contente de que vivas da matança que faz o teu pai em cada campanha guerreira na qual se alista. Ou te afastas de tua família, ou te afastas de mim.

"— De que vives tu? — perguntou-me ela.

"— Meu amo, o sacerdote Neferkeré dá-me quanto necessito e sou como um seu filho — respondi.

"— Quando ele for uma múmia encerrada numa cova, que farás tu?

"— Trabalharei no que se me apresentar; menos em matar homens — respondi.

"— As guerras trazem riquezas. Meu pai tem uma pequena arca com ouro e lindas jóias, e quando tiver bastante comprará um jardim de prazer em Tebas, que dizem ser como o próprio paraíso dos deuses — referiu-me ela ingenuamente, e talvez sem saber o que dizia.

"— Eu jamais pensei em tornar-me rico — disse-lhe — e, se tanto te entusiasmam as riquezas, deves afastar-te de mim que nada posso prometer. — Assim terminou nossa amizade e não voltei a encontrá-la nunca mais."

— Nem todas as donzelas do Egito são como ela — disse Moisés —, e eu ficaria alegre se escolheres uma honesta e boa mulher e celebrares esponsais com ela.

— Minha companhia vos atrapalha, amo? Se assim for, voltarei para Mênfis, para o lado de vossa mãe; e se ela o permitir, lá morrerei. — A voz tremia, quase como um soluço na garganta do criado quando disse tais palavras.

— Não, Numbik, não me estorvas de modo algum; apenas me preocupa ver seguires minha vida incerta e errante. Sou um proscrito, um prófugo desterrado talvez para toda a vida. Poderei, dentro de um princípio de justiça, prender-te ao meu ignorado destino?

— Prendo-me eu mesmo, amo, e não vós.

— E por que razão hás de prender-te a mim?

— Eu não saberia dizê-lo... Parece que vos abandonar seria o mesmo que arrancar minha própria vida... — e ao dizer isto, o fiel Numbik dobrou sua cabeça sobre os pés de Moisés e começou a soluçar como uma criança duramente castigada.

— Numbik!... Numbik!... De que mundo vens, anjo caído na Terra como uma estrela num pântano? Como hás de estorvar-me, se és uma luz no meu caminho?

"Vamos! Levante-te e esquenta o teu vinho com tâmaras, que tua confidência gelou até a medula de meus ossos."

Ao ouvir essas palavras, o coração fiel de Numbik se engrandeceu como uma flor ao calor do sol e logo o caldeirão de cobre estava no tripé sobre o fogo que ardia novamente em labaredas avermelhadas.

Sem pretendê-lo e sem buscar, Moisés pusera a descoberto a alma do seu fiel criado. Aquela grande alma carregada com a redenção de um mundo se aquietava suavemente na placidez do céu ao contato desse amor desinteressado e silencioso, que nada buscava nem pedia, a não ser segui-lo sem jamais perguntar:

— Para onde vamos?...

O sol do amanhecer surpreendeu a caravana penetrando pelo grande deserto de Ectham, que se prolongava por doze dias de marcha lenta entre ressequidos areais até Marab e Elimo, aldeias formadas ao redor de profundos poços de água doce que vertentes subterrâneas alimentam perpetuamente dando vida entre tanta desolação às palmeiras centenárias que sombreavam as escassas vivendas existentes no que fora, séculos atrás, florescentes povoações.

Moisés, conhecedor de velhas escrituras do passado pré-histórico, rememorou as atividades de Beni-Abad, o fundador da raça árabe, que fez conhecer a paz, a abundância, a suavidade da convivência fraterna entre os homens quando a grande fraternidade kobda governava os países regados pelo Nilo.

A Visão do Passado

Três dias levaram nossos viajantes para avançar entre um areal ressequido e tão imenso que só percebiam a vasta planície amarelenta unindo-se numa escura linha ao azulado espaço também ilimitado. Como se sente pequena a criatura humana rodeada e envolvida por tão vasta imensidão!

Ao amanhecer do quarto dia de vida no deserto, Moisés começou a sentir-se diferente do que era antes.

Sua vida presente diluía-se como entre uma nebulosa que ia escurecendo lentamente até o esquecimento quase completo.

Voltou até ele um passado remoto que hora após hora foi adquirindo vida real, com imagens claras e bem definidas, como as que são vistas em sonhos, e que ao despertar ainda cremos que existem, que vivem...

— Mas eu estou acordado — disse ele com seu pensamento. — Eu não durmo. Estou andando sobre o manso animal que me conduz. Não sonho... Que é isto? Que é que me acontece?

Então chamou Numbik e dialogou com ele sobre coisas triviais, buscando distrair-se e espantar assim as visões tão vivas que surgiam à sua mente.

— Que vês neste ilimitado deserto que atravessamos?

— Há três dias estou querendo ver uma árvore, um pouco de erva..., amo, e já perdi a esperança de ver algo mais além deste imenso campo de areia. Vem uma lombada, depois um baixio, logo outra duna e nada mais senão este mar de areia amarela e seca, subindo, descendo, voltando a subir... E pensar que durante doze ou quatorze dias deveremos passar assim!

— Não vêm à tua mente outras idéias, outras imagens, como recordações de cenas vivas?

— Não, amo... Nada mais! Quando me acossa a fome, começo a ver os bons manjares que vossa tia Jacobed preparava para nós lá no castelo do lago Merik, e então...

Um inesperado riso de Moisés cortou a palavra de Numbik, que se voltou para ele inundado de alegria.

— Oh! — exclamou o fiel criado. — Quão bom é ver o riso em vosso rosto, pois é um aviso de que o vosso coração também ri!

— Está bem! Está bem! Antecipo que, a partir deste momento, verás meu riso com mais freqüência. A travessia do deserto está silenciando minhas recordações próximas e despertando outras de uma remotíssima distância.

Sem incidentes dignos de menção, continuou a monótona caminhada até que um dia o megafone do guia fez ouvir este aviso:

— Maraba a meia milha, onde pernoitará a caravana.

— Graças aos deuses, amo, porque a fome começa a me atormentar.

— E voltavam as visões da nossa cozinha do lago Merik, não é, Numbik?

— Sim, amo, voltavam!

— Creio que Maraba te dará uma boa alimentação — acrescentou jovialmente Moisés.

— Que o conceda assim a mãe Ísis, porque este deserto está consumindo-nos.

— Exageras, Numbik. O deserto tem belezas e suavidades, se soubermos encontrá-las. O deserto me diz muitas coisas porque sei muito do remoto passado destes caminhos que vamos percorrendo.

— Oh, meu amo, quanta semelhança encontro entre vós e meu antigo amo, o sacerdote Neferkeré, que Osíris, bendito seja, levou para o seu reino! Ele sempre falava do passado e pouco ou nada do presente!

— É que o passado é como um venerável ancião, e o presente é como uma criança que começa a viver. Qual dos dois te parece que sabe mais de todas as coisas: o velho ou a criança?

— Claro está, amo, que o velho sabe mais.

— Observaste esses montinhos de areia e ramos secos que de tanto em tanto encontramos?

— Oh, sim, e quantos vimos ao longo do caminho!

— Pois sabe que nas velhas escrituras encontradas na cripta do templo chamado de Seti I, em Abidos, o faraó Anek-Aton diz ter feito remover muitos destes montinhos que se formaram sobre templos ou pirâmides com criptas, que são tumbas e ao mesmo tempo arquivos, onde os antepassados estudiosos, sábios e filósofos deixaram escondidas suas descobertas, suas experiências, as tradições ou crônicas recolhidas ali por outros antepassados deles.

— Desejaríeis, amo, sem dúvida escavá-los também à medida que os vamos encontrando?

— Não. Tenho a certeza de que quanto viveu oculto sob esses amontoamentos de areias e sarçais secos, encontrarei na pobre aldeia do Poço Durba, fim desta viagem. O sacerdote Jetro, tio de minha mãe, percorreu todas estas paragens; e o deserto, que tão áspero e mau te parece, foi pródigo com ele, e lhe desvendou todos os segredos milenares que guardava. Ele viveu e vive feliz com o que o passado lhe deu, descoberto nas vastas solidões que séculos atrás foram cenário de dramas e epopéias que o homem de hoje ignora por completo.

— Amo, já vejo a crista das palmeiras de Maraba, o que significa descanso e comida. Graças sejam dadas à mãe Ísis que vê a nossa necessidade.

Uma hora depois, estavam diante de uma cadeia de grandes penhascos que formavam uma muralha natural ao redor do que foi, vários milênios atrás,

a grandiosa *Maraba*, cidade real, metrópole dos domínios de pedra que pertenciam a Beni-Abad, o glorioso e justo fundador da raça árabe, quando a fraternidade kobda dirigia a corrente civilizadora de três continentes.

O camelo de Moisés havia-se ajoelhado para que descesse, mas ele não percebeu isto, abismado, observando o mísero conjunto de casas erguidas por entre os penhascos e as palmeiras que davam sombra à fonte de água doce.

— Maraba! Maraba!... — exclamou, enquanto sua mente foi desenfiando pérolas brancas e negras da recordação. — Os hierofantes do templo de Mênfis dizem que em mim está encarnado Abel, filho de Adamu e Évana. Ele viajou por este mar em cujas margens me encontro. Seu barco deve ter feito escala em Maraba, residência obrigatória do grande Marab de então, Elimo-Abad, segundo filho de Beni-Abad.

"Oh, a eterna vida da alma humana! Centelha ingente e viva, imperceptível aos nossos olhos de carne, mas eternamente viva, sofredora e atormentada através dos séculos e das idades!..."

— Amo!... Chegamos, e o camelo se queixa porque tem sede e sente o cheiro da água — disse Numbik.

Moisés deu um grande suspiro e desceu. A águia poderosa flutuava nos cumes e as pequenas coisas da vida física obrigavam-no a descer na areia fina da planície.

Enquanto o criado arrumava a tenda e preparava a refeição, Moisés examinou os grandes penhascos que circundavam o casario, esperando encontrar uma pegada, um vestígio do que aquilo foi no distante passado.

Alguns viajantes que o observavam faziam comentários entre si:

— O peregrino mudo procura pedras preciosas ou veios de ouro nos penhascos.

— Anda errado — disse outro. — Se houvesse algo, os nativos certamente não o teriam deixado para os viajantes.

Chegaram a Moisés estes pensamentos e quis demonstrar-lhes que não era mudo nem procurava tesouros materiais entre os penhascos de Maraba.

— Amigos — disse afavelmente. — Se fizestes várias vezes esta viagem, conhecereis as tradições que os velhos comentam acerca desta vila.

Dissimulando a impressão de ver seus pensamentos respondidos, aqueles viajantes se aproximaram, e um deles disse:

— Oh, senhor viajante, sim! Meu avô dizia ter ouvido contar grandes coisas de Mara, e em primeiro lugar que antigamente a denominavam *Maraba*, porque era a residência do soberano o qual chamavam grande Marab.

— Eu, que sou viajante, comprador de essências aromáticas para as cidades do Delta, ouvi muitas coisas destas povoações costeiras do mar Vermelho. Se são verdadeiras ou fábulas, não posso assegurar.

"Diz-se que estes lugares estão povoados de gênios justiceiros e terríveis, que fazem morrer de repente todo aquele que tem maus sentimentos e abriga daninhas intenções para com os demais. À vista disto, bem poucos ficam para viver permanentemente aqui.

— Quer dizer que os perversos fogem? — perguntou Moisés. — Tanto melhor, pois ficam apenas os homens de bem.

— Sim, é assim — acrescentou o outro viajante —, por isso o único ser que permanece inabalável nestes lugares é o mestre Jetro, porque só pensa em fazer a seus semelhantes todo o bem que um homem pode fazer a todos os que cruzam pelo seu caminho. A mim ensinou, não só a ler e a escrever, como também a ser um negociante honrado. Ele reside em Poço Durba, a meio dia de Paran.

"O mestre Jetro, sim, sabe tudo o que há por saber destes lugares e de todos os lugares deste mundo. É a sabedoria feita homem de carne e osso."

— Satisfaz-me muito saber isto — respondeu Moisés —, porque eu vou até ele. Ele é irmão de minha avó materna e espero aprender a seu lado tudo quanto devo saber.

O assombro daqueles viajantes apareceu vivamente diante de Moisés. Observaram-no em silêncio como a um ser quase maravilhoso, e depois um deles disse:

— Havia razão para que guardasses tanto silêncio, até o ponto de pensarmos que serias mudo. O mestre Jetro é tão avaro em suas palavras, que quando alguém o designa para fazer um discurso, ele apenas diz: "Está bem. Que a paz esteja contigo." Ninguém lhe arranca uma palavra mais. Entretanto, sem falar, ele resolve todos os problemas.

— Quanto vos aborrecereis ao seu lado, senhor viajante, com tão poucos anos como deveis ter! É insubstituível o mestre Jetro como clínico, como juiz, como escriba, como homem de consulta que sabe tudo. Mas viver junto a ele deve ser como um homem casar-se com uma múmia.

Moisés sorriu perante essa afirmação e logo disse:

— Eu espero fazê-lo falar...

— Claro está, pois sois seu sobrinho, e deverá fazer muito tempo que não vos vê...

— Ele não me viu nunca! Eu vim ao mundo quando ele já se encontrava em Paran.

— Santo Osíris imortal! Maravilhas nunca vistas!... Não o conheceis nem ele vos conhece, e vindes viver junto a ele!... Deveis ser de outra raça que não é a deste mundo.

— E lá, junto a Paran, à vista do monte dos gênios que matam!... — exclamou o outro com espanto. — Jovem..., creio que não sabes o que fazes!

Pelo que me é possível, venho por aqui uma vez ao ano. Se puder vos servir em algo, por esta mesma época estarei aqui no ano que vem.

— Obrigado, amigo — respondeu sorrindo Moisés. — Creio que me encontrarei bem ao lado de meu tio. Devo parecer-me com ele em meus gostos.

Esta conversação foi interrompida por Numbik ao se aproximar de seu amo para avisar que a tenda estava pronta e a refeição o aguardava.

Os viajantes entraram na povoação e Moisés em sua tenda, satisfeito de ter ouvido dizer que "Jetro sabia quanto pode saber um homem destes lugares e de todos os lugares do mundo".

— É a companhia que necessito para encher todos os vazios do meu arquivo particular — murmurou, deixando-se cair na pele de leão que cobria o pavimento da tenda.

Excitava-lhe a ânsia de descobertas do passado naquelas áridas paragens conhecidas através de velhas escrituras. Tirando da sua sacola de pele de foca, que era o seu arquivo de viajante, velhos rolos e cadernetas de pergaminho, procurou o que correspondia ao país de Arab na pré-história.

No volume intitulado com esta epígrafe: "*Arquivo do sacerdote Neferkerê*", Moisés reunira os velhos manuscritos que o ancião lhe entregara e que provinham do templo chamado de *Seti I*, que foi quem o mandou reconstruir em Abidos, sobre as grandiosas ruínas que existiam desde a época de Anek-Aton, o faraó justo, como o chamavam, e que foi seu ilustre fundador. O leitor recordará a visita feita por Osarsip, aos dezesseis anos, a esse sagrado recinto abandonado na época, e somente guardado por um casal ancião que servira a Neferkeré.

Num dos volumes se encontrava uma ampla gravação: "*A Árvore Genealógica do Faraó Anek-Aton*", e unido a ela um extenso relato que era a história e a descrição do que na pré-história se conheceu como país de Arab. A antiga e populosa *Maraba*, cidade real, habitação do grande Marab, ocupava várias páginas mencionando o nome de seus caudilhos e dos governantes que mais se haviam distinguido pelas construções feitas, pela extensão dos campos semeados, pelo número de feras que haviam exterminado.

A gloriosa dinastia de Beni-Abad, o fundador da raça árabe, tinha-se perpetuado durante muitos séculos, e num raminho muito afastado do tronco aparecia o nome de Isesi-Abad, na XI geração dos descendentes de Diza-Abad, filho primogênito do ilustre fundador.

Este Isesi-Abad chegara a faraó do Egito, e foi avô e bisavô, respectivamente, dos faraós Anek-Aton e Tutmés IV, este último descobridor da Esfinge enterrada nas areias do deserto desde há longos séculos, quando mandou abrir um dos primeiros canais do Shior (Nilo) para regar os campos.

O velhíssimo manuscrito glorificava a esplendorosa *Maraba*, diante da

qual se encontrava Moisés quase desconsolado pelo paupérrimo aspecto da mísera aldeia que se lhe apresentava.

— A isto são reduzidas as glórias e grandezas de cidades, países e homens! Mas, será possível que o tempo, destruidor inexorável, não haja deixado uma pegada, um vestígio sequer daquele glorioso passado?

"Ó kobdas da pré-história que civilizastes três continentes!... Não me será dado encontrar entre estes penhascos imensos, entre estas serranias pavorosas, um rastro sequer de vossos passos, que tão belas obras deram a estas paragens, hoje quase desertas?

Numbik, em silêncio, colocou diante de Moisés uma pequena arca de couro contendo comestíveis, cobriu-a com uma toalhinha branca, e sobre ela a vasilha de prata que a princesa real lhe dera para que servisse a refeição a seu amo.

— Amo, por favor, fazei de conta que é a princesa real, vossa mãe, quem vos oferece esta alimentação, e não a desprezeis.

Moisés voltou para a realidade da vida e olhou para o seu criado, logo em seguida para o recipiente que brilhava de limpo e nele um formoso peixe assado, entre um leito de azeitonas e rodelas de ovos cozidos.

— O manjar preferido da minha mãe — disse Moisés. — Obrigado, Numbik. Estamos perfeitamente de acordo. Tu te encarregaste de alimentar o meu corpo, e o passado alimenta o meu espírito.

— O passado há de alimentar-vos apenas quando possa trazer-vos a certeza de haver existido e de já não ser senão escombros e recordações?

— Ora, Numbik!... Tornas-te também um filósofo, e não desprezível certamente. Donde tiraste a profundidade desses pensamentos?

— Ó meu amiguinho! Também entre as panelas e o fogo do lar pensamos coisas boas e grandes.

— Bem o vejo, Numbik, bem o vejo; e neste momento me ocorre pensar que sabes muitas coisas..., talvez muito mais do que sei. Acaso o bom Ancião Neferkeré terá confiado a ti segredos importantes antes de confiá-los a mim?

— É verdade, amo. Ele sabia grandes coisas do passado e do futuro. Era um escolhido dos deuses. (Nesta frase, devemos ver a intervenção direta das inteligências superiores que os egípcios chamavam deuses.) *Osíris* falava-lhe nas longas meditações do anoitecer. *Anúbis* e *Hórus* ditavam-lhe muitas escrituras, que ele guardava zelosamente em lugares secretos dos templos onde foi guardião. Um dia, o deus *Anúbis* lhe disse para escavar num determinado lugar fora dos muros da cidade de Dendera, edificada utilizando as grandiosas ruínas da antiqüíssima *Tentira*, cujas dimensões eram muito mais extensas que a nova cidade.

— Sabes o que descobriu?

— Eu, então, tinha somente treze anos e não prestava muita atenção a essas coisas, que não compreendia, mas soube que encontraram entre umas ruínas, uma cripta e uns cofres de pedra, cheios de velhas escrituras e diversos objetos, como símbolos sagrados que foram usados por sacerdotes de antiqüíssimas religiões.

Moisés comia distraidamente como um autômato, pois os relatos de seu criado o interessavam muito, mais do que o pescado com azeitonas que ele lhe servira num recipiente de prata, no silêncio do anoitecer em pleno deserto.

— Não lembras nada a respeito desses símbolos? — perguntou logo depois de um silêncio durante o qual o criado empregou para acrescentar novos troncos ao fogo que se extinguia.

— Creio que eram escudos como camafeus que lembravam algo que deve ter sido muito grande, em vista do júbilo e do avanço que o achado causou ao bom sacerdote Neferkeré... Se os mortos vivem, amo..., ele escutará que digo a verdade. Alguns eram de cobre, outros de prata e alguns de ouro. Uns eram como idolozinhos representando um homem jovem com um cordeirinho nos braços; outros como estrelas com apenas cinco pontas, em vez das seis ou oito que comumente têm; e outros em forma de cruz com um círculo envolvendo a junção dos dois travessões. O amo mandou-me friccioná-los com as cinzas da fogueira até que ficaram muito resplandecentes.

— E depois? Continua o teu relato, que me interessa grandemente, Numbik.

— Pouco antes de chegardes até ele, amo, e quando estávamos no templo de Luxor, onde o encontraste, disse-me que quando ele houvesse morrido, eu me dirigisse a Abidos, para aquela casa anexa ao velho templo que chamam de Seti I, e permanecesse com o casal guardião até a chegada de uma pessoa que devia vir.

"Agora creio que essa pessoa que ele esperava éreis vós, amo. O santo velhinho temia morrer antes da vossa chegada. Sejam benditos os deuses que vos trouxeram a tempo!"

Moisés guardou longo silêncio. Como foi profunda a sua meditação naquela imensa solidão, vendo a chama que consumia a lenha, sem outra testemunha além do humilde criado, também silencioso, porque a irradiação daquela poderosa mente, auscultando o Supremo Desígnio que o levava ao desconhecido, punha uma vibração solene e quase pavorosa no ambiente que o rodeava.

Finalmente, Moisés falou assim:

— Como é grande e belo o teu espírito, Numbik, na tua fidelidade, nas tuas palavras embebidas de veracidade e lealdade, onde não se encontra o engano em parte alguma!

"Tudo o que acabas de mencionar, eu o sabia, quer pelo próprio Neferkeré, quer pela olhadela rápida que pude dar em tudo quanto ele me entregou. As coisas ordinárias da vida, na posição que eu ocupava, me impediram até hoje de um estudo sério de todo esse tesouro de antiga sabedoria que está guardado em minhas maletas de couro de foca, que tu mesmo carregaste sobre os animais que nos conduzem. Por isso, Numbik, eu as conduzi a estas imensas solidões. Estou vendo bem forte a mão do grande Deus invisível de Anek-Aton arrastando-me como um pedaço de si mesmo ao deserto para me encontrar com Ele, que não fala entre as multidões e o ruidoso vozerio dos negócios mundanos, que absorvem e até enlouquecem os homens, mas nas vastas solidões onde a pobre psique não encontra uma fibra de palha à qual se prender...

"Ó, infeliz psique, incauta mariposinha que deves ser obrigada a chegar pela força ao que será o feliz término e fim de tuas jornadas terrestres!"

Absorto o amo e absorto o criado no sutil e elevado ambiente criado, não perceberam que o fresco vento do sul levava centelhas do fogo aos ressequidos matagais e arbustos que os rodeava, até que uma grande labareda começou a se estender ao redor deles. O sentinela do solitário acampamento, que viu de longe o resplendor do incêndio, chegou arquejante, espavorido, pensando que os viajantes dormiam e que a tenda se incendiava.

— Não é nada, bom homem!... — disse Moisés pondo-se rapidamente em pé.

Sentia-se possuído dessa intensa e poderosa força que começou a desenvolver-se nele desde muito cedo em sua vida, e, da mesma forma com procedeu quando esteve diante do mago das rosas envenenadas, estendeu seus braços sobre as chamas que corriam como asas de fogo e as chamas se apagaram subitamente.

O sentinela ficou plantado como um poste diante dele, observando-o com espantados olhos. Numbik observava também assombrado e, para acalmar o sobressalto do sentinela, disse-lhe ao ouvido:

— É um profeta amado pelos deuses, que lhe dão poder sobre todas as coisas.

O sentinela respondeu-lhe também ao ouvido:

— Meu pai está inclinado ao vinho e à jogatina, e entrou em Maraba, onde sei ao certo que deixará tudo quanto ganhamos nesta penosa viagem. Se teu profeta pudesse impedi-lo...

As chamas haviam-se apagado e Moisés entrou na tenda. Numbik e o sentinela, como aturdidos, pareciam esperar...

Um homem saiu dentre as sombras dos penhascos que rodeavam o humilde conjunto de casas.

— É meu pai! — disse quase num grito o jovem sentinela. — Teu profeta mandou-o vir. — E encarando rapidamente aquela pessoa que saía pensativa e cabisbaixa, disse-lhe:

— Por que voltas tão cedo, pai?

— Incomoda-te que eu tenha retornado? Olha, aconteceu-me algo raro. Dispunha-me a jogar e a beber uma boa taça de vinho quando me veio a lembrança de que hoje fazem dois anos que morreu tua mãe. Não sei se foi ilusão, ou se foi o deserto que me transtornou o juízo, mas parece que a vi pedindo-me para voltar a teu lado. Aconteceu algo, por acaso?...

Numbik deu ao sentinela um olhar que falava, e este deu a seu pai a resposta que devia dar:

— Sim, houve um princípio de incêndio e, se não fossem estes viajantes, teria sido difícil apagá-lo.

O discreto Numbik, para terminar tranqüilamente o episódio, interveio imediatamente:

— Se quiserdes celebrar comigo o feliz acontecimento, rogo-vos compartilhar da minha modesta ceia. O amo retirou-se para a tenda porque tem mais sono que apetite. Meus manjares ficaram sobre a toalha.

— A boa amizade se estabelece com pão e vinho — respondeu alegremente o velho — e, já que tu o queres, amigo, seja.

Os três rodearam a pequena mesa preparada para Moisés que, possuído de uma estranha sonolência, muito semelhante ao esgotamento que segue a um grande esforço, havia-se estirado sobre seu leito e dormitava sonhando que um arcanjo radiante punha em sua direita um punção de fogo e lhe dizia:

"— Escreve!"

Quando despertou mais tarde, a lua, como uma pincelada de luz amarelenta, entrava pela vigia da tenda e, acendendo sua lamparina de azeite, escreveu sua primeira inspiração no desterro:

A VOZ DO DESERTO

Mudas as areias e mudas as rochas
Esperam que o simum as façam tremer.
É assim que esperam as almas humanas
Um sopro de fogo para despertar.

* * *

Por nada se turva do silêncio augusto
A grande majestade
Tudo absorvendo, como uma onda imensa
De serenidade.

* * *

Silêncio de abismos, vazios, profundos...
Aqui areia mudas, acima o azul,

Sem aves cantando nem feras rugindo
Assim é o imenso deserto de Shur.

* * *

Se faço algo que vive, meu eu o interroga
É isto a não existência que espera um Criador?
É isto o vazio que guarda em silêncio
De invisíveis gênios a fecundação?

* * *

Sou átomo errante de vida distante
Ou um grito potente..., um solene Fiat
Um milhar de asas que cruzam batidas
Pelo furacão?

* * *

É talvez efeito da insônia minha?
É a magia augusta da solidão?
Mais profundo o silêncio!... Maior o vazio!...
E por fim escuto a voz de Jeová!

* * *

É o deserto o amigo
Que te conduz até Mim
E lá, passado o deserto
A glória do Sinai.

Moisés largou o punção e saiu da tenda como um sonâmbulo.

Olhou para todas as direções e não viu ser vivente ao seu redor.

A lua havia-se escondido atrás de distantes montanhas e nem um rumor de vida se deixava sentir.

Seu criado dormia profundamente e uma sombra silenciosa se estendia como um amplíssimo manto de trevas apenas deixando perceber levemente a cadeia escarpada e desigual dos imensos penhascos que formavam uma muralha ao redor do mesquinho vilarejo.

— Trevas!... Silêncio!... Solidão!... — murmurou como um sussurro a voz de Moisés. — Poder supremo!... Energia eterna!... Deus invisível de Abraão, de Jacó e de Anek-Aton! Perdido entre areais desertos e penhascos informes,

meu eu íntimo te invoca, te chama, no supremo clamor do mais amargo desespero!... Se é verdade que existes e dás vida a quanto vive e vigias as vidas humanas, que coisa é a minha vida diante de Ti? Que faço eu neste mundo; que sou no meio dos homens; e eles, o que são para mim?

Um grande resplendor azulado surgiu nas trevas como um relâmpago numa negra tormenta. Deslumbrado, Moisés cambaleou como um ébrio e caiu de joelhos num atordoamento próximo da loucura.

O azulado resplendor foi tomando forma, e essa forma, semelhante à humana, tinha olhos de infinita doçura a observá-lo e uns lábios que se abriam suavemente para dizer-lhe:

"— Moisés, não me tomes pelo Deus invisível de Abraão, de Jacó e de Anek-Aton, que evocaste, porque não sou senão um Seu enviado para consolar a angústia do teu coração. Ele existe, vive eternamente e eternamente vigia toda vida, e em todos os mundos que rodam como pérolas de fogo na infinita imensidão azul. Não vigiará a ti, escolhido por Ele para o cumprimento de um seu desígnio sobre esta humanidade que te rodeia?"

— Quem és tu que me falas? — pensou Moisés, que não conseguia articular uma única palavra, tamanho era o seu estupor.

— Sou Aheloin, teu irmão, e obedeço ao mandato divino de guiar teus passos de hoje em diante, e transmitir a soberana vontade daquele que é Criador e Senhor de todos os mundos e de todas as vidas. Não te julgues jamais sozinho, porque setenta irmãos estão contigo nesta jornada gloriosa e heróica que estás vivendo. A divina fortaleza te acompanha e nunca serás vencido por nenhum poder neste mundo.

A visão desapareceu tão subitamente como havia chegado, e Moisés dobrou sua cabeça sobre a areia e chorou silenciosamente, como se chora quando uma grande angústia esmaga o nosso coração e, sem esperar consolo nem alívio algum, nos sentimos inundados de força e de amor, maior que todas as forças e amores deste mundo.

— Isto é Deus!... Isto é Deus!... — repetiu Moisés quando pôde falar, e entrou em sua tenda para buscar seu leito para descansar. Como se toda a claridade divina houvesse transbordado sobre ele, seu sonho foi uma história perfeitamente continuada, que se iniciava no mais remoto passado e terminava ali..., perante a muralha de penhascos que rodeavam o humilde vilarejo de Mara, perdido no deserto de Shur.

Moisés viu a si mesmo na distante existência de *Juno*, o perito marujo que sulcava sem medo mares bravios em noites de tempestade, salvando vítimas do feroz egoísmo humano.

Viu-se no pastor *Numu*, convertido em príncipe herdeiro de vastos domínios, também salvando vidas humanas do egoísmo dos poderosos da Terra,

opressores de povos indefesos e embrutecidos pela ignomínia e pela ignorância.

Em *Anfião*, o rei santo, em Port Ofir no monte dos Pinheiros; em *Antúlio*, no penhascal de pórfiro, convertido em refúgio de abandonados; em *Abel*, missionário do mundo civilizado de então; em *Krisna*, pacificando o distante Oriente, oprimido por todas as escravidões...

— Majestade Suprema!... Senhor de todos os mundos!... Se tudo isso fui eu mesmo, um calhau desprendido de um penhasco..., uma larva que se arrasta entre as pedras..., que não serás Tu que acendeste no espaço sóis e estrelas, e as fazes girar em dança gigantesca por séculos e épocas incontáveis?...

"Se a tua força é a minha força; se o teu poder é meu poder; se a tua claridade é a luz que me ilumina..., eu serei para este mundo o que Tu queres que eu seja!"

No sonho, Moisés falou aos gritos e Numbik acordou assustado, crendo que seu amo delirava possuído pela febre. Mas ele lhe disse:

— Volta para o teu leito, Numbik, e dorme tranqüilo, pois não deliro nem tenho febre.

"A mãe Ísis descerrou o véu e agora sei quem sou, e por que estou neste mundo."

A Aldeia das Palmeiras

Como uma fada maravilhosa, a aurora desfolhava suas rosas vermelhas e suas rosas de ouro quando a caravana se punha novamente em movimento, deixando Mara adormecida na aprazível quietude de todo aquele que vive sem conhecimento de um passado de esplendor e sem a mais remota esperança de grandezas futuras.

Moisés, sendo o único conhecedor do que fora o esplendoroso passado de Mara, saía dela com a mente sobrecarregada de grandes pensamentos.

Tinha diante de si outro trecho do deserto, que ali tomava o nome de deserto de Shin, cuja travessia levaria três longos dias com suas noites. Mas ele não pensava no deserto, nem via as lombadas e as dunas de areia pesada que iam atravessando uma após outra, porque rememorava as tragédias de

outra época muito distante, e os personagens que atuaram nelas, pintados tão ao vivo nas velhas escrituras que os escribas de Beni-Abad tinham deixado em rolos de pele de ovelha curtida ao branco. O ancião sacerdote Neferkeré havia-as herdado de um antepassado hierofante do templo de On, em Heliópolis, na época já em ruínas e abandonado.

— Caminho em terras conhecidas através dessas escrituras e através de... — Moisés deixou em suspenso seu pensamento sem atrever-se a repetir a grande verdade. Era tão grande, tão estupendo o mistério da *eterna vida* da psique humana!...

Na visão daquela noite, vira a si mesmo em suas distantes jornadas terrestres e sentia pavor de recordá-las novamente.

E Moisés continuou assim seu pensamento interrompido: "Através de mim mesmo, se é uma realidade que está encarnado em mim aquele Abel, filho de Adamu e Évana."

Foram para Moisés três dias de longas meditações, passados os quais, o megafone do guia fez ouvir sua poderosa voz:

— Está à vista a *Aldeia das Palmeiras.*

Assim chamavam, na época, à antiga cidade de *Elimo*, nome dado por Beni-Abad à segunda cidade de seus domínios e rememorando o nome de seu segundo filho, que foi também seu sucessor quando o primogênito *Diza* torceu o rumo de sua vida e perverteu seus caminhos.

Ao contrário de Maraba, Elimo tinha um aspecto feliz e risonho, pois, se não conservava seu imenso casario de pedras brancas, conservava seus encantos, seu imenso bosque de palmeiras e seus profundos remansos de água doce.

Ao vê-los, Moisés pensou e até disse com entusiasmo a Numbik:

— Com toda a certeza, estas belas palmeiras não são as vistas por Abel, mas netas ou bisnetas daquelas. As que o filho de Évana viu devem ter-se convertido em pó muitas vezes entre a areia, e estes claros remansos de água nos quais se reflete o azul dos céus são certamente pedaços do rio Thorbes, que ia esvaziar suas águas no golfo de Agaba (hoje golfo de Aden).

"Oh! O tempo, as idades, os séculos, Numbik, tudo destroem ou transformam!

"Tem alguma semelhança com a grande lei da evolução, que também transforma e muda a alma humana de vida eterna como Deus.

A caravana fez alto apenas passado o meio-dia, e enquanto Numbik abria e montava a tenda e preparava a refeição, Moisés, armado de um volume de suas gravações em couro, encaminhou-se para os remansos e parecia querer medi-los com seus olhos e com seus passos. Contou doze lagos guarnecidos de juncais e cana-do-brejo, separados uns dos outros por montículos de areia, pedras e sarçais silvestres e que em linha direta, com notáveis curvas seguiam rumo ao grande golfo de Agaba, tal como ele havia suposto.

A caminhada que fez foi longa e Moisés só pensou em voltar quando viu que Numbik corria atrás dele porque a tenda o esperava já bem arrumada e a comida passava do ponto.

— Oh, meu fiel Numbik! Quanta paciência deves ter com este amo louco de sonhos que a mãe Ísis te deu!

— Eu a tenho, amo, e estou contente de tê-la — respondeu o criado, arquejante pela carreira.

— Sabes o que acabo de descobrir?

— Algo do passado!... Esse passado que vos faz esquecer o presente, amo, e meu guisado de carneiro com lentilhas já está esfriando na panela!...

— Vamos andando, Numbik, mas ouve-me. Cada um destes três primeiros lagos tem ao redor setenta palmeiras; e os outros têm umas vinte; outros, trinta, quarenta ou cinqüenta. Que significará isto?

"Estas escrituras dizem que Beni-Abad havia plantado duplas filas de palmeiras em ambas as margens do rio Thorbes, desde Elimo até o golfo de Agaba, que naquela época se chamava *Turvião*, em razão de suas águas pantanosas. Que haverá nesses montinhos que interromperam a corrente de água e secaram as palmeiras que existem ao longo de todo aquele riacho?"

— Por que devemos saber isso, amo? Com a vossa permissão, corro adiante pelo temor de que esta aragem espalhe o fogo e tenhamos outro incêndio como aquele. — O afanoso Numbik começou a correr como um gamo perseguido por chacais, fazendo o grande sonhador concluir que aquele humilde criado estava em harmonia com a vida terrestre cheia de pequenas coisas.

Moisés conhecia a si mesmo como um eterno visionário, voando sempre muito longe dos curtos passos que sua matéria dava sobre a Terra.

Quando terminou a refeição, saiu de novo com seu volume de gravações em couro e dirigiu-se para os lagos. Os primeiros estavam invadidos pelos escravos condutores dos animais aos quais davam de beber abundantemente. Querendo ficar só, Moisés continuou caminhando até que se viu sozinho à margem das mansas águas nas quais as palmeiras refletiam seus verdes abanicos.

Sentou-se num daqueles montículos que dividiam um lago do outro e buscou em seu volume de escrituras o referente às obras que Beni-Abad ou seus descendentes realizaram naquelas paragens de seus domínios.

Excitava a sua curiosidade o fato de encontrar transformado em lagos mais ou menos do mesmo tamanho o que em remotas épocas foi um riacho de regular correnteza.

Finalmente, encontrou a solução do problema. A escritura mencionava que um filho de Elimo-Abad, aconselhado pelo audumbla de seu conselho de governo (audumbla era um clarividente que via o porvir), anunciou que uma grande seca diminuiria enormemente a afluência de água em todos os rios da

região, coisa essa que ameaçava todas as plantações e semeaduras, produzindo, logicamente, perda de colheitas, escassez e fome para os povos.

Esse caudilho, neto do grande Beni-Abad, mandara fazer doze represas de água, cortando o rio com diques de pedra dotados de grandes comportas que se abriam logo depois do transbordamento do rio, regando todos os campos semeados mediante canais condutores de águas, tal como os kobdas da cidade da Paz fizeram no Eufrates.

O correr dos séculos e as avalanches provenientes de ressacas e areia tinham formado os grandes montes com que estavam separados os lagos uns dos outros.

O sol declinava para o ocaso e Moisés continuava caminhando e pensando no que guardariam aqueles lugares, tão variados em seu aspecto exterior: lagos, juncais, palmeiras e penhascos enormes cortando atrevidamente o risonho vale no qual se assentava o vilarejo que, em outras eras, fora a antiga capital Elimo.

De repente, viu um homem saindo de entre os penhascos com um cântaro e se aproximava do lago para recolher água.

Moisés aproximou-se dele sem medo algum e falou:

— Sou viajante da caravana recém-chegada e me agrada encontrar um morador de Elimo com quem falar.

O homem olhou para ele afavelmente, mas deu-lhe a entender que não entendia suas palavras.

Lembrou que o etnarca de Heroópolis avisara que nas povoações do deserto se falava o dialeto berbere que a ele não era desconhecido, porque nos mercados e feiras de Mênfis e de Tebas esse dialeto era falado pela maioria dos vendedores.

Uns momentos depois, o filho da princesa real do Egito e o guardião do humilde cemitério de Elimo se entendiam admiravelmente como se fossem velhos amigos.

— Onde está o cemitério? — perguntou Moisés, que não via a seu redor nada que se assemelhasse a sepulturas.

— Está àtrás deste monte — respondeu, e convidou-o a visitar sua cabana, que era uma gruta de rochas a poucos passos dali.

O guarda tinha uma mulher, que sofria de reumatismo crônico, e uma netinha cega que tocava a gusla.

— Tudo aqui é dor — disse o bom homem —, mas temos em abundância a paz de nossos vizinhos: os mortos.

— Tendes um tesouro, eu vos asseguro — disse Moisés, saudando as duas mulheres. — Eu venho do grande mundo onde há de tudo, menos a paz. De que viveis?

— Há boa pesca nos lagos, e também tenho o meu horto.

"Nos dias de feira, levo minha netinha ao povoado e os mercadores dão-lhe presentinhos se com a gusla consegue atrair compradores. Tudo isso nos basta

para viver. Além do mais, os parentes dos mortos sempre fazem donativos, e estes são extras, porque aqui morre pouca gente."

Moisés meditava e fazia comparações.

Ele nascera junto aos degraus de um trono, filho de uma princesa real, herdeira de um dos mais ricos e maiores países do mundo. Em seus poucos anos, havia sofrido imensamente inquietações dolorosas na alma e grandes fadigas em seu corpo. Agora, era apenas um proscrito, um desterrado que via em perigo a sua própria vida na pátria distante onde ficara sua mãe entristecida e aquele nascente amor que foi a primeira e única doçura da sua vida.

Seu coração de carne queria queixar-se do que diante de todas as luzes parecia uma injustiça. Contudo sua mente, seu Eu Superior, sentiu uma voz sem ruído no âmago de si mesmo, dizendo:

"— Vieste a este mundo para ensinar os homens a viver como Deus quer, e deves conhecer como se suportam todas as dores e como se vencem todos os obstáculos."

— Aheloin! — disse Moisés sem pensar que tinha testemunhas diante de si.

— Que dissestes? — perguntou o guardião, assombrado. — Com essa palavra evocam os velhos desta terra o deus que acalma as tormentas e manda na chuva e nos ventos. Ela também está gravada no grande sepulcro.

— Poderias deixar-me vê-lo?

— Se quiserdes caminhar alguns passos mais... Vinde.

Dando volta por detrás da gruta, Moisés via uma clareira entre dois grandes penhascos paralelos, e era essa a entrada do cemitério, onde a primeira coisa que aparecia era um grande mausoléu lavrado num granito avermelhado. Num formoso relevo via-se no alto um rosto humano com duas grandes asas abertas, e debaixo esta inscrição: "*Aheloin te guarde.*"

— Sabes a quem pertence este sepulcro? — perguntou Moisés, aproximando-se do monumento que demonstrava a antigüidade que tinha.

— Como vês, amo, aqui tudo é tão velho, que os que vivem, pouco ou nada sabem do remoto passado. O guardião que me precedeu morreu de velho há quatorze anos, e ele ouviu algumas tradições ou contos de seu antecessor, que também morreu de pura velhice. Eu ouvi contar que este, que todos chamam "o sepulcro grande", guarda os restos de toda uma dinastia de caudilhos e de reis de uma época tão distante que quase se perdeu toda a informação deles.

— Interessa-me muito conhecer esses contos ou tradições, se não lhe desagrada o meu desejo.

— Como em todas as partes e em todos os tempos, houve o bom e o mau, porque onde andam os seres de carne e osso, ocorre sempre assim.

"Dizem que lá embaixo, onde o Nilo se junta com o mar, existiu um grande templo habitado por magos de boa lei que trouxeram aos povos toda sorte de

benefícios. Entre eles estava o homem que povoou estes desertos de pedra e os limpou das feras, que aqui abundam tanto como os calhaus e as areias. Esse homem, quando pôs tudo em ordem, deixou seu filho mais velho à frente das numerosas tribos que o obedeciam. O herdeiro perdeu a cabeça com o poder e destroçou quanto pôde o que foi realizado por seu pai que, ao saber disto, saiu daquele grande templo, destituiu o mau filho e o castigou duramente, acorrentando-o no 'Monte dos Gênios', por não sei quanto tempo. Em seguida, o pai colocou à frente desses povos seu segundo filho, que se chamava como este vilarejo: *Elimo*, e retornou ao templo para junto dos magos, entre os quais morreu pouco tempo depois. Diz-se que neste sepulcro está guardada a urna funerária do grande homem que tanto amou estas terras e ainda as ama.

"Isto é o que eu ouvi do guardião anterior, e é de supor que alguma coisa, pelo menos, deve haver nisso de verdade. Para fazer um sepulcro assim, tão alto e grande, mais alto que todas as casas que podem ser vistas em Elimo, é porque também seria alto e grande o que ia ocupá-lo.

"Bem vês que em toda esta região não se vê outra construção que se lhe assemelhe."

— Ninguém o abre jamais?

— Nos quatorze anos que vivo aqui, jamais se aproximou alguém do sepulcro grande, a não ser para descansar nos degraus aqueles que levam carregando um morto em padiolas. Além do mais, quem há de pensar em abrir esta construção de granito, que é como um pedaço de montanha lavrado a ferro e martelo?

— Dize-me, sabes alguma coisa do sacerdote Jetro, que vive no Vale Raquel, junto ao Poço Durba?

— Oh!... Quem é que não sabe alguma coisa dele por toda esta região? É um sábio, um profeta conhecedor do porvir. Ele me anunciou um dia que chegaria à minha cabana um homem que curaria o reumatismo da minha mulher e a cegueira da minha neta. Por isso vivo tranqüilo, esperando esse dia, que sei que chegará.

— Grande é a tua fé, bom homem, e o bom Deus te recompensará.

— O bom Deus!... Quem é e onde está, amo, se aqui não há templo onde ele fica?

— É o Eterno invisível que nossos olhos não vêem mas que habita no coração de todo homem que age com justiça e sente o amor.

— Assim mesmo fala o mestre Jetro!

— E eu, que sou seu sobrinho, digo-te também isto.

— Como? Mas, dizes a verdade?

— Amigo, eu nunca minto. Venho de Mênfis, em terra do Egito, e ao visitar o nosso etnarca, em Heroópolis, ele deu-me autorização escrita para as investigações que me interessa fazer. Até me entregou uma sacolinha de ouro

para que meu tio Jetro faça reconstruir as cabanas dos que perderam as suas na inundação que houve em Rephidin.

— Oh, bom amo!... então, sois um grande personagem. Eu havia suspeitado algo diante do vosso aspecto e, principalmente, por essas mãos que em nada se parecem às minhas.

"Se em algo vos posso servir, amo, aqui estou, e dirás ao mestre Jetro que o guardião do cemitério de Elimo está esperando o cumprimento de sua promessa.

— Vai à tua cabana e verás que já foi realizada.

— Que dizes?

— Que tua mulher e tua neta estão curadas.

— Gênio bom do sepulcro grande! — gritou como enlouquecido o bom homem, e correu para sua choça do outro lado do monte.

Então Moisés subiu os três degraus da plataforma na qual se assentava o ciclópico monumento e, tirando do peito um caderno de anotações, leu esta: "Junto aos lagos de Elimo, no deserto, encontra-se entre dois desfiladeiros o sepulcro que guarda os restos mortais da dinastia fundada pelo kobda Beni-Abad. Eu, Neferkeré, não pude chegar a visitá-lo e a abri-lo com a chave que me foi entregue pelo pontífice do templo de On, que me disse ser seu descendente.

"Quem espero, e que deve chegar até mim, como me foi anunciado, faça o que eu não pude fazer em cumprimento da última vontade do meu grande mestre Amenotep. Quem ama a verdade, busca a verdade; e o Eterno invisível é a verdade. Entrego o croqui junto com a chave."

Moisés observou o croqui, e seu pensamento fez esta evocação:

— Espírito imortal de Beni-Abad! Se é justiça de Deus que eu abra o teu sepulcro, guia minha mão ao lugar da fechadura! — Moisés fechou os olhos e levantou sua direita armada com a chave de cobre que lhe fora entregue por Neferkeré. Sua mão tocou uma moldura do pedestal, e a chave, que era apenas um forte punção, penetrou sem dificuldade, produzindo um ruído surdo como o arrastar de uma lousa pesada. Moisés abriu os olhos e viu uma janelinha redonda como a vigia de uma porta, por onde podia ser visto por dentro ao alcance da mão o aro terminal de uma corrente. Puxou com força por ela e um bloco de pedra se abriu o bastante para dar passagem a um homem pequeno. Moisés era alto e precisou abaixar-se para entrar.

A escuridão completa e o forte odor de umidade detiveram-no por um momento, indeciso. Acendeu a torcida de algodão encerado que todo viajante levava sempre consigo, e deu um passo adiante.

— Mais que um sepulcro, isto parece um templo — disse, olhando para ambos os lados.

Era uma vasta sala cujas muralhas, em círculo fechado, davam a impressão

de uma sala circular sem nenhuma abertura, além da pequena porta de entrada...

Na parede da frente, Moisés viu uma lâmina de pedra colocada horizontalmente sobre duas colunas de granito que formavam como uma mesa; e sobre ela, um grande livro fechado.

Um pouco mais acima, um quadrado de brilhante basalto negro polido, no qual aparecia, no centro, uma estrela de cinco pontas, feita de branca pedra calcárea.

Logo descobriu, à escassa claridade de sua pequena tocha de algodão encerado, uma lâmina de basalto negro no pavimento e no mesmo lugar onde estava parado diante daquela mesa. O pó que a cobria não permitia que se visse a gravação que a intuição lhe fez descobrir: "Dinastia Beni-Abad." E sob este nome, este epitalâmio:

"Foi o pai do país de Araba e da raça que o povoa."

— Passaram-se oito mil anos, pelo menos, sobre isto que meus olhos agora vêem — murmurou Moisés.

Logo tratou de examinar o grande livro colocado sobre a mesa.

Afastando o pó, Moisés viu que as tampas eram de prata lavrada e com belos incrustamentos de rubis, a pedra preferida dos árabes. Abrindo-o lentamente, como aquele que teme cometer uma profanação, leu na primeira página do papiro amarelecido, esta dedicatória: *"Ao grande e amado Beni-Abad no dia de suas bodas de ouro com a Fraternidade kobda. Bohindra."*

Examinou folha por folha dessa velhíssima escritura que não era desconhecida para ele. No grande arquivo do templo de Mênfis, os hierofantes do Conselho Supremo haviam-no feito ler as escrituras do patriarca Aldis, onde apareciam: *"A Lei da Grande Aliança das Nações Unidas; o Hino à luz do dia; a Dança das estrelas"*, e as evocações aos quatro elementos primordiais da Natureza: o ar, a água, o fogo e a terra, com as quais costumavam se unir as grandes forças do cosmo quando se abria um Santuário novo.*

— Como é bela a verdade que sai ao meu encontro em todas as caminhadas da minha vida! — exclamou o jovem filho da princesa Thimétis, que o trouxera para a vida e que o educara como buscador infatigável da verdade. E acrescentou: — Graças te dou, Verdade suprema, Verdade eterna, Verdade infinita, que assim te dás a uma criatura humana que te busca com amor e com fé!

Moisés, absorto em absoluto com esse sentimento de adoração, não viu o guardião do cemitério que havia voltado e o contemplava espantado, como

---

* Todas estas escrituras aparecem em *Origens da Civilização Adâmica.*

aquele que vê uma visão de além-túmulo. O bom homem estava de joelhos à porta, e quando viu que havia sido descoberto, exclamou:

— Amo!... Meu senhor! Somente vós éreis digno de abrir a sagrada sepultura do *bom gênio do sepulcro grande.* Agora, sim, creio que os deuses andam na Terra, e talvez sejais vós, senhor, um deles! — o homem dobrou a cabeça até o chão e tocou o pavimento com a fronte.

— Levanta-te, bom homem, que Deus é o Eterno invisível, e eu sou uma criatura humana como tu, e como todos os que andam pela Terra. Como prova disto, te farei depositário da chave e do segredo de abrir esta porta, a fim de que, uma vez a cada semana, entres aqui e faças a limpeza deste sagrado lugar. Mas..., silêncio absoluto, eh? Nem tua mulher nem tua neta devem saber disto. Recebeste o benefício da sua cura, e o gênio bom do sepulcro grande é a única coisa que te pede em recompensa.

O pobre guardião, tremendo todo inteiro de pavor e de medo, jurou por todos os gênios bons do mundo que seria mudo como as tumbas que os rodeavam.

Depois de ensinar-lhe como se abria e fechava a porta, Moisés disse:

— Dobrarei o ordenado que recebes para guardar a entrada do cemitério se me prometeres cuidar com esmero da sepultura-templo do "gênio bom do sepulcro grande", ao qual chamarás, daqui em diante, de patriarca Beni-Abad, porque esse foi o seu nome quando criou e organizou este país.

Entregou-lhe uma pequena sacola com rodelas de ouro, espécie de aneizinhos, que era a moeda egípcia desse tempo.

"Isto para que acendas fogo e queimes incenso neste panteão cada vez que venhas visitá-lo", disse ao guardião que, ajoelhando-se para recebê-lo, respondeu:

— Sim, bom amo. Eu o manterei limpo como uma ânfora de prata, e assim o vereis cada vez que vierdes a este lugar. Acenderei essa lâmpada apagada e acenderei, também, os círios, em gratidão ao gênio bom que trouxe o bem e a paz à minha cabana, porque viestes até mim.

Esses três humildes seres, ignorados e desconhecidos até então, foram como círios sempre acesos para o solitário e errante filho da princesa Thimétis, ao qual seguiram anos mais tarde, quando passou por esse mesmo lugar, a caminho do monte Sinai, levando atrás de si o numeroso povo de Israel.

No Poço Durba

Nas aldeias de Dhopas, Alhus e Rephidin, a caravana que conduzia Moisés apenas se deteve poucas horas para descarregar mercadorias e dar de beber aos animais.

Os guias forçavam a marcha, porque viam a ameaça do feroz simum, que levantava nuvens de areia ardente que cegam os animais e os homens.

Finalmente, apareceu ao longe o escuro torreão da fortaleza de Paran, término da longa e penosa viagem que levou o filho da princesa Thimétis a seu desterro por tempo indeterminado.

A caravana fez alto na grande praça, às portas da velha cidade, último baluarte da civilização da época. Depois, os escabrosos penhascos e negras gargantas, vizinhas do monte Sinai, lugar de horror e de espanto para os escassos povoadores daquela desolada região.

A pouca distância e em direção ao ocidente, achava-se o Poço Durba, onde Jetro da Mauritânia, velho sacerdote do culto de Aton, via deslizar seus dias desde há mais de trinta anos.

Da mesma forma que Moisés, ele se havia desterrado nos últimos anos do reinado do faraó Seti, avô de Thimétis, para evitar ao velho rei a dor de condená-lo ao desterro perpétuo, em virtude de suas idéias em desacordo com o culto idólatra dos deuses múltiplos, aceito como costume e como lei, que o justo Anek-Aton não pôde arrancar dos países do Nilo.

Com tal decisão, Jetro não fez senão obedecer ao desígnio divino que, como a Gaudes, na gruta do país de Ethea, estava destinado a esperar naquele desterro a chegada do Homem-Luz, que realizava uma nova visita à humanidade terrestre.

Como um ponto escuro no horizonte, via-se da torre de vigia do torreão o bosque de palmeiras que sombreava o oásis chamado Poço Durba, e sem se deter a não ser durante o tempo necessário para tomar sua equipagem, Moisés continuou andando pelo caminho bordeado de abrolhos e de cardais silvestres.

Com pouco andar encontraram pastores guiando suas ovelhas para os redis, e Numbik explicou que esses encontros eram augúrios de boa acolhida.

— Sei perfeitamente que seremos bem recebidos, embora não tivessem ocorrido tais encontros — respondeu Moisés.

O oásis estava solitário e o sol, escondendo-se por trás das colinas distantes, deixava um ambiente morno e de dourado resplendor envolvendo a paisagem como numa bruma de ouro pálido.

— Sabes, Numbik, que estou cansado?

— É o cansaço do viajante que chega ao seu destino, amo. Se ainda fal-

tassem algumas milhas, não viria a fadiga. Este oásis foi feito para descanso. Observai aquele banco e o grande parapeito da fonte. Sentai-vos, pois, enquanto dou de beber aos animais.

Moisés sentou-se em silêncio, porque preocupava-o não ver em lado algum a vivenda de seu tio Jetro e a noite se aproximava. Sentia que já lhe faltavam forças para continuar andando e imaginava que o ancião vivia no próprio oásis.

Moisés esperava que o criado terminasse com os animais para abrir a tenda, já disposto a esperar o dia seguinte para continuar a marcha.

A aragem da tarde trouxe-lhe o som de vozes e de alegres risos.

— Ouves, Numbik?

— Sim, amo. São risos de mulheres ou são as deusas da água que vêm à tona para ver o nosso rosto.

De repente, e como uma aparição brotada detrás de uma verde colina que se levantava a curta distância, viram três jovens dirigindo-se à fonte com um cântaro ao ombro.

Antes que elas enchessem seu cântaros, chegaram dois pastores para dar de beber às suas manadas.

— Esperai que essas jovens encham seus cântaros — disse Moisés.

Mas como eles não lhe dessem atenção alguma, tomou rapidamente o mastro da tenda e espantou as ovelhas, que começaram a fugir.

Sem dizer palavra, tomou os três cântaros e os encheu. As donzelas, assustadas pelos atritos raivosos dos pastores, recolheram seus cântaros e se afastaram precipitadamente, pensando que seria travada uma luta entre os pastores e o estrangeiro.

— Pai! — disseram alarmadas a Jetro —, no poço há um estrangeiro em luta com os pastores e eles vão apedrejá-lo. Ele assustou as suas ovelhas para que nos deixassem tirar a água, e eles ficaram furiosos.

Jetro, pacificador de todas as contendas, dirigiu-se em seguida para a fonte. Chegou arquejante, pensando talvez que chegaria demasiado tarde, e encontrou o estrangeiro e seu criado ajudando os pastores a fazer voltar as ovelhas à fonte.

— Senhor viajante, eu vos agradeço pelo serviço que prestastes às minhas filhas, e como a noite se aproxima, e não há por aqui outra vivenda além da minha, rogo-vos façais a honra de vir à minha casa.

Moisés compreendeu que aquele ancião era o seu tio. Havia algo nele que o assemelhava à sua mãe.

— Não sois vós o sacerdote Jetro?

— Ele mesmo, e estou às vossas ordens.

— Obrigado!... Eu sou Moisés, o filho da princesa Thimétis, vossa sobrinha.

Apenas tinha terminado esta frase e já estava o ancião abraçado a Moisés. A emoção não permitia a saída das palavras. Ambos se esforçavam por parecer serenos.

Passados uns momentos, o ancião falou primeiro:

— Por que vieste, meu filho, enterrar tua juventude nestas paragens desoladas?...

— Pela mesma razão que viestes, tio Jetro.

— A morte estava junto de mim em Tanis, em Mênfis, em Tebas, em Karnak..., em Luxor!...

— Também se aproximava de mim de um dia para o outro, e como sei que a Lei me manda viver para algo que ignoro, é que vim aqui procurando manter-me vivo.

Os pastores e suas manadas os cercaram por todos os lados e Jetro insinuou a Moisés:

— Vamos à minha casa, que a partir de hoje também é a tua, meu filho, e espero tornar menos áspera a vida que escolheste.

"São teus estes camelos e os jumentos de carga, ou são da caravana?

— São meus. Numbik — disse a seu criado —, nós três podemos levar perfeitamente os animais pelo cabresto. Este é meu tio, com quem vamos morar daqui para diante.

O criado fez uma reverência. O ancião, falando na linguagem dos templos, perguntou:

— É um teu escravo?...

— É um homem livre que livremente me seguiu.

— Há criados que deveriam ter nascido reis e reis que deveriam limpar as cavalariças — respondeu Jetro com uma voz carregada de dolorosa indignação. Mudando de tom, continuou: — Na minha casa não há criados, e vivemos felizes em perfeita paz.

— Quereis dizer com isso que este meu criado não pode permanecer lá?

— Não, meu filho, não! De nenhum modo. Quero dizer que se ele há de permanecer ao teu lado, será como outro filho da minha família, se não tomares isto a mal.

Moisés permaneceu em silêncio e seu pensamento dizia:

"— Quão grande coisa é para a alma humana viver longe da corrupção do mundo a se arrastar junto dos tronos!"

— Nestas solidões — disse o ancião —, somos visitados pela Luz Divina que nos diz em grandes vozes: "Tua alma é igual à do teu criado. Por que dormirás no estrado e ele no chão? Por que comerás teu pão sentado à mesa e ele com a tigela sobre a terra?"

— Respondestes ao meu pensamento, tio Jetro. Dou-vos graças por esta primeira lição, e espero receber muitas outras.

— Sim, meu filho. As palavras da escritura se cumprem: "Na solidão conhecerás a Deus e o que Ele quer de ti." Não eu, mas Ele mesmo será quem te dará as lições que deves saber.

A cabana do sacerdote achava-se numa plataforma da colina que a escondia, e enormes terebintos caíam sobre o seu teto como verde cabeleira que lhe dava sombra e frescor.

Forte muro de pedra circundava-a, impedindo perceber a presença de seus moradores. Entretanto, ouviam-se vozes femininas que falavam, riam e cantavam.

— Há muita alegria na vossa casa, tio Jetro. Tendes uma família numerosa?

— Tenho sete filhas, e cada uma vale por duas — respondeu o ancião, ao mesmo tempo que abriu o grande portão de troncos. Enquanto entravam os homens e os animais, Moisés pôde ver uma jovem estendendo ao sol uma roupa recentemente lavada. Outra estava sentada ao tear e tecia com grande rapidez um cobertor listrado de belos coloridos; uma terceira tirava do forno boa quantidade de pães dourados; outra removia nos caldeirões pendurados na lareira, e várias outras entravam sob um telheiro de bambu com grandes cestas de frutas que secavam ao sol, preservando-as do orvalho da noite.

— Vinde todas aqui para receber a dádiva de Deus — disse o ancião, e as sete jovens os rodearam.

"Aqui tendes meu sobrinho Moisés, que até há poucos meses era o superintendente vice-rei do mais rico país da Terra.

As donzelas fizeram todas ao mesmo tempo uma grande reverência silenciosa.

— Já não sou um príncipe — disse Moisés —, mas apenas o sobrinho do vosso pai que vem pedir um lugar em sua cabana. Espero poder merecer seu amor e sua confiança, como também a vossa aceitação.

— Meu coração te recebe com a um filho muito desejado — respondeu o ancião e, olhando para o grupo de suas donzelas, parecia dizer-lhes:

"— Falai vós." — O olhar deve ter tido tão poderosa vibração que todas elas rodearam a Moisés e, uma após a outra, deixaram um beijo em sua testa.

A alma desolada de Moisés, perseguido, humilhado e proscrito, comoveu-se de tal maneira pela inesperada manifestação de ternura que não pôde impedir que em seus olhos assomassem lágrimas contidas, e a mais jovem de todas elas ainda disse:

— Vamos querer-te como a um irmão de verdade.

— É nosso irmão verdadeiro — acrescentou o ancião Jetro, que também sentira a profunda emoção de Moisés.

Poucos instantes depois, e ali mesmo, sob o parreiral que sombreava o amplo pátio da cabana, uma das jovens dispunha a mesa coberta por uma toalha branca, enquanto outra aproximava os bancos nos quais deviam sentar os dez comensais dessa noite. Também Numbik tinha um lugar na humilde mesa, na qual um irmão do grande sfaz da Mauritânia e o filho da princesa real do Egito teriam a primeira ceia em conjunto sob a tênue luz daquele crepúsculo de púrpura vivo no qual mergulharia o sol do entardecer.

Esse foi o começo do desterro de Moisés mais além do deserto de Shin, no oásis do Poço Durba.

Harpas Eternas

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas é o mais fiel relato sobre a vida do Profeta Nazareno, resultado de mais de vinte anos de pesquisa nos centros culturais da Palestina, da Síria, da Grécia, de Alexandria, de Damasco, de Antioquia e da Ásia Menor, completados pelas informações obtidas nos antigos arquivos essênios de Moab e do Líbano e nas Escolas de Sabedoria fundadas pelos mais ilustres sábios do Oriente.

É a história de Jesus de Nazaré narrada com impressionante riqueza de detalhes sobre todas as etapas da sua vida, detendo-se mais particularmente nos seguintes aspectos:

- As circunstâncias astrológicas em que se deu o seu nascimento.
- A infância em Nazaré na companhia de Maria, de José e de seus meio-irmãos.
- Sua iniciação e educação entre os essênios.
- A juventude e as viagens que fez aos centros culturais mais importantes do seu tempo.
- O quadro social e histórico em que realizou seus milagres.
- A repercussão de seus ensinamentos no ambiente político e religioso da Judéia.
- As convicções que seus contemporâneos tinham acerca de sua missão como o Messias.
- Os incidentes que resultaram na sua condenação à morte.
- Sua ressurreição e ascensão ao céu.

A grandeza do Mestre Nazareno não está fundamentada apenas no seu martírio, mas em toda a sua vida, prova grandiosa e convincente da sua doutrina, que ele construiu sobre estas duas vigas mestras: a paternidade de Deus e a fraternidade entre os homens.

Toda a sua existência foi um vivo reflexo dessas duas verdades incontestáveis, resumo de todo o seu ensinamento, que sempre transmitia a convicção profunda de que só elas podem levar a humanidade à sua perfeição e felicidade: sentir Deus como Pai é amá-Lo sobre todas as coisas; sentir-nos irmãos de todos os homens é trazer o céu à terra.

Harpas Eternas é uma obra de interesse geral pois, na expressão do psicólogo suíço C. G. Jung, queiramos ou não, somos todos cristãos.

* * *

Esta é uma obra editada em quatro volumes que podem ser adquiridos separadamente.

EDITORA PENSAMENTO

Outras obras da autora:

HARPAS ETERNAS - 4 Vols.

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas é o mais fiel relato sobre a vida do Profeta Nazareno. É a história de Jesus de Nazaré narrada com impressionante riqueza de detalhes sobre todas as etapas da sua jornada, detendo-se mais particularmente em aspectos que, normalmente, não são focalizados em outros relatos sobre a vida terrena do Messias.

Entre estes, destacam-se as circunstâncias astrológicas do seu nascimento, sua infância e juventude, sua iniciação entre os essênios, os incidentes que resultaram na sua condenação e morte, sua ressurreição e ascensão ao céu.

Editado em quatro volumes, *Harpas Eternas* é uma obra de interesse geral pois, na expressão do psicólogo suiço C. G. Jung, queiramos ou não, somos todos cristãos.

CUMES E PLANÍCIES - 3 Vols.

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas, a narrativa da vida terrena do Messias, termina às margens do lago Tiberíades, quando Jesus faz suas últimas recomendações aos seus amigos e, principalmente, aos Apóstolos, que o seguiam mais de perto.

Cumes e Planícies é a história dos continuadores da magna obra de redenção e amor iniciada e anunciada por Jesus. Retomando a narrativa desde a reunião dos Apóstolos em Jerusalém, por ocasião da festa de Pentecostes, e, refazendo seus itinerários pelas principais regiões e civilizações do Mundo Antigo, acompanha-os em seu trabalho de evangelização, narrando-lhes as peripécias, as vitórias e o martírio.

A história começa quando todos – discípulos, amigos e colaboradores do Mestre – decidem separar-se para obedecer ao mandado do Messias: "Ide por todo o mundo; proclamai a Boa Nova a todas as criaturas."

Peça catálogo gratuito à
EDITORA PENSAMENTO
Rua Dr. Mário Vicente, 374 - Fone: 272-1399
04270-000 - São Paulo, SP

CUMES E PLANÍCIES

Os Amigos de Jesus

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

Harpas Eternas, a narrativa da vida terrena do Messias, que a Editora Pensamento publicou em 4 volumes, termina às margens do lago de Tiberíades, quando Jesus faz suas últimas recomendações aos seus amigos e, principalmente, aos Apóstolos, que o seguiam mais de perto.

Mas, como bem lembra o prefácio de *Cumes e Planícies*, a história não termina aí e, por múltiplas razões que seria fastidioso enumerar, os que amam o Mestre Nazareno ignoram por completo a história dos continuadores da magna obra de redenção e amor iniciada e anunciada por Jesus.

Cumes e Planícies preenche essa lacuna retomando a narrativa desde a reunião dos Apóstolos em Jerusalém, por ocasião da festa de Pentecostes, e, refazendo seus itinerários pelas principais regiões e civilizações do Mundo Antigo, acompanha-os em seu trabalho de evangelização, narrando-lhes as peripécias, as vitórias e o martírio.

As várias histórias que se entrelaçam neste livro são sempre muito ricas em detalhes e, como em *Harpas Eternas*, não se limitam a focalizar os personagens principais – os Apóstolos Pedro, Tiago, João, André, Felipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão Zelote, Judas, filho de Tiago, e Matias, eleito para ocupar o lugar de Judas Iscariotes. Este, surpreendentemente, não tem o fim de que falam os Evangelhos, mas recebe o perdão pelo gesto ignóbil que levou o Messias ao Calvário e que lhe valeu a alcunha de Judas, o Traidor.

A história começa quando todos – discípulos, amigos e colaboradores do Mestre, tendo à frente os Apóstolos – , reunidos em torno de Maria, Mãe de Jesus, decidem separar-se para obedecer ao mandado do Messias: "Ide por todo o mundo, proclamai a Boa Nova a todas as criaturas."

* * *

Cumes e Planícies está sendo publicado em três volumes, que podem ser adquiridos separadamente.

EDITORA PENSAMENTO

VIDA E ENSINAMENTOS DOS MESTRES DO EXTREMO ORIENTE

Baird T. Spalding

"Sem dúvida nenhuma, esses mestres trouxeram consigo a Luz através das longas eras e provaram com a sua vida e com os seus trabalhos que essa Luz existe ainda hoje, como existia há milhares de anos."

BAIRD T. SPALDING

Baird T. Spalding é um mito entre os grandes seguidores da Verdade.

Neste livro inspirado, ele nos conta como as suas viagens pelo Extremo Oriente, na primeira metade deste século, desempenharam um papel de fundamental importância ao revelar ao mundo ocidental que são muitos os Mestres que atualmente estão ajudando e orientando os destinos da raça humana.

Seus encontros com os Mestres apresentam uma elucidação admirável dos ensinamentos espirituais, resultando em relatos sem paralelo em toda a literatura ocidental.

"O principal objetivo da vida desses Mestres, afirma Baird T. Spalding, é instruir e esclarecer a humanidade através do conhecimento puro, inflado de amor. Sua missão é abrir caminho para a paz e para a harmonia através da grande capacidade de realização inerente ao homem."

Vida e Ensinamentos dos Mestres do Extremo Oriente é uma fonte valiosíssima de sabedoria, para não dizer a única, já que Baird T. Spalding faleceu na década de 50.

As mensagens transmitidas na obra foram, são e serão uma ajuda inestimável para todos os que leram o livro. Disso dão testemunho as muitas cartas recebidas no correr dos anos, vindas de todas as partes do mundo.

EDITORA PENSAMENTO

A DOUTRINA SECRETA

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

Primeira edição integral em língua portuguesa

VOL. I

COSMOGÊNESE

VOL. II

SIMBOLISMO ARCAICO UNIVERSAL

VOL. III

ANTROPOGÊNESE

VOL. IV

O SIMBOLISMO ARCAICO DAS RELIGIÕES DO MUNDO E DA CIÊNCIA

VOL. V

CIÊNCIA, RELIGIÃO E FILOSOFIA

VOL. VI

OBJETO DOS MISTÉRIOS E PRÁTICA DA FILOSOFIA OCULTA

EDITORA PENSAMENTO

VOLUME III

A Escola de Portas Abertas. — Ramsés II. — Em Mênfis. — Moisés e os Arquivos. — A Assembléia. — Os Mistérios Divinos. — A Inauguração. — Moisés Tecia a Sua Rede. — Um Povo para um Ideal. — De Volta ao Passado. — A Montanha de Gondar. — De Mênfis a Gondar. — As Mulheres Mosaístas. — Narcisos e Roseiras. — O Santuário de Serra Nevada. — Os Cavaleiros Iberianos. — A Rainha-Esposa de Ramsés II. — O Povo Escolhido. — De Ramesés ao Sinai. — O Monte dos Esplendores. — O Ditado Supremo. — A Roseira Tinha Espinhos... . — O Egito sem Moisés. — A Filha do Céu. — Moisés Criador de Povos. — As Noites do Deserto. — Mahón-Abul de Sela. — No País de Kush. — Moisés Mestre de Almas. — O Monte dos Gênios. — O Poço Durba. — Fidelidade ao Ideal. — A Escola de Thimétis. — Novamente no Deserto. — Broche de Diamantes.

* * *

Josefa Rosalía Luque Alvarez (1893-1965) nasceu em Vila del Rosario, província de Córdoba, na República Argentina. Educada no colégio das Carmelitas Descalças, bem jovem ainda deu provas de sua vocação para as letras participando de concursos literários. Em Buenos Aires, onde passou a residir, colaborou, com sua prosa e poesia, nas revistas espiritualistas cristãs. Por volta de 1932, começou a escrever os livros que fixaram o seu nome entre os grandes autores de obras de cunho espiritualista: *Origens da Civilização Adâmica*, *Harpas Eternas*, *Cumes e Planícies* — publicados pela Editora Pensamento, *Moisés*, que sai agora em três volumes. Paralelamente à sua atividade de escritora, fundou em 1939 a Escola "Fraternidade Cristã Universal", localizada numa ilha do Delta Argentino, instituição que não apenas cuidava da divulgação de suas obras, mas, principalmente, da divulgação, pelo exemplo do ideal cristão.

EDITORA PENSAMENTO

Moisés

O Vidente do Sinai

Josefa Rosalía Luque Alvarez
(Hilarião de Monte Nebo)

Moisés não é um mito, nem sua vida uma lenda. Ele é um ser inteligente da mais alta evolução, um Enviado de Deus à humanidade, que se encarnou no filho de uma princesa real do antigo Egito, numa época em que a Esfinge e as Pirâmides nada mais revelavam sobre suas remotas origens perdidas num passado obscuro.

Moisés foi a sétima personalidade humana daquele *Agnus Dei* vislumbrado há milhares de séculos pelos querubins dos mundos mais puros e luminosos dos infinitos céus de Deus. Em eras remotas, anteriores a ele, Moisés havia sido o fogo purificador e uma autoridade judicial no continente de Lemúria; foi Juno, o "Mago dos Mares", foi a piedade, a compaixão e a misericórdia personificadas num pastor de cordeiros e antílopes; foi o Numu da pré-história, que os kobdas do antigo Egito fizeram reviver como o protótipo perfeito do criador das fraternidades idealistas, educadoras de povos e transformadoras de homens.

Moisés viveu como um Rei da nobre dinastia tolsteca da bela Atlântida, devorada pelas águas do mar; foi Anfião, a quem chamaram de "Rei Santo" e, posteriormente, Antúlio, o filósofo médico que curava os corpos e enobrecia a alma dos homens.

Por último, foi Abel e Krishna, na Ásia, iluminando, com os raios da Sabedoria, a Paz e o Amor. E tudo isso reunido como que num cofre de diamantes, invulnerável aos golpes, às fúrias e às tempestades: o Moisés confidente de Elohim, o homem feito de bronze e de pedra, cuja alma vibrante de fervor e de fé impôs a Lei eterna à humanidade, assim como pôde tirar água das rochas para dar de beber a um povo sedento.

Moisés, o Vidente do Sinai é uma obra publicada em três volumes. Como os outros títulos desta série, podem ser adquiridos separadamente.

* * *

Leia também, da mesma autora, *Harpas Eternas*, relato sobre a vida do Profeta Nazareno, em quatro volumes, e *Cumes e Planícies*, em três volumes, que narra a vida e as atividades dos doze Apóstolos no cumprimento da missão que lhes foi confiada.

ISBN 85-315-0974-2

9 788531 509742

EDITORA PENSAMENTO